

TRADUÇÃO COMO POLÍTICA

escritores e tradutores
em tempos de guerra
(1943-1947)

Eliza Mitiyo Morinaka



TRADUÇÃO COMO POLÍTICA

escritores e tradutores
em tempos de guerra
(1943-1947)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Assessor do Reitor

Paulo Costa Lima



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Maria do Carmo Soares de Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Eliza Mitiyo Morinaka

TRADUÇÃO COMO POLÍTICA

escritores e tradutores
em tempos de guerra
(1943-1947)

Salvador
EDUFBA
2020

Autora, 2020.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.

Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Capa e projeto gráfico

Carolina Matos

Normalização

Sandra Batista

Sistema Universitário de Bibliotecas - UFBA

Morinaka, Eliza Mitiyo.

Tradução como política : escritores e tradutores em tempos de guerra (1943-1947) / Eliza Mitiyo Morinaka. - Salvador : EDUFBA, 2020.

326 p. ; 15,5 x 22,5 cm.

ISBN 978-65-5630-091-7

1. Tradução e interpretação na literatura. 2. Política cultural – Brasil – Estados Unidos (1943-1947). 3. Ficção brasileira – Traduções para inglês. I. Título.

CDD – 418.02

Elaborada por Jamilli Quaresma

CRB-5: BA-001608/0

Editora afiliada à



Editora da UFBA

Rua Barão de Jeremoabo

s/n – Campus de Ondina

40170-115 – Salvador – Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164

www.edufba.ufba.br

edufba@ufba.br

*Aos meus pais Dalila Yukie Morinaka e
Sanpei Morinaka (in memoriam).
Ao meu companheiro Aldrin Castellucci.*



AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) pelo apoio institucional que possibilitou o desenvolvimento deste trabalho e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por me conceder uma bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), por meio da qual me vinculei à Georgetown University, em Washington DC, Estados Unidos. Graças a essa bolsa, pude coletar uma enorme quantidade de fontes utilizadas na tese de doutorado que deu origem a este livro. Nesse sentido, registro meus agradecimentos às seguintes instituições nos Estados Unidos e na Inglaterra: Library of Congress, em Washington DC, em especial a equipe de funcionários da Hispanic Room e da Rare Book and Special Collections Reading Room; National Archives II, em College Park (MD); Harry Ransom Center, da Universidade do Texas, em Austin (TX); Beinecke Rare Books and Manuscript Library, da Universidade de Yale, em New Haven (CT); e Biblioteca de Illinois, da University of Illinois Archives, em Urbana-Champaign (IL); e British Library, em Londres no Reino Unido. Agradeço igualmente às seguintes instituições brasileiras onde encontrei material de consulta: Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo (USP), em especial o professor Erwin Torralbo Gimenez, Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB), em especial a equipe de funcionários da Seção de Obras Raras e Fundação Casa de Jorge Amado, em Salvador, Bahia. O agradecimento especial é para minha orientadora, Profa. Dra. Elizabeth Ramos, pela dedicação e paciência no processo de construção e redação da tese. Seus apontamentos, juntamente com o seu bom humor e carinho foram ingredientes imprescindíveis para a finalização do trabalho, que ora resultou neste livro.

Agradeço também a confiança em me conceder acesso a alguns documentos de Graciliano Ramos, pertencentes ao arquivo de sua família. Fico grata aos professores que estiveram diretamente envolvidos no processo do doutorado: Prof. Dr. Vivaldo Andrade dos Santos, da Georgetown University, coorientador no estágio PDSE/CAPES; Profa. Dra. Carla Dameane Pereira de Souza (UFBA); Profa. Dra. Denise Carrascosa (UFBA); Profa. Dra. Lenita Maria Rimoli Pisetta (USP), Prof. Dr. Jorge Hernán Yerro (UFBA); e Prof. Dr. José Carlos Félix (UNEB). Finalmente, meu agradecimento à Profa. Dra. Edleise Mendes Oliveira Santos e Profa. Dra. Laura de Oliveira; ao Prof. Dr. Fábio Nogueira e Prof. Dr. Livio Sansone. Não poderia deixar de agradecer ao meu companheiro Aldrin Castellucci, pela infindável paciência em compartilhar sua experiência profissional e acadêmica, além do afeto e carinho no nosso cotidiano.



LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês no século XX por década	119
TABELA 2	Diferenças entre as traduções	281

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Tradutores	39
QUADRO 2	Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês no século XX (209 títulos)	51
QUADRO 3	Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1920	83
QUADRO 4	Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1930	84
QUADRO 5	Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1940	85
QUADRO 6	Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1950	87
QUADRO 7	Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1960	90
QUADRO 8	Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1970	94
QUADRO 9	Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1980	99
QUADRO 10	Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1990	109
QUADRO 11	Antologias de literatura estadunidense	125
QUADRO 12	O cânone receptor e a tradução da ficção brasileira	134

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Agnes Blake Poor	166
FIGURA 2	Correspondência de Cecil Cross ao Secretário de Estado	182
FIGURA 3	Anotação à margem da carta de Cecil Cross ao Secretário de Estado	182
FIGURA 4	Publicações relacionadas à América Latina	189

LISTA DE ABREVIATURAS

ABI	Associação Brasileira de Imprensa
ACLS	American Council of Learned Societies
ALA	American Library Association
AU	American University
AUB	Auburn University
BL	British Library
BN	Biblioteca Nacional
BU	Bellevue University Library
CU	Catholic University
DC	Dickinson College Library
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
EU	Essex University
GA	Gallaudet University
GM	George Mason University
HU	Howard University
ILL	Inter-Library Loan
IU	Indiana University

JHU	Johns Hopkins University
LOC	Library of Congress
MC	Middlebury College
MU	Marymount University
NARA	National Archives and Records Administration
NU	Northwestern University
OCIAA	Office of the Coordinator of Inter-American Affairs
PU	Pacific University
TCNJ	The College of New Jersey
TP	Texto de partida
TT	Texto traduzido
RT	Retrotradução
UC	University of California
UD	University of Delaware
UG	University of Georgia
UK	University of Kansas
ULM	University Library of Manchester
UM	University of Maryland
UMI	University of Miami
UMW	University of Mary Washington
UNC	University of North Carolina
UT	University of Texas
UTE	University of Tennessee
VPI	Virginia Polytechnic Institute & State University
WRLC	Washington Research Library Consortium



SUMÁRIO

PREFÁCIO 15

Caminhos de angústia sem fim
Elizabeth Ramos

PALAVRAS INICIAIS 19

PARTE I – PANORAMAS LITERÁRIOS

NARRATIVA DE FICÇÃO BRASILEIRA TRADUZIDA PARA O INGLÊS NO SÉCULO XX 37

Os caminhos digitais 39

A consulta nas bibliotecas 44

Cartografia dos livros traduzidos 50

O SISTEMA LITERÁRIO DOS ESTADOS UNIDOS 121

Panorama do ambiente literário nos Estados Unidos na década de 1940 124

Contextualização da tradução da narrativa de ficção brasileira no sistema literário dos Estados Unidos 133

Os livros de aventura: o Brasil como locus 141

A indústria e o mercado editorial da narrativa de ficção nos Estados Unidos 148

O interesse brasileiro pela literatura estadunidense 153

PARTE II – NORMAS TRADUTÓRIAS

O PROJETO DE TRADUÇÃO E SEU FUNCIONAMENTO 165

O projeto de tradução do OCIAA 169

Os projetos para a tradução da ficção brasileira nos Estados Unidos: redes e funcionamento 172

As estratégias para a divulgação da cultura e da ficção latino-americana: projetos satélites 184

O papel do livro nas relações interamericanas 190

As atividades nos institutos culturais e nas universidades nos Estados Unidos 199

O papel do intelectual na solidariedade hemisférica 204

RASTROS DOS ROMANCES SOCIAIS 215

Caminhos cruzados e *Crossroads*: crítica social como sólida contribuição para a Política da Boa Vizinhança 221

O cotejo entre *Caminhos Cruzados* e *Crossroads*: diferenças 222

Caminhos cruzados e *Crossroads*: semelhanças 238

Angústia e *Anguish*: a desintegração moral, mental e social 242

O cotejo entre *Angústia* e *Anguish*: diferenças 245

Angústia e *Anguish*: semelhanças 255

Terras do sem fim e *The violent land*: uma história de aventura e crítica social 259

O cotejo entre *Terras do sem fim* e *The violent land*: diferenças 262

Terras do sem fim e *The violent land*: semelhanças 278

Normatização, singularização e a emergência do mito da "democracia racial" no Brasil 280

PALAVRAS FINAIS 293

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 303

ÍNDICE REMISSIVO DE AUTORES, TRADUTORES E OBRAS 313



PREFÁCIO

CAMINHOS DE ANGÚSTIA SEM FIM

Não raro, excelentes pesquisas, que resultam em teses de doutoramento, igualmente excelentes, são esquecidas em prateleiras de estantes de bibliotecas e gabinetes. Foram defendidas e aprovadas por banca avaliadora tendo, portanto, cumprido seu objetivo acadêmico. Este, certamente, não é o caso da bela tese de Eliza Morinaka, que converte neste livro os caminhos que precisou cruzar, não sem angústia, para produzir um excelente trabalho de pesquisa desenvolvida no Brasil e em outras terras.

Aqui, a autora conduz o leitor por um delicado e dedicado percurso de reconstituição histórica da iniciativa político-literária concentrada por intermédio do Escritório do Coordenador dos Assuntos Interamericanos (OCIAA) (*Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*), que, sediado nos Estados Unidos e vinculado ao Conselho de Defesa Nacional daquele país, tinha o objetivo de promover a retórica de cooperação e solidariedade entre os países integrantes das Américas Central e do Sul, nos anos 1940, como forma de enfrentamento das ações do Eixo e divulgação dos fantasiosos valores pan-americanos, durante o período da Segunda Grande Guerra. O nosso continente era então apresentado à nova estratégia da “política de boa vizinhança”, projetada como um elaborado plano de admiração e adesão ao “sonho americano” e ao “jeito americano de vida”, tendo como contraponto uma pretensa tentativa de apreciação da literatura produzida nos territórios que se estendem abaixo das terras estadunidenses. “Agentes do governo, editoras, associações culturais, associações de editoras, bibliotecas, universidades, escritores, tradutores e intelectuais envolveram-se em uma rede que

movimentou o mercado de publicações e constituiu uma infraestrutura de relações que possibilitaram a tradução de textos brasileiros a partir de então”, revela-nos Eliza.

Evidentemente, o projeto implicava grande esforço de tradução, uma vez que línguas como o português e o espanhol apenas começavam a despertar interesse no público leitor. Daí, a relevância do fundamento norteador deste livro: os Estudos da Tradução. Afinal, para descrever e analisar o projeto literário do OCIAA, nos anos 1940, nos Estados Unidos, torna-se fundamental o mergulho nos contextos políticos e sociais daquele país e do Brasil, além das conjunturas que orientaram o fazer tradutório. Eliza Morinaka promove esse mergulho com maestria e se coloca, pois, em condição de desenvolver o meticuloso trabalho de cotejo entre os romances e suas traduções (Capítulo 4), reconhecendo que a análise das normas linguístico-textuais entre os textos de partida e suas respectivas traduções possibilitam o desencadeamento de reflexões da ordem da “representação literária e das tensões entre a liberdade e a restrição do tradutor ou do editor”.

Ao cotejar os romances *Caminhos cruzados* (1935), de Erico Verissimo, e *Crossroads* (1944), traduzido por Louis C. Kaplan; *Angústia* (1941), de Graciliano Ramos, e *Anguish* (1946), igualmente traduzido por Kaplan, e *Terras do sem fim* (1943), de Jorge Amado, e *The violent land* (1945), numa tradução de Samuel Putnam, Eliza Morinaka não pretende vergastar os tradutores, colocando-se na posição de juíza de suas escolhas. Seu trabalho de cotejo vai muito além, colocando-se como veículo de reflexão sobre as normas privilegiadas por tradutores e editores, no sentido de modelar os textos para o sistema literário estadunidense, valendo lembrar que nenhuma das traduções foi republicada em anos posteriores. Se por um lado, a política da Boa Vizinhança se apropriou da demanda pedagógica e ideológica do OCIAA, certamente deve ter estimulado, em alguns leitores, reflexões sobre os contextos político e social dos dois países, particularmente do Brasil, de certa forma, para além de um imaginário construído e reforçado por imagens como as de Carmen Miranda e Zé Carioca, veiculadas na mesma época.

Terminada a guerra, o governo estadunidense encerrou as atividades da Agência. Estava sedimentado o terreno para um outro projeto, que se iniciaria na década seguinte – o macarthismo – marcado por

uma luta ferrenha contra comunistas, estendida às políticas editoriais, alijando vários escritores e poetas latino-americanos das editoras, livrarias e bibliotecas dos Estados Unidos.

Reconhecendo o valor da pesquisa desenvolvida por Eliza Morinaka e parabenizando-a pelos excelentes resultados, desejo aos leitores deste excelente livro uma rica experiência de reflexão sobre questões no campo dos Estudos da Tradução e da crítica literária, política e social.

Elizabeth Ramos
Salvador, outubro de 2019.



PALAVRAS INICIAIS

A tradução da narrativa de ficção brasileira para a língua inglesa data de pelo menos 1886, quando foram apresentados aos leitores anglo-saxônicos os romances *Iracema: the Honey-lips* (a Legend of Brazil), tradução assinada por Isabel Burton, e *Manuel de Moraes*, tradução assinada por Richard F. Burton e Isabel Burton, ambos publicados em um único volume pela Bickers & Son de Londres. No século XX, a tradução de romances inicia-se em 1920, com a publicação de *Canaan* (1920), realizada por Mariano Joaquín Lorente, tendo como texto de partida *Canaã* (1902), de Graça Aranha. Nessa mesma década, os romances *Iracema*,¹ de José de Alencar, e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, ganharam suas traduções em língua inglesa, juntamente com outras três coletâneas de contos: *Mapirunga* (1924), de Gustavo Barroso, *Urupês* (1925), de Monteiro Lobato, e *Brazilian Tales* (1924), reunindo histórias de Machado de Assis, José Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto e Carmem Dolores. Destaque-se que a versão em língua inglesa de *Urupês* foi intitulada *Brazilian Short Stories* [Contos Brasileiros] e incluiu três traduções dos catorze contos do texto fonte: Um suplício moderno, O engraçado arrependido e O comprador de fazendas. Na década de 1930, o público assistiu à chegada de apenas dois romances brasileiros em tradução, um, de Mário de Andrade, *Amar, Verbo Intransitivo* (1927), e outro, de Paulo Setúbal, *A Marquesa de Santos* (1925), e uma crônica de Luiz Edmundo, *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-reis* (1932). Com a exceção de *Mapirunga*, as traduções das décadas de 1920 e 1930 foram publicadas primeiramente nos Estados Unidos e em seguida na Inglaterra.

1 *Iracema* já fora traduzido para o inglês no século XIX por Isabel Burton, portanto, essa de Norman Biddel, de 1921, é uma segunda versão (retradução) do mesmo livro.

Na década de 1940, especificamente nas traduções levadas ao público pelas editoras estadunidenses, adicionou-se o componente político ao interesse pela nossa literatura, que acabou se transformando em um dos bens simbólicos apropriados pelos projetos culturais do governo daquele país durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA) [Escritório do Coordenador dos Assuntos Interamericanos],² fundado em 16 de agosto de 1940, foi o órgão responsável pelas relações com os países latino-americanos encarregado de elaborar e executar as ações de intercâmbio cultural. Sob a direção do jovem Nelson Rockefeller, filho de John D. Rockefeller Jr., a agência, diretamente subordinada ao Departamento de Estado, definiu como objetivo principal, declarado, estreitar a cooperação interamericana e a solidariedade dos países Aliados no hemisfério contra o Eixo durante a Guerra, aliança essa que ficou conhecida como Política da Boa Vizinhança. Para alcançar seus objetivos, criaram-se três divisões: Comercial e Financeira (responsável pela exportação, transporte e finanças); Comunicações (rádio, cinema e imprensa) e Relações Culturais (arte, música e literatura). (TOTA, 2000, p. 51)

A fim de fortalecer os laços de amizade entre as Américas, além dos acordos de interesses político e econômico, o OCIAA ressaltou a importância das atividades culturais para garantir uma inserção estadunidense mais efetiva nos países vizinhos, “uma verdadeira fábrica de ideologias” conforme Tota (2000, p. 41) define o *Office*. No caso do Brasil, segundo sua pesquisa, a tática imediata que atingiria um maior número de pessoas seria o uso dos programas de rádio, para difundir os ideais do governo dos Estados Unidos. Essa ação combateria a propaganda alemã e italiana que já se espalhara pelo território nacional, também pelas ondas dos rádios. Concomitantemente, outros projetos com o mesmo objetivo foram colocados em prática, tais como a produção de curtas-metragens, desenhos animados, propagandas de produtos estadunidenses em revistas e a publicação das revistas *Em Guarda* e *Seleções* (uma versão da *Reader's Digest*).

2 Em 1940, a agência foi chamada de Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas [Escritório de Coordenação de Relações Comerciais e Culturais entre as Américas]. No ano seguinte teve o nome modificado para The Office of the Coordinator of Inter-American Affairs, e em 1944 foi encurtado para Office of Inter-American Affairs – para conhecer a história do funcionamento da agência no Brasil e suas atividades, cf. Tota (2000); para referências gerais sobre o OCIAA, cf. Espinosa (1976); Guerrant (1950) e United States (1947).

Implementados a passos mais lentos, devido às dificuldades econômicas relacionadas ao preço do papel, direitos autorais e leis de importação e exportação, o projeto de tradução da literatura brasileira também teve o seu lugar nessa estratégia de “sedução” (terminologia de Tota). Obviamente, o programa não poderia ser uma via de mão única. Também seria conveniente que os Estados Unidos conhecessem melhor a cultura de seus vizinhos, como foi o caso de um dos projetos para a tradução da literatura brasileira intitulado *Study of Brazilian life and culture* [*Estudo da vida e da cultura brasileira*]. Todos esses planos estavam em consonância com o acordo de paz no hemisfério ocidental firmado na Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz, realizada em Buenos Aires, em 1936, por meio do qual as relações culturais e intelectuais entre as Américas Republicanas deveriam ser expandidas como parte do programa. Em uma mensagem para os membros do Congresso dos Estados Unidos em 1937, o Presidente Franklin Delano Roosevelt ressaltou os acordos da conferência:

Operando com os princípios fundamentais da democracia, a Conferência Interamericana trabalhou muito para assegurar a paz nesse hemisfério. Aprimorou-se a maquinaria de paz já existente. Adotaram-se novos instrumentos para a manutenção da paz e a eliminação das causas da guerra. Protegeram-se os interesses das repúblicas americanas no caso de uma guerra fora do hemisfério ocidental. Reforçaram-se o respeito e a obediência aos tratados e às leis internacionais. Reafirmaram-se os princípios de políticas de comércio liberal como um auxílio efetivo para a manutenção da paz. *Expandiram-se as relações intelectuais e culturais entre as repúblicas americanas como parte do programa geral pela paz.*³ (ROOSEVELT, 1937, tradução e grifo nossos)

3 “The Inter-American Conference, operating on these fundamental principles of democracy, did much to assure peace in this Hemisphere. Existing peace machinery was improved. New instruments to maintain peace and eliminate causes of war were adopted. Wider protection of the interests of the American Republics in the event of war outside the Western Hemisphere was provided. Respect for, and observance of, international treaties and international law were strengthened. Principles of liberal trade policies, as effective aids to the maintenance of peace, were reaffirmed. The intellectual and cultural relationships among American Republics were broadened as a part of the general peace program”.

Em 1938, a Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado foi criada para atender ao objetivo de estreitar as trocas culturais. No início da Segunda Guerra, a incerteza do apoio brasileiro motivou ainda mais o governo estadunidense a investir em propostas que concorressem para derrotar as ideias inimigas vindas principalmente da Alemanha e da Itália. Durante a vigência da Política da Boa Vizinhança, o projeto de tradução da literatura das outras Américas⁴ para o inglês foi bem recebido como estratégia de intercâmbio cultural. Ao incluir alguns escritores brasileiros, as traduções constituiriam uma oportunidade para se ampliar o leque de leitores da ficção aqui produzida. Porém, não se pode ignorar o fato de que o projeto tradutório também guardava uma relação próxima com o ensino das línguas espanhola e portuguesa para interesses bélicos naqueles anos de guerra. A tradução da literatura foi, portanto, somente uma das ações entre um conjunto de projetos que recebeu o apoio financeiro do OCIAA. Além de envolver editoras, escritores e jornalistas, os braços do *Office* estenderam-se para os departamentos das universidades, as bibliotecas e os institutos de cultura das outras Américas nos Estados Unidos, cada qual cumprindo seu papel de divulgador da produção cultural dos vizinhos mais ao sul.

O primeiro livro brasileiro traduzido nessa década aparece nominalmente nos documentos do fundo Inter-American Affairs [Assuntos Interamericanos], depositados no National Archives II, *Caminhos Cruzados* (1935), de Erico Verissimo. A versão em inglês foi feita por Louis C. Kaplan, intitulada *Crossroads*, publicada pela Editora Macmillan, em 1943. Em 1944, o livro do início do século XX, *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, chegou às prateleiras estadunidenses como *Rebellion in the Backlands* [*Insurreição nos Sertões*], uma tradução feita por Samuel Putnam e editada pela University of Chicago Press. Outro, de Gastão Cruls, *A Amazonia Misteriosa* (1925) foi traduzido como *The Mysterious Amazonia*,⁵ por Joseph Thomas Wilson Sadler. Nesse mesmo ano, ainda foi publicado pela Editora Farrar & Rinehart o romance *A Fogueira* (1942),

4 Denominação dos países da América Central e do Sul em quase todos os documentos relacionados ao Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. (TOTA, 2000)

5 A tradução em língua inglesa foi publicada por uma editora do Rio de Janeiro, a Livraria-editora Zelio Valverde. Porém, não foi encontrada nenhuma informação sobre esse projeto tradutório.

de Cecilio Carneiro, traduzido como *The Bonfire*, por Dudley Poore. O livro ganhara uma menção honrosa no concurso de literatura latino-americana promovido pela mesma editora em conjunto com a União Pan Americana no ano anterior. Em 1945, publicaram-se as traduções de *Terras do Sem Fim* (1943), de Jorge Amado e *Inocência*⁶ (1872), do Visconde de Taunay, respectivamente *The Violent Land [A Terra Violenta]*, vertido por Samuel Putnan e *Inocencia*, por Henriqueta Chamberlain. Em seguida, em 1946, tiveram vez os romances *O Resto é Silêncio* (1943), de Erico Verissimo e *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, o primeiro intitulado *The Rest is Silence* e o segundo *Anguish*, ambos traduzidos por Louis C. Kaplan. O ano de 1947 fecha o ciclo de publicações de autores brasileiros nos Estados Unidos dessa década com *Olhai os Lírios do Campo* (1938), de Erico Verissimo, traduzido como *Consider the Lilies of the Field*, por Jean Neel Karnoff.

Isso posto, o objetivo deste livro é, pois, analisar o projeto tradutório para a literatura brasileira nos Estados Unidos, na década de 1940, estabelecendo conexões entre suas condições de produção e divulgação, levando em consideração o contexto literário, político e social dos dois países em questão. Paralelamente, objetiva-se também cotejar os textos de partida e as traduções⁷ para verificar as reverberações desse projeto governamental no produto final que é a tradução, o que informará não somente a função dos textos brasileiros traduzidos no sistema literário estadunidense, mas a particularidade de cada tradução, tradutor e a representação dos textos. Outro objetivo que se delineou e tomou corpo ao longo do processo inicial da pesquisa foi o de apresentar uma cartografia atualizada da narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês no século XX. Isso se deu pelo fato de os catálogos ou as listas de

6 *Inocência* fora traduzido no século anterior, em 1889, por James William Wells com o título de *Innocencia: a Story of the Prairie Regions of Brazil*, editada pela Chapman and Hall Limited de Londres. Barbosa (1994) associou o interesse pela literatura brasileira e sua tradução com as relações internacionais estabelecidas pelo Brasil. No século XIX, o comércio com a Inglaterra era mais intenso e o trânsito de ingleses que para aqui vinham era mais frequente. Em contato com a literatura local, alguns se empenharam em traduzir os livros que despertaram seu apreço, pois queriam compartilhá-los com os compatriotas que não falavam o português. No século XX, com a mudança da parceria comercial que se voltou para os Estados Unidos, redirecionou-se também o interesse pela literatura que passou a ser vertida pelo vizinho ao norte.

7 A intenção do livro não é discutir nem aprofundar os conceitos teóricos da tradução, portanto a terminologia adotada ao longo do trabalho será a de texto de partida, texto fonte e texto traduzido.

livros brasileiros traduzidos para o inglês não atenderem às necessidades da pesquisa por estarem desatualizados, incompletos ou inexatos. Uma vez iniciada a coleta dos dados da primeira metade do século XX, para entender o contexto das escolhas que foram feitas na década de 1940, o espírito de organização e a necessidade de atualização das informações do catálogo *Brazilian Authors Translated Abroad* [*Escritores Brasileiros Traduzidos no Exterior*] da Biblioteca Nacional mostrou-se imprescindível. Dados inexatos, incompletos e informações de traduções que nunca foram publicadas precisariam ser atualizados, uma vez que se trata de uma das referências de circulação nacional sobre a tradução da literatura brasileira. A lista reunida neste livro, pois, buscou superar a inexatidão e incompletude das coletas, que foram feitas exclusivamente a partir de bases de dados e catálogos, ainda que a presente obra também seja passível de novas atualizações com base em eventuais descobertas, especialmente quanto à possibilidade de algum livro ter sido traduzido por editoras independentes sem muita projeção nacional ou internacional. Todavia, em função da diversidade e da amplitude de arquivos e bibliotecas nos quais esta pesquisa foi feita, o levantamento aqui apresentado é bem mais preciso e completo que os catálogos e listas consultadas, algumas das quais feitas por autores que não verificaram diretamente os livros traduzidos para o inglês.

O foco central da pesquisa dirige-se para o projeto de tradução. Trata-se de um primeiro esforço de reconstituição histórica dessa iniciativa político-literária usando a rica e surpreendente documentação do OCIAA – Divisão Regional do Brasil. Agentes do governo, editoras, associações culturais, associações de editoras, bibliotecas, universidades, escritores, tradutores e intelectuais envolveram-se em uma rede que movimentou o mercado de publicações e constituiu uma infraestrutura de relações que possibilitaram a tradução de textos brasileiros a partir de então. O processo de reconstituição das instituições e personalidades que promoveram as traduções parece tomar a forma de uma historiografia da tradução, porém, a análise das normas linguístico-textuais entre os textos de partidas e suas respectivas traduções desencadeará reflexões da dimensão de representação literária e a tensão entre a liberdade e restrição do tradutor ou do editor.

A influência cultural estadunidense no Brasil já se configurou como importante objeto de estudo para alguns pesquisadores como Gerson Moura (1984), que abordou a influência cultural estadunidense no Brasil durante a Política da Boa Vizinhança; Pedro Tota (2000), que reconstituiu o histórico do OCIAA no Brasil; Luciano Klöckner (2008), que pesquisou o programa de rádio *Repórter Esso* como produtor de sentidos por meio das propagandas político-ideológicas durante a Segunda Guerra e a Guerra Fria; Darlene Sadlier (2012a), que analisou a engrenagem cultural do OCIAA, debruçando-se particularmente sobre os filmes e as artes plásticas brasileiras; e Laura de Oliveira (2015), que analisou o programa editorial da GRD, do integralista Gumercindo Rocha Dorea, que divulgou material de cunho anticomunista no período anterior ao golpe civil-militar no Brasil de 1964, financiado pelos EUA.⁸ A primeira diferença contida neste estudo é que ele está centrado em uma dimensão inexplorada por esses pesquisadores, isto é, a literatura brasileira traduzida para o inglês nos anos 1940.

Na área de Estudos da Tradução, especificamente, algumas pesquisas já trataram das narrativas de ficção em língua inglesa traduzidas no Brasil. É possível mencionar três exemplos. O primeiro é o de José Paulo Paes (1990), que traçou um histórico da tradução literária no Brasil; o segundo, de John Milton (2002), que pesquisou o Clube do Livro no Brasil, focando as traduções das literaturas de língua inglesa; por fim, Irene Hirsch (2006), que estudou as traduções de autores de ficção em prosa estadunidenses do século XIX no Brasil.

A presença da literatura brasileira nos Estados Unidos, no entanto, é explorada em muitos trabalhos dissertativos que não são publicados em formato de livros autorais. Um dos poucos na área de tradução é o livro de Marly Tooge, *Traduzindo o Brasil: o País Mestiço* de Jorge Amado (2012), resultado de sua dissertação de mestrado em língua inglesa defendida na USP. Apesar de o recorte ser o escritor Jorge Amado, Tooge traz um panorama dos escritores brasileiros traduzidos para o inglês a partir da Política da Boa Vizinhança.

8 Outros livros foram publicados nas áreas de relações internacionais, comunicação e sociologia, mas apenas aqueles que contribuíram diretamente para esta pesquisa estão aqui citados.

Curiosamente, a tese de doutorado de Heloisa Gonçalves Barbosa em dois volumes, intitulada *The Virtual Image: Brazilian Literature in Translation [Imagem Virtual: a Tradução da Literatura Brasileira]*, defendida em 1994 na University of Warwick, não foi publicada.⁹ Em termos gerais, esta pesquisa guarda semelhanças com a de Barbosa, que apresentou: primeiro, uma cronologia da tradução da literatura brasileira (prosa, poesia, teatro) até aquele momento; segundo, uma narrativa histórica da tradução do português para o inglês desde o período colonial até 1994; terceiro, o perfil da literatura brasileira para o inglês, incluindo a análise das traduções de Machado de Assis, os romances indianistas, de Clarice Lispector, os romances regionalistas e de Guimarães Rosa; quarto, a recepção da tradução da literatura brasileira. Contudo, o estudo que o leitor tem em mãos diferencia-se da proposta de Barbosa quanto ao gênero textual, pois se restringe à narrativa de ficção, e quanto ao recorte temporal, que está focado no período de 1940 a 1949. Ademais, a presente obra não está direcionada ao campo específico da recepção da literatura brasileira, apesar de recorrer à fortuna crítica em alguns momentos.

Outras pesquisas em literatura comparada ou transnacionalidade incluem os livros brasileiros quando tratam do fenômeno conhecido como o *boom* da literatura latino-americana, tais como o trabalho de Deborah Cohn (2012), *The Latin American Literary Boom and U.S. Nationalism During the Cold War [O Boom da Literatura Latino-americana e o Nacionalismo dos EUA Durante a Guerra Fria]*. Porém, como se sabe, esse *boom* abrangeu muito mais os autores do mundo da América hispânica do que o brasileiro. *Americans All [Todos Americanos]*, de Darlene J. Sadlier (2012a) traz uma pequena referência à tradução de livros latino-americanos nas páginas 152 a 157, no Capítulo 4. A coleção *The Oxford History of Literary Translation in English [História da Tradução Literária para o Inglês]*,¹⁰ volume 4 (1790-1900), faz rápidas referências a textos em português em

9 Um artigo em conjunto com Lya Wyler foi publicado na *Encyclopedia of Translation Studies* (1997), editado por Mona Baker, na segunda parte da enciclopédia intitulada *History and Traditions [História e Tradições]*, relatando o caso da Tradição Brasileira (Brazilian Tradition).

10 A coleção totaliza cinco volumes, dos quais quatro estão no mercado, a saber: volume 1 (2008), volume 2 (2010), volume 3 (2005) e volume 4 (2006).

decorrência do período abarcado. O volume cinco ainda não se encontra no mercado.

Até o presente momento, é preciso reconhecer que, apesar da ampla produção acadêmica sobre a inserção dos livros brasileiros, mais especificamente a tradução da ficção brasileira nos Estados Unidos, poucos foram publicados. Aqui está a segunda novidade desta pesquisa, já que o estudo ocupa-se da narrativa de ficção brasileira traduzida para os EUA na década de 1940 e suas representações no contexto estadunidense. A escolha pela década de 1940 se deu a partir da hipótese de que poderia haver algum acordo cultural para a literatura entre o Brasil e os Estados Unidos, somando-se às trocas radiofônicas, fílmicas e plásticas durante a Política da Boa Vizinhança. A hipótese se confirmou após o exame dos arquivos do OCIAA no National Archives II, em College Park, Estados Unidos, dando-se prosseguimento ao recorte para essa década especificamente.

Esta pesquisa integra-se aos Estudos Descritivos da Tradução, que se ocupa da função exercida pela tradução na cultura (sistema literário) à qual ela é introduzida.¹¹ Em um sentido mais amplo, o procedimento metodológico foi fundamentado no livro *Descriptive Translation Studies [Estudos Descritivos da Tradução]*, de Gideon Toury (1995, 2012). A primeira etapa incluiu a identificação de textos que são classificados como traduções, ou seja, textos que se postulam traduções de obras de ficção brasileira. Apesar de muito raras no século XX (e inexistentes no levantamento realizado), tal procedimento foi necessário para localizar as possíveis pseudotraduções.¹²

11 Os Estudos Descritivos da Tradução ocupam-se do produto da tradução, ou seja, o estudo comparativo das traduções produzidas em determinadas culturas. (HOLMES, 2000)

12 Tal procedimento se faz necessário porque há casos em que determinados livros são recebidos como traduções de textos de partida inexistentes em seu sistema literário, os quais são chamados de pseudotraduções. Essa verificação é de grande interesse dos descritivistas. Ao contrário do que se pensa, a prática foi largamente utilizada, principalmente quando não existiam leis muito severas que assegurassem os direitos autorais. O episódio mais extremo foi o Livro de Mormon (1830), que introduziu inovações sob o pretexto de ser uma tradução de um texto anterior (que nunca existiu), dando origem à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Na Alemanha, o texto *Papa Hamlet*, do suposto autor norueguês Bjarne P. Holmsen, traduzido por Dr. Bruno Franzius em 1889, recebeu críticas elogiosas ao trabalho de tradução, apesar de ninguém nunca ter ouvido falar do tradutor e nem do autor. Até mesmo comentaram a foto do suposto autor impressa na capa e analisaram seu estilo inovador. Descobriu-se mais tarde que as histórias tinham sido escritas por dois autores, Arno Holz e Johannes Schlaf, originalmente

Após esse levantamento, avançou-se para a descrição das normas preliminares, ou seja, para o projeto tradutório. A documentação sobre o projeto de tradução de livros latino-americanos nos Estados Unidos na década de 1940 foi encontrada nos seguintes acervos:

- i. National Archives and Records Administration II (NARA II), localizado em College Park (MD), nos Estados Unidos. Mais de 300 caixas contendo os documentos da OCIAA, sob a denominação de *Inter-American Affairs* foram cuidadosamente examinadas;
- ii. University of Illinois Archives, em Urbana (IL), nos Estados Unidos. A seção de manuscritos da biblioteca abriga os arquivos da American Library Association (ALA), um dos órgãos mais antigos e influentes em projetos envolvendo livros. A ALA foi a responsável direta por indicar a formação de comissões para os projetos de livros latino-americanos;
- iii. Library of Congress – Manuscripts Division, em Washington DC, nos Estados Unidos. É onde se encontram os arquivos da American Council of Learned Societies, um dos principais executores dos projetos de tradução.

E, nas instituições a seguir, foram encontrados os arquivos dos tradutores Samuel Putnam e Dudley Poore:

- iv. Harry Ransom Center (HRC), na University of Texas, em Austin (TX), nos Estados Unidos. Na coleção de manuscritos da editora Alfred A. Knopf – *An Inventory of Its Records*, foram encontradas caixas contendo as correspondências entre o editor Alfred Knopf com o tradutor Samuel Putnam e Jorge Amado sobre a tradução do livro *Terras do sem fim* (1945);
- v. Beinecke Rare Book and Manuscript Library, em Yale University Library, em New Haven (CT), nos Estados Unidos. É a depositária dos arquivos de Dudley Poore (1893-1981), tradutor de *A Fogueira*.

A etapa final foi o cotejo. As normas operatórias adotadas para as traduções dos textos brasileiros entre 1943 e 1947 seguiram a tradução

no alemão. O sobrenome do suposto autor norueguês não passava de um jogo de letras dos verdadeiros autores. (TOURY, 2012)

do texto integral, com exceção da versão resumida de *Rebellion in the Backlands* publicada na Inglaterra. Em uma primeira sondagem, percebeu-se que as normas preliminares, por sua vez, influenciaram diretamente ou explicitamente as normas linguístico-textuais que tenderam para a aceitabilidade. Elas se referem ao tipo de estratégia tradutória que privilegia as normas da cultura do texto original (adequação) ou as da cultura do texto de chegada (aceitabilidade) – procedimentos que Venuti (2002) chamou de estrangeirização e domesticação respectivamente. A aceitabilidade ou a domesticação é a estratégia comumente adotada na tradução, pois ao lidar com distintos elementos culturais ou possíveis experimentos estéticos, o objetivo é tornar a experiência da leitura mais palatável. Além da estratégia domesticadora, as editoras adicionaram um glossário de termos brasileiros ao final de *Anguish, Rebellion in the Backlands, The Bonfire, The Mysterious Amazonia e The Violent Land*.

Mesmo diante do papel regulador pelo *Office*, na representação das nossas letras, os tradutores – os executores do trabalho e conhecedores de ambas as línguas – tiveram autonomia na construção do texto. É possível que os editores tenham feito modificações, cortes ou acréscimos na tradução, mas é arriscado fazer suposições a esse respeito, uma vez que não se teve acesso à revisão do editor sobre o texto do tradutor. Ao finalizar o levantamento da ficção brasileira traduzida, o estudo da narrativa dos livros selecionados para o projeto tradutório na década de 1940 e o cotejo entre os originais e as traduções, foi possível contextualizar as normas tradutórias influenciadas por estratégias ideológicas de políticas culturais, sem perder do horizonte o fato de que, na diagramação da literatura mundial, os textos brasileiros fizeram (e ainda fazem) parte do conjunto das literaturas de menor prestígio ou às margens, absorvido por um sistema que gozava de maior prestígio literário no mercado mundial, o estadunidense. Desenha-se, assim, o complexo quadro de representação cultural, das escolhas ideológicas e dos paradoxos que estão na superfície da tradução da ficção brasileira nos Estados Unidos nesse período.

Para fins de organização, a disposição dos argumentos do livro foi arquitetada em duas partes. A Parte I comporta dois capítulos que objetivam apresentar os panoramas literários brasileiro e o estadunidense. O primeiro capítulo detalha o percurso da composição da cartografia

da narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês no século XX. A partir das informações extraídas dos catálogos *Brazilian Authors Translated Abroad* [Escritores Brasileiros Traduzidos no Exterior] e *Brazilian Novel Catalog* [Catálogo de Romances Brasileiros], ambos publicados em 1994, para divulgar as letras brasileiras na Feira do Livro em Frankfurt, verificou-se a exatidão das informações para corrigir os equívocos e certificar a existência material das traduções que constam no primeiro catálogo. Posteriormente, desenhou-se um novo quadro da narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês no século XX, fazendo constar o título em português, o autor e o ano de publicação no Brasil, o título da tradução, seu tradutor e o ano de publicação, além da biblioteca depositária da tradução consultada. Finalmente, produziu-se um quadro das traduções por décadas. O segundo capítulo concentra-se no recorte temporal da pesquisa e oferece um panorama da literatura estadunidense na década de 1940, compreendendo os escritores e as obras geralmente citadas pelas antologias e histórias literárias, nicho para o qual a literatura brasileira foi concebida, bem como a “baixa literatura” e os livros que tematizaram o Brasil como o locus de suas aventuras, espaço para o qual a literatura brasileira poderia ser direcionada uma vez que cada sistema literário tem o poder de avaliação e relocação próprios. Em seguida, a descrição da indústria e do mercado editorial estadunidense possibilita uma mirada das preferências temáticas para as narrativas de ficção e os livros exportados para o Brasil de acordo com essa tendência.

A parte II compreende mais dois capítulos que visam descrever as normas preliminares e as operatórias. O terceiro capítulo descreve as normas preliminares, ou seja, o princípio ideológico que regulamentaria as atividades culturais do OCIAA e os projetos de tradução. Intermediando e executando essas ações, o papel dos embaixadores da boa vontade, como ficaram conhecidos os intelectuais de todas as Américas participantes do programa, foi de fundamental importância para a formação de opinião e a consolidação da amizade. O quarto capítulo contempla a descrição das normas operatórias. Cada seção é dedicada à descrição do cotejo entre os livros brasileiros e suas traduções, a saber: *Caminhos Cruzados e Crossroads*, *Angústia e Anguish* e *Terras do Sem Fim e The Violent Land*. Ao final, apresenta-se a fatura das normas tradutórias adotadas para a adequação dos romances brasileiros para o sistema

literário estadunidense, assim como a singularidade representativa de cada tradução. Dessa diagramação, emergem nos Estados Unidos, os romances brasileiros carregados de crítica social, justapostos com fragmentos da ideia de “democracia racial”, que, diluído também na literatura a conta-gotas, acabou por se tornar o bem simbólico brasileiro mais caro aos círculos acadêmicos estadunidenses a partir da Política da Boa Vizinhança.

As palavras finais fecham a discussão da política cultural engendrada para a narrativa de ficção brasileira traduzida para os Estados Unidos, no período de 1943 a 1947, e o surgimento de romances imbuídos de crítica social que guardam sentidos políticos provisórios. Sentidos que escaparam do controle governamental e que resultaram na instituição de novas subjetividades. Com o estreitamento das relações culturais entre a América Latina e os Estados Unidos na década de 1940, sucedeu-se o aumento de institutos latino-americanos nas universidades estadunidenses, o que agregou um maior número de pessoas interessadas nas línguas espanhola e portuguesa a partir daquele momento. Expandiu-se, assim, o universo de leitores e o número de traduções da literatura brasileira para o inglês. No entanto, não se pode desconsiderar o contexto de guerra em que toda a política cultural foi concebida e as implicações ideológicas de sedução dos ideais estadunidenses alcançadas a longo prazo.



Toda a pesquisa de campo que resultou neste livro foi realizada durante o período do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES). O Departamento de Espanhol e Português da Georgetown University, localizado em Washington D.C., acolheu-me como pesquisadora visitante [*Research Scholar*] entre 4 de fevereiro e 17 de dezembro de 2015, sob a supervisão do Prof. Dr. Vivaldo Andrade dos Santos. Trabalhei de fevereiro a abril de 2015 na Biblioteca do Congresso, na Hispanic Room [Sala Hispânica], naquela cidade, coletando os dados para o mapeamento da narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês. Mais de trezentos

livros entre traduções e re-traduções foram consultados, para construir-se o mapa de acordo com as informações constantes nas fichas catalográficas, constatando-se, na ocasião, que nem todos os livros do catálogo da biblioteca podiam ser localizados nas suas dependências. A explicação fornecida pelos bibliotecários foi a de que alguns podem ter se perdido nas várias realocações que foram feitas à medida que itens novos foram adquiridos, ou a de que os títulos receberam o registro obrigatório, mas os volumes não necessariamente foram enviados à biblioteca, após a publicação. Dessa forma, concomitantemente, o *Inter-library Loan* [Empréstimo entre Bibliotecas] da Georgetown University foi acionado. Trata-se de um sistema integrado de bibliotecas que possibilita o empréstimo de livros depositados nas diversas universidades estadunidenses.

Em viagens de pesquisa anteriores ao ingresso no doutorado, algumas traduções já haviam sido localizadas na British Library, em Londres. Como essas edições não se encontravam em nenhuma instituição estadunidense, recorri ao acervo da Biblioteca Britânica, em agosto de 2015, para completar o levantamento iniciado na Biblioteca do Congresso dos EUA. Nessa pesquisa, mais de cem livros foram consultados, o que possibilitou a finalização do levantamento, que resultou no Capítulo 1 deste livro.

Em maio de 2015, iniciei a pesquisa no National Archives II, em College Park, no estado de Maryland, cinquenta minutos de carro ao nordeste de Washington, DC. O conteúdo de mais de trezentas caixas de documentos foi examinado manualmente. Além dos arquivos que fazem parte do Grupo 229, procurei material relacionado às atividades culturais e publicações do Departamento de Estado em outros grupos, pois muitas atividades foram conduzidas diretamente pelo setor de relações culturais, sem necessariamente terem passado pelo OCIAA. À medida que encontrava as informações e montava o quebra-cabeça do projeto tradutório a partir da leitura dessas fontes, iniciei a busca pelos arquivos das instituições executoras das atividades os quais me ajudariam a visualizar o quadro maior desse projeto e seu papel nas trocas culturais. Por meio de comunicação por e-mail ou telefone, tive acesso remoto aos arquivos da American Library Association (ALA), depositados nos *University of Illinois Archives*, em *Urbana-Champaign*, no

estado de Illinois; ao arquivo da editora Alfred Knopf, pertencente à coleção de manuscritos da Harry Ransom Center (HRC), na *University of Texas*, em Austin, no estado do Texas; e ao arquivo pessoal de Dudley Poore, da *Beinecke Rare Book and Manuscript Library*, em *Yale University Library*, em New Haven, estado de Connecticut. Para ter acesso ao material, utilizei o serviço de digitalização e fotocópia, que é tarifado pelas instituições. A documentação da American Council of Learned Societies (ACLS) encontra-se na *Manuscript Division [Divisão de Manuscritos]* da Biblioteca do Congresso. Em agosto de 2015, de um total de três mil caixas, consultei as trinta referentes ao período de funcionamento do OCIAA em parceria com a ACLS.

The image features a minimalist design with several thin, black, wavy lines that flow across the page. These lines are positioned in the top-left and bottom-right corners, creating a sense of movement and framing the central text. The lines are smooth and continuous, resembling stylized waves or calligraphic strokes.

PARTE I

PANORAMAS LITERÁRIOS



NARRATIVA DE FICÇÃO BRASILEIRA TRADUZIDA PARA O INGLÊS NO SÉCULO XX

O catálogo intitulado *Brazilian Authors Translated Abroad* da Biblioteca Nacional (BN), preparado por Joanna Iveti Duna Magno e patrocinado pela Câmara Brasileira do Livro, foi publicado em 1994 para coincidir com a 46ª Feira do Livro de Frankfurt, edição para a qual o Brasil foi escolhido como tema. A publicação contém uma lista de textos de teatro, prosa e poesia brasileiros traduzidos para outras línguas, seus tradutores, os agentes literários e as respectivas editoras responsáveis pelas edições. No mesmo ano, o *Brazilian Novel Catalog* foi lançado como reforço para divulgar as letras brasileiras. Escrito em língua inglesa, Suetonio Valença, pesquisador responsável pelo projeto, reuniu uma lista de escritores brasileiros, suas obras publicadas e um pequeno resumo de cada título. A metodologia utilizada para reunir as informações em ambos os catálogos envolveu pesquisa em livros, arquivos e jornais e contatos com editoras brasileiras e estrangeiras, agentes literários, a associação de escritores brasileiros e alguns centros de estudos brasileiros no exterior. No entanto, a comunicação com as editoras, os agentes ou os escritores, para a confirmação de alguns dados, nem sempre foi possível, o que gerou alguns erros e omissões. Dessa forma, os organizadores dos catálogos solicitavam a contribuição dos leitores para apontar e corrigir eventuais erros ou fornecer as informações omissas que poderiam ser incluídas em futuras edições.¹³ Não houve mais edições desses catálogos, pelo menos até outubro de 2019. Independentemente das possíveis falhas, a coleta desses dados e sua organização em catálogos foram importantes não só para divulgar o

13 Informações constantes na introdução do catálogo assinada por Eliane Psczol – Diretora de Promoção Internacional.

mercado editorial brasileiro internacionalmente, mas para possibilitar referências às traduções de títulos brasileiros que circularam em várias línguas. Por sua vez, os catálogos podem aguçar a curiosidade de pesquisadores da área de Estudos da Tradução para questões referentes aos livros que foram traduzidos e para quais línguas, o gênero textual e os autores mais privilegiados, em que períodos, os livros de um determinado escritor que foram mais traduzidos, além de tantas outras.

As traduções para a língua inglesa constituíram-se como interesse para a pesquisa relatada neste livro, principalmente aquelas publicadas na primeira metade do século XX. Definiu-se, então, como primeiro passo, o acesso a essas traduções, realizando-se uma busca eletrônica no sítio da Biblioteca Nacional. Infelizmente, sem sucesso. Expandiu-se, então, a busca nas bibliotecas da USP, UNICAMP, UFSC, UFMG, UFRJ e UnB,¹⁴ também sem muitos resultados positivos. As traduções foram finalmente encontradas no sítio da Library of Congress (Washington DC, Estados Unidos) e da British Library (Londres, Reino Unido). Entretanto, muitas informações apresentadas nas fichas catalográficas dessas bibliotecas não coincidiam com as do catálogo de 1994, da Biblioteca Nacional. Então, todos os autores e livros constantes no *Brazilian Authors Translated Abroad* foram verificados com o intuito de reorganizar esses dados e construir um quadro mais acurado das traduções da narrativa de ficção brasileira para o inglês. O catálogo incluiu os títulos traduzidos até 1993, e a nova proposta de cartografia apresentada neste livro abrange todo o século XX.

Além do *Brazilian Authors Translated Abroad*, há outros trabalhos que se ocuparam de textos brasileiros traduzidos para o inglês e que precisam ser aqui destacados, pois serviram como guias de referência para os interessados em conhecer a literatura latino-americana, em geral, e a brasileira, especificamente. *Latin American Belles-lettres in English Translation [As Belas Letras Latino-americanas Traduzidas para o Inglês]*, de James A. Granier, fez parte da Latin American Series [Série Latino-Americana] da Library of Congress e foi publicada em 1942. Além de listar os romances, ensaios, peças de teatro e poesia latino-americana, Granier citou algu-

14 A pesquisa nessas bibliotecas universitárias em particular não foi randômica, mas pelo fato delas terem programas de Pós-Graduação que contemplam a área de Estudos da Tradução.

mas antologias ou histórias literárias latino-americanas disponíveis até aquele momento. Em 1977, Juan R. e Patricia M. Freudenthal editaram o *Index to Anthologies of Latin American Literature in English Translation* [Índice de Antologias de Literatura Latino-americana Traduzidas para o Inglês]. O índice traz uma bibliografia das antologias com anotações sobre os países e os textos incluídos e uma lista de autores latino-americanos e os textos literários que foram traduzidos para o inglês.

OS CAMINHOS DIGITAIS

A busca inicial foi na Library of Congress (LOC) digital, conhecida como a maior biblioteca do mundo, com um acervo de mais de 160 milhões de itens incluindo manuscritos, filmes, microfimes, mapas, fotos e gravações que abrangem uma produção em 470 línguas.¹⁵ Todos os escritores brasileiros que constam tanto no *Brazilian Authors Translated Abroad* como no *Brazil Novel Catalog* foram inseridos na ferramenta de busca e todos os livros encontrados em língua inglesa foram catalogados.

Algumas traduções publicadas pelas editoras do Reino Unido não se encontravam na Library of Congress, sendo necessário buscar essas informações na British Library¹⁶ (BL). Ao final do processo, percebeu-se que as ferramentas de busca da LOC e da BL eram sensíveis também aos nomes dos tradutores, então, construiu-se um banco de dados dos tradutores, a fim de verificar que outros eventuais textos eles poderiam ter vertido para o inglês. O resultado dessa operação pode ser visto no Quadro 1.

Quadro 1 – Tradutores

ALMEIDA, Candida L. Alves de
ARRINGTON JR. Melvin S.
BAGBY JR, Albert I.
BARRETT, Linton Lomas
BARRETT, Marie McDavid

15 Informações encontradas no sítio da Library of Congress. Disponível em: <http://catalog.loc.gov/>.

16 A British Library tem uma coleção de mais de 150 milhões de itens em várias línguas. Disponível em: <http://www.bl.uk/>.

BARROS, Ladyce Pompeo de
BAUM, Emmi
BENNETT, Constance
BIDDELL, Norman
BIRD, Pamela G.
BISHOP, Elizabeth
BONNICI, Thomas
BORK, Albert
BRAKEL, Arthur
BROWN, Harry W.
BURTON, Isabel
BURTON, Richard F.
BUSH, Peter
CALDWELL, Helen
CHAMBERLAIN, Henriqueta
CHAPPELL, Richard
CLAIR, David St.
CLARKE, Alan R.
COLCHIE, Thomas
COSTA, Margaret Jull
COUGHLIN, Edward V.
CRAVINHO, Anne
CRAIGE, Betty Jean
DIMMICK, Ralph Edward
DUARTE, Ana Beatriz Davi Borges
DWYER, John P.
DWYER, Rosa Veloso
EDINGER, Catarina Feldmann
ELLIS, E. Percy
ELLISON, Fred P.
FITZ, Earl

FODY, III, Michael
FRIZZI, Adria
GEORGE, David
GIACOMELLI, Eloah F.
GLEDSON, John
GODDARD, Richard
GOLDBERG, Isaac
GOODLAND, E. H.
GOODLAND, E.A.
GRAHAM, R. B. Cunninghame
GROSSMAN, William L.
GUTHRIE, Feliz
HALLAM, Vera
HEAPY, Dorothy
HENDERSON, Myriam
HERTELENDY, Susan
HEUVEL, Claudia Van der
HOLLINGSWORTH, Margaret Richardson
HOWER, Alfred
ISHIMATSU, Lorie
JACKSON, Elizabeth
JACKSON, Kenneth D.
KAPLAN, Louis C.
KARNOFF, Jean Neel
KING, Roberta
KRAPOHL, Kern
LACEY, E.A.
LANDERS, Clifford E.
LANE, Helen R.
LEVINE, Robert M.
LEVITIN, Alexis

LINDSTROM, Naomi
LOOS, Dorothy Scott
LORENTE, Mariano Joaquín
LORIA, Wilson
LOWE, Elizabeth
MAC ADAM, Alfred
MACNICOLL, Murray Graeme
MARION, Lucie
MATTHEWS, Irene
MAZZARA, Richard A.
MCCLENDON, Carmen Chaves
MEHRTENS, Cristina
MILLER, JR, Edgar H.
MOMSEN, Dorothea H.
NARO, Nancy P.S.
NEVES, Margaret Abigail
OLIVEIRA, Celso de
OLIVEIRA, Emanuelle
ONÍS, Harriet de
PARKER, John M.
PARRIS, Lorri A.
PATAI, Daphne
PONTIERO, Giovanni
POORE, Dudley
PRADO, Isabel do
PROCTER, John
PUTNAM, Samuel
RABASSA, Gregory
RIBEIRO, João Ubaldo
RICHARDSON, Margaret
RICHMOND, Carolyn

RIGGIO, Edward A.
RIGGIO, Tona
ROTH, Otavio
ROCHA, Ruth
SADLER, Joseph Thomas Wilson
SANTAMARIA, Lana
SAUNDERS, John
SCHMITT, Jack
SCOTT-BUCCLEUCH, Robert
SHELBY, Barbara
SOUSA, Ronald W.
SPRINGER, Jane
TAYLOR, James L.
TREECE, David
VIEIRA, Nelson H.
VINKLER, Beth Joan
WATSON, Ellen
WILLIAMS, Frederick G.
WILSON, Clotilde
YÚDICE, George

Fonte: elaborado pela autora com base na Library of Congress, British Library, University of Texas Library, Georgetown University, Washington Research Library Consortium, Inter-library loan e WorldCat.

Após a construção da lista, cento e dezoito nomes de tradutores foram inseridos na ferramenta de busca das duas bibliotecas. Traduções de livros que não constavam em nenhum catálogo ou banco de dados mencionado anteriormente foram encontradas. Um exemplo é o nome de Ellen Watson, tradutora de três títulos não constantes nos catálogos: *Não Verás País Nenhum* (1981), de Ignácio de Loyola Brandão, traduzido como *And Still the Earth* (1985); *Relato de um Certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum, intitulado *The Tree of the Seventh Heaven* (1994); e *Olga* (1985), de Fernando Moraes, com o título homônimo (1990).

A CONSULTA NAS BIBLIOTECAS

O catálogo *Brazilian Authors Translated Abroad* (1994) foi produzido a partir de dados coletados junto a escritores, editoras e agentes literários, mas não se verificou a real existência física ou mesmo a exatidão das informações constantes sobre essas traduções. A nova cartografia, aqui apresentada, tem como méritos confirmar a materialidade dessas edições, indicar sua localização e fazer as correções necessárias de acordo com as fichas catalográficas dos livros consultados *in loco* na Library of Congress (Washington DC, Estados Unidos), na British Library (Londres, Reino Unido) e na Georgetown University (Washington DC, Estados Unidos). Nesta última instituição, os livros acessados pertencem a diversos acervos bibliográficos de várias universidades integradas nos sistemas Washington Research Library Consortium (WRLC) e Inter-Library Loan (ILL).

O primeiro passo desse estudo *in loco* foi comparar os dados apresentados no catálogo da Biblioteca Nacional com as informações sobre traduções levantadas nas instituições mencionadas. A descrição exaustiva dos erros ortográficos, dos nomes de tradutores, dos dados da editora ou do ano de publicação não será aqui apresentada de modo detalhado, já que uma lista completa e atualizada pode ser encontrada, na forma de quadros, na próxima seção do livro. Porém, é importante destacar os títulos brasileiros que não foram publicados em língua inglesa no século XX, apesar de constarem como traduzidos e publicados no catálogo da Biblioteca Nacional do Brasil. A razão do erro pode estar relacionada à falha na comunicação entre a BN e os órgãos consultados ou talvez ao fato de os livros terem sido traduzidos e, por uma razão ou outra, não terem sido publicados. A seguir, são listados os romances indicados pela BN como traduzidos, sem que qualquer registro efetivo da tradução tenha sido encontrado nas já referidas instituições estadunidenses e britânica:

1. *Suor*, de Jorge Amado, supostamente traduzido como *Slums* e publicado pela New Americas de Nova York em 1937 (página 29 do catálogo da BN). Não há registro desta tradução nem mesmo nos arquivos da Fundação Casa de Jorge Amado, em Salvador, Bahia, Brasil;

2. *Crônicas da Vida Operária*, de Roniwalter Jatobá, traduzido por Richard Campbell, sem título em inglês, publicado pela Spenser (página 91 do catálogo da BN). Os livros deste escritor não foram traduzidos para a língua inglesa. Há, no entanto, uma resenha deste romance escrita por Nancy T. Baden (1980), da California State University, publicada na *Modern Language Journal*;
3. *Memórias de Hollywood*, de Julieta de Godoy Ladeira, traduzido por Regina Igel, sem título em inglês, publicado pela University of Maryland (página 93 do catálogo da BN). Regina Igel é professora do Departamento de Espanhol e Português da University of Maryland, mas em seu currículo não consta a autoria ou a publicação dessa tradução;¹⁷
4. *Copacabana*, de Antônio Olinto, traduzido por John Parker com o título homônimo, e publicado em Londres, em 1980 (página 141 do catálogo da BN). O romance foi traduzido somente para o romeno por Micaela Ghitescu com o título homônimo, e nenhum registro adicional foi encontrado;
5. *Sangue na Floresta*, de Antônio Olinto, traduzido como *Blood in the Rainforest* por Richard Chappell e publicado em Londres pela Rex Collings, em 1993 (página 142 do catálogo da BN). Nenhum registro foi encontrado sobre essa tradução;
6. *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos traduzido como *Jail Prison Memoirs* por Thomas Colchie e publicado pela Evans de Nova York, em 1974 (página 151 do catálogo da BN). Não há nenhum registro dessa tradução nos arquivos de Graciliano Ramos depositados no Instituto de Estudos Brasileiros, sediado na USP;
7. *Esquilos de Outono*, de Erico Verissimo, traduzido como *A Squirrel in Autumn* e publicado pela Foreign Languages Institute, em Beijing, em 1980 (página 189 do catálogo da BN). Não existe nenhum registro dessa tradução.

Temos, dessa forma, seis romances, *Suor*, *Crônicas da Vida Operária*, *Memórias de Hollywood*, *Copacabana*, *Sangue na Floresta* e *Memórias do Cárcere* e um conto, *Esquilos de Outono*, que, apesar de constarem como

17 Currículo disponível em: <http://umd.academia.edu/Reginalgel/CurriculumVitae>.

publicados segundo o *Brazilian Authors Translated Abroad*, não se materializaram em forma de textos impressos traduzidos. Talvez as traduções tenham até sido um projeto das editoras, já que muitas constam como publicadas, mas por razões desconhecidas, os planos não foram levados a cabo.

A próxima lista elenca as reedições de algumas traduções catalogadas pela Biblioteca Nacional, embora não localizadas em nenhuma biblioteca:

1. A edição de *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, traduzida por Gregory Rabassa como *Gabriela, Clove and Cinanom*, publicada pela Avon Books (página 23 do catálogo da BN) não existe;
2. *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água*, de Jorge Amado, traduzido como *The Two Deaths of Quincas Wateryell* por Barbara Shelby (página 25 do catálogo da BN) não foi reeditado pela Avon Books em 1988;
3. *Memórias Sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade, intitulado *The Sentimental Memoirs of John Seaborne*, uma tradução feita por Albert Bork e Ralph Niebuhr, citada como uma publicação da Nefertiti Head Press, de Austin (TX) – (página 37 do catálogo da BN). Esta tradução foi feita e publicada, de fato, na revista *Texas Quarterly*, em 1972, e não como livro da Nefertiti Head Press. O tradutor Albert Bork (2007) relatou ter recebido uma oferta para publicá-lo em formato de livro, mas não pode concretizá-lo, pois a University of Texas é a detentora dos direitos autorais;
4. *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, intitulado *Rebellion in the Backlands* em inglês aparece como publicado pela University of Texas (página 64 do catálogo da BN). A informação conseguida com o departamento de vendas da editora é a de que esta tradução não consta de seus catálogos e nem constou nos últimos anos; *Os Sertões* foi efetivamente publicado pela University of Chicago Press e sua versão reduzida pela Pan e Victor Gollancz, de Londres;
5. *Sagarana*, de Guimarães Rosa, também consta como publicado pela University of Texas, em 1992 (página 89 do catálogo da BN). Também em comunicação com o departamento de vendas da editora, a infor-

mação é a de que esta tradução não consta de seus catálogos. *Sagara* foi publicado pela Alfred A. Knopf;

6. O romance *Maíra*, de Darcy Ribeiro, consta como publicado por duas editoras diferentes, a Pan Books e a Picador, de Londres, traduzido por E. H. Goodland como *Maíra* (página 154 do catálogo da BN). Porém, a Pan e a Picador fazem parte de um só grupo;
7. *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, traduzido como *An Invincible Memory*, também aparece como se tivesse sido publicado por duas editoras diferentes, a Harper & Row, de Nova York e a Fitzhenry & Whiteside, de Toronto (páginas 158 e 159 do catálogo da BN). Porém, as duas editoras fazem parte de um mesmo grupo, com a sede em Nova York;
8. *Deuses de Raquel*, de Moacyr Scliar, traduzido como *The Gods of Raquel* (página 167 do catálogo da BN) não foi publicado pela Avai-lable, de Nova York, em 1986;
9. *Galvez, Imperador do Acre*, de Márcio Souza, traduzido como *The Emperor of the Amazon* por Thomas Colchie e publicado pela Sphere Books de Londres, em 1982 (página 173 do catálogo da BN). Em comunicação com o diretor do departamento de direitos estrangeiros da editora, a informação em seus registros é a de que os direitos da Sphere voltaram para a Avon Books em 1989, e muito provavelmente esse título não chegou a ser publicado por eles, mas pela Avon Books, em 1980;
10. A reedição da tradução de *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, pela Hutchinson de Londres, em 1983, intitulada *My Sweet-orange Tree* (página 184 do catálogo da BN) não existe.

A busca no WorldCat,¹⁸ o maior sistema integrado de bibliotecas do mundo, não ofereceu nenhuma edição disponível para esses títulos, e a busca nos sebos virtuais do Brasil, Estados Unidos e Reino Unido tampouco apresentou quaisquer resultados.¹⁹ Um caso incomum encontrado na Library of Congress foi o romance *The Besieged City*, tradução de A

18 Disponível em: <https://www.worldcat.org/>.

19 Os sebos virtuais consultados foram: (i) o sítio brasileiro: <http://www.estantevirtual.com.br/>, e (ii) para os livros nos EUA e no Reino Unido o: <http://www.usedbooksearch.co.uk/used-books-uk/>.

Cidade Sitiada, de Clarice Lispector. A ficha catalográfica online apresenta todos os dados, incluindo o ISBN, indicado como “em processo de aquisição”. Em comunicação com a editora Carcanet Press, a informação é a de que esse título foi registrado sob o ISBN 9781857540611, mas sua publicação foi cancelada em 1999.

Durante a consulta na Library of Congress, mais duas listas semelhantes às da Biblioteca Nacional foram encontradas. A primeira, *The Babel Guide to the Fiction of Portugal, Brazil & Africa in English Translation* [Guia Babel da Ficção de Portugal, Brasil e África Traduzida para o Inglês], um trabalho conjunto executado por Ray Keenoy, David Treece e Paul Hyland, lançado pela Boulevard de Londres, em 1995, um ano depois da publicação do *Brazilian Authors Translated Abroad*. A segunda, especificamente voltada para os livros brasileiros, *The Babel Guide to Brazilian Fiction in English translation* [Guia Babel da Ficção Brasileira Traduzida para o Inglês], resultou do trabalho reunido por David Treece e Ray Keenoy, publicado também pela Boulevard, em 2001.

*The Babel Guide to the Fiction of Portugal, Brazil & Africa*²⁰ in English Translation tem as mesmas limitações do catálogo da Biblioteca Nacional, embora a introdução o considere o mais completo índice para os livros de língua portuguesa:

O foco dessa edição volta-se para os países de língua portuguesa e tem duas partes – um banco de dados com os detalhes de todos os livros dos escritores de Portugal, do Brasil, da Angola e de Moçambique traduzidos para o inglês desde 1945, e *resenhas* de setenta dos melhores e mais representativos livros com alguns trechos para dar ao leitor um gostinho dos textos.²¹ (TREECE; KEENOY, 2001, p. 9, tradução nossa)

20 Percebe-se a estratégia de marketing na generalização de África do título, já que o único país africano constante no levantamento em apreço foi Moçambique. Os outros países falantes de português daquele continente, tais como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe não foram incluídos nesse guia.

21 “This edition focuses on the lands that use the Portuguese language and has two parts – the *Database* section has the details of every book by authors from Portugal, Brazil, Angola and Mozambique translated since 1945 and the *Reviews* section introduces seventy of the best and most representative books with a quotation to give you a taste of the writing”.

O guia foi financiado pelo projeto *Portugal 600*²² com o apoio do Departamento de Português e Estudos Brasileiros (Department of Portuguese and Brazilian Studies) da King's College de Londres, que segundo a informação no índice catalográfico é o “único departamento no Reino Unido que se dedica exclusivamente ao estudo da língua, da literatura, da cultura e da história do mundo falante de português”. (KEENOY; TREECE; HYLAND, 1995, tradução nossa)²³ Vários títulos catalogados no *Brazilian Authors Translated Abroad* não foram incluídos no guia que reivindicava conter todos os livros de Portugal, Brasil, Angola e Moçambique traduzidos para o inglês.

Já *The Babel Guide to Brazilian Fiction in English Translation* foi financiado pela Lei de incentivo à cultura do Ministério da Cultura do Brasil, Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e Brazil 500 (como parte das comemorações dos 500 anos do Brasil). Os autores catalogaram os romances, contos, poesia, teatro e antologias de textos brasileiros e construíram um banco de dados das traduções, mas não descrevem a metodologia utilizada na realização de tal tarefa. Essa edição de 2001 está mais completa se comparada à anterior, mas ainda apresenta algumas informações não confirmadas. Talvez tenham sido usadas as informações do catálogo da BN como base, pois há coincidências na listagem como a menção a *Suor* de Jorge Amado e *Memórias Sentimentais de João Miramar* de Oswald de Andrade descritos exatamente como no *Brazilian Authors Translated Abroad*. Os organizadores também se esqueceram de excluir os escritores portugueses do índice tais como Ferreira de Castro e Bernardo Santareno.

Babel Guides é uma série que tem como objetivo apresentar uma lista de livros traduzidos para o inglês disponíveis no mercado, para um público não especializado ou simplesmente para leitores que queiram expandir seus horizontes literários. Assim, a Boulevard também editou os guias das literaturas holandesa e flamenga, francesa, alemã, húngara, italiana, judia, escandinava e galesa.

22 “Um apoio à edição no estrangeiro” do Instituto Camões de Portugal para a divulgação de escritores portugueses em outras línguas.

23 “The only department in the UK devoted exclusively to the study of the language, literature, culture and history of the Portuguese-speaking world”.

Entre os parceiros que possibilitaram essa empreitada estão a European Jewish Publications Society, Embassy of Sweden London, Norwegian Ministry of Culture, Brazilian Embassy London, Hungarian Cultural Centre London, Arts Council of England, Ministry of Foreign Affairs (France); Welsh Books Council, Calouste Gulbenkian Foundation London, Foundation for the Production and translation of Dutch literature, Ministry of the Flemish Community e Prince Bernhard Fund.

A verificação *in loco* se fez valiosa também para esclarecer algumas dúvidas. Tomemos como exemplo a tradução de *Iracema*, de José de Alencar, constante na página 13 do catálogo da BN. Os tradutores responsáveis aparecem como Richard & Isabel Burton, mas a indicação da tradução na ficha catalográfica do livro atribui a tarefa somente a Isabel Burton. O detalhe é que o romance *Iracema* foi publicado em um mesmo volume do romance *Manuel de Moraes*, de João Manuel Pereira da Silva, este sim traduzido pelo casal Richard & Isabel Burton. Um único caso de tradução de segunda mão (ou tradução indireta) é o do livro infantil *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado, traduzido por Elena Iribarren a partir da versão em espanhol, publicada em 1994 pela editora Ekaré, de Caracas, Venezuela, com o título de *Niña Bonita*.

CARTOGRAFIA DOS LIVROS TRADUZIDOS

O Quadro 2 agrega e sistematiza todas as informações onde é possível encontrar a cartografia da ficção em prosa brasileira traduzida para o inglês no século XX, num total de duzentos e nove títulos. Na última coluna encontra-se a localização de cada título e a legenda das abreviaturas das universidades está disponível no final do quadro, na lista das fontes. Para melhor visualização por períodos, os Quadros 3 a 10 apresentam a lista dos livros traduzidos por décadas, começando pelos anos 1920, os primeiros registros das traduções nesse século. As informações são complementadas com a Tabela 1 que quantifica as traduções em cada década.

Quadro 2 – Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês no século XX (210 títulos)

Autor	Título em português	Título em inglês	Tradutor	Editora	Pub. port.	Pub. trad.	Bibl.
ABREU, Caio Fernando	<i>Os dragões não conhecem o paraíso</i>	<i>Dragons...</i>	TREECE, David	London: Boulevard	1988	1990	BL
ADONIAS Filho	<i>Memórias de Lázaro</i>	<i>Memories of Lazarus</i>	ELLISON, Fred P.; BIANCO, Enrico (desenho)	Austin, TX/London: University of Texas Press	1952	1969	LOC BL
ADONIAS Filho	<i>O homem de branco</i>	<i>The man in white</i>	HALLAM, Vera	London: Wyvern-Sel	1987	1991	ULM BL
ALENCAR, José de	<i>Iracema</i>	<i>Iracema (a legend of Ceará)</i>	BIDDELL, Norman	Rio de Janeiro: Imprensa Ingleza	1865	1921	JHU BL
ALENCAR, José de	<i>Iracema</i>	<i>Iracema: the honey-lips (a legend of Brazil)</i>	BURTON, Isabel	New York: Howard Fertig	1865	1976	LOC BL
ALENCAR, José de	<i>Senhora</i>	<i>Senhora: profile of a woman</i>	EDINGER, Catarina Feldmann	Austin, TX: University of Texas Press	1875	1994	LOC
ALENCAR, José de	<i>Ubirajara</i>	<i>Ubirajara: a legend of the Tupy Indians</i>	SADLER, J. T. W.	[s.]: [s.e]	1874	[s.d.]	BL
ALMEIDA, José Américo de	<i>A bagaceira</i>	<i>Trash</i>	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	London: Peter Owen Publishers	1928	1978	LOC BL
ALMEIDA, Manuel Antônio de	<i>Memórias de um sargento de milícias</i>	<i>Memoirs of a militia sergeant</i>	BARRETT, Linton Lomas; CARTER, Henry Hare (revisor)	Washington DC: Pan American Union	1854 1855	1959	LOC BL
ALMEIDA, Manuel Antônio de	<i>Memórias de um sargento de milícias</i>	<i>Memoirs of a militia sergeant</i>	SOUSA, Ronald W.	New York: Oxford University Press	1854 1855	1999	LOC

AMADO, Jorge	Jubiabá	Jubiabá	<i>Sea of death</i>	NEVES, Margaret A.	New York: Avon Books	1935	1984	LOC BL
AMADO, Jorge	Mar morto	<i>Mar morto</i>	<i>Captains of the sands</i>	RABASSA, Gregory	New York: Avon Books	1936	1984	LOC
AMADO, Jorge	Capitães da areia	<i>Capitães da areia</i>	<i>The violent land</i>	RABASSA, Gregory	New York: Avon Books	1937	1988	LOC
AMADO, Jorge	Terras do sem fim	<i>Terras do sem fim</i>	<i>The violent land</i>	PUTNAM, Samuel	New York: Alfred A. Knopf	1943	1945 1965	LOC
AMADO, Jorge	Terras do sem fim	<i>Terras do sem fim</i>	<i>The golden harvest</i>	PUTNAM, Samuel	London: Collins Harvill	1943	1989	BL
AMADO, Jorge	São Jorge dos Ilhéus	<i>São Jorge dos Ilhéus</i>	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i>	LANDERS, Clifford E.	New York: Avon Books	1944	1992	LOC
AMADO, Jorge	Gabriela, cravo e canela	<i>Gabriela, cravo e canela</i>	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i>	TAYLOR, James L. e GROSSMAN, William L.	New York: Alfred A. Knopf	1958	1962	LOC BL
AMADO, Jorge	Gabriela, cravo e canela	<i>Gabriela, cravo e canela</i>	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i>	TAYLOR, James L. e GROSSMAN, William L.	London: Chatto & Windus (direitos da tradução – Alfred A. Knopf, 1962)	1958	1963	JHU
AMADO, Jorge	Gabriela, cravo e canela	<i>Gabriela, cravo e canela</i>	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i>	TAYLOR, James L. e GROSSMAN, William L.	New York: Avon Books	1958	1978	AU
AMADO, Jorge	Gabriela, cravo e canela	<i>Gabriela, cravo e canela</i>	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i>	TAYLOR, James L. e GROSSMAN, William L.	London: Souvenir (direitos da tradução – Alfred A. Knopf, 1962)	1958	1983	NU BL
AMADO, Jorge	Gabriela, cravo e canela	<i>Gabriela, cravo e canela</i>	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i>	TAYLOR, James L. e GROSSMAN, William L.	London: Abacus	1958	1984	BL
AMADO, Jorge	A morte e a morte de Quincas Berro D'água	<i>A morte e a morte de Quincas Berro D'água</i>	<i>The two deaths of Quincas Wateryeil</i>	SHELBY, Barbara; ANTONUCCI, Emil (ilustração)	New York: Alfred A. Knopf	1961	1965	LOC BL
AMADO, Jorge	Os velhos marinheiros	<i>Os velhos marinheiros</i>	<i>Home is the sailor</i>	ONÍS, Harriet de	New York: Alfred A. Knopf	1961	1964	LOC
AMADO, Jorge	Os velhos marinheiros	<i>Os velhos marinheiros</i>	<i>Home is the sailor</i>	ONÍS, Harriet de	London: Chato & Windus	1961	1964	BL

AMADO, Jorge	Os velhos marinheiros	Home is the sailor	ONIS, Harriet de	New York: Avon Books	1961	1979	UT
AMADO, Jorge	Os velhos marinheiros	Home is the sailor	ONIS, Harriet de	London: Collins Harvill	1961	1990	UK BL
AMADO, Jorge	Os pastores da noite	The shepherds of the night	ONIS, Harriet de	New York: Alfred A. Knopf	1964	1967	LOC
AMADO, Jorge	Os pastores da noite	The shepherds of the night	ONIS, Harriet de	New York: Avon Books	1964	1978	UT
AMADO, Jorge	Os pastores da noite	The shepherds of the night	ONIS, Harriet de	London: Collins Harvill	1964	1989	UNC BL
AMADO, Jorge	Dona Flor e seus dois maridos	Dona Flor and her two husbands	ONIS, Harriet de	New York: Alfred A. Knopf	1966	1969	LOC
AMADO, Jorge	Dona Flor e seus dois maridos	Dona Flor and her two husbands	ONIS, Harriet de	London: Weidenfeld & Nicolson	1966	1970	MC BL
AMADO, Jorge	Dona Flor e seus dois maridos	Dona Flor and her two husbands	ONIS, Harriet de	London: Serpent's Tail	1966	1986 1989	BL GU
AMADO, Jorge	Dona Flor e seus dois maridos	Dona Flor and her two husbands	ONIS, Harriet de	New York: Avon Books	1966	1988	BL GA
AMADO, Jorge	Tenda dos milagres	Tent of miracles	SHELBY, Barbara	New York: Alfred A. Knopf	1969	1971	LOC
AMADO, Jorge	Tenda dos milagres	Tent of miracles	SHELBY, Barbara	New York: Avon Books	1969	1978 1988	BL GM
AMADO, Jorge	Tenda dos milagres	Tent of miracles	SHELBY, Barbara	London: Collins Harvill	1969	1989	BL
AMADO, Jorge	Tereza Batista cansada de guerra	Tereza Batista	SHELBY, Barbara	New York: Alfred A. Knopf	1972	1975 1982	LOC
AMADO, Jorge	Tereza Batista cansada de guerra	Tereza Batista	SHELBY, Barbara	New York: Avon Books	1972	1977 1988	VPI

AMADO, Jorge	<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	<i>Tereza Batista</i>	SHELBY, Barbara	London: Souvenir Press	1972	1982	BL
AMADO, Jorge	<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	<i>Tereza Batista</i>	SHELBY, Barbara	London: Abacus	1972	1983	BL
AMADO, Jorge	<i>O gato malhado e a andorinha Sinhá</i>	<i>The swallow and the Tom cat: a love story</i>	SHELBY, Barbara; CARYBÉ (ilustração)	New York: Delacorte Press/Eleanor Friede	1976	1982	LOC BL
AMADO, Jorge	<i>Tieta do agreste, pastora de cabras</i>	<i>Tieta</i>	SHELBY, Barbara	New York: Alfred A. Knopf	1977	1979	LOC
AMADO, Jorge	<i>Tieta do agreste, pastora de cabras</i>	<i>Tieta</i>	SHELBY, Barbara	New York: Avon Books	1977	1980 1988	UMI
AMADO, Jorge	<i>Tieta do agreste, pastora de cabras</i>	<i>Tieta</i>	SHELBY, Barbara	London: Souvenir Press	1977	1981	BL
AMADO, Jorge	<i>Tieta do agreste, pastora de cabras</i>	<i>Tieta</i>	SHELBY, Barbara	London: Abacus	1977	1982	BL
AMADO, Jorge	<i>Do recente milagre dos pássaros</i>	<i>The miracle of the birds</i>	SHELBY, Barbara	New York: Harper's	1979	1982	LOC
AMADO, Jorge	<i>Do recente milagre dos pássaros</i>	<i>The miracle of the birds</i>	SHELBY, Barbara	New York: Targ Editions	1979	1983	LOC
AMADO, Jorge	<i>Farda, fardão, camisola de dormir</i>	<i>Pen, sword, camisole: a fable to kindle a hope</i>	LANE, Helen R.	Boston, MA: David R. Godine (com a Avon Books)	1980	1985	GU
AMADO, Jorge	<i>Farda, fardão, camisola de dormir</i>	<i>Pen, sword, camisole</i>	LANE, Helen R.	New York: Avon Books (com David R. Godine, Publisher)	1980	1985	LOC
AMADO, Jorge	<i>Tocaia grande</i>	<i>Showdown</i>	RABASSA, Gregory	Toronto/New York / London/Sydney/Auckland: Bantam Books	1984	1988	LOC BL

AMADO, Jorge	O sumiço da santa	The war of the saints	RABASSA, Gregory	New York/Toronto/ London/Sydney/ Auckland: Bantam Books	1988	1993	LOC BL
ANDRADE, Mário de	Amar, verbo intransitivo	Fräulein	HOLLINGSWORTH, Margaret Richardson	New York: Macaulay Company	1927	1933	LOC
ANDRADE, Mário de	Macunaíma	Macunaíma	GOODLAND, E. A.	New York: Random House	1928	1984	LOC
ANDRADE, Mário de	Macunaíma	Macunaíma	GOODLAND, E. A.	London: Quartet Books	1928	1985	BL
ANDRADE, Oswald de	Serafim Ponte Grande	Serafim Grosse Pointe	JACKSON, Kenneth D. e BORK, Albert	Austin, TX: Nefertiti Head Press	1933	1979	LOC BL
ÂNGELO, Ivan	A festa	The celebration	COLCHIE, Thomas	New York: Avon Books	1976	1982	LOC
ANJOS, Cyro dos	O amanuense Belmiro	Diary of a civil servant (tradução da sexta edição)	BRAKEL, Arthur	Rutherford, NJ/Madison, WI/ Teaneck, NJ: Fairleigh Dickinson University Press; London/Toronto: Associated University Presses	1937	1988	LOC
AZEVEDO, Aluísio	O mulato	Mulatto	MACNICOLL, Murray Graeme	Rutherford, NJ/ Madison, WI/Teaneck, NJ: Fairleigh Dickinson University Press; London/Toronto: Associated University Presses	1881	1990	LOC BL
AZEVEDO, Aluísio	O mulato	Mulatto	MACNICOLL, Murray Graeme	Austin, TX: University of Texas Press	1881	1996	LOC

AZEVEDO, Aluísio	O cortiço	A Brazilian tenement	BROWN, Harry W.	New York: Robert M. McBride	1890	1926	LOC
AZEVEDO, Aluísio	O cortiço	A Brazilian tenement	BROWN, Harry W.	London: Cassel and Company, Ltd.	1890	1928	BL
AZEVEDO, Aluísio	O cortiço	A Brazilian tenement	BROWN, Harry W.	New York: Howard Fertig	1890	1976	LOC
BARBOSA, Rogério Andrade	Bichos da África	African animal tales	GUTHRIE, Feliz (adaptação); FITIPALDI, Cíça (ilustração)	Volcano, CA: Volcano Press	1987 1988	1993	LOC
BARROSO, Gustavo	Mapirunga	Mapirunga	GRAHAM, R. B. Cunninghamame	London: WM. Heinemann Limited	1924	1924	BL VU
BOJUNGA - NUNES, Lygia	Os colegas	The companions	WATSON, Ellen	New York: Farrar Straus Giroux	1972	1989	LOC
BOJUNGA - NUNES, Lygia	Os colegas	The companions	WATSON, Ellen; WILKES, Larry (ilustração)	London: William Heinemann Ltd.	1972	1990	BL
BOJUNGA - NUNES, Lygia	O meu amigo pintor	My friend the painter	PONTIERO, Giovanni	San Diego, CA/New York/ London: Harcourt Brace Jovanovich Publishers	1987	1991	LOC
BRANDÃO, Ignácio de Loyola	Zéro	Zéro	WATSON, Ellen	New York: Avon Books	1975	1983	LOC BL
BRANDÃO, Ignácio de Loyola	Não verás país nenhum	And still the Earth	WATSON, Ellen	New York: Avon Books	1981	1985	LOC GU
BUARQUE, Chico	Estorvo	Turbulence	BUSH, Peter	New York: Avon Books	1991	1992	LOC
BUARQUE, Chico	Estorvo	Turbulence	BUSH, Peter	London: Bloomsbury	1991	1992	BL

BUARQUE, Chico	<i>Benjamim</i>	<i>Benjamin</i>	LANDERS, Clifford E.	1995	1997	UTE BL
CALLADO, Antonio	<i>Quarup</i>	<i>Quarup</i>	SHELBY, Barbara	1967	1970 1978	LOC
CALLADO, Antonio	<i>Bar Don Juan</i>	<i>Don Juan's Bar</i>	SHELBY, Barbara	1971	1972	LOC
CAMINHA, Adolfo	<i>Bom crioulo</i>	<i>Bom crioulo: the black man and the cabin boy</i>	LACEY, E.A.	1895	1982	LOC
CARNEIRO, Cecilio	<i>A fogueira</i>	<i>The bonfire</i>	POORE, Dudley	1942	1944	LOC
CARNEIRO, Cecilio	<i>A fogueira</i>	<i>The bonfire</i>	POORE, Dudley	1942	1948	BL
CARNEIRO, Cecilio	<i>A fogueira</i>	<i>The bonfire</i>	POORE, Dudley	1942	1971	LOC
CASTRO, Josué de	<i>Homens e caranguejos</i>	<i>Of men and crabs</i>	HERTELENDY, Susan	1967	1970	LOC
COELHO, Paulo	<i>O diário de um mago</i>	<i>The diary of a magus</i>	CLARKE, Alan R.	1987	1992	LOC BL
COELHO, Paulo	<i>O diário de um mago</i>	<i>The pilgrimage: a contemporary quest for ancient wisdom (publicado anteriormente como The diary of a magus)</i>	CLARKE, Alan R.	1987	1995	LOC BL

COELHO, Paulo	<i>O alquimista</i>	<i>The alchemist</i>	CLARKE, Alan R.	San Francisco, CA: HarperSanFrancisco (HarperCollins Publishers)	1988	1993	LOC BL
COELHO, Paulo	<i>O alquimista</i>	<i>The alchemist</i>	CLARKE, Alan R.	London: Thorsons	1988	1995 1997	BL
COELHO, Paulo	<i>O alquimista</i>	<i>The illustrated alchemist: a fable about following your dream</i>	CLARKE, Alan R.; MOEBIUS (pintura)	New York: HarperFlamingo (HarperCollins Publishers)	1988	1998	LOC BL
COELHO, Paulo	<i>As Valkírias</i>	<i>The Valkyries: an encounter with angels</i>	CLARKE, Alan R.	San Francisco, CA: HarperSanFrancisco (HarperCollins Publishers)	1992	1995	LOC
COELHO, Paulo	<i>As Valkírias</i>	<i>The Valkyries</i>	CLARKE, Alan R.	London: Thorsons (HarperCollins Publishers)	1992	1996	BL
COELHO, Paulo	<i>Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei</i>	<i>By the River Piedra I sat down and wept</i>	CLARKE, Alan R.	San Francisco, CA: HarperSanFrancisco (HarperCollins Publishers)	1994	1996	LOC BL
COELHO, Paulo	<i>Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei</i>	<i>By the River Piedra I sat down and wept</i>	CLARKE, Alan R.	London: Thorsons	1994	1997	BL
COELHO, Paulo	<i>A quinta montanha</i>	<i>The fifth mountain</i>	LANDERS, Clifford E.	London: HarperCollins Publishers	1996	1998	BL
COELHO, Paulo	<i>A quinta montanha</i>	<i>The fifth mountain</i>	LANDERS, Clifford E.	New York: HarperFlamingo (HarperCollins Publishers)	1996	1998	LOC
COELHO, Paulo	<i>Veronika decide morrer</i>	<i>Veronika decides to die</i>	COSTA, Margaret Jull	New York: HarperCollins Publishers	1998	1999	LOC BL
COELHO, Paulo	<i>Veronika decide morrer</i>	<i>Veronika decides to die</i>	COSTA, Margaret Jull	London: HarperCollins Publishers	1998	1999	BL

CORÇÃO, Gustavo	A descoberta do outro	<i>My neighbour as myself</i>	WILSON, Clotilde	London/New York, Toronto: Longmans, Green and Co	1944	1957	LOC BL
CORÇÃO, Gustavo	<i>Lições de abismo</i>	<i>Who if I cry out</i>	WILSON, Clotilde	Austin, TX/London: University of Texas Press	1950	1967	LOC BL
CRULS, Gastão	A Amazonia misteriosa	<i>The mysterious Amazonia</i>	SADLER, Joseph Thomas Wilson	Rio de Janeiro: Livraria-editora Zello Valverde	1925	1944	AUB
COUTINHO, Edilberto	<i>Maracanã, adeus</i>	<i>Bye, bye soccer</i>	LORIA, Wilson	Austin, TX: Host Publications	1980	1994	UT
CUNHA, Euclides da	<i>Os sertões</i>	<i>Rebellion in the backlands</i>	PUTNAM, Samuel	Chicago, IL: University of Chicago Press	1902	1944	LOC BL
CUNHA, Euclides da	<i>Os sertões</i>	<i>Rebellion in the backlands</i>	PUTNAM, Samuel	Chicago, IL: University of Chicago Press; London: Cambridge University Press	1902	1957	BL GU
CUNHA, Euclides da	<i>Os sertões</i>	<i>Rebellion in the backlands</i>	PUTNAM, Samuel	Chicago, IL: University of Chicago Press; London: CUP	1902	1967	UM
CUNHA, Euclides da	<i>Os sertões</i>	<i>Rebellion in the backlands</i>	PUTNAM, Samuel	London: Picador	1902	1995	BL
CUNHA, Euclides da	<i>Os sertões</i>	<i>Revolt in the backlands</i> (Uma versão abreviada de <i>Rebellion in the Backlands</i>)	PUTNAM, Samuel	London: Victor Gollancz, Ltd.	1902	1947	BL
CUNHA, Helena Parente	<i>Mulher no espelho</i>	<i>Woman between mirrors</i>	ELLISON, Fred P. e LINDSTROM, Naomi	Austin, TX: University of Texas Press	1983	1989	LOC

CUNHA, Helena Parente	Mulher no espelho	Woman between mirrors	ELLISON, Fred P. e LINDSTROM, Naomi	Edinburgh: Polygon	1983	1989	BL
DOURADO, Autran	Uma vida em segredo	A hidden life	MILLEN, JR, Edgar H.	New York: Alfred A. Knopf	1964	1969	LOC
DOURADO, Autran	Ópera dos mortos	The voices of the dead	PARKER, John M.	London: Peter Owen	1967	1980	BL GU
DOURADO, Autran	Ópera dos mortos	The voices of the dead	PARKER, John M.	New York: Taplinger Publishing Company	1967	1981	LOC
DOURADO, Autran	Ópera dos mortos	The voices of the dead	PARKER, John M.	Feltham, UK: Zenith Books	1967	1983	BL
DOURADO, Autran	O risco do bordado	Pattern for a tapestry	PARKER, John M.	London: Peter Owen	1970	1984	BL GU
DOURADO, Autran	O risco do bordado	Pattern for a tapestry	PARKER, John M.	London: Penguin Books	1970	1986	BL
DOURADO, Autran	Os sinos da agonia	The bells of agony	PARKER, John M.	London: Peter Owen (distribuidor nos EUA: Dufour Editions, Chester Springs)	1974	1988	LOC BL
EDMUNDO, Luiz	O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis (1763-1808)	Rio in the time of the Viceroy	MOMSEN, Dorothea H.	Rio de Janeiro: J. R. de Oliveira & Cia.	1932	1936	GU
FELINTO, Marilene	As mulheres de Tijuapapo	The women of Tijuapapo	MATTHEWS, Irene	Lincoln, NE/London: University of Nebraska Press	1982	1994	LOC
FONSECA, Rubem	A grande arte	High art	WATSON, Ellen	New York: Harper & Row Publishers; Toronto: Fitzhenry & Whiteside Limited	1983	1986	LOC

FONSECA, Rubem	A grande arte	High art	WATSON, Ellen	New York: Carroll & Graf Publishers, Inc. (Com a Harper & Row Publishers)	1983	1987	UM
FONSECA, Rubem	A grande arte	High art	WATSON, Ellen	London: Collins	1983	1987	BL
FONSECA, Rubem	Bufo & Spallanzani	Bufo & Spallanzani	LANDERS, Clifford E.	New York: Dutton (Penguin Books)	1986	1990	LOC
FONSECA, Rubem	Vastas emoções e pensamentos imperfeitos	The lost manuscript	LANDERS, Clifford E.	London: Bloomsbury	1988	1997	BL
FONSECA, Rubem	Vastas emoções e pensamentos imperfeitos	Vast emotions and imperfect thoughts	LANDERS, Clifford E.	Hopewell, N.J.: Ecco Press; Ontario: Penguin Books Canada	1988	1998	GU
FRANÇA JR., Oswaldo	Jorge, um brasileiro	The long haul	COLCHIE, Thomas	New York: Dutton; Toronto/Vancouver: Clark, Irwin & Company limited	1967	1980	LOC
FRANÇA JR., Oswaldo	O homem de macacão	The man in the monkey suit	RABASSA, Gregory	New York: Ballantine Books (Random House)	1972	1986	LOC
FRANÇA JR., Oswaldo	No fundo das águas	Beneath the Waters	NEVES, Margaret A.	New York: Ballantine Books (Random House)	1987	1990	LOC
FREYRE, Gilberto	Dona Sinhá e o filho padre	Mother and son	SHELBY, Barbara	New York: Alfred A. Knopf; Toronto: Random House of Canada Limited	1964	1967	LOC
GALDINO, Dirceu	Lambari dourado	Golden Lambari	BONNICI, Thomas; MACHADO, Tânia R. (ilustração)	London: Excalibur Press of London	[s.d.]	1993	BL
GALVÃO, Patrícia	Parque industrial	Industrial park: a proletarian novel	JACKSON, Elizabeth e JACKSON, K. David	Lincoln, NE: University of Nebraska Press	1933	1993	LOC BL

GOMES, Paulo Emilio	<i>Três mulheres de três pés</i>	<i>P's three women</i>	NEVES, Margaret Abigail	New York: Avon Books	1977	1984	LOC
GRAÇA ARANHA, José Pereira da	<i>Canaã</i>	<i>Canaan</i>	LORENTE, Mariano Joaquin	Boston: The Four Seas Company	1902	1920	LOC BL
GRAÇA ARANHA, José Pereira da	<i>Canaã</i>	<i>Canaan</i>	LORENTE, Mariano Joaquin	London: George Allen & Unwin, Ltd.	1902	1921	BL
GUIMARAES ROSA, João	<i>Sagarana</i>	<i>Sagarana</i>	ONÍS, Harriet de	New York: Alfred A. Knopf	1946	1966	LOC
GUIMARAES ROSA, João	<i>Grande sertão: veredas</i>	<i>The devil to pay in the Backlands</i>	TAYLOR, James L. e ONÍS, Harriet de	New York: Alfred A. Knopf	1956	1963	LOC
GUIMARAES ROSA, João	<i>Primeiras estórias</i>	<i>The third bank of the river and other stories</i>	SHELBY, Barbara	New York: Alfred A. Knopf	1962	1968	LOC BL
HATOUM, Milton	<i>Relato de um certo oriente</i>	<i>The tree of the seventh heaven</i>	WATSON, Ellen	New York: Atheneum; Toronto: Maxwell Macmillan Canada; New York/Oxford/Singapore/Sydney: Maxwell Macmillan International	1989	1994	LOC
IVO, Ledo	<i>Ninho de cobras</i>	<i>Snake's nest</i>	KRAPOHL, Kern	New York: New Directions Publishing Corporation	1973	1981	LOC
IVO, Ledo	<i>Ninho de cobras</i>	<i>Snake's nest</i>	KRAPOHL, Kern	London: Peter Owen	1973	1989	BL
JESUS, Carolina Maria de	<i>Quarto de despejo</i>	<i>Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus</i>	CLAIR, David St.	New York: E. P. Dutton; London: Souvenir Press	1960	1962	LOC HU
JESUS, Carolina Maria de	<i>Quarto de despejo</i>	<i>Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus</i>	CLAIR, David St.	New York: New American Library	1960	1962	BL GU

JESUS, Carolina Maria de	Quarto de despejo	Beyond all pity	CLAIR, David St.	1960	1962	BL
JESUS, Carolina Maria de	Quarto de despejo	<i>Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus</i>	CLAIR, David St.	1960	1963	GM
JESUS, Carolina Maria de	<i>Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada</i>	<i>I'm going to have a little house: the second diary of Carolina Maria de Jesus</i>	ARRINGTON JR. Melvin S. e LEVINE, Robert M.	1961	1997	LOC BL
JESUS, Carolina Maria de	<i>Diário de Bitita</i>	<i>Bitita's diary: the childhood memoirs of Carolina Maria de Jesus</i>	OLIVEIRA, Emanuelle e VINKLER, Beth Joan	1982	1998	LOC
JESUS, Carolina Maria de	<i>Meu estranho diário</i> – Editora Xamã	<i>The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus</i>	NARO, Nancy P.S. e MEHRTENS, Cristina	1996	1999	LOC BL
LIMA BARRETO	Clara dos Anjos. In: NUNES, Maria Luisa. <i>Lima Barreto: bibliography and translations</i>	<i>Clara dos Anjos</i>	FITZ, Earl	1904	1979	LOC BL
LIMA BARRETO	<i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	<i>The patriot</i>	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	1911	1978	LOC BL
LIMA BARRETO	Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. In: NUNES, Maria Luisa. <i>Lima Barreto: bibliography and translations</i>	<i>The life and death of M. J. Gonzaga de Sa</i>	DWYER, Rosa Veloso e DWYER, John P.	1919	1979	LOC BL

LINS, Osman	Nove, novena	<i>Nine, novena</i>	FRIZZI, Adria	Los Angeles, CA: Sun & Moon Press	1966	1995	LOC
LINS, Osman	Avalovara	<i>Avalovara</i>	RABASSA, Gregory	New York: Alfred A. Knopf	1973	1980	LOC UT
LINS, Osman	Avalovara	<i>Avalovara</i>	RABASSA, Gregory	Austin, TX: University of Texas Press	1973	1990	GU
LINS, Osman	<i>A rainha dos cárceres da Grécia</i>	<i>The queen of the prisons of Greece</i>	FRIZZI, Adria	Normal, IL: Dalkey Archive Press	1976	1995	LOC BL
LINS DO REGO, José	<i>Menino de engenho</i>	<i>Plantation boy</i>	BAUM, Emmi	New York: Alfred A. Knopf	1932	1966	LOC
LINS DO REGO, José	<i>Pureza</i>	<i>Pureza</i>	MARION, Lucie	London: Hutchinson International Authors	1937	1948	BL
LINS DO REGO, José	<i>Roteiro de Israel</i>	<i>Journey to Israel</i>	Edição bilingue Sem indicação do tradutor	Rio de Janeiro, RJ: Centro Cultural Brasil-Israel (Artes Gráficas Gomes de Sousa S/A)	1955	1955	BL
LISPECTOR, Clarice	<i>Perto do coração selvagem</i>	<i>Near to the wild heart</i>	PONTIERO, Giovanni	New York: New Directions Publishing Corporation; Manchester: Carcanet	1944	1990 1992	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	<i>Perto do coração selvagem</i>	<i>Near to the wild heart</i>	PONTIERO, Giovanni	Manchester: Carcanet Press Limited	1944	1990	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	<i>Laços de família</i>	<i>Family ties</i>	PONTIERO, Giovanni	Austin, TX: University of Texas Press	1960	1972 1990	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	<i>Laços de família</i>	<i>Family ties</i>	PONTIERO, Giovanni	Manchester: Carcanet Press Limited	1960	1985	BL
LISPECTOR, Clarice	<i>A maçã no escuro</i>	<i>The apple in the dark</i>	RABASSA, Gregory	New York: Alfred A. Knopf; Toronto: Random House of Canada Limited	1961	1967	UT

LISPECTOR, Clarice	A maçã no escuro	<i>The apple in the dark</i>	RABASSA, Gregory	London: Virago (Direitos autorais da Alfred A. Knopf, 1967)	1961	1967 1985	BL GU
LISPECTOR, Clarice	A maçã no escuro	<i>The apple in the dark</i>	RABASSA, Gregory	Austin, TX: University of Texas Press	1961	1986	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	A legião estrangeira	<i>The foreign legion</i>	PONTIERO, Giovanni	Manchester: Carcanet Press Limited	1964	1986	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	A legião estrangeira	<i>The foreign legion</i>	PONTIERO, Giovanni	New York: New Directions Publishing Corporation; Canada: Penguin Books Canada Limited	1964	1992	LOC
LISPECTOR, Clarice	A paixão segundo G. H.	<i>The passion according to G.H</i>	SOUSA, Ronald W.	Minneapolis, MN: University of Minnesota Press; Canada: Fitzhenry & Whiteside Limited	1964	1988	LOC
LISPECTOR, Clarice	Um aprendizado ou o livro dos prazeres	<i>An apprenticeship, or the book of delights</i>	MAZZARA, Richard A. e PARRIS, Lorri A.	Austin, TX: University of Texas Press	1969	1986	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	Água viva	<i>The stream of life</i>	LOWE, Elizabeth e FITZ, Earl	Minneapolis, MN: University of Minnesota Press	1973	1989	LOC
LISPECTOR, Clarice	A via crucis do corpo e Onde estivestes de noite	<i>Soulstorm: Stories by Clarice Lispector</i>	LEVITIN, Alexis	New York: New Directions Books; Canada: Penguin Books	1974	1989	LOC
LISPECTOR, Clarice	A hora da estrela	<i>The hour of the star</i>	PONTIERO, Giovanni	Manchester: Carcanet Press	1977	1986	LOC BL

LISPECTOR, Clarice	<i>A hora da estrela</i>	<i>The hour of the star</i>	PONTIERO, Giovanni	London: Paladin Books (com a Carcanet Press)	1977	1987	BL
LISPECTOR, Clarice	<i>A hora da estrela</i>	<i>The hour of the star</i>	PONTIERO, Giovanni	New York: New Directions	1977	1992	LOC
LISPECTOR, Clarice	<i>A descoberta do mundo</i>	<i>Discovering the world</i>	PONTIERO, Giovanni	Manchester: Carcanet Press	1984	1992	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	<i>A descoberta do mundo</i>	<i>Selected crônicas</i> (tirada de uma edição completa publicada no Reino Unido, <i>Discovering the world</i>)	PONTIERO, Giovanni	New York: New Directions Publishing Corporation; Canada: Penguin Books Canada Limited	1984	1996	LOC BL
LOBATO, Monteiro	<i>Urupês</i>	<i>Brazilian short stories – Little blue books #733; E. Haldeman-Julius (editor)</i>	GOLDBERG, Isaac	Girard, KS: Haldeman-Julius Company	1925	1925	LOC
LOUZEIRO, José	<i>Pixote: infância dos mortos</i>	<i>Childhood of the dead</i> (tradução da 5ª edição – somente em e-book)	BARROS, Ladyce Pompeo de	Raleigh, NC: Boson Books	1977	1995	GU
LUFF, Lya	<i>O quarto fechado</i>	<i>The island of the dead</i>	MCLENDON, Carmen Chaves e CRAIGE, Betty Jean	Athens/London: University of Georgia Press	1984	1986	LOC
LUFF, Lya	<i>Exílio</i>	<i>The red house</i>	PONTIERO, Giovanni	Manchester: Carcanet Press	1988	1994	LOC BL
MACHADO, Ana Maria	?	<i>How the leopard got his spots</i>	CALVI, Gian (ilustração)	London: Methuen Children's Books	[s.d.]	1984	BL

MACHADO, Ana Maria	Menina bonita do laço de fita	Nina Bonita (tradução de Nina bonita, publicada pela Ediciones Ekaré, Caracas, Venezuela, 1994)	IRIBARREN, Elena (traduzido do espanhol)	1986	1996	LOC
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	A mão e a luva	The hand and the glove	BAGBY JR, Albert I.	1874	1970	LOC BL UT
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Helena	Helena	CALDWELL, Helen	1876	1984	LOC BL UT
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Iaiá Garcia	Yayá Garcia	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	1878	1976	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Iaiá Garcia	Iaiá Garcia	BAGBY JR, Albert I.	1878	1977	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Memórias póstumas de Brás Cubas	Posthumous reminiscences of Brás Cubas	ELLIS, E. Percy	1880	1955	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Memórias póstumas de Brás Cubas	Epitaph of a small winner	GROSSMAN, William L.; FRISCH, Shari (desenho)	1880	1952	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Memórias póstumas de Brás Cubas	Epitaph of a small winner	GROSSMAN, William L.	1880	1953	UD BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Memórias póstumas de Brás Cubas	Epitaph of a small winner	GROSSMAN, William L.	1880	1968	BL

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Memórias póstumas de Brás Cubas	<i>Epitaph of a small winner</i>	GROSSMAN, William L.; FRISCH, Shari (desenho)	1880	1880	1985	UM BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Memórias póstumas de Brás Cubas	<i>Epitaph of a small winner</i>	GROSSMAN, William L.; FRISCH, Shari (desenho)	1880	1880	1990	GU
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Memórias póstumas de Brás Cubas	<i>Epitaph of a small winner</i>	GROSSMAN, William L.	1880	1880	1991	UoM BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Memórias póstumas de Brás Cubas	<i>Epitaph of a small winner</i>	GROSSMAN, William L.; FRISCH, Shari (desenhos)	1880	1880	1997	UC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Memórias póstumas de Brás Cubas	<i>The posthumous memoirs of Brás Cubas</i>	RABASSA, Gregory	1880	1880	1997	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Várias histórias	<i>The psychiatrist and other stories</i>	GROSSMAN, William L. e CALDWELL, Helen	-	-	1963 1966	LOC BL UT
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Várias histórias	<i>The psychiatrist and other stories</i>	GROSSMAN, William L. e CALDWELL, Helen	-	-	1963	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>O alienista</i>	<i>The alienist (em Conto e Teatro – Obra Completa, Vol. II. RJ: Ed. José Aguilar, 2ª ed, 1962, pp. 253-288.</i>	MAC ADAM, Alfred	1882	1882	1998	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Quincas Borba</i>	<i>Philosopher or dog?</i>	WILSON, Clotilde	1892	1892	1954 1992	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Quincas Borba</i>	<i>Philosopher or dog?</i>	WILSON, Clotilde	1892	1892	1992	BL

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Quincas Borba	<i>The heritage of Quincas Borba</i>	WILSON, Clotilde	London: W. H. Allen	1892	1954	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Quincas Borba	<i>Philosopher or dog?</i>	WILSON, Clotilde	London: Bloomsbury	1892	1997	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Quincas Borba	Quincas Borba	RABASSA, Gregory	New York/Oxford: Oxford University Press	1892	1998	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Dom Casmurro	Dom Casmurro	CALDWELL, Helen	New York: Noonday Press (Farrar, Straus & Giroux)	1900	1953 1991	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Dom Casmurro	Dom Casmurro	CALDWELL, Helen	London: W. H. Allen	1900	1953	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Dom Casmurro	Dom Casmurro	CALDWELL, Helen	Toronto: HarperCollins Canada Ltd	1900	1953	LOC
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Dom Casmurro	Dom Casmurro	CALDWELL, Helen	Berkeley/Los Angeles, CA: University of California Press (com permissão da Farrar, Straus & Giroux Inc.)	1900	1966	UT
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Dom Casmurro	Dom Casmurro (Lord Taciturn)	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	London: Peter Owen; Chester Springs, PA: Dufour Editions	1900	1992	BL GU UT
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Dom Casmurro	Dom Casmurro (Lord Taciturn)	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	London: Penguin Books	1900	1994	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Dom Casmurro	Dom Casmurro	GLEDSON, John	New York/Oxford: Oxford University Press	1900	1997	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Esau e Jacó	Esau and Jacob	CALDWELL, Helen	Berkeley/Los Angeles, CA: University of California Press	1904	1965 1966	LOC BL

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Esaú e Jacó</i>	<i>Esaú and Jacob</i>	CALDWELL, Helen	London: Peter Owen	1904	1965	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Memorial de Aires</i>	<i>Counselor Ayres' memorial</i>	CALDWELL, Helen	Berkeley/Los Angeles, CA/London: University of California Press	1908	1972	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Memorial de Aires</i>	<i>The wager: Aires' journal</i>	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	London/Chester Springs, PA: Peter Owen	1908	1990	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Um apólogo (conto)</i>	<i>What went on at the baroness'</i>	CALDWELL, Helen; LUNA, Dulcie (ilustração)	Santa Monica, CA: Magpie Press	1896	1963	LOC
MACHADO DE ASSIS e outros	Vários contos	<i>Brazilian tales</i>	GOLDBERG, Isaac	Boston, MA: Four Seas Company	-	1921	LOC
MACHADO DE ASSIS e outros	Vários contos	<i>Brazilian tales</i>	GOLDBERG, Isaac	London: George Allen & Unwin Ltd.	-	1924	UG BL
MACHADO DE ASSIS e outros	Vários contos	<i>Brazilian tales</i>	GOLDBERG, Isaac	Boston, MA: Four Seas Company	-	1965	GM
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Seleção de contos	<i>The devil's church and other stories</i>	SCHMITT, Jack e ISHIMATSU, Lorie	Austin, TX/London: University of Texas Press	-	1977	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Seleção de contos	<i>The devil's church and other stories</i>	SCHMITT, Jack e ISHIMATSU, Lorie	Manchester: Carcanet Press Ltd.* Informação na edição da Grafton	-	1985	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Seleção de contos	<i>The devil's church and other stories</i>	SCHMITT, Jack e ISHIMATSU, Lorie	London: Grafton Books (Collins Publishing Group)	-	1987	BL
MELO, Patrícia	<i>O matador</i>	<i>The killer</i>	LANDERS, Clifford E.	London: Bloomsbury	1995	1997	BL
MELO, Patrícia	<i>O matador</i>	<i>The killer</i>	LANDERS, Clifford E.	Hopewell, NJ: Ecco Press; Ontario: Penguin Books	1995	1997	LOC

MELO, Patricia	<i>Elogio da mentira</i>	<i>In praise of lies</i>	LANDERS, Clifford E.	New York/ London: Bloomsbury	1998	1999	AU BL
MIRANDA, Ana Maria	<i>Boca do inferno</i>	<i>Bay of all saints & every conceivable sin</i>	PONTIERO, Giovanni	New York: Viking (Penguin Books)	1989	1991	LOC
MIRANDA, Ana Maria	<i>Boca do inferno</i>	<i>Bay of all saints & every conceivable sin</i>	PONTIERO, Giovanni	London: Harvill	1989	1992	BL
MONTELLO, Josué	<i>Cais da sagração</i>	<i>Coronation quay</i>	HENDERSON, Myriam	London: Rex Collings (com Sel Editora-RJ)	1971	1975	LOC BL
MORAIS, Fernando	<i>Olga</i>	<i>Olga</i>	WATSON, Ellen	New York: Grove Weidentfeld	1985	1990	LOC
MORAIS, Fernando	<i>Olga</i>	<i>Olga</i>	WATSON, Ellen	London: Peter Halban Publishers	1987	1990	BL
MORAIS, Fernando	<i>Olga</i>	<i>Olga</i>	WATSON, Ellen	London: Sphere Books	1987	1991	BL
MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	New York: Farrar, Straus and Cudahy; Toronto: Ambassador Books	1942	1957	LOC
MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	London: Victor Gollancz Ltd	1942	1958	UM BL
MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	New York: Ecco Press	1942	1977	LOC BL GU
MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	London: Virago Press Ltd	1942	1981	BL
MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	New York: Ecco Press	1942	1991	JHU

MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	Canada/New York: Noonday Press	1942	1995	LOC
MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	New York: Noonday Press; Farrar, Straus and Giroux	1942	1997	LOC
MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	London: Bloomsbury	1942	1997	BL
NOLL, João Gilberto	<i>Hotel Atlântico</i>	<i>Hotel Atlântico</i>	TREECE, David	London: Boulevard	1989	1997	AU BL
OLINTO, Antônio	<i>A casa da água</i>	<i>The water house</i>	HEAPY, Dorothy	London: Rex Collings	1969	1970	LOC BL
OLINTO, Antônio	<i>A casa da água</i>	<i>The water house</i>	HEAPY, Dorothy	Walton-on-Thames: Thomas Nelson and Sons Ltd.	1969	1982	BL
OLINTO, Antônio	<i>A casa da água</i>	<i>The water house</i>	HEAPY, Dorothy	New York: Carroll & Graf Publishers, Inc	1969	1985	LOC BL
OLINTO, Antônio	<i>O rei de Keto</i>	<i>The king of Ketu</i>	CHAPPELL, Richard	London: Rex Collings	1980	1987	LOC BL
OLINTO, Antônio	<i>O trono de vidro</i>	<i>The glass throne</i>	CHAPPELL, Richard	London: Sel Press	1987	1995	EU
OLINTO, Antônio	<i>Os móveis da bailarina</i>	<i>The dancer's furniture</i>	BENNETT, Constance	Rio de Janeiro: Nórdica	1994	1994	DC UT
PAIVA, Marcelo Rubens	<i>Feliz ano velho</i>	<i>Happy old year</i>	GEORGE, David	Pittsburgh, PA: Latin American Literary Review Press	1982	1991	LOC
PENNA, Cornélio	<i>Fronteira</i>	<i>Threshold</i>	RIGGIO, Tona e RIGGIO, Edward A.	Philadelphia, PA: Franklin Publishing Company	1935	1975	LOC UT

PEREIRA, Antônio Olavo	Marcoré	Marcoré	HOWER, Alfred e SAUNDERS, John; CAVALCANTI, Newton (ilustração)	Austin, TX/London: University of Texas Press	1957	1970	LOC BL
PEREIRA DA SILVA, Antônio Joaquim	Manuel de Moraes	Manuel de Moraes	BURTON, Richard F. e BURTON, Isabel	New York: Howard Fertig	1866	1976	LOC BL
PIÑON, Néida	A república dos sonhos	The republic of dreams	LANE, Helen R.	New York: Alfred A. Knopf	1984	1989 1992	LOC UT
PIÑON, Néida	A república dos sonhos	The republic of dreams	LANE, Helen R.	Austin, TX: University of Texas Press	1984	1991	GU UT
PIÑON, Néida	A república dos sonhos	The republic of dreams	LANE, Helen R.	London: Picador	1984	1994	BL
PIÑON, Néida	A doce canção de Caetana	Caetana's sweet song	LANE, Helen R.	New York: Alfred A. Knopf (distribuído pela Random House)	1987	1992	GU UT
QUEIRÓS, Bartolomeu Campos	Ciganos	Gypsies (livreto)	[s.t.]	[s.l.]: [s.e.]	1982	[s.d.]	NU
QUEIRÓS, Bartolomeu Campos	Correspondência	Correspondence (livreto)	[s.t.]	[s.l.]: [s.e.]	1986	[s.d.]	NU
QUEIRÓS, Bartolomeu Campos	Índez	Nest egg	SPRINGER, Jane; GAVRIELATOS, Alina (desenho)	Vancouver/Toronto: Douglas & McIntyre	1988	1992	NU
QUEIRÓS, Bartolomeu Campos	Minerações	Minerations (livreto)	[s.t.]	[s.l.]: [s.e.]	1991	[s.d.]	NU
QUEIRÓS, Bartolomeu Campos	Por parte de pai	Patience street (livreto)	[s.t.]	[s.l.]: [s.e.]	1995	[s.d.]	IU

QUEIROZ, Bartolomeu Campos	<i>Ler, escrever e fazer conta de cabeça</i>	<i>To read, to write, to do mental calculations</i> (livreto)	[s.t.]	[s.l.]: [s.e.]	1996	[s.d.]	NU
QUEIROZ, Dinah Silveira de	<i>A muralha</i>	<i>The women of Brazil</i>	KING, Roberta	New York: Vantage Press	1954	1980	LOC BL
QUEIROZ, Dinah Silveira de	<i>Eu venho Memorial do Cristo</i>	<i>Christ's memorial</i>	PRADO, Isabel do	London: Sel Books	1974	1978	BL
QUEIROZ, Rachel de	<i>As três Marias</i>	<i>The three Marias</i>	ELLISON, Fred P.; MARTINS, Aldemir (ilustração)	Austin, TX: University of Texas Press	1939	1963	LOC
QUEIROZ, Rachel de	<i>As três Marias</i>	<i>The three Marias</i>	ELLISON, Fred P.; MARTINS, Aldemir (ilustração)	Austin, TX: University of Texas Press	1939	1985	BL GA
QUEIROZ, Rachel de	<i>Dora, Doralina</i>	<i>Dora, Doralina</i>	LOOS, Dorothy Scott	New York: Avon Books	1975	1984	UT
RAMOS, Graciliano	<i>São Bernardo</i>	<i>São Bernardo</i>	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	London: Peter Owen	1934	1975	LOC BL
RAMOS, Graciliano	<i>São Bernardo</i>	<i>São Bernardo</i>	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	New York: Taplinger Publishing Company	1934	1979	LOC
RAMOS, Graciliano	<i>Vidas secas</i>	<i>Barren lives</i>	DIMMICK, Ralph Edward; UMLAUF, Charles (ilustração)	Austin, TX: University of Texas Press	1938	1965	LOC
RAMOS, Graciliano	<i>Angústia</i>	<i>Anguish</i>	KAPLAN, Louis C.	New York: Alfred A. Knopf	1941	1946	LOC
RAMOS, Graciliano	<i>Angústia</i>	<i>Anguish</i>	KAPLAN, Louis C.	Westport, CT: Greenwood Press Publishers	1941	1972	LOC
RAMOS, Graciliano	<i>Infância</i>	<i>Childhood</i>	OLIVEIRA, Celso de	London: Peter Owen	1945	1979	LOC BL

RAWET, Samuel	Contos	<i>The prophet & other stories</i>	VIEIRA, Nelson H.	Albuquerque, NM: University of New Mexico Press	-	1998	LOC
RESENDE, Otto Lara	<i>O braço direito</i>	<i>The inspector of orphans</i>	CRAVINHO, Anne	London: Andre Deutsch	1963	1968	LOC BL
REY, Marcos	<i>Memórias de um gigolô</i>	<i>Memoirs of a gigolo</i>	LANDERS, Clifford E.	New York: Avon Books	1968	1987	LOC
RIBEIRO, Darcy	<i>Maira</i>	<i>Maira</i>	GOODLAND, E. H. e COLCHIE, Thomas	New York: Vintage Books (Random House)	1978	1984	LOC
RIBEIRO, Darcy	<i>Maira</i>	<i>Maira</i>	GOODLAND, E. H. e COLCHIE, Thomas	London: Edição Picador da Pan Books	1978	1985	BL
RIBEIRO, Edgard Telles	<i>Criado mudo</i>	<i>I would have loved him if I had not killed him</i>	NEVES, Margaret A.	New York: St. Martin's Press	1990	1994	LOC
RIBEIRO, João Ubaldo	<i>Sargento Getúlio</i>	<i>Sergeant Getúlio</i>	RIBEIRO, João Ubaldo	Boston, MA: Houghton Mifflin Company	1977	1978	LOC
RIBEIRO, João Ubaldo	<i>Sargento Getúlio</i>	<i>Sergeant Getúlio</i>	RIBEIRO, João Ubaldo	London: André Deutsch Ltd.	1977	1980 1994	BL
RIBEIRO, João Ubaldo	<i>Sargento Getúlio</i>	<i>Sergeant Getúlio</i>	RIBEIRO, João Ubaldo	London: Faber & Faber	1977	1986	BL
RIBEIRO, João Ubaldo	<i>Viva o povo brasileiro</i>	<i>An invincible memory</i>	RIBEIRO, João Ubaldo	New York: Harper & Row, Publishers; Toronto: Fitzhenry & Whiteside Ltd.	1984	1989	LOC
RIBEIRO, João Ubaldo	<i>Viva o povo brasileiro</i>	<i>An invincible memory</i>	RIBEIRO, João Ubaldo	London: Faber & Faber	1984	1989 1991	BL

RIBEIRO, João Ubaldo	O sorriso do lagarto	<i>The lizard's smile</i>	LANDERS, Clifford E.	New York: Atheneum; Toronto: Maxwell Macmillan Canada; New York: Maxwell Macmillan International	1989	1994	LOC
RIBEIRO, João Ubaldo	O sorriso do lagarto	<i>The lizard's smile</i>	LANDERS, Clifford E.	London: André Deutsch Limited	1989	1995	BL
RIBEIRO, Stella Cair	O homem do Sambaqui	Sambaqui: a novel of pre-history	HEUVEL, Claudia Van der	New York: Avon Books	1975	1987	BU
ROCHA, Ruth	Azul e lindo: planeta Terra, nossa casa	<i>Blue and beautiful: planet Earth, our home</i>	ROCHA, Ruth e ROTH, Otavio	United Nations Publications	1990	1990	LOC BL
RORIZ, Aydano	Os diamantes não são eternos	<i>Diamonds are forgiving</i>	ALMEIDA, Candida L. Alves de	Sisterville, WV/ New York: Prospect Press	1956	1999	TCNJ
RUBIÃO, Murilo	Os dragões e outros contos	<i>The ex-magician and other stories</i>	COLCHIE, Thomas	New York: Harper & Row, Publishers; Toronto: Fitzhenry & Whiteside Limited	1965	1979	LOC
SABINO, Fernando	Encontro marcado	<i>A time to meet</i>	PROCTER, John	London: Souvenir Press; Toronto: Ryerson Press	1956	1967	LOC BL
SABINO, Fernando	Encontro marcado	<i>A time to meet</i>	PROCTER, John	London: Panther	1956	1968	BL
SALES, Herberto	O lobisomem e outros contos folclóricos	<i>The werewolf</i>	GODDARD, Richard	London: Rex Collings	1970	1978	LOC BL
SALES, Herberto	O fruto do vosso ventre	<i>The fruit of thy womb</i>	FODY, III, Michael	London: Wyvern	1976	1982	BL GU
SANTIAGO, Síviano	Stella Manhattan	<i>Stella Manhattan</i>	YÚDICE, George	Durham, NC/ London: Duke University Press	1985	1994	BL GU

SARNEY, José	Norte das águas	<i>Tales of rain and sunlight</i>	HALLAM, Vera	London: Wyvern-Sel	1969	1986	LOC
SCLIAR, Moacyr	A guerra no Bom Fim	<i>The one-man army</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books	1972	1986	UM
SCLIAR, Moacyr	O carnaval dos animais	<i>The carnival of the animals</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books (Random House); Toronto: Random House of Canada	1976	1986	UM
SCLIAR, Moacyr	A balada do falso messias	<i>The ballad of the false Messiah</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books (Random House); Toronto: Random House of Canada	1976	1987	LOC
SCLIAR, Moacyr	Os deuses de Raquel	<i>The gods of Raquel</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books (Random House); Toronto: Random House of Canada	1978	1986	LOC
SCLIAR, Moacyr	Os voluntários	<i>The volunteers</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books (Random House); Toronto: Random House of Canada	1980	1988	LOC
SCLIAR, Moacyr	O centauro no jardim	<i>The centaur in the garden</i>	NEVES, Margaret A.	New York: Ballantine Books (Random House); Toronto: Random House of Canada	1980	1984	UT CU
SCLIAR, Moacyr	Max e os felinos	<i>Max and the cats</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books (Random House); Toronto: Random House of Canada	1981	1990	LOC
SCLIAR, Moacyr	A estranha nação de Rafael Mendes	<i>The strange nation of Rafael Mendes</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Harmony Books	1986	1987	LOC
SCLIAR, Moacyr	O olho enigmático	<i>The enigmatic eye</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books (Random House); Toronto: Random House of Canada	1986	1989	LOC

SCLIAR, Moacyr	Várias histórias	<i>The collected stories of Moacyr Scliar</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	Albuquerque: University of New Mexico Press	1999	1999	LOC
SENA, Jorge de	Seleção de contos	<i>By the rivers of Babylon</i>	PATAI, Daphne; COUGHLIN, Edward V.; JACKSON, Kenneth D.; WILLIAMS, Frederick G.; RICHMOND, Carolyn; PATAI, Daphne (editora)	New Brunswick, NJ/ London: Rutgers University Press	-	1989	LOC BL
SENA, Jorge de	Seleção de contos	<i>By the rivers of Babylon</i>	PATAI, Daphne; COUGHLIN, Edward V.; JACKSON, Kenneth D.; WILLIAMS, Frederick G.; RICHMOND, Carolyn; PATAI, Daphne (editora)	Edinburgh: Polygon	-	1989	BL
SETÚBAL, Paulo	<i>A marquesa de Santos</i>	<i>Domitila</i>	Traduzido e adaptado por RICHARDSON, Margaret	New York: Coward-McCann, Inc.	1925?	1930	LOC
SOARES, Jô	<i>Xangô de Baker Street</i>	<i>A samba for Sherlock</i>	LANDERS, Clifford E.	New York: Pantheon Books	1995	1997	LOC
SOUZA, Márcio	<i>Galvez, imperador do Acre</i>	<i>The emperor of the Amazon</i>	COLCHIE, Thomas	New York: Avon Books	1977	1980	LOC
SOUZA, Márcio	<i>Galvez, imperador do Acre</i>	<i>The emperor of the Amazon</i>	COLCHIE, Thomas	London : Abacus	1977	1982	BL
SOUZA, Márcio	<i>Mad Maria</i>	<i>Mad Maria</i>	COLCHIE, Thomas	New York: Avon Books	1980	1985	LOC
SOUZA, Márcio	<i>A ordem do dia</i>	<i>The order of the day: an unidentified flying opus</i>	COLCHIE, Thomas	New York: Avon Books	1983	1986	LOC
SOUZA, Márcio	<i>A condolência</i>	<i>Death squeeze</i>	WATSON, Ellen	New York: Avon Books	1984	1992	LOC

SOUZA, Márcio	<i>O fim do terceiro mundo</i>	<i>Lost world II: the end of the Third World</i>	SANTAMARIA, Lana	New York: Avon Books	1990	1993	LOC
STEEN, Edla van	<i>Corações mordidos</i>	<i>Village of the ghost bells</i>	GEORGE, David	Austin, TX: University of Texas Press	1983	1991	LOC
STEEN, Edla van	<i>Madrugada</i>	<i>Early mourning</i>	GEORGE, David	Pittsburgh, PA: Latin American Literary Review Press	1992	1997	LOC
STEEN, Edla van	Seleção de histórias	<i>A bag of stories</i>	GEORGE, David	Pittsburgh, PA: Latin American Literary Review Press	-	1991	LOC BL
TAUNAY, Visconde de	<i>Inocência</i>	<i>Inocência</i>	CHAMBERLAIN, Henriqueta	New York: The Macmillan Company	1872	1945	LOC
TELLES, Lygia Fagundes	<i>Ciranda de pedra</i>	<i>The marble dance</i>	NEVES, Margaret A.	New York: Avon Books	1954	1986	LOC
TELLES, Lygia Fagundes	<i>As meninas</i>	<i>The girl in the photograph</i>	NEVES, Margaret A.	New York: Avon Books	1973	1982	LOC
TELLES, Lygia Fagundes	<i>Seminário dos ratos</i>	<i>Tigrela and other stories</i>	NEVES, Margaret A.	New York: Avon Books	1977	1986	LOC
TORRES, Antonio	<i>Essa terra</i>	<i>The land</i>	NEVES, Margaret A.	London/New York: Readers International	1976	1987	BL GU
TORRES, Antonio	<i>Balada da infância perdida</i>	<i>Blues for a lost childhood</i>	PARKER, John M.	Columbia, LA: Readers International Inc; London: Readers International	1986	1989	LOC BL
TREVISAN, Dalton	<i>Novelas nada exemplares, Cemitério de Elefantes, O vampiro de Curitiba e A Guerra Conjugal</i>	<i>The vampire of Curitiba and other stories</i>	RABASSA, Gregory	New York: Alfred A. Knopf	-	1972	LOC

VASCONCELOS, José Mauro de	O meu pé de laranja lima	My sweet-orange tree	MILLER, JR, Edgar H.; BOZZO, Frank (ilustração)	New York: Alfred A. Knopf; Toronto: Random House of Canada Limited	1969	1970	LOC
VASCONCELOS, José Mauro de	Meu pé de laranja lima	My sweet-orange tree	MILLER, JR, Edgar H.; BOZZO, Frank (ilustração)	London: Michael Joseph Ltd.	1968	1971	PU BL
VASCONCELOS, José Mauro de	Meu pé de laranja lima	My sweet-orange tree	MILLER, JR, Edgar H.	London: Hutchinson	1968	1983	BL
VEIGA, José J.	A hora dos ruminantes	The three trials of Manirema	BIRD, Pamela G.	New York: Alfred A. Knopf	1966	1970	LOC
VEIGA, José J.	A hora dos ruminantes	The three trials of Manirema	BIRD, Pamela G.	London: Peter Owen	1966	1979	BL GU
VEIGA, José J.	A máquina extraviada	The misplaced machine and other stories	BIRD, Pamela G.	New York: Alfred A. Knopf	1968	1970	LOC
VERISSIMO, Erico	Caminhos cruzados	Crossroads	KAPLAN, Louis C.	New York: Macmillan Company	1935	1943	LOC
VERISSIMO, Erico	Caminhos cruzados	Crossroads and destinies	KAPLAN, Louis C.	London: Arco Publishers Limited	1935	1956	UK BL
VERISSIMO, Erico	Caminhos cruzados	Crossroads	KAPLAN, Louis C.	New York: Greenwood Press, Publishers	1935	1969	LOC
VERISSIMO, Erico	Olhai os lírios do campo	Consider the lilies of the field	KARNOFF, Jean Neel	New York: Macmillan Company	1938	1947	LOC
VERISSIMO, Erico	Olhai os lírios do campo	Consider the lilies of the field	KARNOFF, Jean Neel	New York: Greenwood Press, Publishers	1938	1969	LOC
VERISSIMO, Erico	O resto é silêncio	The rest is silence	KAPLAN, Louis C.	New York: Macmillan Company	1943	1946	LOC

VERISSIMO, Erico	<i>O resto é silêncio</i>	<i>The rest is silence</i>	KAPLAN, Louis C.	London: Arco Publishers Limited	1943	1956	BL
VERISSIMO, Erico	<i>O resto é silêncio</i>	<i>The rest is silence</i>	KAPLAN, Louis C.	New York: Greenwood Press, Publishers	1943	1969	LOC
VERISSIMO, Erico	<i>O tempo e o vento</i>	<i>Time and the wind</i>	BARRETT, Linton Lomas	New York: Macmillan Company	1949 1951 1961	1951	LOC
VERISSIMO, Erico	<i>O tempo e o vento</i>	<i>Time and the wind</i>	BARRETT, Linton Lomas	New York: Greenwood Press, Publishers	1949 1951 1961	1951	LOC
VERISSIMO, Erico	<i>O tempo e o vento</i>	<i>Time and the wind</i>	BARRETT, Linton Lomas	London: Arco Publishers Limited	1949 1951 1961	1954	BL
VERISSIMO, Erico	<i>Noite</i>	<i>Night</i>	BARRETT, Linton Lomas	London: Arco Publishers Limited	1954	1956	BL
VERISSIMO, Erico	<i>Noite</i>	<i>Night</i>	BARRETT, Linton Lomas	New York: Macmillan Company	1954	1956	LOC
VERISSIMO, Erico	<i>Noite</i>	<i>Evil in the night</i>	BARRETT, Linton Lomas	New York: Fawcett Publications, Inc.	1954	1957	UMW
VERISSIMO, Erico	<i>México</i>	<i>Mexico</i>	BARRETT, Linton Lomas	New York: Orion Press	1957	1960	LOC
VERISSIMO, Erico	<i>México</i>	<i>Mexico</i>	BARRETT, Linton Lomas	London: Macdonald	1957	1960	BL GU
VERISSIMO, Erico	<i>O senhor embaixador</i>	<i>His excellency, the ambassador</i>	BARRETT, Linton Lomas e BARRETT, Marie McDavid	New York: MacMillan Company; London: Collier-MacMillan Limited	1965	1967	LOC

VERISSIMO, Luis Fernando	Seleção do jomal bits and pieces	<i>Bits and pieces</i>	DUARTE, Ana Beatriz Davi Borges	Porto Alegre: Rocco	-	1970	LOC
ZIRALDO	<i>O menino maluquinho</i>	<i>The nutty nutty boy</i> (mimeog.)	[s.t.]	[s.l.]: [s.e.]	1980	[s.d.]	UC

Fonte: elaborado pela autora com base na LOC – Library of Congress, BL – British Library, UT – University of Texas, AU – American University, AUB – Auburn University, BU – Bellevue University Library, CU – The Catholic University of America, DC – Dickinson College Library, EU – Essex University, GA – Gallaudet University, GM – George Mason University, GU – Georgetown University, HU – Howard University, IU – Indiana University, JHU – Johns Hopkins University, MC – Middlebury College, MU – Marymount University, NU – Northwestern University, PU – Pacific University, TCNJ – The College of New Jersey, UC – University of California, UD – University of Delaware, UG – University of Georgia, UK – University of Kansas, ULM – University Library of Manchester, UM – University of Maryland, UMI – University of Miami, UMW – University of Mary Washington, UNC – University of North Carolina, UoM – University of Melbourne – Australia, UT – University of Texas, UTE – University of Tennessee, UU – University of Utah, VPI – Virginia Polytechnic Institute & State University e VU – Vanderbilt University.

Quadro 3 – Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1920

Autor	Título em português	Título em inglês	Tradutor	Editora	Pub. port.	Pub. trad.	Bibl.
ALENCAR, José de	<i>Iracema</i>	<i>Iracema (a legend of Ceará)</i>	BIDDELL, Norman	Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa	1865	1921	JHU BL
AZEVEDO, Aluísio	<i>O cortiço</i>	<i>A Brazilian tenement</i>	BROWN, Harry W.	New York: Robert M. McBride	1890	1926	LOC
AZEVEDO, Aluísio	<i>O cortiço</i>	<i>A Brazilian tenement</i>	BROWN, Harry W.	London: Cassel and Company, Ltd.	1890	1928	BL
BARROSO, Gustavo	<i>Mapirunga</i>	<i>Mapirunga</i>	GRAHAM, R. B. Cunninghame	London: WM. Heinemann Limited	1924	1924	BL VU
GRAÇA ARANHA, José Pereira da	<i>Canaã</i>	<i>Canaan</i>	LORENTE, Mariano Joaquin	Boston: The Four Seas Company	1902	1920	LOC BL
GRAÇA ARANHA, José Pereira da	<i>Canaã</i>	<i>Canaan</i>	LORENTE, Mariano Joaquin	London: George Allen & Unwin, Ltd.	1902	1921	BL
LOBATO, Monteiro	<i>Urupês</i>	<i>Brazilian short stories – Little blue books #733; E. Haldeman-Julius (editor)</i>	GOLDBERG, Isaac	Girard, KS: Haldeman-Julius Company	1925	1925	LOC
MACHADO DE ASSIS e outros	Vários contos	<i>Brazilian tales</i>	GOLDBERG, Isaac	London: George Allen & Unwin Ltd.	-	1924	UG BL

Fonte: elaborado pela autora com base na Library of Congress, British Library, Washington Research Library Consortium e Georgetown Interlibrary Loan.

Quadro 4 – Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1930

Autor	Título em português	Título em inglês	Tradutor	Editora	Pub. port.	Pub. trad.	Bibl.
ANDRADE, Mário de	<i>Amar, verbo intransitivo</i>	<i>Fräulein</i>	HOLLINGSWORTH, Margaret Richardson	New York: Macaulay Company	1927	1933	LOC
EDMUNDO, Luiz	<i>O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis (1763-1808)</i>	<i>Rio in the time of the Viceroy</i>	MOMSEN, Dorothea H.	Rio de Janeiro: J. R. de Oliveira & Cia.	1932	1936	GU
SETÚBAL, Paulo	<i>A marquesa de Santos</i>	<i>Domitila</i>	Traduzido e adaptado por RICHARDSON, Margaret	New York: Coward-McCann, Inc.	1925?	1930	LOC

Fonte: elaborado pela autora com base na Library of Congress, British Library, Washington Research Library Consortium e Georgetown Interlibrary Loan.

Quadro 5 – Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1940

Autor	Título em português	Título em inglês	Tradutor	Editora	Pub. port.	Pub. trad.	Bibl.
AMADO, Jorge	<i>Terras do sem fim</i>	<i>The violent land</i>	PUTNAM, Samuel	New York: Alfred A. Knopf	1943	1945 1965	LOC
CARNEIRO, Cecílio	<i>A fogueira</i>	<i>The bonfire</i>	POORE, Dudley	New York/Toronto: Farrar and Rinehart Inc.	1942	1944	LOC
CARNEIRO, Cecílio	<i>A fogueira</i>	<i>The bonfire</i>	POORE, Dudley	London: Cassel and Company Ltd.	1942	1948	BL
CRULS, Gastão	<i>A Amazonia misteriosa</i>	<i>The mysterious Amazonia</i>	SADLER, Joseph Thomas Wilson	Rio de Janeiro: Livraria- editora Zelio Valverde	1925	1944	AUB
CUNHA, Euclides da	<i>Os sertões</i>	<i>Rebellion in the backlands</i>	PUTNAM, Samuel	Chicago, IL: University of Chicago Press	1902	1944	LOC BL
CUNHA, Euclides da	<i>Os sertões</i>	<i>Revolt in the backlands</i> (Uma versão abreviada de <i>Rebellion in the Backlands</i>)	PUTNAM, Samuel	London: Victor Gollancz, Ltd.	1902	1947	BL
LINS DO REGO, José	<i>Pureza</i>	<i>Pureza</i>	MARION, Lucie	London: Hutchinson International Authors	1937	1948	BL
RAMOS, Graciliano	<i>Angústia</i>	<i>Anguish</i>	KAPLAN, Louis C.	New York: Alfred A. Knopf	1941	1946	LOC
TAUNAY, Visconde de	<i>Inocência</i>	<i>Inocência</i>	CHAMBERLAIN, Henriqueta	New York: The Macmillan Company	1872	1945	LOC
VERISSIMO, Erico	<i>Caminhos cruzados</i>	<i>Crossroads</i>	KAPLAN, Louis C.	New York: Macmillan Company	1935	1943	LOC

VERISSIMO, Erico	<i>Olhai os lírios do campo</i>	<i>Consider the lilies of the field</i>	KARNOFF, Jean Neel	New York: Macmillan Company	1938	1947	LOC
VERISSIMO, Erico	<i>O resto é silêncio</i>	<i>The rest is silence</i>	KAPLAN, Louis C.	New York: Macmillan Company	1943	1946	LOC

Fonte: elaborado pela autora com base na Library of Congress, British Library, Washington Research Library Consortium e Georgetown Interlibrary Loan.

Quadro 6 – Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1950

Autor	Título em português	Título em inglês	Tradutor	Editora	Pub. port.	Pub. trad.	Bibl.
ALMEIDA, Manuel Antônio de	<i>Memórias de um sargento de milícias</i>	<i>Memoirs of a militia sergeant</i>	BARRETT, Linton Lomas; CARTER, Henry Hare (revisor)	Washington DC: Pan American Union	1854 1855	1959	LOC BL
CORÇÃO, Gustavo	<i>A descoberta do outro</i>	<i>My neighbour as myself</i>	WILSON, Clotilde	London/New York, Toronto: Longmans, Green and Co	1944	1957	LOC BL
CUNHA, Euclides da	<i>Os sertões</i>	<i>Rebellion in the backlands</i>	PUTNAM, Samuel	Chicago, IL: University of Chicago Press; London: Cambridge University Press	1902	1957	BL GU
LINS DO REGO, José	<i>Roteiro de Israel</i>	<i>Journey to Israel</i>	Edição bilingue Sem indicação do tradutor	Rio de Janeiro, RJ: Centro Cultural Brasil-Israel (Artes Gráficas Gomes de Sousa S/A)	1955	1955	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	<i>Posthumous reminiscences of Brás Cubas</i>	ELLIS, E. Percy	Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro	1880	1955	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	<i>Epitaph of a small winner</i>	GROSSMAN, William L.; FRISCH, Shari (desenho)	New York: Noonday Press	1880	1952	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	<i>Epitaph of a small winner</i>	GROSSMAN, William L.	London: W. H. Allen	1880	1953	UD BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Quincas Borba</i>	<i>Philosopher or dog?</i>	WILSON, Clotilde	New York: Noonday Press (Farrar, Straus & Giroux)	1892	1954 1992	LOC BL

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Quincas Borba	<i>The heritage of Quincas Borba</i>	WILSON, Clotilde	London: W. H. Allen	1892	1954	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Dom Casmurro</i>	<i>Dom Casmurro</i>	CALDWELL, Helen	New York: Noonday Press (Farrar, Straus & Giroux)	1900	1953 1991	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Dom Casmurro</i>	<i>Dom Casmurro</i>	CALDWELL, Helen	London: W. H. Allen	1900	1953	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Dom Casmurro</i>	<i>Dom Casmurro</i>	CALDWELL, Helen	Toronto: HarperCollins/Canada Ltd	1900	1953	LOC
MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	New York: Farrar, Straus and Cudahy; Toronto: Ambassador Books	1942	1957	LOC
MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	London: Victor Gollancz Ltd	1942	1958	UM BL
VERISSIMO, Erico	<i>Caminhos cruzados</i>	<i>Crossroads and destinies</i>	KAPLAN, Louis C.	London: Arco Publishers Limited	1935	1956	UK BL
VERISSIMO, Erico	<i>O resto é silêncio</i>	<i>The rest is silence</i>	KAPLAN, Louis C.	London: Arco Publishers Limited	1943	1956	BL
VERISSIMO, Erico	<i>O tempo e o vento</i>	<i>Time and the wind</i>	BARRETT, Linton Lomas	New York: Macmillan Company	1949 1951 1961	1951	LOC
VERISSIMO, Erico	<i>O tempo e o vento</i>	<i>Time and the wind</i>	BARRETT, Linton Lomas	New York: Greenwood Press, Publishers	1949 1951 1961	1951	LOC
VERISSIMO, Erico	<i>O tempo e o vento</i>	<i>Time and the wind</i>	BARRETT, Linton Lomas	London: Arco Publishers Limited	1949 1951 1961	1954	BL

VERISSIMO, Érico	Noite	Night	BARRETT, Linton Lomas	London: Arco Publishers Limited	1954	1956	BL
VERISSIMO, Érico	Noite	Night	BARRETT, Linton Lomas	New York: Macmillan Company	1954	1956	LOC
VERISSIMO, Érico	Noite	<i>Evil in the night</i>	BARRETT, Linton Lomas	New York: Fawcett Publications, Inc.	1954	1957	UMW

Fonte: elaborado pela autora com base na Library of Congress, British Library, Washington Research Library Consortium e Georgetown Interlibrary Loan

Quadro 7 – Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1960

Autor	Título em português	Título em inglês	Tradutor	Editora	Pub. port.	Pub. trad.	Bibl.
ADONIAS Filho	<i>Memórias de Lázaro</i>	<i>Memories of Lazarus</i>	ELLISON, Fred P.; BIANCO, Enrico (desenho)	Austin, TX/London: University of Texas Press	1952	1969	LOC BL
AMADO, Jorge	<i>Terras do sem fim</i>	<i>The violent land</i>	PUTNAM, Samuel	New York: Alfred A. Knopf	1943	1945 1965	LOC
AMADO, Jorge	<i>Gabriela, cravo e canela</i>	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i>	TAYLOR, James L. e GROSSMAN, William L.	New York: Alfred A. Knopf	1958	1962	LOC BL
AMADO, Jorge	<i>Gabriela, cravo e canela</i>	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i>	TAYLOR, James L. e GROSSMAN, William L.	London: Chatto & Windus (direitos da tradução – Alfred A. Knopf, 1962)	1958	1963	JHU
AMADO, Jorge	<i>A morte e a morte de Quincas Berro Dáguas</i>	<i>The two deaths of Quincas Waterpell</i>	SHELBY, Barbara; ANTONUCCI, Emil (ilustração)	New York: Alfred A. Knopf	1961	1965	LOC BL
AMADO, Jorge	<i>Os velhos marinheiros</i>	<i>Home is the sailor</i>	ONÍS, Harriet de	New York: Alfred A. Knopf	1961	1964	LOC
AMADO, Jorge	<i>Os velhos marinheiros</i>	<i>Home is the sailor</i>	ONÍS, Harriet de	London: Chatto & Windus	1961	1964	BL
AMADO, Jorge	<i>Os pastores da noite</i>	<i>The shepherds of the night</i>	ONÍS, Harriet de	New York: Alfred A. Knopf	1964	1967	LOC
AMADO, Jorge	<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	<i>Dona Flor and her two husbands</i>	ONÍS, Harriet de	New York: Alfred A. Knopf	1966	1969	LOC
CORÇÃO, Gustavo	<i>Lições de abismo</i>	<i>Who if I cry out</i>	WILSON, Clotilde	Austin, TX/London: University of Texas Press	1950	1967	LOC BL

CUNHA, Euclides da	Os sertões	Rebellion in the backlands	PUTNAM, Samuel	Chicago, IL: University of Chicago Press; London: Cambridge University Press	1902	1967	UM
DOURADO, Autran	Uma vida em segredo	A hidden life	MILLEN, JR, Edgar H.	New York: Alfred A. Knopf	1964	1969	LOC
FREYRE, Gilberto	Dona Sinhá e o filho padre	Mother and son	SHELBY, Barbara	New York: Alfred A. Knopf; Toronto: Random House of Canada Limited	1964	1967	LOC
GUIMARÃES ROSA, João	Sagarana	Sagarana	ONÍS, Harriet de	New York: Alfred A. Knopf	1946	1966	LOC
GUIMARÃES ROSA, João	Grande sertão: veredas	The devil to pay in the Backlands	TAYLOR, James L. e ONÍS, Harriet de	New York: Alfred A. Knopf	1956	1963	LOC
GUIMARÃES ROSA, João	Primeiras estórias	The third bank of the river and other stories	SHELBY, Barbara	New York: Alfred A. Knopf	1962	1968	LOC BL
JESUS, Carolina Maria de	Quarto de despejo	Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus	CLAIR, David St.	New York: E. P. Dutton; London: Souvenir Press	1960	1962	LOC HU
JESUS, Carolina Maria de	Quarto de despejo	Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus	CLAIR, David St.	New York: New American Library	1960	1962	BL GU
JESUS, Carolina Maria de	Quarto de despejo	Beyond all pity	CLAIR, David St.	London: Souvenir Press	1960	1962	BL
JESUS, Carolina Maria de	Quarto de despejo	Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus	CLAIR, David St.	New York: Penguin	1960	1963	GM
LINS DO REGO, José	Menino de engenho	Plantation boy	BAUM, Emmi	New York: Alfred A. Knopf	1932	1966	LOC

LISPECTOR, Clarice	A maçã no escuro	<i>The apple in the dark</i>	RABASSA, Gregory	New York: Alfred A. Knopf; Toronto: Random House of Canada Limited	1961	1967	UT
LISPECTOR, Clarice	A maçã no escuro	<i>The apple in the dark</i>	RABASSA, Gregory	London: Virago (Direitos autorais da Alfred A. Knopf, 1967)	1961	1967 1985	BL GU
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	<i>Epitaph of a small winner</i>	GROSSMAN, William L.	London: Penguin Books	1880	1968	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Várias histórias	<i>The psychiatrist and other stories</i>	GROSSMAN, William L. e CALDWELL, Helen	Berkeley, CA: University of California Press	-	1963 1966	LOC BL UT
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Várias histórias	<i>The psychiatrist and other stories</i>	GROSSMAN, William L. e CALDWELL, Helen	London: Peter Owen	-	1963	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Dom Casmurro</i>	<i>Dom Casmurro</i>	CALDWELL, Helen	Berkeley/Los Angeles, CA: University of California Press (com permissão da Farrar, Straus & Giroux Inc.)	1900	1966	UT
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Esaú e Jacó</i>	<i>Esaú and Jacob</i>	CALDWELL, Helen	Berkeley/Los Angeles, CA: University of California Press	1904	1965 1966	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Esaú e Jacó</i>	<i>Esaú and Jacob</i>	CALDWELL, Helen	London: Peter Owen	1904	1965	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Um apólogo (conto)</i>	<i>What went on at the baroness'</i>	CALDWELL, Helen; LUNA, Dulcie (ilustração)	Santa Monica, CA: Maggie Press	1896	1963	LOC
MACHADO DE ASSIS e outros	Vários contos	<i>Brazilian tales</i>	GOLDBERG, Isaac	Boston, MA: Four Seas Company	-	1965	GM

QUEIROZ, Rachel de	As três Marias	The three Marias	ELLISON, Fred P.; MARTINS, Aldemir (ilustração)	Austin, TX: University of Texas Press	1939	1963	LOC
RAMOS, Graçiliano	Vidas secas	Barren lives	DIMMICK, Ralph Edward; UMLAUF, Charles (ilustração)	Austin, TX: University of Texas Press	1938	1965	LOC
RESENDE, Otto Lara	O braço direito	The inspector of orphans	CRAVINHO, Anne	London: Andre Deutsch	1963	1968	LOC BL
SABINO, Fernando	Encontro marcado	A time to meet	PROCTER, John	London: Souvenir Press; Toronto: Ryerson Press	1956	1967	LOC BL
SABINO, Fernando	Encontro marcado	A time to meet	PROCTER, John	London: Panther	1956	1968	BL
VERISSIMO, Érico	Caminhos cruzados	Crossroads	KAPLAN, Louis C.	New York: Greenwood Press, Publishers	1935	1969	LOC
VERISSIMO, Érico	Olhai os lírios do campo	Consider the lilies of the field	KARNOFF, Jean Neel	New York: Greenwood Press, Publishers	1938	1969	LOC
VERISSIMO, Érico	O resto é silêncio	The rest is silence	KAPLAN, Louis C.	New York: Greenwood Press, Publishers	1943	1969	LOC
VERISSIMO, Érico	México	México	BARRETT, Linton Lomas	New York: Orion Press	1957	1960	LOC
VERISSIMO, Érico	México	México	BARRETT, Linton Lomas	London: Macdonald	1957	1960	BL GU
VERISSIMO, Érico	O senhor embaixador	His excellency, the ambassador	BARRETT, Linton Lomas e BARRETT, Marie McDavid	New York: MacMillan Company; London: Collier-MacMillan	1965	1967	LOC

Fonte: elaborado pela autora com base na Library of Congress, British Library, Washington Research Library Consortium e Georgetown Interlibrary Loan.

Quadro 8 – Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1970

Autor	Título em português	Título em inglês	Tradutor	Editora	Pub. port.	Pub. trad.	Bibl.
ALENCAR, José de	<i>Iracema</i>	<i>Iraçema: the honey-lips (a legend of Brazil)</i>	BURTON, Isabel	New York: Howard Fertig	1865	1976	LOC BL
ALMEIDA, José Américo de	<i>A bagaceira</i>	<i>Trash</i>	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	London: Peter Owen Publishers	1928	1978	LOC BL
AMADO, Jorge	<i>Gabriela, cravo e canela</i>	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i>	TAYLOR, James L. e GROSSMAN, William L.	New York: Avon Books	1958	1978	AU
AMADO, Jorge	<i>Os velhos marinheiros</i>	<i>Home is the sailor</i>	ONÍS, Harriet de	New York: Avon Books	1961	1979	UT
AMADO, Jorge	<i>Os pastores da noite</i>	<i>The shepherds of the night</i>	ONÍS, Harriet de	New York: Avon Books	1964	1978	UT
AMADO, Jorge	<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	<i>Dona Flor and her two husbands</i>	ONÍS, Harriet de	London: Weidenfeld & Nicolson	1966	1970	MC BL
AMADO, Jorge	<i>Tenda dos milagres</i>	<i>Tent of miracles</i>	SHELBY, Barbara	New York: Alfred A. Knopf	1969	1971	LOC
AMADO, Jorge	<i>Tenda dos milagres</i>	<i>Tent of miracles</i>	SHELBY, Barbara	New York: Avon Books	1969	1978 1988	BL GM
AMADO, Jorge	<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	<i>Tereza Batista</i>	SHELBY, Barbara	New York: Alfred A. Knopf	1972	1975 1982	LOC
AMADO, Jorge	<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	<i>Tereza Batista</i>	SHELBY, Barbara	New York: Avon Books	1972	1977 1988	VPI
AMADO, Jorge	<i>Tieta do agreste, pastora de cabras</i>	<i>Tieta</i>	SHELBY, Barbara	New York: Alfred A. Knopf	1977	1979	LOC

ANDRADE, Oswald de	Serafim Ponte Grande	Serafim Grosse Pointe	JACKSON, Kenneth D. e BORK, Albert	Austin, TX: Neferitii Head Press	1933	1979	LOC BL
AZEVEDO, Aluísio	O cortiço	A Brazilian tenement	BROWN, Harry W.	New York: Howard Fertig	1890	1976	LOC
CALLADO, Antonio	Quarup	Quarup	SHELBY, Barbara	New York: Alfred A. Knopf	1967	1970 1978	LOC
CALLADO, Antonio	Bar Don Juan	Don Juan's Bar	SHELBY, Barbara	New York: Alfred A. Knopf	1971	1972	LOC
CARNEIRO, Cecílio	A fogueira	The bonfire	POORE, Dudley	Westport, CT: Greenwood Press	1942	1971	LOC
CASTRO, Josué de	Homens e caranguejos	Of men and crabs	HERTELENDY, Susan	New York: Vanguard Press, Inc; Toronto: Copp Clark Publishing Company	1967	1970	LOC
LIMA BARRETO	Clara dos Anjos. In: NUNES, Maria Luisa. <i>Lima Barreto: bibliography and translations</i>	Clara dos Anjos	FITZ, Earl	Boston, MA: G. K. Hall & Co.	1904	1979	LOC BL
LIMA BARRETO	<i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	The patriot	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	London: Rex Collings	1911	1978	LOC BL
LIMA BARRETO	Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. In: NUNES, Maria Luisa. <i>Lima Barreto: bibliography and translations</i>	<i>The life and death of M. J. Gonzaga de Sa</i>	DWYER, Rosa Yeloso e DWYER, John P.	Boston, MA: G. K. Hall & Co.	1919	1979	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	Laços de família	Family ties	PONTIERO, Giovanni	Austin, TX: University of Texas Press	1960	1972 1990	LOC BL

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	A mão e a luva	The hand and the glove	BAGBY JR, Albert I.	Lexington, KY: University Press of Kentucky	1874	1970	LOC BL UT
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Iaiá Garcia	Yayá Garcia	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	London: Peter Owen	1878	1976	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Iaiá Garcia	Iaiá Garcia	BAGBY JR, Albert I.	Lexington, KY: University Press of Kentucky	1878	1977	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Memorial de Aires	Counselor Ayres' memorial	CALDWELL, Helen	Berkeley/Los Angeles, CA/London: University of California Press	1908	1972	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Seleção de contos	The devil's church and other stories	SCHMITT, Jack e ISHIMATSU, Lorie	Austin, TX/London: University of Texas Press	-	1977	LOC BL
MONTELLO, Josué	Cais da sagração	Coronation quay	HENDERSON, Myriam	London: Rex Collings (com Sel Editora-RJ)	1971	1975	LOC BL
MORLEY, Helena	Minha vida de menina	The diary of "Helena Morley"	BISHOP, Elizabeth	New York: Ecco Press	1942	1977	LOC BL GU
OLINTO, Antônio	A casa da água	The water house	HEAPY, Dorothy	London: Rex Collings	1969	1970	LOC BL
PENNA, Cornélio	Fronteira	Threshold	RIGGIO, Tona e RIGGIO, Edward A.	Philadelphia, PA: Franklin Publishing Company	1935	1975	LOC UT
PEREIRA, Antônio Olavo	Marcoré	Marcoré	HOWER, Alfred e SAUNDERS, John; CAVALCANTI, Newton (ilustração)	Austin, TX/London: University of Texas Press	1957	1970	LOC BL
PEREIRA DA SILVA, Antônio Joaquim	Manuel de Moraes	Manuel de Moraes	BURTON, Richard F. e BURTON, Isabel	New York: Howard Fertig	1866	1976	LOC BL

QUEIROZ, Dinah Silveira de	<i>Eu venho Memorial do Cristo</i>	<i>Christ's memorial</i>	PRADO, Isabel do	London: Sel Books	1974	1978	BL
RAMOS, Graciliano	<i>São Bernardo</i>	<i>São Bernardo</i>	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	London: Peter Owen	1934	1975	LOC BL
RAMOS, Graciliano	<i>São Bernardo</i>	<i>São Bernardo</i>	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	New York: Taplinger Publishing Company	1934	1979	LOC
RAMOS, Graciliano	<i>Angústia</i>	<i>Anguish</i>	KAPLAN, Louis C.	Westport, CT: Greenwood Press Publishers	1941	1972	LOC
RAMOS, Graciliano	<i>Infância</i>	<i>Childhood</i>	OLIVEIRA, Celso de	London: Peter Owen	1945	1979	LOC BL
RIBEIRO, João Ubaldo	<i>Sargento Getúlio</i>	<i>Sergeant Getúlio</i>	RIBEIRO, João Ubaldo	Boston, MA: Houghton Mifflin Company	1977	1978	LOC
RUBIÃO, Murilo	<i>Os dragões e outros contos</i>	<i>The ex-magician and other stories</i>	COLCHIE, Thomas	New York: Harper & Row, Publishers; Toronto: Fitzhenry & Whiteside Limited	1965	1979	LOC
SALES, Herberto	<i>O lobisomem e outros contos folclóricos</i>	<i>The werewolf</i>	GODDARD, Richard	London: Rex Collings	1970	1978	LOC BL
TREVISAN, Dalton	<i>Novelas nada exemplares, Cemitério de Elefantes, O vampiro de Curitiba e A Guerra Conjugal</i>	<i>The vampire of Curitiba and other stories</i>	RABASSA, Gregory	New York: Alfred A. Knopf	-	1972	LOC
VASCONCELOS, José Mauro de	<i>O meu pé de laranja lima</i>	<i>My sweet-orange tree</i>	MILLER, JR, Edgar H.; BOZZO, Frank (ilustração)	New York: Alfred A. Knopf; Toronto: Random House of Canada Limited	1969	1970	LOC

VASCONCELOS, José Mauro de	<i>Meu pé de laranja lima</i>	MILLER, JR, Edgar H.: BOZZO, Frank (ilustração)	1968	1971	PU BL
VEIGA, José J.	<i>A hora dos ruminantes</i>	BIRD, Pamela G.	1966	1970	LOC
VEIGA, José J.	<i>A hora dos ruminantes</i>	BIRD, Pamela G.	1966	1979	BL GU
VEIGA, José J.	<i>A máquina extraviada</i>	BIRD, Pamela G.	1968	1970	LOC
VERISSIMO, Luis Fernando	<i>Seleção do jornal bits and pieces</i>	DUARTE, Ana Beatriz Davi Borges	-	1970	LOC

Fonte: elaborado pela autora com base na Library of Congress, British Library, Washington Research Library Consortium e Georgetown Interlibrary Loan

Quadro 9 – Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1980

Autor	Título em português	Título em inglês	Tradutor	Editora	Pub. port.	Pub. trad.	Bibl.
AMADO, Jorge	Jubiabá	Jubiabá	NEVES, Margaret A.	New York: Avon Books	1935	1984	LOC BL
AMADO, Jorge	Mar morto	Sea of death	RABASSA, Gregory	New York: Avon Books	1936	1984	LOC
AMADO, Jorge	Capitães da areia	Captains of the sands	RABASSA, Gregory	New York: Avon Books	1937	1988	LOC
AMADO, Jorge	Terras do sem fim	The violent land	PUTNAM, Samuel	London: Collins Harvill	1943	1989	BL
AMADO, Jorge	Gabriela, cravo e canela	Gabriela, clove and cinnamon	TAYLOR, James L. e GROSSMAN, William L.	London: Souvenir (direitos da tradução – Alfred A. Knopf, 1962)	1958	1983	NU BL
AMADO, Jorge	Gabriela, cravo e canela	Gabriela: clove and cinnamon	TAYLOR, James L. e GROSSMAN, William L.	London: Abacus	1958	1984	BL
AMADO, Jorge	Os pastores da noite	The shepherds of the night	ONÍS, Harriet de	London: Collins Harvill	1964	1989	UNC BL
AMADO, Jorge	Dona Flor e seus dois maridos	Dona Flor and her two husbands	ONÍS, Harriet de	London: Serpent's Tail	1966	1986 1989	BL GU
AMADO, Jorge	Dona Flor e seus dois maridos	Dona Flor and her two husbands	ONÍS, Harriet de	New York: Avon Books	1966	1988	BL GA
AMADO, Jorge	Tenda dos milagres	Tent of miracles	SHELBY, Barbara	New York: Avon Books	1969	1978 1988	BL GM
AMADO, Jorge	Tenda dos milagres	Tent of miracles	SHELBY, Barbara	London: Collins Harvill	1969	1989	BL
AMADO, Jorge	Tereza Batista cansada de guerra	Tereza Batista	SHELBY, Barbara	New York: Alfred A. Knopf	1972	1975 1982	LOC

AMADO, Jorge	<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	<i>Tereza Batista</i>	SHELBY, Barbara	New York: Avon Books	1972	1977 1988	VPI
AMADO, Jorge	<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	<i>Tereza Batista</i>	SHELBY, Barbara	London: Souvenir Press	1972	1982	BL
AMADO, Jorge	<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	<i>Tereza Batista</i>	SHELBY, Barbara	London: Abacus	1972	1983	BL
AMADO, Jorge	<i>O gato malhado e a andorinha Sinhá</i>	<i>The swallow and the tom cat: a love story</i>	SHELBY, Barbara; CARYBÉ (ilustração)	New York: Delacorte Press/Eleanor Friede	1976	1982	LOC BL
AMADO, Jorge	<i>Trieta do agreste, pastora de cabras</i>	<i>Trieta</i>	SHELBY, Barbara	New York: Avon Books	1977	1980 1988	UMI
AMADO, Jorge	<i>Trieta do agreste, pastora de cabras</i>	<i>Trieta</i>	SHELBY, Barbara	London: Souvenir Press	1977	1981	BL
AMADO, Jorge	<i>Trieta do agreste, pastora de cabras</i>	<i>Trieta</i>	SHELBY, Barbara	London: Abacus	1977	1982	BL
AMADO, Jorge	<i>Do recente milagre dos pássaros</i>	<i>The miracle of the birds</i>	SHELBY, Barbara	New York: Harper's	1979	1982	LOC
AMADO, Jorge	<i>Do recente milagre dos pássaros</i>	<i>The miracle of the birds</i>	SHELBY, Barbara	New York: Targ Editions	1979	1983	LOC
AMADO, Jorge	<i>Farda, fardão, camisola de dormir</i>	<i>Pen, sword, camisole: a fable to kindle a hope</i>	LANE, Helen R.	Boston, MA: David R. Godine (com a Avon Books)	1980	1985	GU
AMADO, Jorge	<i>Farda, fardão, camisola de dormir</i>	<i>Pen, sword, camisole</i>	LANE, Helen R.	New York: Avon Books (com David R. Godine, Publisher, Inc.)	1980	1985	LOC

AMADO, Jorge	Tocaia grande	Showdown	RABASSA, Gregory	Toronto/New York / London/Sydney/ Auckland: Bantam Books	1984	1988	LOC BL
ANDRADE, Mário de	Macunaíma	Macunaíma	GOODLAND, E.A.	New York: Random House	1928	1984	LOC
ANDRADE, Mário de	Macunaíma	Macunaíma	GOODLAND, E.A.	London: Quartet Books	1928	1985	BL
ÂNGELO, Ivan	A festa	The celebration	COLCHIE, Thomas	New York: Avon Books	1976	1982	LOC
ANJOS, Cyro dos	O amanuense Belmiro	Diary of a civil servant (tradução da sexta edição)	BRAKEL, Arthur	Rutherford, NJ/Madison, WI/ Teaneck, NJ: Fairleigh Dickinson University Press; London/Toronto: Associated University Presses	1937	1988	LOC
BOJUNGA- NUNES, Lygia	Os colegas	The companions	WATSON, Ellen	New York: Farrar Straus Giroux	1972	1989	LOC
BRANDÃO, Ignácio de Loyola	Zero	Zero	WATSON, Ellen	New York: Avon Books	1975	1983	LOC BL
BRANDÃO, Ignácio de Loyola	Não verás país nenhum	And still the Earth	WATSON, Ellen	New York: Avon Books	1981	1985	LOC GU
CAMINHA, Adolfo	Bom crioulo	Bom crioulo: the black man and the cabin boy	LACEY, E.A.	San Francisco, CA: Gay Sunshine Press	1895	1982	LOC
CUNHA, Helena Parente	Mulher no espelho	Woman between mirrors	ELLISON, Fred P. e LINDSTROM, Naomi	Austin, TX: University of Texas Press	1983	1989	LOC
CUNHA, Helena Parente	Mulher no espelho	Woman between mirrors	ELLISON, Fred P. e LINDSTROM, Naomi	Edinburgh: Polygon	1983	1989	BL

DOURADO, Autran	Ópera dos mortos	<i>The voices of the dead</i>	PARKER, John M.	London: Peter Owen	1967	1980	BL GU
DOURADO, Autran	Ópera dos mortos	<i>The voices of the dead</i>	PARKER, John M.	New York: Taplinger Publishing Company	1967	1981	LOC
DOURADO, Autran	Ópera dos mortos	<i>The voices of the dead</i>	PARKER, John M.	Falham, UK: Zenith Books	1967	1983	BL
DOURADO, Autran	O risco do bordado	<i>Pattern for a tapestry</i>	PARKER, John M.	London: Peter Owen	1970	1984	BL GU
DOURADO, Autran	O risco do bordado	<i>Pattern for a tapestry</i>	PARKER, John M.	London: Penguin Books	1970	1986	BL
DOURADO, Autran	Os sinos da agonia	<i>The bells of agony</i>	PARKER, John M.	London: Peter Owen (distribuidor nos EUA: Dufour Editions, Chester Springs)	1974	1988	LOC BL
FONSECA, Rubem	A grande arte	<i>High art</i>	WATSON, Ellen	New York: Harper & Row Publishers; Toronto: Fitzhenry & Whiteside Limited	1983	1986	LOC
FONSECA, Rubem	A grande arte	<i>High art</i>	WATSON, Ellen	New York: Carroll & Graf Publishers, Inc. (com a Harper & Row Publishers)	1983	1987	UM
FONSECA, Rubem	A grande arte	<i>High art</i>	WATSON, Ellen	London: Collins	1983	1987	BL
FRANÇA JR., Oswaldo	Jorge, um brasileiro	<i>The long haul</i>	COLCHIE, Thomas	New York: Dutton; Toronto/Vancouver: Clark, Irwin & Company limited	1967	1980	LOC
FRANÇA JR., Oswaldo	O homem de macacão	<i>The man in the monkey suit</i>	RABASSA, Gregory	New York: Ballantine Books (Random House)	1972	1986	LOC
GOMES, Paulo Emilio	Três mulheres de três pés	<i>P's three women</i>	NEVES, Margaret Abigail	New York: Avon Books	1977	1984	LOC

IVO, Ledo	Ninho de cobras	Snake's nest	KRAPOHL, Kern	New York: New Directions Publishing Corporation	1973	1981	LOC
IVO, Ledo	Ninho de cobras	Snake's nest	KRAPOHL, Kern	London: Peter Owen	1973	1989	BL
LINS, Osman	Avalovara	Avalovara	RABASSA, Gregory	New York: Alfred A. Knopf	1973	1980	LOC UT
LISPECTOR, Clarice	Laços de família	Family ties	PONTIERO, Giovanni	Manchester: Carcanet Press Limited	1960	1985	BL
LISPECTOR, Clarice	A maçã no escuro	The apple in the dark	RABASSA, Gregory	London: Virago (Direitos autorais da Alfred A. Knopf, 1967)	1961	1967 1985	BL GU
LISPECTOR, Clarice	A maçã no escuro	The apple in the dark	RABASSA, Gregory	Austin, TX: University of Texas Press	1961	1986	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	A legião estrangeira	The foreign legion	PONTIERO, Giovanni	Manchester: Carcanet Press Limited	1964	1986	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	A paixão segundo G. H.	The passion according to G.H	SOUSA, Ronald W.	Minneapolis, MN: University of Minnesota Press; Canada: Fitzhenry & Whiteside Limited	1964	1988	LOC
LISPECTOR, Clarice	Um aprendizado ou o livro dos prazeres	An apprenticeship, or the book of delights	MAZZARA, Richard A. e PARRIS, Lorri A.	Austin, TX: University of Texas Press	1969	1986	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	Água viva	The stream of life	LOWE, Elizabeth e FITZ, Earl	Minneapolis, MN: University of Minnesota Press	1973	1989	LOC
LISPECTOR, Clarice	A via crucis do corpo e Onde estivesse de noite	Soul/storm: Stories by Clarice Lispector	LEVITIN, Alexis	New York: New Directions Books; Canada: Penguin Books	1974	1989	LOC

LISPECTOR, Clarice	A hora da estrela	<i>The hour of the star</i>	PONTIERO, Giovanni	Manchester: Carcanet Press	1977	1986	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	A hora da estrela	<i>The hour of the star</i>	PONTIERO, Giovanni	London: Paladin Books (com a Carcanet Press)	1977	1987	BL
LUFFY, Lya	O quarto fechado	<i>The island of the dead</i>	MCLENDON, Carmen Chaves e CRAIGE, Betty Jean	Athens/London: University of Georgia Press	1984	1986	LOC
MACHADO, Ana Maria	?	<i>How the leopard got his spots</i>	CALVI, Gian (ilustração)	London: Methuen Children's Books	[s.d.]	1984	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Helena	<i>Helena</i>	CALDWELL, Helen	Berkeley, CA/Los Angeles, CA/London: University of California Press	1876	1984	LOC BL UT
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Memórias póstumas de Brás Cubas	<i>Epitaph of a small winner</i>	GROSSMAN, William L.; FRISCH, Shari (desenho)	London: Hogarth Press (edição da Farrar, Strauss & Giroux de 1956)	1880	1985	UM BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Seleção de contos	<i>The devil's church and other stories</i>	SCHMITT, Jack e ISHIMATSU, Lorie	Manchester: Carcanet Press Ltd.* Informação na edição da Grafton	-	1985	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Seleção de contos	<i>The devil's church and other stories</i>	SCHMITT, Jack e ISHIMATSU, Lorie	London: Grafton Books (Collins Publishing Group)	-	1987	BL
MORLEY, Helena	Minha vida de menina	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	London: Virago Press Ltd	1942	1981	BL
OLINTO, Antônio	A casa da água	<i>The water house</i>	HEAPY, Dorothy	Walton-on-Thames: Thomas Nelson and Sons Ltd.	1969	1982	BL

OLINTO, Antônio	A casa da água	The water house	HEAPY, Dorothy	New York: Carroll & Graf Publishers, Inc	1969	1985	LOC BL
OLINTO, Antônio	O rei de Keto	<i>The king of Ketu</i>	CHAPPELL, Richard	London: Rex Collings	1980	1987	LOC BL
PIÑON, Néida	A república dos sonhos	<i>The republic of dreams</i>	LANE, Helen R.	New York: Alfred A. Knopf	1984	1989 1992	LOC UT
QUEIROZ, Dinah Silveira de	A muralha	<i>The women of Brazil</i>	KING, Roberta	New York: Vantage Press	1954	1980	LOC BL
QUEIROZ, Rachel de	As três Marias	<i>The three Marias</i>	ELLISON, Fred P.; MARTINS, Aldemir (ilustração)	Austin, TX: University of Texas Press	1939	1985	BL GA
QUEIROZ, Rachel de	Dora, Doralina	<i>Dora, Doralina</i>	LOOS, Dorothy Scott	New York: Avon Books	1975	1984	UT
REY, Marcos	Memórias de um gigoló	<i>Memoirs of a gigolo</i>	LANDERS, Clifford E.	New York: Avon Books	1968	1987	LOC
RIBEIRO, Darcy	Maira	<i>Maira</i>	GOODLAND, E. H. e COLCHIE, Thomas	New York: Vintage Books (Random House)	1978	1984	LOC
RIBEIRO, Darcy	Maira	<i>Maira</i>	GOODLAND, E. H. e COLCHIE, Thomas	London: Edição Picador da Pan Books	1978	1985	BL
RIBEIRO, João Ubaldo	Sargento Getúlio	<i>Sergeant Getúlio</i>	RIBEIRO, João Ubaldo	London: André Deutsch Ltd.	1977	1980 1994	BL
RIBEIRO, João Ubaldo	Sargento Getúlio	<i>Sergeant Getúlio</i>	RIBEIRO, João Ubaldo	London: Faber & Faber	1977	1986	BL
RIBEIRO, João Ubaldo	Viva o povo brasileiro	<i>An invincible memory</i>	RIBEIRO, João Ubaldo	New York: Harper & Row, Publishers; Toronto: Fitzhenry & Whiteside Ltd.	1984	1989	LOC
RIBEIRO, João Ubaldo	Viva o povo brasileiro	<i>An invincible memory</i>	RIBEIRO, João Ubaldo	London: Faber & Faber	1984	1989 1991	BL

RIBEIRO, Stella Carr	<i>O homem do Sambaqui</i>	<i>Sambaqui: a novel of pre-history</i>	HEUVEL, Claudia Van der	New York: Avon Books	1975	1987	BU
SALES, Herberto	<i>O fruto do vosso ventre</i>	<i>The fruit of thy womb</i>	FODY, Ill, Michael	London: Wyvern	1976	1982	BL GU
SARNEY, José	<i>Norte das águas</i>	<i>Tales of rain and sunlight</i>	HALLAM, Vera	London: Wyvern-Sel	1969	1986	LOC
SCLIAR, Moacyr	<i>A guerra no Borm Fil</i>	<i>The one-man army</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books	1972	1986	UM
SCLIAR, Moacyr	<i>O carnaval dos animais</i>	<i>The carnival of the animals</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books (Random House); Toronto: Random House of Canada	1976	1986	UM
SCLIAR, Moacyr	<i>A balada do falso messias</i>	<i>The ballad of the false Messiah</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books (Random House); Toronto: Random House of Canada	1976	1987	LOC
SCLIAR, Moacyr	<i>Os deuses de Raquel</i>	<i>The gods of Raquel</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books (Random House); Toronto: Random House of Canada	1978	1986	LOC
SCLIAR, Moacyr	<i>Os voluntários</i>	<i>The volunteers</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books (Random House); Toronto: Random House of Canada	1980	1988	LOC
SCLIAR, Moacyr	<i>O centauro no jardim</i>	<i>The centaur in the garden</i>	NEVES, Margaret A.	New York: Ballantine Books (Random House); Toronto: Random House of Canada	1980	1984	UT CU

SCLIAR, Moacyr	A estranha nação de Rafael Mendes	<i>The strange nation of Rafael Mendes</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Harmony Books	1986	1987	LOC
SCLIAR, Moacyr	O olho enigmático	<i>The enigmatic eye</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books; Toronto: Random House of Canada	1986	1989	LOC
SENA, Jorge de	Seleção de contos	<i>By the rivers of Babylon</i>	PATAI, Daphne; COUGHLIN, Edward V.; JACKSON, Kenneth D.; WILLIAMS, Frederick G.; RICHMOND, Carolyn; PATAI, Daphne (editora)	New Brunswick, NJ/ London: Rutgers University Press	-	1989	LOC BL
SENA, Jorge de	Seleção de contos	<i>By the rivers of Babylon</i>	PATAI, Daphne; COUGHLIN, Edward V.; JACKSON, Kenneth D.; WILLIAMS, Frederick G.; RICHMOND, Carolyn; PATAI, Daphne (editora)	Edinburgh: Polygon	-	1989	BL
SOUZA, Márcio	Galvez, imperador do Acre	<i>The emperor of the Amazon</i>	COLCHIE, Thomas	New York: Avon Books	1977	1980	LOC
SOUZA, Márcio	Galvez, imperador do Acre	<i>The emperor of the Amazon</i>	COLCHIE, Thomas	London : Abacus	1977	1982	BL
SOUZA, Márcio	Mad Maria	<i>Mad Maria</i>	COLCHIE, Thomas	New York: Avon Books	1980	1985	LOC
SOUZA, Márcio	A ordem do dia	<i>The order of the day: an unidentified flying opus</i>	COLCHIE, Thomas	New York: Avon Books	1983	1986	LOC
TELLES, Lygia Fagundes	Ciranda de pedra	<i>The marble dance</i>	NEVES, Margaret A.	New York: Avon Books	1954	1986	LOC
TELLES, Lygia Fagundes	As meninas	<i>The girl in the photograph</i>	NEVES, Margaret A.	New York: Avon Books	1973	1982	LOC

TELLES, Lygia Fagundes	Seminário dos ratos	<i>Tigrela and other stories</i>	NEVES, Margaret A.	New York: Avon Books	1977	1986	LOC
TORRES, Antonio	<i>Essa terra</i>	<i>The land</i>	NEVES, Margaret A.	London/New York: Readers International	1976	1987	BL GU
TORRES, Antonio	<i>Balada da infância perdida</i>	<i>Blues for a lost childhood</i>	PARKER, John M.	Columbia, LA: Readers International Inc; London: Readers International	1986	1989	LOC BL
VASCONCELOS, José Mauro de	<i>Meu pé de laranja lima</i>	<i>My sweet-orange tree</i>	MILLER, JR, Edgar H.	London: Hutchinson	1968	1983	BL

Fonte: elaborado pela autora com base na Library of Congress, British Library, Washington Research Library Consortium e Georgetown Interlibrary Loan

Quadro 10 – Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês na década de 1990

Autor	Título em português	Título em inglês	Tradutor	Editora	Pub. port.	Pub. trad.	Bibl.
ABREU, Caio Fernando	<i>Os dragões não conhecem o paraíso</i>	<i>Dragons...</i>	TREECE, David	London: Boulevard	1988	1990	BL
ADONIAS Filho	<i>O homem de branco</i>	<i>The man in white</i>	HALLAM, Vera	London: Wyvern-Sel	1987	1991	ULM BL
ALENCAR, José de	<i>Senhora</i>	<i>Senhora: profile of a woman</i>	EDINGER, Catarina Feldmann	Austin, TX: University of Texas Press	1875	1994	LOC
ALMEIDA, Manuel Antônio de	<i>Memórias de um sargento de milícias</i>	<i>Memoirs of a militia sergeant</i>	SOUSA, Ronald W.	New York: Oxford University Press	1854 1855	1999	LOC
AMADO, Jorge	<i>São Jorge dos Ilhéus</i>	<i>The golden harvest</i>	LANDERS, Clifford E.	New York: Avon Books	1944	1992	LOC
AMADO, Jorge	<i>Os velhos marinheiros</i>	<i>Home is the sailor</i>	ONÍS, Harriet de	London: Collins Harvill	1961	1990	UK BL
AMADO, Jorge	<i>O sumiço da santa</i>	<i>The war of the saints</i>	RABASSA, Gregory	New York/Toronto/ London/Sydney/ Auckland: Bantam Books	1988	1993	LOC BL
AZEVEDO, Aluísio	<i>O mulato</i>	<i>Mulatto</i>	MACNICOLL, Murray Graeme	Rutherford, NJ/ Madison, WI/ Teaneck, NJ: Fairleigh Dickinson University Press; London/Toronto: Associated University Presses	1881	1990	LOC BL
AZEVEDO, Aluísio	<i>O mulato</i>	<i>Mulatto</i>	MACNICOLL, Murray Graeme	Austin, TX: University of Texas Press	1881	1996	LOC

BARBOSA, Rogério Andrade	Bichos da África	African animal tales	GUTHRIE, Feliz (adaptação); FITIPALDI, Cica (ilustração)	Volcano, CA: Volcano Press	1987 1988	1993	LOC
BOJUNGA-NUNES, Lygia	Os colegas	<i>The companions</i>	WATSON, Ellen; WILKES, Larry (ilustração)	London: William Heinemann Ltd.	1972	1990	BL
BOJUNGA-NUNES, Lygia	O meu amigo pintor	<i>My friend the painter</i>	PONTIERO, Giovanni	San Diego, CA/New York/London: Harcourt Brace Jovanovich Publishers	1987	1991	LOC
BUARQUE, Chico	Estorvo	<i>Turbulence</i>	BUSH, Peter	New York: Pantheon Books	1991	1992	LOC
BUARQUE, Chico	Estorvo	<i>Turbulence</i>	BUSH, Peter	London: Bloomsbury	1991	1992	BL
BUARQUE, Chico	Benjamim	<i>Benjamin</i>	LANDERS, Clifford E.	London: Bloomsbury	1995	1997	UTE BL
COELHO, Paulo	O diário de um mago	<i>The diary of a magus</i>	CLARKE, Alan R.	San Francisco, CA: HarperSanFrancisco (HarperCollins Publishers)	1987	1992	LOC BL
COELHO, Paulo	O diário de um mago	<i>The pilgrimage: a contemporary quest for ancient wisdom (publicado como The diary of a magus)</i>	CLARKE, Alan R.	New York: HarperPerennial (HarperCollins Publishers) San Francisco, CA: Harper SanFrancisco	1987	1995	LOC BL
COELHO, Paulo	O alquimista	<i>The alchemist</i>	CLARKE, Alan R.	San Francisco, CA: HarperSanFrancisco (HarperCollins Publishers)	1988	1993	LOC BL
COELHO, Paulo	O alquimista	<i>The alchemist</i>	CLARKE, Alan R.	London: Thorsons	1988	1995 1997	BL

COELHO, Paulo	<i>O alquimista</i>	<i>The illustrated alchemist: a fable about following your dream</i>	CLARKE, Alan R.; MOEBIUS (pintura)	1988	1998	LOC BL
COELHO, Paulo	<i>As Valkírias</i>	<i>The Valkyries: an encounter with angels</i>	CLARKE, Alan R.	1992	1995	LOC
COELHO, Paulo	<i>As Valkírias</i>	<i>The Valkyries</i>	CLARKE, Alan R.	1992	1996	BL
COELHO, Paulo	<i>Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei</i>	<i>By the River Piedra I sat down and wept</i>	CLARKE, Alan R.	1994	1996	LOC BL
COELHO, Paulo	<i>Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei</i>	<i>By the River Piedra I sat down and wept</i>	CLARKE, Alan R.	1994	1997	BL
COELHO, Paulo	<i>A quinta montanha</i>	<i>The fifth mountain</i>	LANDERS, Clifford E.	1996	1998	BL
COELHO, Paulo	<i>A quinta montanha</i>	<i>The fifth mountain</i>	LANDERS, Clifford E.	1996	1998	LOC
COELHO, Paulo	<i>Veronika decide morrer</i>	<i>Veronika decides to die</i>	COSTA, Margaret Jull	1998	1999	LOC BL
COELHO, Paulo	<i>Veronika decide morrer</i>	<i>Veronika decides to die</i>	COSTA, Margaret Jull	1998	1999	BL
COUTINHO, Edilberto	<i>Maracanã, adeus</i>	<i>Bye, bye soccer</i>	LORIA, Wilson	1980	1994	UT
CUNHA, Euclides da	<i>Os sertões</i>	<i>Rebellion in the backlands</i>	PUTNAM, Samuel	1902	1995	BL

FELINTO, Marielene	<i>As mulheres de Tijucoapapo</i>	<i>The women of Tijucoapapo</i>	MATTHEWS, Irene	Lincoln, NE/London: University of Nebraska Press	1982	1994	LOC
FONSECA, Rubem	<i>Bufo & Spallanzani</i>	<i>Bufo & Spallanzani</i>	LANDERS, Clifford E.	New York: Dutton (Penguin Books)	1986	1990	LOC
FONSECA, Rubem	<i>Vastas emoções e pensamentos imperfeitos</i>	<i>The lost manuscript</i>	LANDERS, Clifford E.	London: Bloomsbury	1988	1997	BL
FONSECA, Rubem	<i>Vastas emoções e pensamentos imperfeitos</i>	<i>Vast emotions and imperfect thoughts</i>	LANDERS, Clifford E.	Hopewell, NJ: Ecco Press; Ontario: Penguin Books Canada	1988	1998	GU
FRANÇA JR., Oswaldo	<i>No fundo das águas</i>	<i>Beneath the waters</i>	NEVES, Margaret A.	New York: Ballantine Books (Random House)	1987	1990	LOC
GALDINO, Dirceu	<i>Lambari dourado</i>	<i>Golden Lambari</i>	BONNICI, Thomas; MACHADO, Tânia R. (ilustração)	London: Excalibur Press of London	[s.d.]	1993	BL
GALVÃO, Patrícia	<i>Parque industrial</i>	<i>Industrial park: a proletarian novel</i>	JACKSON, Elizabeth e JACKSON, K. David	Lincoln, NE: University of Nebraska Press	1933	1993	LOC BL
HATOUM, Milton	<i>Relato de um certo oriente</i>	<i>The tree of the seventh heaven</i>	WATSON, Ellen	New York: Atheneum; Toronto: Maxwell Macmillan Canada; New York/Oxford/Singapore/Sydney: Maxwell Macmillan International	1989	1994	LOC
JESUS, Carolina Maria de	<i>Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada</i>	<i>I'm going to have a little house: the second diary of Carolina Maria de Jesus</i>	ARRINGTON JR. Melvin S. e LEVINE, Robert M.	Lincoln, NE/London: University of Nebraska Press	1961	1997	LOC BL

JESUS, Carolina Maria de	<i>Diário de Bitita</i>	<i>Bitita's diary: the childhood memoirs of Carolina Maria de Jesus</i>	OLIVEIRA, Emanuelle e VINKLER, Beth Joan	Armonk, NY/London: M.E. Sharpe	1982	1998	LOC
JESUS, Carolina Maria de	<i>Meu estranho diário – Editora Xamã</i>	<i>The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus</i>	NARO, Nancy P.S. e MEHRTENS, Cristina	New Brunswick, NJ/Londres: Rutgers University Press	1996	1999	LOC BL
LINS, Osman	<i>Nove, novena</i>	<i>Nine, novena</i>	FRIZZI, Adria	Los Angeles, CA: Sun & Moon Press	1966	1995	LOC
LINS, Osman	<i>Avalovara</i>	<i>Avalovara</i>	RABASSA, Gregory	Austin, TX: University of Texas Press	1973	1990	GU
LINS, Osman	<i>A rainha dos cárceres da Grécia</i>	<i>The queen of the prisons of Greece</i>	FRIZZI, Adria	Normal, IL: Dalkey Archive Press	1976	1995	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	<i>Perto do coração selvagem</i>	<i>Near to the wild heart</i>	PONTIERO, Giovanni	New York: New Directions Publishing Corporation; Manchester: Carcanet	1944	1990 1992	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	<i>Perto do coração selvagem</i>	<i>Near to the wild heart</i>	PONTIERO, Giovanni	Manchester: Carcanet Press Limited	1944	1990	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	<i>Laços de família</i>	<i>Family ties</i>	PONTIERO, Giovanni	Austin, TX: University of Texas Press	1960	1972 1990	LOC BL
LISPECTOR, Clarice	<i>A legião estrangeira</i>	<i>The foreign legion</i>	PONTIERO, Giovanni	New York: New Directions Publishing Corporation; Canada: Penguin Books Canada Limited	1964	1992	LOC
LISPECTOR, Clarice	<i>A hora da estrela</i>	<i>The hour of the star</i>	PONTIERO, Giovanni	New York: New Directions	1977	1992	LOC
LISPECTOR, Clarice	<i>A descoberta do mundo</i>	<i>Discovering the world</i>	PONTIERO, Giovanni	Manchester: Carcanet Press	1984	1992	LOC BL

LISPECTOR, Clarice	A descoberta do mundo	Selected crônicas (tirada de uma edição completa publicada no Reino Unido, <i>Discovering the world</i>)	PONTIERO, Giovanni	New York: New Directions Publishing Corporation; Canada: Penguin Books Canada Limited	1984	1996	LOC BL
LOUZEIRO, José	<i>Pixote: infância dos mortos</i>	<i>Childhood of the dead</i> (tradução da 5ª edição – somente em e-book)	BARROS, Ladyce Pompeu de	Raleigh, NC: Bosen Books	1977	1995	GU
LUFT, Iya	<i>Exílio</i>	<i>The red house</i>	PONTIERO, Giovanni	Manchester: Carcanet Press	1988	1994	LOC BL
MACHADO, Ana Maria	<i>Menina bonita do laço de fita</i>	<i>Nina Bonita</i> (tradução de <i>Niña bonita</i> , publicada pela Ediciones Ekaré, Caracas, Venezuela, 1994)	IRIBARREN, Elena (traduzido do espanhol)	Brooklyn, NY/La Jolla, CA: Kane/Miller Book Publishers	1986	1996	LOC
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	<i>Epitaph of a small winner</i>	GROSSMAN, William L.; FRISCH, Shari (desenho)	New York: Noonday Press (Farrar, Straus and Giroux); Toronto: Harper & Collins	1880	1990	GU
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	<i>Epitaph of a small winner</i>	GROSSMAN, William L.	London: Vintage	1880	1991	UoM BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	<i>Epitaph of a small winner</i>	GROSSMAN, William L.; FRISCH, Shari (desenhos)	London: Bloomsbury	1880	1997	UC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	<i>The posthumous memoirs of Brás Cubas</i>	RABASSA, Gregory	New York/Oxford: Oxford University Press	1880	1997	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	<i>O alienista</i>	<i>The alienist</i> (em <i>Conto e Teatro – Obra Completa</i> , Vol. II, R.; Ed. José Aguiar, 2ª ed, 1962, pp. 253-288.	MAC ADAM, Alfred	San Francisco, CA: Arion Press	1882	1998	BL

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Quincas Borba	<i>Philosopher or dog?</i>	WILSON, Clotilde	New York: Noonday Press (Farrar, Straus & Giroux)	1892	1954 1992	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Quincas Borba	<i>Philosopher or dog?</i>	WILSON, Clotilde	New York: Noonday Press (Farrar, Straus & Giroux)	1892	1992	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Quincas Borba	<i>Philosopher or dog?</i>	WILSON, Clotilde	London: Bloomsbury	1892	1997	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Quincas Borba	Quincas Borba	RABASSA, Gregory	New York/Oxford: Oxford University Press	1892	1998	BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Dom Casmurro	Dom Casmurro	CALDWELL, Helen	New York: Noonday Press (Farrar, Straus & Giroux)	1900	1953 1991	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Dom Casmurro	Dom Casmurro (Lord Taciturn)	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	London: Peter Owen; Chester Springs, PA: Dufour Editions	1900	1992	BL GU UT
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Dom Casmurro	Dom Casmurro (Lord Taciturn)	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	London: Penguin Books	1900	1994	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Dom Casmurro	Dom Casmurro	GLEDSON, John	New York/Oxford: Oxford University Press	1900	1997	LOC BL
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria	Memorial de Aires	The wager: Aires' journal	SCOTT-BUCCLEUCH, Robert	London/Chester Springs, PA: Peter Owen	1908	1990	LOC BL
MELO, Patrícia	O matador	The killer	LANDERS, Clifford E.	London: Bloomsbury	1995	1997	BL
MELO, Patrícia	O matador	The killer	LANDERS, Clifford E.	Hopewell, NJ: Ecco Press; Ontario: Penguin Books	1995	1997	LOC
MELO, Patrícia	Elogio da mentira	In praise of lies	LANDERS, Clifford E.	New York/ London: Bloomsbury	1998	1999	AU BL

MIRANDA, Ana Maria	<i>Boca do inferno</i>	<i>Bay of all saints & every conceivable sin</i>	PONTIERO, Giovanni	New York: Viking (Penguin Books)	1989	1991	LOC
MIRANDA, Ana Maria	<i>Boca do inferno</i>	<i>Bay of all saints & every conceivable sin</i>	PONTIERO, Giovanni	London: Harvill	1989	1992	BL
MORAIS, Fernando	<i>Olga</i>	<i>Olga</i>	WATSON, Ellen	New York: Grove Weidenfeld	1985	1990	LOC
MORAIS, Fernando	<i>Olga</i>	<i>Olga</i>	WATSON, Ellen	London: Peter Halban Publishers	1987	1990	BL
MORAIS, Fernando	<i>Olga</i>	<i>Olga</i>	WATSON, Ellen	London: Sphere Books	1987	1991	BL
MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	New York: Ecco Press	1942	1991	JHU
MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	Canada/New York: Noonday Press	1942	1995	LOC
MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	New York: Noonday Press; Farrar, Straus and Giroux	1942	1997	LOC
MORLEY, Helena	<i>Minha vida de menina</i>	<i>The diary of "Helena Morley"</i>	BISHOP, Elizabeth	London: Bloomsbury	1942	1997	BL
NOLL, João Gilberto	<i>Hotel Atlântico</i>	<i>Hotel Atlântico</i>	TREECE, David	London: Boulevard	1989	1997	AU BL
OLINTO, Antônio	<i>O trono de vidro</i>	<i>The glass throne</i>	CHAPPELL, Richard	London: Sei Press	1987	1995	EU
OLINTO, Antônio	<i>Os móveis da bailarina</i>	<i>The dancer's furniture</i>	BENNETT, Constance	Rio de Janeiro: Nórdica	1994	1994	DC UT
PAIVA, Marcelo Rubens	<i>Feliz ano velho</i>	<i>Happy old year</i>	GEORGE, David	Pittsburgh, PA: Latin American Literary Review Press	1982	1991	LOC

PIÑON, Néida	<i>A república dos sonhos</i>	<i>The republic of dreams</i>	LANE, Helen R.	New York: Alfred A. Knopf	1984	1989 1992	LOC UT
PIÑON, Néida	<i>A república dos sonhos</i>	<i>The republic of dreams</i>	LANE, Helen R.	Austin, TX: University of Texas Press	1984	1991	GU UT
PIÑON, Néida	<i>A república dos sonhos</i>	<i>The republic of dreams</i>	LANE, Helen R.	London: Picador	1984	1994	BL
PIÑON, Néida	<i>A doce canção de Caetana</i>	<i>Caetana's sweet song</i>	LANE, Helen R.	New York: Alfred A. Knopf (distrib. pela Random House)	1987	1992	GU UT
QUEIRÓS, Bartolomeu Campos	<i>Índex</i>	<i>Nest egg</i>	SPRINGER, Jane; GAVRIELATOS, Alina (desenho)	Vancouver/Toronto: Douglas & McIntyre	1988	1992	NU
RAWET, Samuel	<i>Contos</i>	<i>The prophet & other stories</i>	VIEIRA, Nelson H.	Albuquerque, NM: University of New Mexico Press	-	1998	LOC
RIBEIRO, Edgard Telles	<i>Criado mudo</i>	<i>I would have loved him if I had not killed him</i>	NEVES, Margaret A.	New York: St. Martin's Press	1990	1994	LOC
RIBEIRO, João Ubaldo	<i>Sargento Getúlio</i>	<i>Sergeant Getúlio</i>	RIBEIRO, João Ubaldo	London: André Deutsch Ltd.	1977	1980 1994	BL
RIBEIRO, João Ubaldo	<i>Viva o povo brasileiro</i>	<i>An invincible memory</i>	RIBEIRO, João Ubaldo	London: Faber & Faber	1984	1989 1991	BL
RIBEIRO, João Ubaldo	<i>O sorriso do lagarto</i>	<i>The lizard's smile</i>	LANDERS, Clifford E.	New York: Atheneum; Toronto: Maxwell Macmillan Canada; New York: Maxwell Macmillan International	1989	1994	LOC
RIBEIRO, João Ubaldo	<i>O sorriso do lagarto</i>	<i>The lizard's smile</i>	LANDERS, Clifford E.	London: André Deutsch Limited	1989	1995	BL

ROCHA, Ruth	<i>Azul e lindo: planeta Terra, nossa casa</i>	<i>Blue and beautiful: planet Earth, our home</i>	ROCHA, Ruth e ROTH, Otavio	United Nations Publications	1990	1990	LOC BL
ROBIZ, Aydano	<i>Os diamantes não são eternos</i>	<i>Diamonds are forgiving</i>	ALMEIDA, Candida L. Alves de	Sisterville, WV/ New York: Prospect Press	1956	1999	TCNJ
SANTIAGO, Síviano	<i>Stella Manhattan</i>	<i>Stella Manhattan</i>	YÚDICE, George	Durham, NC/ London: Duke University Press	1985	1994	BL GU
SCLIAR, Moacyr	<i>Max e os felinos</i>	<i>Max and the cats</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	New York: Ballantine Books (Random House); Toronto: Random House of Canada	1981	1990	LOC
SCLIAR, Moacyr	<i>Várias histórias</i>	<i>The collected stories of Moacyr Scliar</i>	GIACOMELLI, Eloah F.	Albuquerque: University of New Mexico Press	1999	1999	LOC
SOARES, Jó	<i>Xangô de Baker Street</i>	<i>A samba for Sherlock</i>	LANDERS, Clifford E.	New York: Pantheon Books	1995	1997	LOC
SOUZA, Márcio	<i>A condolência</i>	<i>Death squeeze</i>	WATSON, Ellen	New York: Avon Books	1984	1992	LOC
SOUZA, Márcio	<i>O fim do terceiro mundo</i>	<i>Lost world II: the end of the Third World</i>	SANTAMARIA, Lana	New York: Avon Books	1990	1993	LOC
STEEN, Edla van	<i>Corações mordidos</i>	<i>Village of the ghost bells</i>	GEORGE, David	Austin, TX: University of Texas Press	1983	1991	LOC
STEEN, Edla van	<i>Madrugada</i>	<i>Early mourning</i>	GEORGE, David	Pittsburgh, PA: Latin American Literary Review Press	1992	1997	LOC
STEEN, Edla van	<i>Seleção de histórias</i>	<i>A bag of stories</i>	GEORGE, David	Pittsburgh, PA: Latin American Literary Review Press	-	1991	LOC BL

Fonte: elaborado pela autora com base na Library of Congress, British Library, Washington Research Library Consortium e Georgetown Interlibrary Loan

Tabela 1 – Narrativa de ficção brasileira traduzida para o inglês no século XX por década

Décadas	Livros traduzidos
1900	0
1910	0
1920	6
1930	3
1940	10
1950	12
1960	32
1970	41
1980	76
1990	75

Fonte: elaborada pela autora com base na Library of Congress, British Library, Washington Research Library Consortium e Georgetown Interlibrary Loan.



O SISTEMA LITERÁRIO DOS ESTADOS UNIDOS

*The canonized repertoires of any system would very likely stagnate after a certain time if not for competition from non-canonized challengers, which often threaten to replace them. Under the pressures from the latter, the canonized repertoires cannot remain unchanged. This guarantees the evolution of the system, which is the only means of its preservation.*²⁴

(EVEN-ZOHAR, 1990, p. 16)

Os pesquisadores interessados no fenômeno tradutório, entusiasmados com as novas correntes do pensamento filosófico da década de 1960, deram início a um processo de reavaliação e modificação do paradigma fundador da supremacia do texto original sobre o texto traduzido, o qual, até então, era considerado periférico e ocupava um espaço menor dentro dos estudos literários e linguísticos. Os estudos acerca da tradução, principalmente quando se tratavam de textos integrantes do cânone literário, eram totalmente prescritivos, preocupados em apontar os erros do tradutor e as inadequações do texto traduzido em relação ao texto original, redundando, obviamente, em conclusões sobre a incompetência do tradutor e o arrefecimento da atividade tradutória. A partir de tal posicionamento, a pergunta que muitos passaram a fazer foi: como avançar as discussões teóricas acerca da tradução se, logo de início, ela já é depreciada como um produto derivado e de menor qualidade?

24 "Os repertórios canônicos de qualquer sistema ficariam estagnados depois de certo período se não fossem desafiados pelas obras não canônicas, que ameaçam substituí-los constantemente. Sob pressão, os repertórios canônicos não podem permanecer inalterados. É essa dinâmica que garante a evolução do sistema, a única forma de sua preservação".

Na década de 1970, o israelense Itamar Even-Zohar propôs a teoria do polissistema que concebe a literatura como um sistema de natureza dinâmica, constituído por vários subsistemas que agem e interagem. A tradução, tal qual a poesia, o teatro e a prosa, são elementos constituintes do sistema literário, que por sua vez se relaciona com outros sistemas da estrutura socioeconômica e ideológica de uma determinada sociedade. No caso dos textos traduzidos, quando integrados à cultura receptora, passam a fazer parte deste novo polissistema literário e sujeitam-se às suas regras. Geralmente ocupam uma posição diferente daquela que mantinham no polissistema de partida, e podem cumprir duas funções: uma considerada primária, que consiste em criar novos gêneros e estilos, e a outra, secundária, que serve para reafirmar gêneros e estilos já existentes. Embora sob essa perspectiva estejamos ainda longe da concepção mais contemporânea de tradução como um novo texto, transformado, completo em si mesmo, percebe-se nesse momento um desgaste dos posicionamentos tradicionais, que não reconheciam a singularidade da tradução e foram gradativamente substituídos por formulações com tendências cada vez mais descritivas. Assim, fortemente influenciadas pelo dinamismo sistêmico e funcional de Yury Tynjanov, as reflexões de Even-Zohar atribuíram à tradução o caráter funcional dos elementos constitutivos do campo literário, possibilitando-lhe uma posição menos secundária.²⁵

Seguindo a trilha do teórico, Gideon Toury (1995) idealizou uma metodologia de análise descritiva das traduções, adaptando o conceito de norma da sociologia e da psicologia social, pendendo assim para o campo da sociologia da cultura, mais especificamente, a sociologia da tradução, segundo a terminologia sugerida por James Holmes (2000).²⁶

25 Even-Zohar (1990) não só objetivou estabelecer os parâmetros teóricos, como também relatou suas pesquisas baseadas nesses pressupostos, uma delas foi a influência da cultura eslava no lídiche desde a Idade Média. De início, alguns aspectos parecem ter sido assimilados pela camada mais popular, tais como na língua vernácula e na literatura oral judaica. Isso porque a alta cultura judaica, influenciada pela cultura hebraica, rejeitava repertórios estrangeiros ou eram menos afetados por tais influências. Até que no final do século XIX, quando o hebraico passou a ser a língua falada na Palestina, a alta cultura judaica e a alta cultura eslava (em sua maioria russa) finalmente tiveram contatos diretos, ou seja, a literatura hebraica passou a utilizar-se do repertório russo para a constituição e o desenvolvimento da sua própria.

26 Em 1972, James Holmes declarou que não havia tantos estudos concentrados sobre a função da tradução em um determinado contexto, pois estes geralmente se configuravam como um

As normas da tradução passam então a representar o conjunto de valores compartilhados pelas culturas envolvidas e seus comportamentos no processo do ato tradutório. Toury distinguiu dois tipos de normas:

1. as preliminares, isto é, as políticas tradutórias que envolvem a escolha do texto a ser traduzido, bem como os autores e os gêneros da língua de partida; e
2. as operatórias, que se referem às decisões tomadas durante a realização da tradução e ocorrem em dois níveis:
 - i. as normas matriciais, que regulam a macroestrutura do texto e podem definir até se ele será traduzido integralmente ou não; e
 - ii. as normas linguístico-textuais, que regulam as escolhas do material linguístico da língua de chegada e determinam os tipos de equivalência, ou seja, a estratégia utilizada pelo tradutor em privilegiar as normas da cultura do texto original (adequação) ou as da cultura do texto traduzido (aceitabilidade) – o que Lawrence Venuti (2002) mais tarde chamou de estrangeirização e domesticação respectivamente.²⁷

O estudo polissistêmico de Even-Zohar (1990, p. 1) surgiu de uma necessidade específica de se investigar a formação do jovem e complexo sistema literário israelense, constituído por influências manifestas por meio da tradução de outras literaturas. Como acontece com qualquer sistema literário, houve um momento em que o hebraico recorreu à tradução para a constituição e renovação do seu repertório de gênero textual, estilístico e temático. Dessa forma, a proposta de Toury fundamenta-se no pressuposto de que as traduções são concebidas para preencher determinadas lacunas ou certas necessidades da literatura ou da cultura receptora. Respondendo a esses interesses, os tradutores

subtema da história da tradução ou da história da literatura. O autor ainda acrescentou que se uma ênfase maior fosse dada ao estudo contextual das traduções, um campo diferente, a sociologia dos Estudos da Tradução, poderia se desenvolver no futuro.

27 A edição de *Descriptive Translation Studies*, de 2012, inclui a descrição das traduções dos sonetos de Shakespeare, o uso do alemão e do inglês como línguas mediadoras e mediadas no processo das traduções e a germanização, a russificação e a anglicização da literatura hebraica.

imprimem certas características textuais para atender a uma demanda da cultura receptora.

Levantam-se, pois, algumas indagações: e se esses contatos entre as literaturas não se derem a partir do interesse estético de escritores ou editores de diferentes países? E se tais contatos forem forçados pelos governos, como no caso da literatura brasileira traduzida para os Estados Unidos na década de 1940? Neste caso, que *status* lhe foi conferido pelo sistema receptor? A escolha de textos seguiu os padrões estéticos domésticos para reforçar seu cânone, ou causou alguma subversão temática ou estética? Qual a margem de autonomia dos tradutores e como foi o processo de aceitação ou rejeição desses livros traduzidos para o sistema literário dos Estados Unidos? De acordo com Even-Zohar (1990, p. 58), o repertório de um sistema, uma vez traduzido e incorporado por outro sistema literário, geralmente descola-se do primeiro, sujeitando-se às normas do sistema receptor, tornando-se doméstico. Vejamos, a seguir, o ambiente literário estadunidense na década de 1940.

PANORAMA DO AMBIENTE LITERÁRIO NOS ESTADOS UNIDOS NA DÉCADA DE 1940

A sobrevivência dos textos de ficção no cânone de cada sistema literário é garantida por seu valor estético, sua recepção e sua relevância para um determinado contexto literário, social ou político. Esses fatores são definidos, articulados e atribuídos por agenciadores que promovem sua circulação e a leitura como, por exemplo, as instituições de ensino, as Academias de Letras, a crítica literária, a mídia e a rede de publicidade e distribuição das editoras. Uma das atividades colocadas em prática por esses grupos, muitas vezes trabalhando em conjunto, é incluí-los em antologias, ou seja, registrar e organizar as informações em volumes delimitados cronologicamente ou tematicamente. No caso da literatura estadunidense, uma pequena amostra das antologias disponíveis hoje é a listagem apresentada no Quadro 11.

Quadro 11 – Antologias de literatura estadunidense

1	<i>The Dover Anthology of American Literature</i> (2014) – Dover Publications;
2	<i>The Norton Anthology of American Literature</i> (2011) – W W Norton & Company – 8ª edição;
3	<i>Anthology of American Literature</i> (2010) – Longman – 10ª edição;
4	<i>Anthology of American Literature</i> (2009) – Anthology Books – Edição Kindle
5	<i>The Bedford Anthology of American Literature</i> (2008) – Bedford/St. Martin's;
6	<i>The Heath Anthology of American Literature</i> (2008) – Cengage Learning – 6ª edição;
7	<i>Anthology of American Literature</i> (2003) – Prentice Hall – 8ª edição;
8	<i>Anthology of American Literature</i> (1992) – Macmillan Coll Div – 5ª edição.

Fonte: elaborado pela autora com base na Loja virtual da Amazon.²⁸

A popularidade dessas antologias, largamente adquiridas por bibliotecas de vários países, pode ser percebida pelo elevado número de reedições, como é o caso da *Anthology of American Literature*, da Longman que já está na sua décima reedição. Consolida-se, dessa maneira, a sobrevivência do corpo de escritores e textos que acabam sendo os representativos de cada sistema literário, e, conseqüentemente, de seus países.

Já as historiografias das literaturas de língua inglesa tradicionais normalmente classificam a produção textual de acordo com a estética predominante de certos grupos literários, coincidindo com os acontecimentos ou marcos históricos. A divisão temporal do século XX é marcada pelos períodos entre guerras, de 1914 a 1945;²⁹ pós-guerra, a partir de 1945 até aproximadamente 1975; e o contemporâneo, a partir de 1975. Com essa divisão temporal, o ano 1945 parece marcar uma cisão na década de 1940 do corpo de textos produzidos nesse período. De um lado, um conjunto que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, e de outro, um que a sucedeu. Em termos estéticos literários, no entanto, grande parte dos escritores canônicos dos anos 1940 produziram textos que se aproximavam muito do estilo modernista, que dividia espaço com a narrativa realista.

28 Disponível em: <http://www.amazon.com>. Acesso em: 19 dez. 2014.

29 Historicamente, o período entre guerras refere-se ao período de paz entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, ou seja, de 1919 a 1939.

Para o período entre guerras, as antologias e as histórias literárias incluem escritores como Ernest Hemingway (1899-1961), Gertrude Stein (1874-1946), John Dos Passos (1896-1970), John O'Hara (1905-1970), John Steinbeck (1902-1968), Mary McCarthy (1912-1989), Nathanael West (1903-1940), Pearl S. Buck (1892-1973), Sinclair Lewis (1885-1951) e William Faulkner (1897-1962), alguns dos quais alcançaram o auge do prestígio, na década de 1930. Entre os escritores de contos, destacaram-se os trabalhos de Dorothy Parker (1893-1967), Ernest Hemingway, Eudora Welty (1909-2001), John O'Hara, Katherine Anne Porter (1890-1980), Langston Hughes (1902-1967) e Ring Lardner (1885-1933). Na década de 1920, os escritores que mais se destacaram, pertenceram ao movimento Harlem Renaissance, que teve um papel fundamental na luta pelos direitos civis da população afrodescendente e na mudança de alguns paradigmas do cenário literário. Entre eles estavam: Arna Bontemps (1902-1973), Claude McKay (1889-1948), Countee Cullen (1903-1946), Jean Toomer (1894-1967), Langston Hughes, Nella Larsen (1891-1964), Wallace Thurman (1902-1934) e Zora Neale Hurston (1891-1960).³⁰

Apesar da grande recessão econômica dos anos 1930 e da eclosão da Segunda Guerra, a indústria editorial nos Estados Unidos se mantinha firme graças às inovações em estratégias de divulgação, distribuição e comercialização. O aumento da escolaridade, incluindo o nível universitário da população, era um dos fatores que estimulava a venda de livros, principalmente as edições mais baratas, facilmente encontradas em farmácias, lojas de departamentos e bancas de jornal, além dos clubes de livros. As décadas de 1930 e 1940 foram consideradas por alguns críticos como o período em que um grande número de textos de qualidade literária se encontrava na lista de *best-sellers*, como os livros escritos por Betty Smith (1896-1972), Irwin Shaw (1913-1984), John Hersey (1914-1993), John Steinbeck (1902-1968), Lillian Smith (1897-1966), Norman Mailer (1923-2007), Willa Cather (1876-1947) e William Saroyan (1908-

30 Quando se trata do período pós-guerra há uma ênfase maior na produção a partir da década de 1950, com exceção de Norman Mailer que publicou *The Naked and the Dead* em 1948. Além da *Beat Generation* formada por Allen Ginsberg, Gary Snyder, Gregory Corso, Jack Kerouac, Lawrence Ferlinghetti, Michael McClure, Philip Whalen e William S. Burroughs, outros escritores destacaram-se, como Carson McCullers, Flannery O'Connor, James Baldwin, J. D. Salinger, John Updike, Kurt Vonnegut, Phillip Roth, Ralph Ellison, Richard Brautigan, Joseph Heller, Saul Bellow e Vladimir Nabokov, por exemplo.

1981). Jaqueline Foertsch suspeita que, embora um grande número de títulos desse período faça parte do cânone literário atual, sua circulação se limitou ao grupo restrito de críticos e acadêmicos. O leitor médio preferia aguardar os romances aclamados pela crítica em uma versão mais curta para as telas do cinema (FOERTSCH, 2008, p. 45). Foi o que aconteceu com *For Whom the Bell Tolls*, exibido em 1943, *Farewell, My Lovely*, lançado como *Murder, My Sweet*, em 1944, *Native Son*, de 1951, e *All the King's Men*, de 1949, para citar apenas alguns exemplos.

O início da nova década de 1940 é marcado por dois importantes acontecimentos no mundo literário, a morte do escritor F. Scott Fitzgerald (1896-1940) e o prêmio Pulitzer para John Steinbeck por *Grapes of Wrath* (1939). Fitzgerald fez sua estreia no mundo literário em 1920, com o romance *This Side of Paradise*, e atualmente é aclamado como o crítico do materialismo na Era do Jazz, característica predominante em *The Great Gatsby* (1925).³¹ Nos anos 1930, apesar da conturbada situação de sua carreira, Fitzgerald iniciou a escrita do romance *The Last Tycoon*, que não conseguiu concluir e só foi lançado postumamente em 1941. Com um diferente estilo de escrita e locus ficcional, Steinbeck começou sua carreira no final dos anos 1920 e publicou seus primeiros romances ambientados na região de Salinas, na Califórnia, durante os anos 1930. As narrativas sobre a migração de trabalhadores, também conhecidas como romance proletário, trazem à cena famílias ou indivíduos que se deslocam em busca de trabalho para a sobrevivência, em meio à grande depressão econômica dos Estados Unidos. No período da Segunda Guerra o autor lançou *The Moon is Down* (1942), a história de uma cidade ocupada e os horrores sofridos pela falta de liberdade, e *Cannery Row* (1945), uma narrativa sobre os moradores e suas vidas em uma área costeira de Monterey, na Califórnia, também no período da Depressão.

Na década de 1940, alcançaram grande repercussão doméstica romances como *Farewell, My Lovely* (1940), de Raymond Chandler, *For Whom the Bell Tolls* (1940), de Ernest Hemingway, *Native Son* (1940), de

31 A síntese das obras foi baseada na leitura direta que a autora fez das obras em apreço. A autora se beneficiou também das análises feitas nas histórias literárias de Karl (1983), Foertsch (2008) e Graebner (2010) e nas antologias de Davis, Frederick e Mott (1949), Gottesman e demais autores (1979) e Baym e demais autores (1994).

Richard Wright, e *The Heart is a Lonely Hunter* (1940), de Carson McCullers, tendo dois deles sido traduzidos e publicados naquele mesmo ano: *For Whom the Bell Tolls* traduzido para o espanhol³² e *Native Son* para o holandês. A crítica sobre *Native Son*, de Richard Wright, feita pelo brasileiro Heitor Ferreira Lima (1944) para *O Estado de São Paulo*, enalteceu a técnica narrativa e a meticulosa construção dos personagens, bem como a importância social de obras como essa, que superava tudo o que se escrevera sobre a opressão dos negros no Brasil.³³

Em 1945, Wright publicou *Black Boy*, a autobiografia que retomava sua infância no sul até parte da adolescência, quando se mudou para Chicago. A estratégia de *marketing* valeu-se do capital simbólico acumulado com seu romance de estreia ao imprimir na capa do novo livro a seguinte frase: “Do mesmo autor de *Native Son*”. Só que desta vez, Wright dividiu as atenções do público e da crítica com Chester Himes, que entrou no cenário literário nesse mesmo ano com a publicação de *If He Hollers, Let Him Go*. O personagem principal, Bob Jones, tem o mesmo potencial de luta contra a opressão de Bigger Thomas. A reprodução da linguagem coloquial dos personagens funde-se muitas vezes com a voz do narrador, aproximando-se da narrativa moderna e distanciando-se dos romances proletários da década de 1930. Estes, por sua vez, criavam grandes fissuras na narrativa, com diferenças acentuadas entre a linguagem coloquial no discurso direto e a linguagem formal no discurso indireto, distinguindo o *status* ou os grupos sociais aos quais pertenciam os personagens e o narrador.

No ano anterior, *Strange Fruit*, de Lillian Smith, chegara ao topo da lista da *Publishers Weekly*. *Strange Fruit*, título homônimo do poema escrito, em 1937, pela professora Abel Meeropol e imortalizada na voz de Billie Holiday, em 1939, é uma denúncia ao racismo e ao linchamento de afrodescendentes, então muito comuns nos estados do sul.

32 A participação de Hemingway na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) como correspondente de guerra foi a inspiração para esse livro, considerada uma de suas obras primas juntamente com *The Old Man and the Sea* (1952).

33 National Archives and Records Administration II (NARA II). RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1330.

O livro que conta a história de amor entre Nonnie, uma afrodescendente, com um homem branco, foi proibido em Boston em face da linguagem obscena, e em East Cambridge foi considerado “obsceno, impuro e indecente”. Em Boston, Richard Fuller, presidente da Boston Board of Retail Book Merchants [Comissão dos Livreiros de Boston], ordenou a sua retirada das livrarias após uma queixa sobre seu conteúdo imoral, sugerindo “pequenas mudanças” para que o livro pudesse voltar a circular. Como tanto a escritora quanto a editora não aceitaram a condição, o livro foi censurado extra oficialmente. Já em East Cambridge, houve um julgamento no qual se decidiu pela proibição oficial do romance. (TEBBEL, 2003b, v. 4, p. 93-95)³⁴ O tema que mais preocupava os segregacionistas, na realidade, era o relacionamento interracial, sobretudo a gravidez de Nonnie, em um país onde esse tipo de união era proibido por lei em vários estados. Nesse sentido, a fruta estranha à qual se refere o romance é a criança que Nonnie carrega no ventre, não os corpos pendurados nas árvores após o linchamento, a metáfora do poema.

Jacqueline Foertsch (2008, p. 2, tradução nossa) estudou o contexto cultural nos Estados Unidos em *American Culture in the 1940s*, explorando “as importantes continuidades de conflito, medo, prosperidade e patriotismo da década que geraram um produto cultural bem integrado com um significado cumulativo”.³⁵ Após a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra, a indústria bélica gerou empregos até mesmo para as mulheres e para outros grupos étnico-nacionais que, até então, haviam tido o acesso negado em determinadas fábricas, provocando uma série de protestos no Harlem, em Detroit e em Los Angeles, em 1943. A população branca se revoltava constantemente com o influxo de negros, latinos e asiáticos no mercado de trabalho, criando ainda mais animosidades internas em plena época de guerra. O crescente número de imigrantes e negros na indústria editorial foi traduzido para o campo literário na forma de heróis e heroínas que lutavam contra as adversidades diárias.

34 Mais detalhes sobre a censura nesse período, cf. Tebbel (2003, v. 4, p. 77-97).

35 “The study commencing here will establish the decade's important continuities – of conflict, fear, prosperity, and patriotism – that generated a well-integrated and cumulatively meaningful cultural product”.

Além da ficção, vários estudos sociológicos foram publicados nesse período. Walter White, por exemplo, documentou, em *A Rising Wind* (1945), as frustrações dos soldados afrodescendentes bem treinados que serviram como carregadores ou transportadores, ao invés de combatentes durante a guerra. Em sua autobiografia, *A Man Called White* (1948), o escritor retomou esse assunto. Gunnar Myrdal, em *An American Dilema* (1943), estudou a vida dos afrodescendentes nos Estados Unidos, desde as piadas até as diferenças de moradias, escolas e trabalho para os negros e os brancos. *Black Metropolis* (1945), dos sociólogos St Clair Drake e Horace R. Cayton é o estudo da contenda dos afrodescendentes em Chicago, no assentamento fundado em 1790, o seu papel como abrigo para aqueles que fugiram da escravidão, a industrialização da área e a sua transformação em favela (o Chicago Black Belt [Cinturão Negro de Chicago] – locus dos romances de Wright). O sociólogo William Edward Burghardt Du Bois publicou *Dusk of Dawn* (1940), utilizando a sua autobiografia como exemplificação do significado de raça, no século XIX e início do XX. Em *Color and Democracy* (1945), Du Bois identificou a democracia racial no sistema comunista da então União Soviética. (FOERTSCH, 2008)

Escritores e jornalistas reagiram intensivamente à guerra e ao pós-guerra, mesmo que alguns evitassem abordar o tópico diretamente em seus trabalhos. Foertsch agrupou os textos da década de 1940 em dois conjuntos: os que versavam sobre a guerra e os que tratavam do sul estadunidense. Os romances do primeiro grupo concentraram-se nas situações de guerra propriamente dita ou na guerra interna do sujeito alienado e solitário contra uma sociedade de massa indiferente. Esses heróis solitários que dirigiam os olhares para a compreensão de si mesmos passaram a povoar as páginas das narrativas e anteciparam o fenômeno existencialista, que influenciaria muitos escritores a partir do final da década de 1940. *The Human Comedy*, de Saroyan, *For Whom the Bell Tolls*, de Hemingway, *Dangling Man*, de Bellow, *The Naked and the Dead*, de Mailer, e *The Young Lions*, de Shaw, são alguns exemplos que fazem referências diretas à Guerra e aos absurdos que ameaçavam o homem moralmente. (FOERTSCH, 2008)

A literatura do sul dos Estados Unidos, considerada mais conservadora, era geralmente reverenciada pelos novos críticos, alguns dos

quais se identificavam diretamente com os movimentos conservadores *Fugitive Poet* e *Southern Agrarian*, centrados em Vanderbilt University nos anos 1920 e 1930. A Nova Crítica surgiu em contraposição aos estudos que recorriam a dados biográficos ou históricos para interpretar obras literárias. O novo método proposto de interpretação, o *close reading*, voltava-se exclusivamente para a arquitetura do texto, ou seja, para a sua constituição e a relação dos elementos que formavam um todo coerente, o texto. William Faulkner, Carson McCullers (1917-1967), Katherine Anne Porter, Robert Penn Warren (1905-1989) e Eudora Welty são os mais mencionados no âmbito da tradição conservadora. Na entrega do Nobel, em 1949, Faulkner criticou o capitalismo e o comunismo e conclamou seus colegas a ignorarem as ansiedades distraídas da era atômica em seus trabalhos artísticos. (FOERTSCH, 2008)

Largamente influenciado pelo uso do fluxo de consciência que conquistava cada vez mais os escritores europeus desde os anos 1920, William Faulkner destacou-se no Novo Mundo com a saga no mítico Condado de Yoknapatawpha, locus dos romances *Sartoris* e *The Sound and the Fury* [O Som e a Fúria], ambos publicados em 1929, *As I Lay Dying* [Enquanto Agonizo], em 1930, *Sanctuary* [Santuário], em 1931, *Light in August* [Luz em Agosto], em 1932 e *Requiem for a Nun* [Requiem por uma Freira], em 1951. Cada história pode ser lida e entendida independente uma das outras, sendo que as três primeiras têm como uma das temáticas a decadência das famílias aristocráticas do sul agrário dos Estados Unidos. *Requiem for a Nun* foi escrito como continuação de *Sanctuary*. Uma das características mais marcantes dos romances de Faulkner é a construção/desconstrução do espaço interno de certos personagens que se dá a partir de *flashbacks*, reações e associações. O escritor explorou os efeitos do tempo, a pressão do passado que afeta o psicológico e as ações presentes dos personagens, não como uma forma de estabelecer causalidade e efeito para as ações ou reações, mas como reflexão sobre o indivíduo atravessado por memórias, voluntárias ou involuntárias e associações nem sempre coerentes ao longo de sua existência.

Distanciando-se um pouco da classificação de tendências conservadoras ou modernas das obras e dos escritores, a variedade de temas tratados é indicativa das desigualdades de gênero, etnia e classe da época. O combate que se travou por meio da literatura pelos espaços e lugares

de poder estabelecidos secularmente fortaleceu ainda mais o coro pelos direitos civis igualitários. Dessa vez, muitos que haviam sido mantidos às margens da instituição literária começaram gradativamente a usar a escrita para dar voz à sua própria expressão e ao engajamento. Zora Neale Hurston produziu a sua biografia em *Dust Tracks on a Road* (1942), Ann Petry, em *The Street* (1946), narrou a história de Lutie, uma mãe solteira que vivia com o filho em Nova York e seus esforços de sobrevivência em meio à pobreza. E *Ida* (1941), de Gertrude Stein, explorou a busca de uma mulher por um relacionamento verdadeiro a partir de suas percepções, pensamentos e sentimentos.

A representação da mulher nos moldes familiares e com o apelo comercial, devido ao contexto da guerra, também obteve igual ou maior sucesso entre o público, como por exemplo, *Mrs Miniver* (1940), de Jan Struther, e *Mildred Pierce* (1941), de James M. Cain. Enquanto Miniver permanece em sua casa administrando a vida doméstica, na ausência do marido e do filho, convocados para a guerra, Mildred Pierce é a mulher que precisa sustentar suas filhas após se separar do marido e alcança sucesso ao abrir seu próprio restaurante. Ambos os romances reconstruíram o papel fundamental da mulher, ainda que nos moldes tradicionais, num universo voltado para a guerra. *Mrs Miniver* [Rosa da Esperança] foi traduzido para as telas de cinema logo após a sua publicação, em 1942, e *Mildred Pierce* [Alma em Suplício], em 1945.

William Graebner (1990, p. 2) nos oferece uma interpretação da cultura dos Estados Unidos nos anos de guerra: “a cultura americana foi definitivamente democrática, pelo menos na superfície”. Os discursos sobre “a união dos americanos nos esforços de guerra para a vitória da democracia (traduções nossas)”, conclamados pelos líderes políticos, parecem ter se aproximado direta e indiretamente do público. Os pronunciamentos, os cartazes, as reportagens, as entrevistas, o cinema e a publicidade incorporavam não somente o lema da união dos estadunidenses, mas também a hemisférica. Consciente ou inconscientemente, a preferência de editores por histórias ou conjuntos de histórias que representassem a democracia reforçaria o lema da união, ao mesmo tempo em que responderia aos anseios do público por histórias que representassem seus valores e ideais, mesmo que essas fossem superficiais e voláteis.

Graebner chamou os anos 1940 de era da dúvida. A primeira metade da década, marcada pela cultura da guerra, tinha um caráter público, nacionalista, pragmático, sentimental e realista, e enaltecia o espírito de grupo, conseqüentemente, a democracia. A segunda metade, a Guerra Fria, ou a cultura da paz, prezava o privado, o familiar e o individual, traduzindo o sentido da liberdade. Finda a guerra, nas palavras do crítico, “encontrava-se a perspectiva conservadora e individualista em todos os lugares” (GRAEBNER, 1990, p. 10, tradução nossa): na psiquiatria, na psicanálise, nos romances de Raymond Chandler e Mickey Spillane com seus heróis isolados em um mundo corrupto e perigoso, no filme *noir* e seus protagonistas existencialistas, nos quadrinhos *avant-garde* e nas pinturas expressionistas abstratas. Os escritores gradualmente abandonavam as explicações sociais e econômicas e recorriam, cada vez mais, às explicações psicológicas, um misto de idiosincrasias, mistério e indeterminação. Os textos latino-americanos em tradução foram inseridos nesse contexto.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA TRADUÇÃO DA NARRATIVA DE FICÇÃO BRASILEIRA NO SISTEMA LITERÁRIO DOS ESTADOS UNIDOS

Uma vez que os idealizadores do projeto tradutório extraíram do cânone literário brasileiro o conjunto de textos de seu interesse e aspiravam uma recepção condizente com o seu *status* no sistema original, apresenta-se, no Quadro 12, uma lista dos títulos estadunidenses, geralmente mencionados em antologias ou na história literária, acrescidos de uma coluna com as traduções e tradutores das narrativas de ficção brasileira. A contextualização das obras brasileiras inseridas no sistema estadunidense favorece a visualização de alguns aspectos acerca de seu *status* nesse sistema e os possíveis critérios estéticos domésticos que absorveram o cânone brasileiro. A literatura traduzida, independentemente da posição que mantenha em seu sistema de partida, ao ser incorporada pelo sistema receptor, segue as normas domésticas.

Quadro 12 – O cânone receptor e a tradução da ficção brasileira

Ano	Títulos estadunidenses	Traduções de títulos brasileiros
1940	<i>Farewell, My Lovely</i> , Raymond Chandler <i>For Whom the Bell Tolls</i> , Ernest Hemingway <i>Native Son</i> , Richard Wright <i>Pal Joey</i> , John O'Hara <i>The Heart is a Lonely Hunter</i> , Carson McCullers	-
1941	<i>Berlin Diary</i> , William Shirer <i>Ida</i> , Gertrude Stein <i>Mildred Pierce</i> , James M. Cain <i>The Last Tycoon</i> , F. Scott Fitzgerald	-
1942	<i>Cross Creek</i> , Marjorie Kinnan Rawlings <i>Dragon Seed</i> , Pearl Buck <i>Dust Tracks on a Road</i> , Zora Neale Hurston <i>The Moon is Down</i> , John Steinbeck <i>The Company She Keeps</i> , Mary McCarthy	-
1943	<i>A Tree Grows in Brooklyn</i> , Betty Smith <i>Gideon Planish</i> , Sinclair Lewis <i>Number One</i> , John Dos Passos <i>The Fountainhead</i> , Ayn Rand <i>The Human Comedy</i> , William Saroyan <i>The Promise</i> , Pearl Buck	<i>Crossroads (Caminhos Cruzados)</i> , Louis C. Kaplan
1944	<i>Dangling Man</i> , Saul Bellow <i>Strange Fruit</i> , Lillian Smith <i>The Razor's Edge</i> , W. Somerset Maugham	<i>The Bonfire (A Fogueira)</i> , Dudley Poore <i>Rebellion in the Backlands (Os Sertões)</i> , Samuel Putnam
1945	<i>Black Boy</i> , Richard Wright <i>Cannery Row</i> , John Steinbeck <i>If He Hollers, Let Him Go</i> , Chester Himes <i>Portrait of a Marriage</i> , Pearl Buck <i>Stuart Little</i> (infantil), E. B. White	<i>The Violent Land (Terras do Sem Fim)</i> , Samuel Putnam <i>Inocência (Inocência)</i> , Henriqueta Chamberlain
1946	<i>All the King's Men</i> , Robert Penn Warren <i>Delta Wedding</i> , Eudora Welty <i>Pavilion of Women</i> , Pearl Buck <i>The Street</i> , Ann Petry	<i>Anguish (Angústia)</i> , Louis C. Kaplan <i>The Rest is Silence (O Resto é Silêncio)</i> , Louis C. Kaplan
1947	<i>I, the Jury</i> , Mickey Spillane <i>Kingsblood Royal</i> , Sinclair Lewis <i>Others Voices, Other Rooms</i> , Truman Capote <i>Tales of the South Pacific</i> , James A. Michener	<i>Consider the Lillies in the Field (Olhai os Lírios do Campo)</i> , Jean Neel James Karnoff

1948	<i>Intruder in the Dust</i> , William Faulkner <i>Seraph on the Suwanee</i> , Zora Neale Hurston <i>Story of the Negro</i> , Arna Bontemps <i>The Naked and the Dead</i> , Norman Mailer <i>The Young Lions</i> , Irwin Shaw	-
1949	<i>The God-seeker</i> , Sinclair Lewis <i>The Grand Design</i> , John Dos Passos <i>The Man With the Golden Arm</i> , Nelson Algren <i>The Oasis</i> , Mary McCarthy <i>The Sheltering Sky</i> , Paul Bowles	-

Fonte: elaborado pela autora com base em Foertsch (2008), WorldCat e *Publishers Weekly*.

De acordo com as informações contidas no Quadro 12, há algumas semelhanças entre os textos brasileiros e os estadunidenses, mas nota-se uma distância entre eles na esfera estética e na temática social focada exclusivamente no espaço externo dos textos brasileiros. A temática das injustiças sociais que marcaram o cânone estadunidense entre os anos 1920 e 1930 foram, aos poucos, sendo circunscritas em narrativas que mergulhavam cada vez mais em direção às aflições individuais e inquietudes psicológicas na década de 1940 – característica também presente nos textos brasileiros, segundo Luís Bueno (2006). Quando escritores, agenciadores ou editores de diferentes países entram em contato, devido a interesses em comum, há geralmente uma preferência por textos inovadores para oxigenar os cânones domésticos. No caso do projeto tradutório dos textos brasileiros, esse contato estreitamente vinculado a interesses políticos forjou um cânone de realismo social, fortalecendo a tradição canônica estadunidense das décadas anteriores, e introduziu um elemento inovador, a temática geográfica. Vejamos caso a caso.

A primeira publicação do projeto tradutório do Office of Interamerican Affairs (OCIAA) foi o romance *Crossroads* (1943), assinado por Louis C. Kaplan, uma tradução de *Caminhos Cruzados*, de Erico Verissimo. É a narrativa de um grupo de personagens pertencentes a diferentes classes sociais que se entrecruzam na cidade de Porto Alegre. De acordo com as diretrizes que orientaram a elaboração do projeto de tradução do OCIAA, exigia-se do tradutor, além dos conhecimentos técnicos, refinamento cultural suficiente para realizar as adaptações necessárias na

tradução dos textos marcadamente regionais, tornando-os compreensíveis para os leitores estadunidenses.³⁶ A falta de conhecimento prévio sobre a América Latina³⁷ chegou a ser vista como um problema para o entendimento dos textos originados nos vários países de culturas tão diversas, justificando a necessidade de um bom tradutor. Nesse sentido, a linguagem acessível, a universalidade temática e sua fácil acomodação ao sistema literário estadunidense favoreceram a escolha de *Caminhos Cruzados*. Além do mais, o escritor já traduzira vários romances da literatura em língua inglesa para o português e assumira publicamente a influência da técnica do contraponto, de Aldous Huxley, na sua própria produção. (TORRES, 2012) Sua tradução de *Counterpoint* [Contraponto] para o português foi publicada no mesmo ano de *Caminhos Cruzados*, em 1935. O estudo da vida dos personagens em ambientes urbanos, retomado em *O Resto é Silêncio* (1938) e *Olhai os Lírios do Campo* (1943), também simplificou a acomodação dos textos de Verissimo em outros sistemas literários. Ambos foram traduzidos para o inglês como *The Rest is Silence*, por Louis C. Kaplan, em 1946, e *Consider the Lillies of the Field*, por Jean Neel Karnoff, em 1947, respectivamente. Títulos estadunidenses com a mesma perspectiva de representação da sociedade urbana como *Cannery Row*, por exemplo, foram publicados na mesma década de *Crossroads*.

Em 1944, veio a público a tradução de *A Fogueira*, pertencente a outro grupo de textos latino-americanos premiados no início do programa das relações interamericanas. O romance premiado nesta edição do concurso, *El Mundo es Ancho y Ajeno* (1941), do escritor Ciro Alegria, foi vertido para o inglês como *Broad and Alien is the World* (1941) por Harriet de Onís. Ao contrário de *A Fogueira*, é considerado um clássico da literatura peruana. Ele narra a luta da comunidade indígena Rumi contra os ricos fazendeiros pelo direito de permanecer em suas terras. Após uma disputa judicial envolvendo a corrupção de juízes e autoridades locais, os Rumis foram fixados em outra área, imprópria para o cultivo

36 (NARAI). RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1264. Relatório intitulado *O papel do livro nos relações interamericanas*.

37 Para uma discussão mais aprofundada sobre o conceito de América Latina cf. Bethell (2010).

e a criação de animais. Gil Gilbert e Miguel A. Menéndez também receberam a menção honrosa por *Nuestro Pan* (1942) e *Nayar* (1940), respectivamente. *Nuestro Pan*, traduzido para o inglês em 1943 como *Our Daily Bread* por Dudley Poore, narra a exploração do trabalho dos plantadores de arroz no Equador, e *Nayar*, ganhador do prêmio nacional de literatura e vertido para a língua inglesa em 1942 por Angel Flores, ficcionaliza a vida e o ambiente em que viviam os indígenas do grupo Cora no estado de Nayarit, no México.

Broad and Alien is the World, *Our Daily Bread* e *Nayar* são marcadamente regionalistas e construíram narrativas em torno dos conflitos entre os indígenas e os colonizadores de origem espanhola. Divergindo da temática indigenista desses romances, *A Fogueira* é a saga de um imigrante sírio no Brasil. A primeira parte do livro ficcionaliza sua vida em uma remota comunidade na Síria; a segunda parte, sua chegada ao Brasil e a luta diária na cidade de São Paulo; a terceira e última seção da obra narra a sua prosperidade e decadência na fazenda no interior de Minas, comprada com o dinheiro de seu trabalho. *A Fogueira* abordou um fenômeno presente no Novo Mundo desde o início da colonização no século XVI até então, a imigração de estrangeiros de diversos continentes e sua adaptação no novo ambiente. *Lato sensu*, pode-se afirmar que ele está em maior sincronia com a produção dos Estados Unidos que os romances latino-americanos indigenistas. Sua publicação se deu um ano após *A Tree Grows in Brooklyn*, a história de Francie, uma adolescente de segunda geração irlandesa. Dividida também em volumes, a narrativa desdobra a chegada de sua família aos Estados Unidos até o seu ingresso na universidade, permanecendo na lista de *best-sellers* da *Publishers Weekly* por dois anos.

Apesar da recepção de *A Fogueira* no Brasil ter sido quase nula, não despertando grandes interesses entre leitores ou da crítica, o romance parece ter se ajustado aos critérios estabelecidos pelas editoras organizadoras do concurso. Reproduz-se, a seguir, o parecer da comissão brasileira que o selecionou como representante no certame de melhor romance latino-americano:

Eis o que nos pareceu o caso de um autor com decidida vocação para o romance. É pena que seu livro esteja escrito tão

desalinhadamente, dando a impressão de que foi feito numa língua estranha e traduzido para o português por algum tradutor pouco hábil. Encerra excelentes tipos: a de Alexandre Arbe, o sírio, que no Brasil se tornou Elias Guerra, o de Júlia, o do Dr. Fróis, o médico anatóliano, o do menino músico, e das filhas e genros de Elias, etc.

Sugerimos que se faça ao autor de *A Fogueira* uma recomendação de rever com cuidado, ou mandar fazê-lo por pessoa idônea, os originais do seu romance. Nossa opinião é que este último – *A Fogueira* – pelas verdadeiras qualidades que revela, embora sempre prejudicial por um estilo muito defeituoso, é que deve ser indicado para representar o Brasil no júri final do Concurso de romances latino-americanos, da Redbook Magazine, Farrar & Rinehart, Inc. e Nicholson & Watson. Dos juízes brasileiros.³⁸

Ainda em 1944, assemelhando-se aos textos regionalistas premiados no concurso, encontramos a publicação de *Rebellion in the Backlands*, traduzido por Samuel Putnam. É perceptível o aumento do grau de dificuldade que os leitores poderiam encontrar devido ao vocabulário da vegetação da caatinga em *Os Sertões*, o que foi efetivamente resolvido com a adição de um glossário de termos brasileiros. A ideia presente na obra de Euclides da Cunha, de que os indivíduos eram fortemente influenciados pelo meio ambiente, também podia ser encontrada em *Chile: una Loca Geografía* (1940), de Benjamin Subercaseaux. A tradução desta última foi publicada em 1943 como *Chile, a Geographic Extravaganza*, assinada por Angel Flores. Em todos esses casos, adequaram-se os parâmetros estabelecidos pelo OCIAA. Em termos gerais, o grupo contratado pela agência empenhou-se em escolher os romances que representassem:

- i) a psicologia do caráter nacional, ii) seu condicionamento determinado pela geografia humana e pelas tradições de vida, iii) sua mais expressiva característica atual, seja na arquitetura, na ficção regional ou na análise social, e iv) o caráter

38 Beinecke Rare Book and Manuscript Library. YCAL MSS 599. Box 2 f. Farrar and Rinehart complete.

emergente e suas transformações desde 1920: os problemas constantes, os efeitos predominantes e os esforços aparentes.³⁹

Esses critérios foram na realidade usados para compilar outro corpo de textos da literatura latino-americana, mas provavelmente ajudaram-nos também na seleção dos romances que emulassem o suposto universo agrário, hostil e atrasado da América Latina em contraste radical com o cenário de industrialização e progresso dos EUA. Pelo menos no plano imaginário, o comando estadunidense era apresentado como necessário e óbvio, já que grande parte da população dos países vizinhos parecia viver em condições geográficas de isolamento e imobilidade física e social. Reclusos em lugares de clima desértico, de mata cerrada ou de áreas alagadiças, essa população não se qualificaria para o exercício da liderança do Novo Mundo.

Em 1945, *The Violent Land*, traduzido por Samuel Putnam, e *Inocencia*, por Henriqueta Chamberlain, seguem também os critérios que acabaram de ser apontados. *The Violent Land* e *Rebellion in the Backlands*, além da temática e do locus ficcional no nordeste brasileiro, têm um tipo de narrador em comum: o heterodiegético centrado no narrador, aquele que tem o controle total dos eventos da diegese e é até mesmo capaz de expressar os sentimentos ou pensamentos de cada personagem na trama. A maneira como esse narrador organiza, apresenta e conduz a narrativa é determinante para a percepção do mundo diegético, que por sua vez tem uma grande capacidade de instaurar uma representação no imaginário dos leitores. Trazendo-a para o contexto da tradução de romances, uma das portas de entrada para o conhecimento de outros povos e culturas, tais representações formaram atitudes, referências e estereótipos.

Inocência, publicado originalmente pelo Visconde de Taunay em 1872, foi resgatada do romantismo oitocentista brasileiro, para um contexto realista-moderno do século XX. A história de amor entre Inocência e Cirino se passa no sertão mato-grossense e, apesar do anacronismo

39 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 536. Original: "i) The psychology of the national character; ii) Its conditioning by human geography and by the living tradition; iii) Its most characteristic expression today – whether in architecture, regional fiction, social analysis; iv) The emerging character, content and rate of changes since 1920: persistent problems, prevailing purposes and conspicuous efforts".

estético, ajuda a compor o mosaico da diversidade regional brasileira. Visconde de Taunay conheceu a região do Mato Grosso durante sua participação na Guerra do Paraguai e registrou a linguagem e os costumes sertanejos da região em seu romance, que é hoje considerado um clássico da literatura brasileira.

Em 1946, a publicação de *Anguish*, traduzida por Louis C. Kaplan, sinaliza um contraste em relação aos romances do realismo social concentrados no espaço externo. A angústia do personagem narrador Luís da Silva fixa-se na infância no interior seco de Alagoas, no seu cotidiano em Maceió, nas suas observações das vidas dos vizinhos, em Marina, em Julião Tavares e no seu crime. Um misto de memórias, sensações, sentimentos, devaneios e imaginação produz a realidade angustiante que suspende sua vida por alguns momentos, e duvida-se da concretização dos fatos e dos atos narrados. Na tentativa de reconstituir o crime, o protagonista apresenta as evidências físicas do assassinato de Julião Tavares ao mesmo tempo em que questiona sua sanidade mental.

Segundo Irene Rostagno (1997),⁴⁰ a literatura latino-americana sofreu grandes mudanças nos anos 1940. Os romances realistas de protesto social perderam a hegemonia e vários escritores começaram a experimentar novas técnicas, mais alinhadas com a tendência moderna de apelo mais universal, sem, no entanto, deixar de lado o aspecto político e social. Porém, não foram esses textos contemporâneos os eleitos para serem traduzidos para o inglês. Rostagno (1997) parte da premissa da influência do escritor estadunidense Waldo Frank sobre os textos a serem traduzidos, ou seja, a sua preferência por obras marcadamente regionalistas, tendo sido, sem dúvida, o escritor mais engajado em promover a literatura latino-americana nos Estados Unidos.

Em virtude do crescente interesse do público por assuntos gerais, o subsídio do OCIAA para a tradução e as dificuldades de comércio com o mercado europeu, o casal Knopf, por exemplo, à frente de uma das editoras mais conceituadas nos Estados Unidos à época, voltou-se para a América Latina para suplementar a necessidade por novos produtos. A editora interessava-se pela literatura contemporânea e foi a responsável por lançar um grande número de títulos europeus traduzidos, nem sempre muito pres-

40 Sua pesquisa concentra-se na literatura dos países hispânicos mais do que nos textos brasileiros.

tigiados nos próprios países de origem. Apesar da reconhecida reputação por uma linha editorial mais de vanguarda, a postura diante dos textos latino-americanos foi diferente. A casa privilegiou traduzir os romances mais tradicionais do cânone. Embora Blanche Knopf considerasse a literatura moderna latino-americana promissora, não poderiam correr grandes riscos naquele momento de economia abalada e escassez de papel. (ROSTAGNO, 1997) Em relação às obras brasileiras, na década de 1940, a Knopf assinou o contrato para traduzir *Terras do Sem Fim*, um romance nos moldes realista, e *Angústia*, que se caracteriza pelo fluxo de consciência mais moderno. Esse foi o primeiro contato do casal com os textos brasileiros, a que se seguiriam outros romances de Jorge Amado, incluindo *Gabriela, Cravo e Canela*, em 1962, que permaneceu no topo da lista dos *best-sellers* da *New York Times* por várias semanas.

Entre os tradutores do português para o inglês, Samuel Putnam trabalhou para a Knopf em várias ocasiões, atuando também como tradutor da língua espanhola para o inglês. Após a sua morte, em 1950, Harriet de Onís assumiu o seu lugar e teve um papel fundamental no projeto da literatura latino-americana da casa dos Knopfs. Até meados de 1960, era ela quem decidia que autores seriam traduzidos para o inglês. (ROSTAGNO, 1997)

Embora Rostagno afirme que a história da literatura latino-americana nos Estados Unidos teria sido diferente não fossem alguns dos fatores elencados anteriormente, há de se considerar também os interesses políticos resguardados pelo projeto tradutório pensado e executado pelo OCIAA. Direta ou indiretamente, o projeto moldou a preferência de editores e da população por uma literatura étnica para fins instrutivos sobre os vizinhos sul-americanos.

OS LIVROS DE AVENTURA: O BRASIL COMO LOCUS⁴¹

Ao procurar as críticas ou as resenhas das traduções em jornais como o *The New York Times* (Estados Unidos), *The Washington Post* (Estados Unidos), *The Guardian* (Inglaterra), *The Scotsman* (Escócia), *Irish Times*

41 Parte dessa seção foi publicada em forma de artigo em uma coletânea, cf. Morinaka (2020).

e *Weekly Irish Times* (Irlanda),⁴² meios utilizados para fazer circular e divulgar novos títulos, o que chamou a atenção foi o número relativamente grande de entradas ao inserir as diferentes combinações entre as palavras-chave “Brazil, Brazilian e fiction” para a década de 1930. De acordo com as informações do Quadro 4, inserido no primeiro capítulo, somente dois romances brasileiros e uma crônica haviam sido traduzidos para o inglês nesse período. O que indicaria, então, esse grande número de artigos?

A observação mais cuidadosa demonstrou que não se tratava de críticas e nem resenhas sobre as traduções. Eram resenhas ou sinopses de narrativas de ficção escritas em língua inglesa por autores ingleses ou estadunidenses que ambientaram suas histórias no Brasil. Assim, antes de prosseguir a investigação sobre as traduções, esta seção do livro debruça-se sobre a multiplicidade de caminhos que esses artigos poderiam oferecer sobre as temáticas, os gêneros e a popularidade dos livros de ficção mais comuns nas décadas de 1930 e 1940, oferecendo, ademais, algumas pistas sobre as escolhas de determinados livros brasileiros a serem traduzidos em detrimento de outros, de acordo com os interesses do mercado estadunidense.

O mercado editorial para o grande público da década de 1930 e 1940 popularizou outros autores e títulos escritos em língua inglesa apesar da crise econômica no país e do crescente interesse do público por livros de não-ficção. Além dos *best sellers* que renderam prêmios para os autores mais conhecidos internacionalmente, alguns deles traduzidos para o português, houve também um mercado para comercializar edições mais acessíveis a um público cada vez mais empobrecido pela recessão, e que logo em seguida passou pelos duros anos de guerra. Essas publicações ficaram conhecidas como *dollar books* (TEBBEL, 2003a, v. 3), livros vendidos a um ou dois dólares. Houve, assim, um aumento na vendagem de romances policiais, de aventura, de mistério e de amor, entre os quais se encontra o tema de interesse deste livro: as narrativas ambientadas no Brasil.

42 Esses jornais fazem parte da base de dados *ProQuest*, que encontra-se disponível por meio dos portais de bibliotecas localizadas em instituições na Europa e nos Estados Unidos.

Nenhum dos autores desses títulos foi catalogado pela história literária ou as antologias, e muitos só tiveram uma única edição em razão de uma demanda imediata por histórias de romances e aventuras, ou porque não caíram na preferência do público. No entanto, eles circularam no vasto e popular mercado do *dollar book*, conclusão a que se chega a partir do preço dos livros que variavam entre \$2 a \$2.50 (informação impressa nos artigos dos jornais consultados) e suas temáticas. As aventuras ou os romances ambientados em países distantes ou exóticos não foram invenções, nem mesmo uma exclusividade deste período, mas não deixaram de produzir subjetividades sobre um povo e uma cultura. Tais subjetividades podem ser confirmadas e reproduzidas pelos críticos e resenhistas, e, no final do ciclo, acabaram por gerar estereótipos dos espaços desconhecidos do grande público falante de língua inglesa. O olhar estrangeiro, por sua vez, sugestiona o próprio olhar doméstico, criando um bloco monolítico e homogeneizado, ou seja, uma cultura ou uma cultura brasileira.

O mercado de livros parece não ter sofrido as piores perdas no período entre guerras se comparado a outros tipos de negócios. Tebbel (2003) apontou as várias estratégias de comercialização e publicidade adotadas pelos livreiros e pelas editoras para que pudessem continuar no mercado sem maiores prejuízos. Se por um lado houve aumento das publicações de livros de ficção no mercado do *dollar books*, a outra estratégia foi se aproveitar da situação política e do crescente interesse por assuntos gerais sobre outros territórios para aumentar a produção de livros de não-ficção. Assim, o interesse por livros de não-ficção e de ficção marcaram a década de 1930 nos Estados Unidos.

Afunilando para o assunto de interesse deste livro, entre as obras de não-ficção sobre o Brasil destacaram-se *Scared Jungle* [Selva Aterrorizada] (1935), de Hulbert Footner, *Rubber: a Story of Glory and Greed*, [A Borracha: uma História de Glória e Ganância] (1936), escrito pelos irmãos Howard e Ralph Wolf e *Garibaldi: the Man and the Nation* [Garibaldi, o Homem e a Nação] (1936), de Paul Frischauer. Os livros de ficção foram: *Brazilian Adventure* [Aventura Brasileira] (1933), *Devil-brother* [Irmão-demônio] (1934), *Red Macaw* [Arara Vermelha] (1934), *A Rebel for a Horse* [Um subversivo por um Cavalo] (1934) e *The Farm at Paranao* [A Fazenda no Paranao] (1935), explorados a seguir.

Brazilian Adventure (\$2.75), publicado em 1933, foi escrito pelo inglês Peter Fleming (irmão mais velho de Ian Fleming, criador de James Bond). O livro, como o próprio nome indica, é uma narrativa de aventura. Um jovem viaja da Inglaterra para o Brasil para realizar uma expedição pelo Amazonas, típico turismo das elites europeias do início do século. A sua chegada ao Rio de Janeiro, suas primeiras impressões sobre o país e os arranjos de viagem para a floresta constituem um terço do livro. Na floresta, em um determinado ponto, ele se perde dos guias e passa os dias tentando reencontrar o grupo, e o resto do enredo é a descrição pela sua sobrevivência na selva.

Em 1933, dois textos publicados em jornais do Reino Unido, *The Observer* e *The Weekly Irish Times*, limitaram-se a apresentar um resumo do livro e emitir seus julgamentos sobre a estética narrativa. Já a crítica publicada no *The New York Times* em 1934, assinada por C. G. Poore, destacou as características negativas e valorativas de Fleming sobre o Brasil, o que, na opinião do crítico, poderia ser um livro não muito bem-vindo entre os brasileiros. Como exemplo, Poore cita passagens do livro em que Fleming descreve as dificuldades em avançar com sua expedição por não conseguir informações corretas sobre qualquer coisa, pois os brasileiros têm as “mentes confusas” devido ao fato de que quatro quintos da população era constituída de “analfabetos”. O crítico ainda ressalta as palavras de Fleming de que os brasileiros pareciam não se incomodar quando os amigos os desapontavam, pois já haviam aprendido a conviver com esse tipo de atitude. Para amenizar as críticas de Fleming aos brasileiros, Poore anuncia, logo em seguida, a autocrítica de Fleming como um explorador com poucas habilidades. Caindo ou não nas graças dos brasileiros, *Brazilian Adventure* com certeza fez sucesso entre os povos de língua inglesa, pois foi reeditado em 1934, 1942, 1960, 1983 (edição catalogada, mas não disponível na Library of Congress) e 1999. Sua popularidade projetou o livro para além das fronteiras nacionais e ele foi traduzido para o norueguês em 1949 com o título *På Eventyr i Brasil* e para o japonês em 1942, *Burajiru Okuchikō* por Hiyoshi Sakie Yaku. Além da subjetividade produzida pela edição em inglês, tem-se a sua reprodução em mais duas línguas, o norueguês e o japonês.

Devil-brother (\$2,50), do escritor inglês Walter Baron, publicado em 1934, segue essa mesma linha de aventura composta por Peter Fle-

ming. Trata-se da história de um garoto alemão que fez parte de uma expedição para as florestas do Peru e do Brasil em busca do El Dourado, e narra suas dificuldades de sobrevivência após se perder na floresta amazônica. A crítica no *New York Times*, assinada simplesmente por P. H. (1934), apresentou o livro como um remanescente das velhas histórias do “Velho Oeste”, nas quais se matava um “pele vermelha” a todo momento. A crítica ressalta o fato de que os estadunidenses poderiam se regozijar por ainda existir um país que fornecia “peles vermelhas” e “aventuras”. Essa história que se assemelhava às narrativas do Velho Oeste pareceu não ter feito tanto sucesso quanto o *Brazilian Adventure*, pois só teve uma reedição em 1935.

Red Macaw, da escritora inglesa Phoebe Haggard, publicado em 1934, tem como narrador, Arara, o papagaio capturado quando Philomena nasceu. Ele conta os episódios da vida de Philomena, uma mulher negra que nasceu durante o regime de escravidão, mas que conseguiu a liberdade após a abolição. No final de sua vida, considerada não mais apta ao trabalho pelo dono da fazenda, foi abandonada para morrer juntamente com o papagaio Arara na floresta. A única crítica publicada sobre o livro, no *The Manchester Guardian*, articulou comentários elogiosos ao trabalho de pesquisa feita por Haggard sobre a história do Brasil, pontuando a importância de livros sobre a escravidão por ocasião do centenário da morte do advogado abolicionista Wilberforce. Além disso, continuou o(a) crítico(a), os horrores contados nesse tipo de narrativa seriam ótimos para questionar a memória deturpada que queriam construir sobre a escravidão nos Estados Unidos. Assim como as palavras significam, o silêncio sobre esse livro nas páginas do *The New York Times* pode significar muito mais. A hipótese de leitura é a marcação de que tais temáticas permanecessem nos cantos escondidos das livrarias, pois juntamente com outros da mesma temática teriam o poder de abalar o *ethos* de uma nação.

A Rebel for a Horse, de Thurlow Craig, narra a amizade entre um revolucionário e seu cavalo e de como ele foi lutar na guerra contra o Paraguai para preservar essa amizade. O narrador insere várias palavras e expressões em português e em espanhol seguidas de breves explicações no próprio corpo do texto. Assim como *Red Macaw*, *A Rebel for a Horse* só foi comentado pelo jornal inglês *The Observer*. Moulton Thomas (1934) não faz referências irônicas ou depreciativas sobre a guerra, mas destaca as

densas florestas, o vasto interior, as estradas primitivas e a vida difícil e perigosa entre as pessoas brutais que se misturavam ao cenário.

The Farm at Paranao, também conhecido como *Horror in Brazil* (\$2), do inglês Eric Andrew Simson, que escreveu sob o pseudônimo de Laurence Kirk, foi publicado em 1936. Tem como cenário o interior de Santos e conta a história de Fanny, uma inglesa, que vem para o Brasil e se casa com Keith Buchanan, um escocês, dono de uma fazenda. Sua atividade é criar cobras para a extração do veneno usado na fabricação de soro antiofídico. A trama envolve uma história de amor em meio ao suspense de viver entre as cobras e os nativos em um lugar remoto. Alguns trechos da crítica de Jane Spence Southron (1935), publicada no *The New York Times* descreve a localização de Paranao nos rincões do Brasil, habitada exclusivamente por nativos, onde Keith Buchanan, único branco até a chegada de Fanny, conduzia experimentos. A crítica destaca a definição étnica dos nativos feita por Kirk: Luiz, principal ajudante de Keith, era metade brasileiro e metade nativo, sendo que a sua metade brasileira constituía-se de várias outras etnias; Maria, a cozinheira, era metade nativa e metade boliviana; Souza, um dos meninos que ajudava também na fazenda, era metade nativo e metade japonês; e finalmente, Marianno, era um puro nativo. Na opinião de Southron, Kirk apresentou um microcosmo da “mistura incalculável de raças” que compunha a população das vilas do interior de São Paulo. Os vilões da história, Luiz, Maria, Souza e Marianno, confabulavam e armavam planos para que a moça inglesa fosse embora da fazenda, presença indesejada entre eles desde o seu casamento com o escocês e sua chegada à casa.

Sem fazer um exaustivo comentário sobre cada texto, destaca-se alguns sintagmas que apareceram nos títulos dos livros e nas críticas – aventura, demônio, arara, cavalo, horror, fazenda, borracha, selva, prazeres, maxixe, flechas, analfabetos, mentes confusas, pele vermelha, pessoas brutas, nativos e cobras. O exame revela um campo semântico associado à representação de um lugar selvagem ou agrário, um lugar habitado por brutos e obtusos a ser desbravado. A linguagem, com seu poder de nomear, é uma das forças que se apropria das coisas, mas nada é tão natural, transparente ou ingênuo quanto se dizia ou diz ser. De acordo com Edward Said (2005, p. 12), os romances foram de “enorme importância na formação das atitudes, referências e experi-

ências imperiais”, destacando-se que ele estudou a literatura inglesa do século XIX. A narrativa é parte da tese básica de Said (2005, p. 13): “as histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo [...]”. “O poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos”. A palavra formação extrapola a circunscrição da representação, criando sentidos, e, que, logo em seguida, se materializam e são reproduzidos.

A representação agrária e selvagem do locus brasileiro por autores ingleses ou estadunidenses nos livros da década de 1930 parece ter servido como fio condutor para a escolha dos livros a serem traduzidos na década seguinte, com a diferença que eles agora viriam do próprio cânone consagrado pelos críticos brasileiros. Costurando-se aos fins didáticos almejados pelo projeto, tiveram preferência os romances com características regionalistas que apresentavam, como temáticas, as questões agrárias e civilizatórias. No entanto, o exame mais minucioso desses romances mostra que eles se afastam muito do gênero de aventura estadunidense da década de 1930. A crítica política e social, quase totalmente negligenciada nas histórias de aventura produzidas pelos escritores ingleses e estadunidenses, emerge nesse corpo de textos brasileiros escolhidos para a tradução. Dessa forma, as traduções brasileiras reafirmam o cânone realista estadunidense ao mesmo tempo em que introduzem a temática geográfica como componente inovador.

Em se tratando de representação, tem-se o seguinte quadro para os livros traduzidos na década de 1940 pelas editoras estadunidenses: *Terras do Sem Fim* e *A Fogueira*, que representariam o deslocamento de pessoas e o desbravamento do interior para a formação de novas cidades, muito próximo do romance social proletário de 1930 dos Estados Unidos; *O Resto é Silêncio*, *Caminhos Cruzados* e *Olhai os Lírios do Campo* como a representação do romance urbano e as diversas classes sociais que constituíam as cidades, também em consonância com o cânone doméstico; *Inocência* foi resgatada do século XIX para representar o regionalismo romântico ambientado no Mato Grosso; *Os Sertões* é a narrativa da Guerra de Canudos, considerada por muitos críticos à época como um retrato do Brasil profundo; e para equilibrar o regionalismo preponderante nos títulos

anteriores, foi importante incluir pelo menos um livro com uma temática mais universal como *Angústia*, que não deixa de reafirmar a narrativa do fluxo de consciência, também sendo produzida nos Estados Unidos por escritores como Faulkner e Hemingway, por exemplo.

Agrupando os romances cronologicamente, é no mínimo curioso observar que, juntamente com esses livros relativamente coetâneos, temos a tradução de um romance do século XIX, *Inocência*, e outro do início do século XX, *Os Sertões*. E, finalmente, do ponto de vista geográfico, desenha-se um mapa das diferentes regiões do Brasil. Euclides da Cunha, Graciliano Ramos e Jorge Amado construíram narrativas ambientadas no nordeste, Erico Verissimo no espaço urbano gaúcho, Visconde de Taunay mostrou a região do Mato Grosso do Sul e Cecílio Carneiro apresentou a perspectiva do sudeste e do imigrante brasileiro. Essa representação regionalista assemelha-se ao romance proletariado, amplamente produzido nos Estados Unidos na década de 1930, como se fosse uma reafirmação do cânone doméstico naquele país. Aparentemente não há nenhuma subversão ou tentativa de se introduzirem mudanças estéticas no sistema doméstico, mas nem sempre se consegue se controlar a recepção, pois os textos, uma vez acessados pelo público, são capazes de tomar rumos totalmente divergentes daqueles que foram inicialmente pensados para eles.

Ao contrário das literaturas inglesa, alemã, russa e francesa traduzidas “espontaneamente” para o sistema hebraico como modelos para estabelecer seu próprio cânone, conforme nos indica Even-Zohar e Toury, o sistema estadunidense absorveu um conjunto de textos impostos por relações de política externa. Esses textos não tiveram grande circulação entre o público em geral, a não ser entre acadêmicos que vislumbraram futuras possibilidades de trabalho caso as relações com os vizinhos ao sul continuassem após a guerra.

A INDÚSTRIA E O MERCADO EDITORIAL DA NARRATIVA DE FICÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

Os avanços na técnica de distribuição e divulgação dos livros contribuíram para que a indústria editorial não entrasse em colapso durante a recessão e os anos que se seguiram até o final da Segunda Grande

Guerra. Se comparada às décadas anteriores, houve uma diminuição no lançamento de novos títulos, mas os editores ainda conseguiram garantir as novidades, nem sempre rentáveis e populares, graças às altas vendas das revistas literárias semanais ou mensais destinadas ao grande público. O lucro das revistas muitas vezes acabava compensando o prejuízo dos livros. As publicações conhecidas como revistas literárias de qualidade foram popularizadas a partir de uma abertura em sua linha editorial para se tratar também de assuntos da atualidade. Muitas delas se mantiveram “na redoma de vidro”, às margens dos conflitos políticos e sociais. Seus editores reagem contra o poder comercial mais popular, estabelecendo claros limites entre escrever para os poucos da elite intelectual ou para o consumo das massas, defendendo veementemente o primeiro posicionamento. (DAVIS; FREDERICK; MOTT, 1949)

Uma das causas para o decréscimo de novos títulos foi a corrida dos escritores para a indústria cinematográfica. A perspectiva de estabilidade e bons salários arrastaram muitos escritores para Hollywood e o rádio. Alguns tentaram até mesmo impressionar o leitor e os frequentadores de cinema concomitantemente, produzindo romances facilmente adaptáveis para o cinema. Escritores como Ben Hecht, Hemingway, Faulkner e Steinbeck produziram roteiros para o cinema, enquanto Archibald MacLeish e Stephen Vincent Benét preferiram as transmissões radiofônicas. (DAVIS; FREDERICK; MOTT, 1949)

Ao contrário do que aconteceu com a oferta de novidades durante os anos de guerra, o consumo continuava estável desde os anos 1920. Porém, sob a forte indução do contexto de guerra e da produção editorial, o que mudou foi o interesse do público por outros gêneros. Inegavelmente, houve uma demanda maior por títulos de não-ficção, principalmente aqueles sobre a guerra ou sobre a Alemanha, mas isso não inibiu o crescimento do mercado da ficção. No início da década, a procura era por romances históricos americanos, como por exemplo, *Oh, Promised Land*, de James Street e *Wild Geese Calling*, de Stewart Edward White. Os relatórios sobre Nova York indicavam o interesse do público por assuntos sobre a guerra e ficção leve (*light fiction*) para distração. (TEBBEL, 2003b, v. 4)

O mercado da ficção conseguiu manter-se ativo, não exclusivamente, mas também devido à grande demanda de leitura para os campos do exército. Uma pesquisa da editora Modern Library revelou que os soldados passavam mais tempo lendo que os civis. Além das remessas enviadas pelo próprio governo para abastecer as bibliotecas públicas onde havia bases militares, a campanha para os esforços de guerra isentava a postagem para quem enviasse livros aos soldados. Dentre a preferência dos jovens que lutavam pelo seu país estavam contos, romances policiais e ficção leve. Alguns editores acharam aí a mina de ouro, pois os títulos se esgotavam assim que as amostras eram enviadas para as livrarias. (TEBBEL, 2003b, v. 4)

Após o ataque a Pearl Harbor, houve uma grande corrida em busca de livros sobre a Ásia como os romances de Pearl Buck, muitos deles ambientados na China. E logo em seguida, um novo gênero entraria para a lista de *best sellers*, caindo no gosto da população que não havia ido para os campos de batalha: as histórias escritas pelos correspondentes de guerra sobre “os americanos em combate”. Além disso, as narrativas de ficção religiosa ou de devoção, tais como *The Robe* e *The Song of Bernadette*, continuaram a ter boas vendas. (TEBBEL, 2003b, v. 4, p. 36)

Benett Cerf, um dos editores da Random House, fez um comentário pessimista afirmando que o livro não estaria na lista de prioridades da administração Roosevelt durante os anos de guerra. A afirmação provou-se equivocada, pois a palavra impressa poderia servir para vários fins. Ademais, para Cerf, os editores poderiam contribuir para o esforço de guerra excluindo os livros que contivessem propaganda das suas listas de publicações, o que alguns já vinham fazendo. De qualquer maneira, em 1942, o *Council on Books in Wartime* [Conselho de Livros em Tempos de Guerra] foi formado com o objetivo de maximizar o uso dos livros.

[...] construir e manter a vontade de vencer; expor a verdadeira natureza do inimigo; usar as informações técnicas para o treinamento, a batalha, a produção e nos frentes; para levantar os ânimos por meio do relaxamento e da inspiração, e para escl-

recer os objetivos da guerra e os problemas da paz.⁴³ (TEBBEL, 2003b, v. 4, p. 25, tradução nossa)

Com o passar do tempo, a organização que tinha inicialmente um caráter informal e experimental, estabeleceu um conselho para designar os livros que contribuiriam para o esforço de guerra. Uma comissão formada por cinco membros⁴⁴ designavam os “livros obrigatórios” e seus editores deveriam intensificar a divulgação desses títulos. Pouco tempo depois, o programa começou a ser criticado. Lewis Gannet, da *Herald Tribune*, expressou sua insatisfação com o apelo coercitivo da palavra obrigatoriedade e o envolvimento demasiado do conselho em propaganda. Além do mais, os americanos não gostavam da ideia de outras pessoas escolherem seus livros de interesse, discussão que se estendeu até os anos 1980. (TEBBEL, 2003b, v. 4)

Nesse mesmo período, devido às dificuldades na Europa, várias casas editoriais se mudaram para os Estados Unidos, onde estabeleceram seus negócios e uma infusão cultural de obras do velho para o novo mundo. Traduções de clássicos e novos títulos incrementaram as listas, somados aos livros impressos em línguas estrangeiras. La Maison Française, estabelecida em Nova York, publicava somente em francês autores como André Maurois, Jacques Maritain, Pertinax (André Géraud), Philippe Barre, Ève Curie, Jule Romains e Geneviève Tabouis. Frederick Ungar, de Viena, passou a disponibilizar autores como Goethe, Schiller, Heine, Rilke, em alemão. Wydawnicze Roj, de Varsóvia, trouxe vários escritores dos países eslavos para o inglês. J. P. Didier, editor de Albert Einstein, estava entre os mais sucedidos dos editores exilados, assinando contratos com autores estadunidenses, como Douglas Miller. (TEBBEL, 2003b, v. 4)

43 “[...] by the use of books in the building and maintenance of the will to win; by the use of books to expose the true nature of the enemy; by the use of the technical information in books on the training, the fighting, the production and the home fronts; by the use of books to sustain morale through relaxation and inspiration; by the use of books to clarify our war aims and the problems of the peace”.

44 Fizeram parte do War Book Panel: Irita Van Doren, editor do *Herald Tribune Books*, Amy Loveman, diretora associada do *Saturday Review of Literature*, tenente-coronel Joseph I. Greene, editor do *Infantry Journal*, almirante H. E. Yarnell, aposentado da United States Navy [Marinha dos Estados Unidos] e J. Donald Adams, editor da *New York Times Book Review*. (TEBBEL, 2003, v. 4, p. 29)

Ao contrário do tom otimista em algumas críticas sobre o mercado para a literatura brasileira nesse período, uma análise de *A History of Book Publishing in the United States* mostra que havia um total desinteresse comercial pela ficção de qualquer país latino-americano na primeira metade do século XX. A indiferença se expressava também pelo número de títulos brasileiros traduzidos pelas editoras estadunidenses: três títulos na década de 1920, dois nos anos 1930 e nove nos anos 1940, conforme exposto nos Quadros 2, 3 e 4. Com base nesses dados e nos argumentos expostos anteriormente, a narrativa de ficção brasileira nos Estados Unidos cumpriu um papel primordialmente político e diplomático no período, como já havia apontado Barbosa (1994). Os textos do nosso cânone, com significados estéticos e sociais para o contexto brasileiro, foram introduzidos no sistema estadunidense a partir de uma estratégia de relações externas, para se conhecer a cultura dos países latinos americanos por meio de sua literatura. O interesse acadêmico e estético pela cultura e línguas dos países latino-americanos só veio a ganhar força a partir da década de 1950.⁴⁵

Nesses termos, para não dificultar o comércio dos romances, aproveitou-se o momento em que a população estadunidense buscava instruir-se sobre outros países, para transformá-los em livros informativos sobre a cultura latino-americana. O projeto para a literatura brasileira privilegiou a representação dos espaços externos, de variadas regiões do país, em oposição a representações universais ou introspectivas. A tradução dos livros brasileiros, em parte, dava continuidade à temática das histórias de aventura que se produziam em língua inglesa. Porém, a conveniência de se encontrar um corpo de textos prontos para serem manipulados de acordo com os interesses governamentais terminou criando, após a execução da tradução, sentidos diversos daqueles primariamente estabelecidos. Atualmente, o fato parece-nos óbvio, visto que o texto não encerra sentidos fixos e herméticos e o trabalho do tradutor é vertê-lo ou subvertê-lo de acordo com o seu conhecimento das línguas e os sentidos que se atribuem a ela em determinados contextos, consciente ou inconscientemente.

45 A pesquisa de Débora Cohn (2012) mostra também o envolvimento de agências estadunidenses no financiamento de revistas literárias e viagens de escritores latino-americanos.

Formou-se, a partir dessa política cultural coercitiva dos anos 1940, um campo de interesse acadêmico pela literatura e os assuntos latino-americanos em geral, expandidos e aprofundados nos anos subsequentes, principalmente após a Revolução Cubana, em 1959, estimulando a constituição de grupos acadêmicos de latino-americanistas e mais tarde de brasilianistas nos Estados Unidos. O crescente interesse do público se reflete no número de traduções da literatura brasileira, o que pode ser verificado nos Quadros 5 a 11, inseridos no primeiro capítulo.

O INTERESSE BRASILEIRO PELA LITERATURA ESTADUNIDENSE⁴⁶

Com o início da guerra e o bloqueio do Atlântico, as negociações do Brasil com a França e a Inglaterra foram interrompidas, impulsionando a venda de livros americanos, entre 1939 e 1943. Em 1942, o aumento foi dez vezes maior em comparação a 1938, apesar dos preços mais elevados do que os praticados pelos europeus. Em 12 de maio de 1943, Antonio Ribeiro Bertrand, da Livraria Civilização Brasileira, escreveu a Henry M. Snyder & Co, uma firma de importação e exportação de livros sediada em Nova York, tratando do assunto. De acordo com sua avaliação, apesar do aumento da importação de livros dos EUA devido ao bloqueio, o comércio com a Europa ainda parecia ser mais atrativo economicamente para as livrarias brasileiras. Bertrand alertou que, caso se reestabelecessem as comunicações marítimas com a Europa, haveria uma queda nas vendas de quase cinquenta por cento dos títulos estadunidenses se eles não melhorassem os preços, pois os livros vindos da Europa eram mais baratos.⁴⁷

O pretexto de conhecer os vizinhos latino-americanos rendeu um lucro muito além das expectativas, além da construção de um imaginário sobre o progresso e a prosperidade por meio de um estilo de vida

46 Uma análise expandida que trata do interesse dos editores estadunidenses pelo mercado brasileiro foi publicada na *Revista Varia Historia*. A versão em português, cf. Morinaka (2019c); e a versão em inglês, cf. Morinaka (2019b).

47 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1320. Correspondência de Antonio Ribeiro Bertrand, da Livraria Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro, para Mr. W. S. Hall, c/o Henry M. Snyder & Co. Rio de Janeiro, 12 de maio de 1943.

utópico da crescente classe média. (SADLIER, 2012a) Tudo registrado, estampado, empacotado e disseminado nas revistas de circulação popular, duas das quais foram traduzidas para o português com os nomes *Em Guarda* e *Seleções*. As publicações incluíam artigos de interesses diversos, inclusive científicos, resumidos e muitas vezes simplificados para o consumo do grande público. *Em Guarda* e o *Boletim Semanal*, revistas de grande tiragem, responsáveis por relatar/divulgar as atividades do OCIAA, eram enviadas gratuitamente para as divisões regionais no Brasil, que se encarregavam de distribuí-las para as instituições de interesse – os institutos de ensino de língua inglesa, as associações culturais, as universidades e as bibliotecas públicas.

Quanto à tradução, paralelamente às ações do OCIAA, o Consulado Geral dos Estados Unidos, em São Paulo, dedicou-se com afinco à tarefa. O cônsul Cecil M. P. Cross apostava na tradução como uma ferramenta muito útil para o programa de relações culturais, por meio da qual se fazia conhecer a “história e a civilização dos Estados Unidos” nas outras Américas. Em uma das salas do consulado em São Paulo, havia uma coleção de livros americanos traduzidos para o português, que os brasileiros interessados nos Estados Unidos poderiam consultar ou tomar como empréstimo. Havia um problema, porém:

O maior problema em relação aos livros talvez esteja na *qualidade da tradução, geralmente não muito boa*. A Divisão de Relações Culturais em São Paulo está analisando os livros americanos à medida que eles são publicados em português (quatro ou cinco intelectuais de peso estão ajudando no projeto) e espera-se que os *livros mal traduzidos sejam revisados ou mesmo tirados de circulação*.⁴⁸

Visando à solução desse aparente problema, o consulado pretendia ter acesso a todos os “livros americanos traduzidos para o portu-

48 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1330. Correspondência de Cecil M. P. Cross ao Secretário de Estado. São Paulo, 6 de novembro de 1944. Original: “Perhaps the chief problem in the book field is the standard of translation, not usually very high. The Cultural Relations Division in São Paulo is analysing American books as they appear in Portuguese (four or five prominent intellectuals helping in the project) and it is hoped that those which are too badly done may be revised or even withdrawn from circulation”.

guês”, aproximadamente 400 ou 500 volumes disponíveis no mercado. A metade encontrava-se na Divisão de Relações Culturais do consulado, e a outra metade teria que ser ainda adquirida para a continuidade do trabalho. Porém, a rubrica destinada à compra de livros no valor de US\$60,00 anuais não era o suficiente. Cross solicitou, assim, um aumento de pelo menos dez vezes sobre esse valor.⁴⁹ Afinal de contas, não poderiam poupar esforços para disseminar o modo de vida, a filosofia e a ciência estadunidenses por meio do veículo mais eficiente entre as elites latino-americanas. Se por um lado Cross mostrou-se preocupado com a qualidade da tradução dos livros estadunidenses disponibilizados no mercado, por outro, a história do caixeiro viajante a seguir, que embarcaria com as malas cheias de produtos e pretendia esvaziá-las pela América Latina, aponta para a importância da quantidade das negociações que conseguiria realizar.

Em um dos projetos executados pelo OCIAA, Dr. Lewis Hanke, diretor da Fundação Hispânica, recebeu US\$5.000,00 para fazer uma viagem pela América Latina, que se concretizou no final de 1941. (ESPINOSA, 1976, p. 172) O objetivo dessa missão era estabelecer contatos com pessoas ligadas ao mercado editorial, para viabilizar melhores condições comerciais para a exportação dos livros produzidos nos Estados Unidos. Finalizada a viagem, Hanke havia cumprido parte do seu papel estabelecendo contatos com importantes jornais e revistas latino-americanas para futuras transações comerciais.⁵⁰ Sua outra incumbência era apresentar uma lista de duzentos títulos estadunidenses recomendados pela comissão para serem traduzidos para o espanhol e o português. De acordo com o registro na ata da sexagésima quarta reunião, realizada em 4 de fevereiro de 1944, vinte e oito títulos da lista, entre os técnicos e os acadêmicos, encontravam-se em fase de tradução e publicação no Brasil. Quanto aos livros de ficção, aproximadamente quarenta deles, representativos da “literatura de primeira classe”, haviam sido traduzi-

49 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1330. Correspondência de Cecil M. P. Cross ao Secretário de Estado. São Paulo, 6 de novembro de 1944.

50 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1310. Relatório semanal número 13. 26 de setembro a 3 de outubro de 1941.

dos e colocados no mercado. As traduções estavam sendo publicadas no Rio de Janeiro, em São Paulo e Porto Alegre, nessa última pela Livraria O Globo. Eram compradas por uma editora, a Agência Rosy, e depois revendidas para as livrarias, que disponibilizavam cada exemplar a Cr\$ 20,00 cada. Apesar de haver demanda por esses títulos, o preço de revenda inibia a expansão do comércio de livros estadunidenses.

Octales Marcondes Ferreira, dono da Companhia Editora Nacional, a maior e a mais importante editora no Brasil (segundo as palavras de Cecil M. P Cross), sugeriu royalties de 7% e 5% para a publicação de livros traduzidos para o português. A porcentagem menor, 5%, seria paga para um livro que não representasse valor comercial real, a exemplo dos clássicos. Embora tivessem um padrão literário maior, não podiam competir com os *best-sellers* mais modernos.

Os livros de ficção estadunidense traduzidos pela Companhia Editora Nacional, de janeiro a setembro de 1943 foram: *Inconstant Star*, de Adelaida Humphries (*Estrela Inconstante*, traduzido por Maslowa Gomes Venturi) – 7.000 cópias (fez parte da coleção “Biblioteca das moças”, especializada em romances para o público feminino); *The Moon is Down*, de John Steinbeck (*Noite Sem Lua*, Monteiro Lobato) – 5000 cópias; *Nurse e Susan Merton Army Spy*, de Louise Logan (respectivamente *Mulher de Coragem*, traduzido por João Busili e *Amor Entre as Nuvens*, por Gulmara de Moraes Lobato) – 7.000 cópias (fizeram parte de uma coleção de romances de aventuras que tem como personagem principal a enfermeira Susan Merton que trabalhava também como uma espã para os Aliados); e *Oliver Wiswell*, de Kenneth Roberts (*Cara ou Coroa*, Gulmara de Moraes Lobato) – 5.000 cópias (um romance histórico). Os livros seguintes estavam no prelo: *And Now Tomorrow* (adaptado para o cinema por Raymond Chandler, em 1944), de Rachel Field, que seria vertido por Lígia Junqueira Smith; e *Lonely Parade*, de Fannie Hurst, a ser traduzido por Esther Mesquita.⁵¹

A condensação de *The Moon is Down*, de Steinbeck, apresentada e aprovada por unanimidade, foi publicada na revista *Seleções Reader's*

51 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1330. Correspondência de Cecil M. P. Cross ao Secretário de Estado. São Paulo, 22 de outubro de 1943.

Digest, sendo considerada de excelente qualidade. Caso a editoria da revista tivesse rejeitado a publicação, a comissão já havia delineado um plano para unir esforços visando obter os direitos de tradução e editar o texto em forma seriada nos jornais brasileiros.⁵² A insistência por essa publicação é motivada pelo fato de ele representar uma alegoria do regime nazista na Alemanha e uma crítica ao regime totalitário que avançava rapidamente pelos países europeus. A publicação nos jornais atingiria um público maior e serviria como alerta para as consequências do nazismo, contra o qual lutavam os países Aliados. Apesar de Steinbeck ser membro do *The League of American Writers*, uma associação de escritores lançada pelo Partido Comunista dos Estados Unidos, e, portanto, uma *personae non grata*, a alegoria em *The Moon is Down* representando o discurso do medo, da falta de liberdade e dos abusos do nazismo poderia servir como bom panfleto contra o avanço alemão.

A tradução de livros para o público infantil representou a menor fatia do mercado geral das traduções. No entanto, os livros de Walt Disney conquistaram imediatamente o público brasileiro, pois eram reproduzidos também em desenhos animados. Em 1942, Cesar Civita, Representante Especial da *Walt Disney Productions* na América do Sul,⁵³ enviou para o OCIAA regional, uma cópia da versão em português do mais recente livro da Walt Disney lançado na América do Sul, impresso na Argentina por razões econômicas, embora outras edições mais baratas estivessem sendo produzidas no Brasil. Civita encerrou o comunicado esperançoso de que “o OCIAA apreciasse o esforço empenhado em trazer melhores livros infantis para o Brasil tirados das melhores edições publicadas nos Estados Unidos”.⁵⁴

52 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: minutes of meetings, 1941-1945, Box 1351. Ata da trigésima oitava reunião. Rio de Janeiro, 16 de julho de 1942.

53 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1320. Correspondência de Cesar Civita a Berent Friele. Rio de Janeiro, 29 de abril de 1942.

54 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1320. Correspondência de Cesar Civita a Berent Friele. Rio de Janeiro, 29 de abril de 1942. Original: “I hope you will appreciate this effort to provide Brazil with better children books taken from the best editions published in the USA”.

Da mesma maneira que o público estadunidense teria que se familiarizar com as culturas da América Latina, para poder apreciar melhor a sua literatura, o brasileiro pouco conhecia e estimava os textos do vizinho ao norte. Portanto, o plano para divulgar a literatura estadunidense precisaria ser ativado. Em 1943, o OCIAA regional brasileiro começou a receber os suplementos de resenhas literárias de jornais como o *New York Times Sunday Times*, *Weekly Magazine*,⁵⁵ *New York Times Sunday Magazine* e *Book Review Section*, para a disseminação não só de livros técnicos e acadêmicos, mas também da ficção estadunidense.⁵⁶

Entre os professores que trabalharam para aprimorar o conhecimento sobre os vários aspectos da cultura dos Estados Unidos no Brasil estavam: William Rex Crawford, professor da Pennsylvania University, na Filadélfia, e adido cultural da Embaixada dos Estados Unidos no Rio de Janeiro; Professor Carleton Sprague Smith, diretor da Divisão de Música da Biblioteca de Nova York, e professor visitante de História Social dos Estados Unidos na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo; e Dr. Morton Deuwen Zabel, professor de Literatura norte-americana contemporânea, da University of Chicago.

Crawford proferiu conferências variadas também sobre a literatura dos Estados Unidos: A literatura Estadunidense, Clima Intelectual nos Estados Unidos da América e A Geografia dos Estados Unidos da América.⁵⁷ Smith palestrou sobre o tema A Biblioteca Pública de Nova York na Escola de Biblioteconomia, anexa à Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.⁵⁸ E Zabel realizou um ciclo de conferências intituladas Literatura Norte-americana Contemporânea, Henry James – seus

55 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1297. Memorando BD-3761, da Divisão Brasileira a Harry W. Frantz. 19 de junho de 1944.

56 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1297. Memorando BD-3718, da Divisão Brasileira a Francis Jamieson. 12 de junho de 1944.

57 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1310. *Clippings* dos jornais: *O Estado de SP*, *Diário de SP*, *A Gazeta*, *Correio Paulistano*, *Folha da Manhã*, *Folha da Noite*, *O dia* e *Diário da Noite*.

58 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1310. *Clippings* dos jornais: *O Estado de SP*, *Diário de SP*, *A Gazeta*, *Correio Paulistano*, *Folha da Manhã*, *Folha da Noite*, *O dia* e *Diário da Noite*.

romances, sua crítica, e seu lugar na literatura moderna e Mark Twain – o humor e o realismo da folk experiência. As palestras seguintes trataram de escritores modernos dos Estados Unidos tais como Theodore Dreiser, Edith Wharton, George Santayana, Henry Adams, Edwin Arlington Robinson, Willa Cather, Sinclair Lewis, Eugene O’Neill, T. S. Eliot, John Dos Passos, Ernest Hemingway, Carl Sandburg e Hart Crane.⁵⁹ Em São Paulo, Zabel fez conferências sobre “Washington Irving and James Fenimore Cooper – from romanticism to realism in the literature of the United States”, “Walt Whitman”, “Emily Dickinson”, “Edgar Allan Poe” e “Herman Melville and Moby Dick”.⁶⁰ O Professor Zabel recebeu uma bolsa para ocupar a primeira cadeira da Universidade do Brasil, onde ficou por dois anos, sendo sucedido por W. J. Griffin, da St Cloud State University of Minnesota.⁶¹ (ESPINOSA, 1976, p. 303)

Em entrevista concedida à Rádio Gazeta, transmitida às 19.35hs de 23 de junho de 1944, Brenno Silveira,⁶² assistente do Prof. Carleton Sprague Smith, da Escola Livre de Sociologia e Política, em São Paulo, citou a presença de escritores e pensadores estadunidenses clássicos que de alguma forma influenciaram as letras brasileiras. Em sua opinião, o melhor escritor norte-americano na literatura moderna, entre Steinbeck, Willa Cather, John Dos Passos e Ernest Hemingway, sua preferência era pelo último, e na literatura filosófica, por Santayana.

Outros escritores também mereceram destaque para Silveira: na novela, Faulkner, a internacionalista Pearl Buck, Ednar Ferber, que canta a saga do Mississipi e Saroyan, o *enfant terrible* das letras americanas; na prosa de não-ficção, Louis Munford, o crítico da civilização moderna; na dramaturgia, Eugene O’Neil; na poesia, Sandburg,

59 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1311. Correspondência recebida em 6 de setembro de 1944.

60 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1330. Correspondência de Cecil M. P. Cross ao Secretário de Estado. São Paulo, 28 de julho de 1944.

61 Em 1943, Vargas assinou uma lei estabelecendo uma cadeira de literatura estadunidense na Universidade do Brasil, onde ela foi ensinada por vários anos consecutivos.

62 Silveira colaborou alguns anos na *A Cigarra*, *Fon-fon* e *Folha da Manhã*, exerceu também o cargo de redator-social do *Correio Paulistano*, e publicou em dezembro de 1943 o livro *Pequena História da Literatura Norte-americana*.

o cantor do povo, Frost, o bardo da Nova Inglaterra, Eliot, o católico internacional, Archibald MacLeish, o cantor da liberdade e autor do conhecido poema épico *Conquistador*.

Silveira versou também sobre o interesse dos críticos e estudiosos brasileiros pela literatura norte-americana e listou, por exemplo, o excelente livro de ensaios de Almiro Rolmes Barbosa, *Escritores Norte-americanos e Outros*, e monografias como *Viagem Através da Literatura Americana*, de Erico Verissimo, *História Literária dos Estados Unidos*, de Carolina Nabuco, *Ensaio de Interpretação da Literatura Americana*, de Lúcia Miguel Pereira, e *Influências Americanas nas Letras do Brasil*, de Pedro Calmon.⁶³

Depois da visita aos Estados Unidos, Erico Verissimo escreveu sobre suas experiências, em *Gato Preto em Campo de Neve* (dedicado a Thornton Wilder), publicado em 1941, já na sua décima edição em 1976. O escritor gaúcho criticou um dos clichês sobre os Estados Unidos que estava arraigado no imaginário latino-americano, o de um país materialista e sem cultura. Era “um erro pensar que as pessoas dos Estados Unidos não possuíam uma arte e uma literatura de real importância”. (ESPINOSA, 1976, p. 284, tradução nossa)

A Política da Boa Vizinhança nem sempre foi vista com bons olhos por alguns brasileiros. Na coluna literária da Folha Carioca, Valdemar Cavalcanti (1944) escreveu a respeito da coleção de livros sobre a vida cultural inglesa traduzida para o português por intelectuais brasileiros residentes em Londres, disponibilizados nas livrarias a preços razoáveis. Cavalcanti destacou o caráter objetivo, conciso e acurado da coleção, reiterando o objetivo das traduções dos livros ingleses para a difusão, não para “propaganda”, como vinham fazendo os estadunidenses. Em tom irônico, desabafou que a intenção dos ingleses não era “ganhar a nossa admiração por meio de adjetivos e fotografias”.⁶⁴

63 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1329. Correspondência de Arnold Tschudy, do escritório de São Paulo, para Berent Friele. 27 de junho de 1944. Anexo: Transcrição da entrevista.

64 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1297. Memorando (BD-4756) da Divisão brasileira para Francis Jamieson e Harry Frantz. 17 de outubro de 1944. Anexo: Folha Carioca, Rio de Janeiro, 12 out. 1944. (*Clipping*)

A antipatia pelos projetos culturais que traziam a literatura estadunidense ao conhecimento do público brasileiro mostra também preocupação quanto ao elemento político manipulador dos textos. A suspeita de propaganda política subjacente a esses intercâmbios não era bem vista pela crítica estadunidense e a brasileira. Ademais, devido aos fortes laços da elite intelectual brasileira com a Europa, principalmente a Inglaterra e a França, a produção cultural vinda dos vizinhos não era legitimada.⁶⁵

65 Um resumo desse capítulo foi publicado em um artigo em língua inglesa. Cf. Morinaka (2018a).



PARTE II

NORMAS TRADUTÓRIAS



O PROJETO DE TRADUÇÃO E SEU FUNCIONAMENTO

- É o que lhe digo. Não serve. A linguagem escrita é uma safadeza que vocês inventaram para enganar a humanidade, em negócios ou com mentiras.

(RAMOS, 1941, p. 108)

A tradução de autores brasileiros para a língua inglesa inicia-se na segunda metade do século XIX, apresentando-se três romances ao público: *Iracema*, de José de Alencar, traduzido por Isabel Burton, intitulado *Iracema: the Honey-lips*, *Manuel de Moraes*, de João Manuel Pereira da Silva, traduzido pelo casal Richard F. e Isabel Burton, publicados em um único volume pela Bickers & Son de Londres, em 1886, e *Inocência*, do Visconde de Taunay, traduzido por James W. Wells, intitulado *Innocência*, editado pela Chapman and Hall de Londres, em 1889. Ao traçar o perfil da literatura brasileira traduzida para o inglês nesse século, Heloísa Barbosa (1994), valendo-se da classificação de Vanderauwera (1985 apud BARBOSA, 1994, p. 35-36), qualifica os tradutores de “exploradores”, referindo-se às pessoas que moraram ou visitaram outros países, as quais, motivadas por preferências pessoais de leitura, começaram a traduzir os autores ou os livros favoritos para compartilhá-los com seus compatriotas que não liam ou falavam as línguas em que haviam sido originalmente escritos.

No início do século XX, o perfil da tradução da literatura brasileira começa a manifestar traços de “*ambassadorial translation*”, isto é, de buscar representar a cultura fonte para a cultura alvo, comumente utilizada em

políticas culturais externas. Agnes Blake Poor (1842-1922) foi a primeira tradutora estadunidense da poesia brasileira desse século (Figura 1).⁶⁶

Figura 1 – Agnes Blake Poor

A PRIMEIRA TRADUTORA DA LITERATURA BRASILEIRA

Primeiros capítulos da história da amizade brasileiro-americana

A amizade ianque brasileira é uma tradição nas Américas e vem sendo cultivada através de anos pelos povos desses dois países. Quando em março deste ano aqui esteve o conhecido historiador americano, Charles Lyon Chandler, a Bahia ficou conhecendo muitas particularidades da história das relações entre os Estados Unidos e o Brasil, principalmente no que diz respeito à Bahia, que foi o centro original dessas relações, quer no seu setor econômico, político ou cultural.

O PRIMEIRO CONSULADO NO BRASIL

Foi na Bahia que teve início o intercâmbio comercial entre os Estados Unidos e o Brasil, com a instalação, aqui, do primeiro consulado americano, cujo centenário foi este ano, comemorado brilhantemente. Esse consulado foi também um dos primeiros da América do Sul, lançando-se assim a base de uma amizade que se veio fortificando até os nossos dias, quando começa com os gran-



MISS BLAKE POOR

rança que oferecia aos seus na-
turalistas "Fanny",

Fonte: *Diário de Notícias* (13 ago. 1944).⁶⁷

A antologia por ela editada, *Pan American Poems: an Anthology* [*Poemas Pan-americanos: uma Antologia*], publicada pela Gorham Press, de Boston (MA), nos Estados Unidos em 1918, reuniu poemas da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Nicarágua, Peru,

66 Um artigo expandido sobre Agnes Blake Poor foi publicado na *Revista Ilha do Desterro*. Cf. Morinaka (2019a).

67 *Diário de Notícias*, Salvador, 13 ago. 1944.

Porto Rico, Uruguai e Venezuela. Entre os brasileiros estavam os poetas Antônio Gonçalves Dias, Francisco Manuel e Bruno Seabra.

No prefácio, Poor (1918, p. 5, tradução nossa) declarou que “os sul-americanos compuseram muitos bons poemas, referindo-se ao nosso país, aos nossos grandes homens, expressando a mais calorosa e generosa admiração”.⁶⁸ Porém, infelizmente, dado o grande volume de textos, conseguiu reunir somente algumas amostras. Além do mais, o grande atrativo para a audiência estadunidense seriam os poemas que refletissem “os sentimentos nacionais, a cor local, a novidade e uma variedade de temas”. Após a apresentação dos poetas que fizeram parte da coletânea, a editora finalizou o texto expressando a esperança de “[...] que seu trabalho tivesse uma influência, mesmo que pequena, na atual e importante crise, em aproximar os sentimentos de solidariedade das duas grandes divisões do mundo, cujos objetivos deveriam estar agora, mais do que nunca, unidos”.⁶⁹ (POOR, 1918, p. 9, tradução nossa) A união das Américas contra os países europeus que ainda ameaçavam seus territórios, coincidentemente, foi também o argumento utilizado por seus patrícios vinte anos depois, em 1938, na iminência de outra guerra. Em 1939, essa aproximação se concretizou com a execução de vários projetos da diplomacia cultural que estreitariam os laços de amizade hemisférica.

Agnes Blake Poor, natural de Bangor, no Maine, traduziu também alguns poemas de Castro Alves e Junqueira Freire, além de ensinar português nos Estados Unidos.⁷⁰ O poema integrante da antologia, *Marabá*, de Gonçalves Dias, já fora publicado na revista literária *Poet Lore*, em 1899, aparentemente, a primeira tradução da poesia brasileira nos Estados Unidos, antecedendo até mesmo a tradução de *Canção do Exílio*, feita por W. C. Abott, cônsul geral dos Estados Unidos no Brasil, publicada em 1890,

68 “Many fine poems have been written by South Americans in which allusions are made to our own country, and our great men, expressing the warmest and most generous admiration”.

69 “[...] and can only hope in return that her work may have an influence, however slight, in the present important crisis, of drawing closer the sympathies of two great divisions of the world, whose aims should now, if ever, be united”.

70 National Archives and Records Administration II (NARA II). RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1303. A primeira tradutora da literatura brasileira. *Diário de Notícias*, Salvador. 13 ago. 1944. (*Clipping*)

sob o título *The Exile's Song*. Segundo as recordações de seu sobrinho, Dr. Charles Lyon Chandler,⁷¹ Poor ainda havia traduzido para o inglês o romance *Amalia*, de José Marmol,⁷² escritor argentino, que nunca chegou a ser publicado, pois o editor perdeu o manuscrito.⁷³ Além das traduções, Poor escreveu os seguintes livros: *Andover Memorials* (1883), *Brothers and Strangers* (1893), *Boston Neighbours in Town and Out* (1898), *Under Guiding Stars* (1905) e *My Four Great Grandmothers* (1918).

A antologia de poesia brasileira traduzida para o inglês, *Pan American Poems*, foi a única publicada no início do século. Quanto à tradução de romances, há uma lacuna no início do século XX, conforme indica a Tabela 1. Somente em 1920 é que se encontram registros de publicações de seis títulos traduzidos. Na década seguinte foram editados três livros, número que sobe para dez na década de 1940. Quantificação à parte, os Quadros 3, 4 e 5, no primeiro capítulo, mostram um deslocamento das traduções publicadas exclusivamente na Inglaterra no século XIX, para aquelas que foram publicadas majoritariamente nos Estados Unidos na primeira metade do século XX, fato que, segundo Barbosa (1994, p. 43), acompanhou a conjuntura econômica e a parceria comercial estabelecida pelo Brasil, primeiro com a Inglaterra e em seguida com os Estados Unidos. Lançando o olhar para os títulos traduzidos até a década de 1930, a pesquisadora ainda especula o fato de não terem sido os mais representativos do modernismo, primeira expressão artística brasileira a ser conhecida fora do território nacional, pelo menos pelos europeus. Ademais, a estética modernista parece não ter atraído o interesse imediato das editoras estadunidenses, pois uma grande parte dos livros traduzidos é do final do século XIX e início do XX, como

71 Dr. Charles Lyon Chandler, historiador e sobrinho de Agnes Blake Poor, trabalhou como consultor do OCIAA na Regional Brasil. Suas correspondências e discursos mostram que uma de suas funções era reconstituir a memória das relações diplomáticas entre o Brasil e os Estados Unidos. Chandler coletou material junto às embaixadas, consulados e institutos históricos no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia.

72 A informação que consta em *Latin American Belles-lettres in English Translation* (GRANIER, 1942), é a seguinte: *Amalia*, um romance da Argentina, de José Mármol, foi traduzido por Mary J. Serrano, e publicado em 1919 pela E. P. Dutton & Co., de Nova York.

73 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1311. Correspondência de Charles Lyon Chandler (sobrinho de Agnes Blake Poor) para sua tia Lucy Tappan Poor (única irmã viva de Agnes Blake Poor à época). 10 de setembro de 1943.

O Cortiço, Canaã e os contos de Machado de Assis. Ao examinar o período seguinte, de 1939 a 1959, Barbosa associou o interesse dos Estados Unidos pela literatura brasileira articulada às relações internacionais pacíficas, aliança entre o Brasil e os Estados Unidos que ficou conhecida como a Política da Boa Vizinhança.

Ultrapassando o muro das especulações, o objetivo deste capítulo é analisar os projetos engendrados pelo Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA) e seus colaboradores, visando a tradução da narrativa de ficção brasileira para o inglês no período de 1943 a 1947.⁷⁴ Vale lembrar, no entanto, que a publicação das traduções por si não seria suficiente para conseguir despertar o interesse dos leitores pelos desconhecidos escritores brasileiros, não fossem também os projetos satélites, que, em uma rede bem sincronizada entre ações, governo, instituições, burocratas e intelectuais, abriram o caminho para a divulgação da língua portuguesa e a expressão literária do Brasil. A descrição desse projeto tradutório corresponde ao que Toury chama de normas preliminares dos Estudos Descritivos da Tradução, conforme explicadas no início do capítulo anterior.

Para cumprir tal objetivo, foram pesquisados e analisados os documentos do OCIAA, do Departamento de Estado e do Consulado dos Estados Unidos no Brasil, depositados no National Archives and Records Administration II, em College Park, Maryland; da American Library Association, na University of Illinois, em Urbana, Chicago; do American Council of Learned Society, na Library of Congress, em Washington DC; e do arquivo pessoal de Dudley Poore, tradutor de *A Fogueira*, na Yale University, em New Haven, Connecticut. Percebe-se que houve contradições de natureza variada e momentos de tensão, desentendimento e falta de coordenação das atividades, que ao final e ao cabo, cumpriram seus objetivos.

O PROJETO DE TRADUÇÃO DO OCIAA

O projeto de tradução estava entre as várias atividades coordenadas em vários países pela Divisão de Relações Culturais do Departamento

74 Faz-se referência à década de 1940 ao longo do texto por força de expressão. Os marcos temporais exatos são 1943 e 1947, ano da primeira publicação da tradução dessa década, *Crossroads*, de Louis C. Kaplan, e a última publicação, *Consider the Lilies of the Field*, de Jean Neel Karnoff, respectivamente.

de Estado dos Estados Unidos. Em termos formais, a política básica do programa de relações culturais era:

[...] a promoção de intercâmbios culturais e intelectuais entre as pessoas dos Estados Unidos e outros países. Tais intercâmbios *devem ser desinteressados, mutuamente vantajosos e aceitáveis, sendo conduzidos em condições de completa liberdade intelectual*. Eles não foram pensados como complemento de agendas políticas ou econômicas e não devem ser confundidos com elas.

Para garantir a eficiência dos programas de relações culturais, diretores especiais, chamados de Diretor de Relações Culturais, serão indicados para as Missões. Essas pessoas conhecem a organização cultural e intelectual e suas principais atividades e interesses nos Estados Unidos. Eles devem adquirir o mesmo conhecimento da vida cultural e intelectual, organização e atividades dos países para os quais serão designados. Os diretores devem ser os principais conselheiros do Chefe das Missões dos intercâmbios culturais e intelectuais.⁷⁵

A composição da Comissão de Conselheiros que auxiliariam o diretor, indicada pelo Chefe da Missão, deveria ser constituída por cidadãos dos Estados Unidos residentes nos países das missões e representantes dos interesses econômicos, educacionais e profissionais dos Estados Unidos. Se fosse de interesse do Chefe da Missão, algum representante da vida cultural e intelectual natural do país da missão também poderia integrar o grupo.⁷⁶ As várias correspondências trocadas entre os repre-

75 Library of Congress, Manuscript Division. American Council of Learned Societies Records (ACLS). Box B97. Rascunho do memorando para instruir as Missões a respeito da Comissão de Conselheiros das Relações Culturais. 7 de dezembro de 1942. Original: "[...] as a means of promoting cultural and intellectual exchanges between the people of the United States and those of other countries. Such exchanges should be disinterested, mutually advantageous, mutually acceptable, and carried on under conditions of complete intellectual freedom. They are not intended to implement political or economic policies, and should not be allowed to be confused with them. In order to enable the Missions to carry on effective programs of cultural relations, special officers, known as cultural relations officers, are assigned to them. These officers are persons familiar with the organization of cultural and intellectual life in the United States and with its principal activities and interests. They must acquire a corresponding knowledge of cultural and intellectual life, organization and activities in the countries to which they are assigned. They should be principal advisers of the Chief of Missions respecting cultural and intellectual exchanges".

76 Library of Congress, Manuscript Division. American Council of Learned Societies Records (ACLS). Box B97. Rascunho do memorando para instruir as Missões a respeito da Comissão

sentantes das relações culturais do Departamento de Estado e o OCIAA, que coordenou algumas atividades do projeto de tradução entre 1940 e 1943, enfatizavam a necessidade de liberdade intelectual, e, ao mesmo tempo, determinavam que os conselheiros ou o quadro de diretores seriam pessoas de confiança indicadas pelo próprio Departamento de Estado. A incongruência entre a prática e o discurso em torno da ética que supostamente balizaria as trocas culturais pautou o funcionamento do OCIAA.

Em uma carta destinada a J. Mark Kerans, datada de primeiro de setembro de 1944, Harry Frantz, diretor da Divisão de Imprensa, descreveu as razões pelas quais a renovação do projeto *Interchange of articles for magazines and books between the United States and other American Republics* [Intercâmbio de artigos para revistas e livros entre os Estados Unidos e as outras repúblicas americanas] deveria ser aprovada pelo Departamento de Estado.⁷⁷ Ele vinha sendo desenvolvido satisfatoriamente pela Committee on Cultural Relations with Latin America, Inc. [Comissão de Relações Culturais com a América Latina, Inc.], sob a direção de Hubert Herring, sediado em Claremont, na Califórnia, portanto, reunia todas as qualidades para a sua continuidade. Entre as justificativas favoráveis apresentadas por Frantz, uma foi a de que “o próprio governo não pode atuar diretamente nessa área, pois materiais estritamente literários são suspeitos se vindos de quaisquer órgãos governamentais, e os editores ficam à procura de alguma agenda política para agirem de acordo com a situação”.⁷⁸

Desviando-se do mérito da sua aprovação ou não, da substância dessa carta, a frase que merece destaque é “materiais literários são suspeitos se vindos do governo”, pensamento alinhado com uma prática muito cara à população estadunidense, a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa, primeiro artigo da Constituição. Acima de

de Conselheiros das Relações Culturais. 7 de dezembro de 1942.

77 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Department of Press and Publications: General records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1470.

78 Library of Congress, Manuscript Division. American Council of Learned Societies Records (ACLS). Box B97. Rascunho do memorando para instruir as Missões a respeito da Comissão de Conselheiros das Relações Culturais. 7 de dezembro de 1942. Original: “Inter-American cooperation in the literary field seems to be about the minimum requisite for any inter-American cultural cooperation worthy of the name. The government itself cannot operate in this field because strictly literary materials are suspect in coming from any governmental agencies. Editors look for concealed policy and act accordingly”.

tudo, lutava-se contra o avanço de regimes totalitários estabelecidos em parte da Europa e a ameaça às democracias americanas. Em uma reunião da Comissão Mista do Departamento de Estado, em setembro de 1941, na discussão sobre a elaboração da revista *Literary Review* [*Resenha Literária*], Archibald MacLeish também já antecipara a sua preocupação com o controle e a supervisão da publicação de uma revista literária pelo governo e a possível dissonância com as editoras.⁷⁹

Para contornar a suspeita de qualquer agenda política subjacente à publicação e seguir o princípio de liberdade que fundamentava as relações culturais, o Departamento de Estado criou uma fachada para o exercício de uma pseudoliberalidade. Designou, assim, alguns institutos para executar a tarefa, como a American Council of Learned Societies (ACLS), Inter-American Educational Foundation Inc., Hispanic Foundation, sediada na Library of Congress, University of Texas, University of Chicago, e editoras comerciais como a Alfred A. Knopf, MacMillan Company, Viking Press, Farrar & Strauss entre outras. Apesar do subsídio do Departamento do Estado, via OCIAA, as instituições supostamente teriam autonomia para constituírem as equipes ou comissões de trabalho, determinarem as diretrizes desde a concepção até a execução, e selecionariam os livros que estivessem de acordo com seus interesses intelectuais, estéticos, acadêmicos ou de mercado. No entanto, não foi essa a prática adotada, a começar por sua concepção, conforme descrito no projeto sobre a tradução de livros da América Central e do Sul para o inglês, que visava, além do interesse de solidariedade pan-americana, conhecer melhor a cultura dos países vizinhos coadjuvantes na defesa do hemisfério.

OS PROJETOS PARA A TRADUÇÃO DA FICÇÃO BRASILEIRA NOS ESTADOS UNIDOS: REDES E FUNCIONAMENTO

Na reunião da Comissão Mista do Departamento de Estado realizada em fevereiro de 1942, Max Ascoli (PhD, Diretor da Social Science and Education Division [Divisão de Ciências Sociais e Educação]) enfatizou a

79 NARA II. RG353, Records of Interdepartmental and Intradepartmental Committees (State Department). The interdepartmental committee on cooperation with American Republics. Minutes of meetings, Box 29. Ata da reunião de 17 e 18 de setembro de 1941.

importância das implicações políticas do programa como um todo. Uma série de traduções de grandes pensadores políticos de outras repúblicas, incluindo aqueles que eram favoráveis e contra a solidariedade hemisférica, seria de vital importância para conhecer o que pensavam sobre o assunto.⁸⁰ Porém, sabe-se que pessoas ligadas aos partidos comunistas ou que comercializavam com firmas alemãs e italianas tiveram suas entradas proibidas nos Estados Unidos desde 1940.⁸¹

O projeto guarda-chuva apresentado pela Press Division [Divisão de Imprensa] do OCIAA, intitulado *Translation into English of literature of the other Americas* [Tradução da literatura de outras Américas para o inglês], contemplaria a tradução de livros “de excelência de outras Repúblicas Americanas” para o inglês, com a finalidade de aperfeiçoar o conhecimento sobre seus vizinhos. Tal tarefa ficaria nas mãos de “editoras comerciais e universitárias com boa reputação” que se disponibilizassem a assumir os custos da publicação, divulgação e distribuição, pois o subsídio era destinado somente à tradução. Como justificativa, mencionou-se a pouca projeção dada a livros escritos nas “outras Repúblicas”, opinião compartilhada por escritores, acadêmicos e autoridades literárias, muitos deles cooperando com o “programa de guerra”. Além de estimular a leitura dos “livros mais importantes” em espanhol e português e de “outras Américas”, a tradução possibilitaria um novo mercado para esses escritores, apoiando a causa literária e abrindo canais para o entendimento interamericano. O custo da tradução se limitaria a US\$1.000,00 por volume para os livros comerciais e US\$2.500,00 para os clássicos e acadêmicos recomendados por educadores. Esses valores deveriam cobrir o valor da tradução para o inglês, mais os direitos de tradução.

80 NARA II. RG353, Records of Interdepartmental and Intradepartmental Committees (State Department). The interdepartmental committee on Cooperation with the American Republics. Minutes of meetings, Box 29. Ata da reunião de 25 e 26 de fevereiro de 1942.

81 Leonard W. Doob, PhD em psicologia pela Harvard, trabalhou na Yale University e no Gabinete de informação de guerra (Office of War Information) dos Estados Unidos. Doob identificou companhias internacionais que apoiavam a causa do eixo e compôs uma *black list* com 1800 companhias na América Latina que de alguma maneira ajudaram a Alemanha ou a Itália. (SADLIER, 2012a) A partir de vários tipos de cruzamento de dados, listaram-se as *personae non gratae*, para as quais se negariam sua entrada nos Estados Unidos. As listas eram atualizadas constantemente para os cidadãos brasileiros. O arquivo se encontra em: NARA II. RG84. Records of the Foreign Service Posts of Department of State, 1788 – ca. 1991. United States Consular Records for Salvador, 1819-1839. Boxes 14-21.

A Unidade de Publicações, por meio de conselheiros indicados pelo American Council of Learned Societies, ficaria encarregada da primeira etapa concernente à escolha dos títulos a serem traduzidos. Após a seleção, a Comissão Mista, composta por um representante do OCIAA, da ACLS e do Departamento de Estado, decidiria sobre a sua aprovação ou não. Outros livros poderiam ser adicionados de tempos em tempos, conquanto tramitassem da mesma maneira que os anteriores. O custo previsto para o projeto foi de US\$30.000,00, valor que deveria ser gasto com a tradução de aproximadamente vinte e cinco livros. Um memorando da Divisão de Imprensa para a Comissão Mista (anexado à página inicial da autorização do projeto) informava a redução da metade desse valor para o ano fiscal de 1943.⁸²

O Departamento de Estado se constituiria na última instância, encarregada de cancelar os livros pré-selecionados para a tradução, fato comprovado pelas várias correspondências entre o OCIAA e a Comissão Mista. Tal prática distancia-se da isenção do governo e da total autonomia, defendida nos discursos das autoridades e representantes do OCIAA, incluindo as declarações de Harry Frantz e Archibald MacLeish, citadas no início do capítulo.

A partir das orientações gerais detalhadas nesse projeto, que pode ser denominado de guarda-chuva, cada instituto, editora comercial ou universitária poderia apresentar uma proposta para a apreciação do OCIAA. Um projeto específico para a tradução da literatura de ficção, intitulado *Translation of South American novels into English [Tradução de romances sul-americanos para o inglês]*, das editoras Viking Press e Macmillan Company, sediadas na cidade de Nova York, solicitou o custeio para a tradução e a editoração dos manuscritos traduzidos. A justificativa para obter a ajuda financeira da Seção de Publicações do Office girou em torno das dificuldades para esses livros conseguirem entrar no mercado comercial sem o apoio de subsídios.

A Viking Press se encarregou em traduzir *Jimenez de Quesada*, de German Arciniegas, publicado em 1939 para coincidir com as comemorações dos 400 anos da fundação de Bogotá. O autor, que também era

82 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 538.

historiador, fora contratado pelo governo colombiano para escrever a história oficial da república. Ele era também o editor da *Revista de las Indias*, e visitaria os Estados Unidos a convite da Foundation for the Advancement of the Social Sciences [Fundação para o Desenvolvimento das Ciências Sociais]. A Viking Press já acertara os detalhes da tradução e um pouco de edição, para torná-lo mais aceitável ao público estadunidense. A tradutora indicada, Mildred Adams, era versada em Literatura Espanhola e Relações Sul-americanas, conhecida como a tradutora dos trabalhos de Ortega y Gasset.

A Macmillan Company comprometeu-se com três livros. O primeiro foi *La Quintrala*, de Magdalena Petit, publicado pela Empresa Letras em 1931, ganhador do prêmio do jornal *La Nación*, garantindo-lhe a venda de aproximadamente quinze mil cópias, um número significativo para o Chile da época. A edição em inglês é de 1942 e continha uma breve introdução à história do país, escrita pela própria autora, para melhor compreensão do leitor estadunidense. A segunda obra traduzida pela Macmillan Company em 1943 foi *Chile: una Loca Geografía*, de Benjamin Subercaseaux, publicada pela Ediciones Ercilla em 1940. É descrito como contendo traços similares aos de Hendrik van Loon, em *Story of Mankind*, pois relacionava o chileno ao seu ambiente. Angel Flores, da União Panamericana, foi indicado como o tradutor por Archibald MacLeish, com a aprovação do OCIAA. O terceiro livro foi o brasileiro *Caminhos Cruzados*, que teria o título *Crossroads* em inglês. De acordo com o projeto tradutório, o livro

[...] foi originalmente publicado em Porto Alegre, Brasil, em 1936. É um dos romances de mais sucesso do prolífico autor popular brasileiro, Erico Verissimo. O livro apresenta as vidas cruzadas de um grupo de personagens de todas as classes em uma moderna cidade brasileira. Além do seu amplo trabalho como romancista, Verissimo escreveu livros infantis e traduziu muitos livros ingleses e americanos para o português. Ele trabalha como conselheiro literário de uma grande editora brasileira, livraria do Globo, e visitou esse país no inverno passado como um convidado do Departamento de

Estado e, no momento, está trabalhando em um livro sobre suas experiências aqui.⁸³

Ainda segundo a descrição do projeto, consta a informação de que *Caminhos Cruzados* foi traduzido para o inglês por Louis C. Kaplan, cuja versão foi lida e aprovada por Hershell Brickell. A tiragem da primeira edição, de duas mil e quinhentas cópias, teria por volta de 436 páginas. Os custos da edição da tradução, impressão, divulgação e distribuição dos romances ficariam totalmente a cargo das editoras. O OCIAA arcaria somente com o subsídio da tradução, e não poderia exceder o valor de US\$500,00 por romance. Em 18 de novembro de 1941, a Divisão de Relações Culturais carimbou a sua aprovação.⁸⁴ Todos os títulos receberam a aprovação da Seção de Publicações por representarem uma combinação de qualidade literária, adequação ao mercado americano e representação das tendências literárias das outras repúblicas americanas. Em seu parecer, John P. Bishop declarou que o projeto fora preparado de acordo com a política adotada para o subsídio de livros sul-americanos de importância, os quais, “sem a nossa ajuda, certamente não apareceriam aqui”. Todos esses livros haviam sido muito bem recomendados e ele mostrou-se esperançoso no seu razoável sucesso nos Estados Unidos.⁸⁵ Em fevereiro de 1942, iniciaram-se as negociações das cláusulas do contrato e após vários acertos e modificações,⁸⁶ assinou-se o documento número OEMcr-93 entre o OCIAA e a

83 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 538. Original: “[...] was originally published in Porto Alegre, Brazil, in 1936. It is one of the most successful novels by a prolific and popular Brazilian author, Erico Verissimo. The book presents a cross section of the lives of a large group of characters of all classes in a modern Brazilian city. Erico Verissimo, in addition to his extensive work as a novelist, has written books for children and translated many English and American books into Portuguese. He has for some years acted as literary advisor for a large Brazilian publishing firm. Livraria do Globo. He visited this country last winter as a guest of the State Department and is, at present, working on a book recounting his experiences in this country”.

84 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 538.

85 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Education division: project files, 1941-1950. Letter Archives, Box 1174. Memorando de John Peale Bishop para George Dudley, 15 de novembro de 1941.

86 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Education division: project files, 1941-1950. Letter Archives, Box 1174. Correspondências trocadas entre o OCIAA e a MacMillan Company em 1942.

MacMillan Company, estipulando-se o pagamento de US\$400,00 para a tradução de *Caminhos Cruzados*, contanto que a tiragem da primeira edição não fosse inferior a duas mil e quinhentas cópias.⁸⁷

Passados três meses, Brett encaminhou uma carta a Lawrence H. Levy, do conselho administrativo,⁸⁸ solicitando permissão para incluir na sinopse de *Crossroads* o seguinte texto: “O Senhor Verissimo, um ilustre escritor brasileiro, esteve em nosso país recentemente, a convite da Comissão Rockefeller”,⁸⁹ mesmo ciente de que o contrato não consentia publicidade e nem menção da comissão da Rockefeller Foundation. Tal ação pode ser vista como uma estratégia de marketing, uma tentativa de imprimir à tradução um capital simbólico ao associá-la à Fundação Rockefeller, respeitada no país por estimular o intercâmbio de intelectuais entre vários países. Além do mais, Erico Verissimo, apesar de gozar de certa fama no Brasil, era um autor totalmente desconhecido junto ao público estadunidense.

Levy, por sua vez, pediu conselho sobre o conteúdo para Francis A. Jamieson, que respondeu alegando não ver razão alguma para mencionar Rockefeller, pois Verissimo fora trazido para os Estados Unidos a convite do Departamento de Estado.⁹⁰ A diretoria do OCIAA cercou-se de todos os cuidados para não dar margens a conflito de interesses, pois Nelson Rockefeller coordenava o Office à época, ou seja, desvincular a Rockefeller Foundation do Departamento de Estado naquele momento daria um mínimo de aparente lisura a todo o processo da publicação da tradução. Aliás, a partir de 1940, muitos projetos culturais da Rockefeller Foundation foram gradativamente distribuídos entre as

87 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 538.

88 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Education division: project files, 1941-1950. Letter Archives, Box 1174. Correspondência de George P. Brett, Jr para Lawrence H. Levy, 7 de maio de 1942.

89 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Education division: project files, 1941-1950. Letter Archives, Box 1174. Correspondência de George P. Brett, Jr para Lawrence H. Levy, 7 de maio de 1942. Original: “Mr Verissimo, distinguished Brazilian writer, recently visited this country at the invitation of the Rockefeller committee”.

90 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Education division: project files, 1941-1950. Letter Archives, Box 1174. Correspondência de Lawrence H. Levy para Francis A. Jamieson, 9 de maio de 1942.

outras fundações, a Carnegie Corporation e a Guggenheim Foundation, que formaram parcerias com universidades, institutos, bibliotecas e museus. Finalmente, em 1943, *Crossroads* foi o primeiro romance brasileiro a ser traduzido sob a tutela do projeto de tradução encaminhado ao Departamento de Estado estadunidense.

A proposta *Study of Brazilian life and culture* [*Estudo da vida e da cultura brasileira*], executada pelo Departamento de Estado, tencionou apresentar um “autorretrato do caráter brasileiro” e previu a preparação de um livro que “sintetizasse a vida e a cultura brasileira”, incluindo textos selecionados das melhores obras literárias de referência de escritores brasileiros. Em uma carta anexada ao projeto, William Lytle Schurz, chefe temporário das relações culturais, revelou a crença de que tal tipo de trabalho, “de caráter não somente literário, mas também popular”, seria uma “contribuição genuína” para as relações Brasil-Estados Unidos, aventando a possibilidade de sua tradução também para o espanhol.⁹¹

Os critérios para a seleção dos títulos obedeceriam às seguintes características:

- i) a psicologia do caráter nacional, ii) seu condicionamento determinado pela geografia humana e pelas tradições de vida, iii) sua mais expressiva característica atual, seja na arquitetura, na ficção regional ou na análise social, e iv) o caráter emergente e suas transformações desde 1920: os problemas constantes, os efeitos predominantes e os esforços aparentes.⁹²

Tal proposta surgiu a partir de uma viagem de estudo de seis meses da senhora Dorothy M. Wilmotte pelo Brasil (não há informações adicionais sobre essa personagem em nenhum outro documento ou livro), ocasião em que participara de várias conferências com líderes literários que sugeriram as várias maneiras de os Estados Unidos conhecerem os brasileiros. O trabalho seria conduzido por um coeditor brasileiro

91 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 536.

92 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 536. Original: “i) The psychology of the national character; ii) Its conditioning by human geography and by the living tradition; iii) Its most characteristic expression today – whether in architecture, regional fiction, social analysis; iv) The emerging character, content and rate of changes since 1920: persistent problems, prevailing purposes and conspicuous efforts”.

selecionado por Wilmotte (alguém das bibliotecas Hispanic Foundation, sediada na Library of Congress ou da Oliveira Lima Collection, na Catholic University, ambas em Washington, D.C.), com a aprovação do Departamento de Estado e o OCIAA, que auxiliaria na seleção do material (novamente) e os direcionaria para os tradutores. A tradução e a edição, previstas para maio de 1942, com lançamento no outono do mesmo ano, custaria US\$3.000,00.

O projeto não informa se o produto final resultaria em uma antologia contendo contos ou capítulos de romances ou se seriam vários romances avulsos traduzidos. A anotação encontrada no relatório de atividades do OCIAA no Brasil esclareceu essa dúvida. (UNITED STATES, 1943) O projeto *Study of Brazilian life and culture* recebeu o subsídio, e Dorothy Wilmotte deu continuidade à seleção de textos para a antologia, finalizada de acordo com o previsto, em 1942. Porém, o relatório não especifica o título da coletânea. O arquivo de Dudley Poore (tradutor de *A fogueira*), depositado na Yale University Library, forneceu outras pistas. A documentação epistolar com William Lytle Schurz indica que *Fiesta in November* (título homônimo da tradução do romance *Fiesta en Noviembre*, de 1938, do escritor argentino Eduardo Mallea), era a antologia à qual se referia o projeto, editada por Dudley Poor e Angel Flores, em 1942.⁹³ Ao folhear o volume, nota-se que há somente um texto representando o Brasil, um capítulo do romance *Mar Morto*, de Jorge Amado, traduzido como *Sea of the Dead*, por Donald Walsh.⁹⁴ Ou seja, o que seria a princípio um estudo da vida e da cultura brasileira, acabou reunindo contos ou trechos de romances da Argentina (três textos), Equador (um), Peru (dois), Colômbia (um), Venezuela (dois), México (um), Uruguai (um), Panamá (um) e Chile (quatro).

O OCIAA não parece ter se importado com o aparente desvio dos recursos originalmente disponibilizados para o projeto do “autorretrato

93 Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale Collection of American Literature (YCAL), MSS 559. Dudley Poore Papers, Box 8. Correspondência de William Lytle Schurz a Dudley Poore, 26 de maio de 1944.

94 O capítulo de *Mar Morto* incluído na coletânea é uma tradução de segunda mão. O pessoal do OCIAA não conseguiu enviar o livro do Brasil, tampouco encontraram um exemplar em Nova York ou Washington. Por absoluta falta de tempo, apesar de Dudley mostrar-se contrário a essa prática, Walsh teria que trabalhar com a edição em espanhol, *Mar Muerto* (1940), traduzido por Benjamin de Garay e publicado na Argentina. Beinecke Rare Book and Manuscript Library. YCAL, MSS 559. Dudley Poore Papers, Box 9. Correspondência de Dudley Poore para Donald Walsh, 20 de outubro de 1941.

do caráter brasileiro”, que “sintetizasse a vida e a cultura brasileira” por meio das melhores obras literárias de referência de “escritores brasileiros”. As correspondências trocadas entre Poore e Schurz mencionam o produto final do projeto, *Fiesta in November*, indicando a importância de iniciativas como essas para melhorar a relação Brasil-Estados Unidos. Em 1944, Poore consulta Schurz sobre a possibilidade de uma reedição da antologia, a que ele responde não estar mais ao seu alcance decidir quais livros seriam reeditados. Uma vez que a editora comercial havia cumprido a sua parte do contrato e publicado o livro, ela teria todos os poderes em controlar as futuras reedições.⁹⁵ De qualquer maneira, se eliminarmos a marcação temporal explicitada no projeto, as características almejadas parecem encaixar-se, cada qual à sua maneira, aos romances brasileiros traduzidos em 1940.

A editora Farrar & Rinehart e a revista *Redbook Magazine* submeteram um projeto para o OCIAA solicitando auxílio para um concurso intitulado *Prize contest for South American authors* [Prêmio para autores sul-americanos]. A premiação tinha como meta incentivar autores latino-americanos a procurarem um público nos Estados Unidos. Em 1940 e 1942, as firmas de Nova York, em cooperação com a *Pan American Union*, já haviam realizado um concurso literário. O comitê responsável pela seleção era integrado por críticos e escritores, contando com os nomes mais significativos de cada república latino-americana. Já a comissão julgadora internacional incluiu personalidades como John Dos Passos, Ernesto Montenegro e Blair Niles. Após a divulgação do resultado, a Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado convidou o ganhador do prêmio e outros três participantes, que receberam menção honrosa, para um jantar oferecido na Waldorf-Astoria no dia 14 de abril de 1941, dia Pan-Americano.

O primeiro prêmio foi para Ciro Alegria, do Peru, por *Broad and Alien is the World*, e as menções honrosas para E. Gil Gilbert, do Equador, por *Our Daily Bread*, Cecilio J. Carneiro, do Brasil, por *The Bonfire* e para Miguel A. Menéndez, do México, por *Nayar*. Os relatórios recebidos da América Latina indicavam que o prêmio “fez um sucesso extraordinário” no estreitamento das relações culturais entre as Américas. Fato que estimulou o novo concurso a aumentar os tipos de composição para livros de ficção,

95 Beinecke Rare Book and Manuscript Library. YCAL, MSS 559. Dudley Poore Papers, Box 8.

não-ficção e infantil, com uma ajuda de custo no valor de US\$ 2.500,00 para a tradução.⁹⁶ Além do jantar de premiação, os livros foram vertidos para o inglês e publicados pela Farrar & Rinehart. Harriet de Onís traduziu *Broad and Alien is the World*, em 1941, Dudley Poore verteu *Our Daily Bread*, em 1943 e *The Bonfire*, em 1944, e Angel Flores, *Nayar*, em 1942.

Somando-se aos projetos de tradução, Cecil Cross, Cônsul Geral dos Estados Unidos no Brasil, atuou como porta voz do valor da literatura brasileira e do comprometimento que os americanos deveriam ter para “honrar as letras e as artes brasileiras”. Para tanto, em uma correspondência redigida ao Secretário de Estado, referiu-se a uma crítica de Vivaldo Cearacy, observando que de oito escritores argentinos, somente dois brasileiros estavam entre os citados. Segundo o crítico, “dada a população do Brasil, que se constituía em um terço da América Latina, um quarto dos livros latino-americanos disponíveis em inglês deveria ser traduzida do português.”⁹⁷

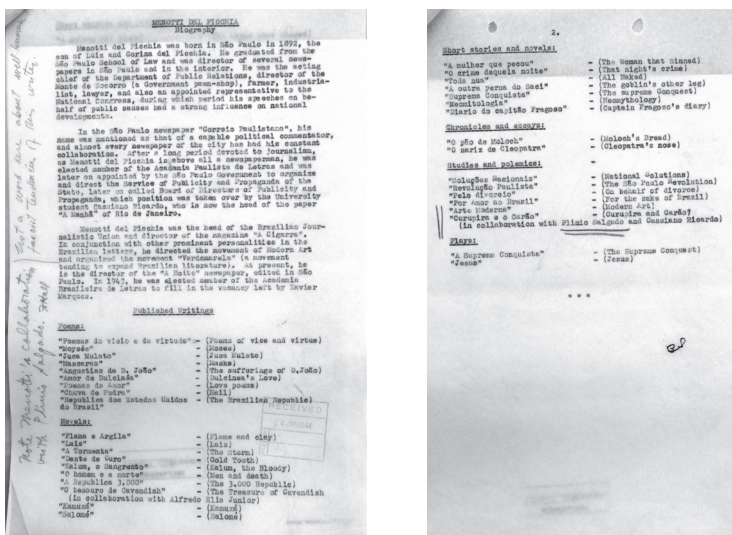
A documentação epistolar de Cecil Cross com o Secretário de Estado menciona o envio de vários livros brasileiros para conhecimento do Departamento de Estado. Em 01 de março de 1944, Cross enviou cinco cópias do livro *Obras Primas da Lírica Brasileira (Masterpieces of Brazilian Poetry)*, de Manuel Bandeira e Edgar Cavalheiro, publicado pela Livraria Martins: duas cópias teriam que chegar às mãos do Dr. William Berrien (Rockefeller Foundation) e do Dr. Lewis Hanke (Divisão Hispânica da Biblioteca do Congresso) e as outras três para o Departamento de Estado, que se encarregaria de apresentá-lo a críticos de literatura brasileira de renome.⁹⁸ Em uma remessa anterior, Cross enviara duas cópias de *Laís e Salomé*, de Menotti del Picchia, juntamente com uma pequena biografia e bibliografia do escritor, conforme a Figura 2:

96 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 530.

97 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1330. Correspondência de Cecil M. P. Cross para o Secretário de Estado. São Paulo, 29 de setembro de 1944. Original: “Since the population of Brazil is about one third of all Latin America, surely a quarter of the Latin American books available in English should be translated from Portuguese”

98 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1330. Correspondência de Cecil M. P. Cross para o Secretário de Estado. São Paulo, 1 de março de 1944.

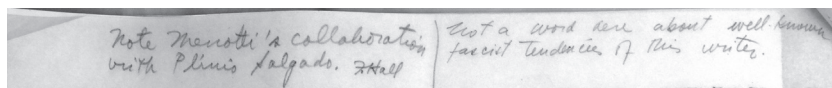
Figura 2 – Correspondência de Cecil Cross ao Secretário de Estado



Fonte: NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs.⁹⁹

Nota-se que, na margem esquerda da primeira página, há uma anotação, como se observa mais claramente na imagem expandida da Figura 3:

Figura 3 – Anotação à margem da carta de Cecil Cross ao Secretário de Estado



Fonte: NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs.

A anotação a lápis à esquerda chama a atenção para a colaboração de Menotti del Picchia com Plínio Salgado, referindo-se ao grifo em verde na segunda página da correspondência (Figura 2), onde se vê destacada a coautoria do integralista Plínio Salgado e do escritor Cassiano Ricardo no livro *Curupira e o Carão*. Já a anotação à esquerda traduz-se como: “nenhuma palavra aqui sobre as conhecidas tendências fascistas desse

99 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1330. Correspondência de Cecil M. P. Cross para o Secretário de Estado. São Paulo, 20 de janeiro de 1944.

escritor”.¹⁰⁰ Anotações como essas corroboram a tese do mapeamento das personalidades brasileiras associadas aos ideais fascistas feita pelos agentes governamentais estadunidenses. Ademais, informações dessa natureza, apesar de não aparecerem textualmente nos relatórios ou correspondências oficiais, são valiosas para se entenderem as razões subjacentes às escolhas de escritores a serem traduzidos ou não.

O programa de tradução de livros iniciou-se com a transferência de fundos para o American Council of Learned Societies. Quando parte das atividades culturais do OCIAA transferiu-se para o Departamento de Estado, o Conselho já tinha assinado o contrato para a tradução de cento e dezesseis livros. Até o final de 1943, cinquenta e sete já haviam sido publicados e o restante ficaria para o ano seguinte. (ESPINOSA, 1976, p. 220) Cerraram-se, assim, por um intervalo breve, as cortinas do Departamento do Estado, órgão que muito trabalhou e gastou para forjar uma amizade, estendendo seus braços (ou tentáculos) e tomando decisões sobre a produção artística e cultural a fim de seduzir as elites e os intelectuais dos países sul-americanos como aliados.

Deborah Cohn (2012, p. 27) articula dois conceitos de Jarol Manheim (1994) sobre os programas públicos de diplomacia para mostrar a eficácia dos Estados Unidos nesse campo: o primeiro é o contato pessoas com pessoa, planejado para defender as políticas do governo e retratar uma nação a um público estrangeiro. O segundo, o contato governo com pessoas, esforço de um governo em influenciar a opinião pública ou as elites de outros países, para obter vantagens políticas externas da nação-alvo. As práticas utilizadas pela diplomacia estadunidense durante a Guerra Fria, período examinado por Cohn, integraram eficientemente os dois tipos de contato. Primeiro, disseminou-se a arte dos Estados Unidos como uma forma de expressar a liberdade artística e trazer prestígio à nação, e segundo, aproximou-se dos artistas ou intelectuais estrangeiros, que funcionariam como veículos para influenciar a opinião pública com seus ideais.

Apesar da pouca experiência de diplomacia cultural do governo estadunidense na Segunda Guerra, as ações executadas nas Américas

100 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1296.

durante a Política da Boa Vizinhança funcionaram como uma espécie de incubadora para inspirar futuros planos para a diplomacia cultural. Os projetos do OCIAA voltados para a sedução das elites intelectuais latino-americanas abarcaram as artes plásticas, a literatura e a música, já que o cinema e, posteriormente, a televisão, fariam a sedução das massas. A obra que o leitor tem em mãos se interessa pelos livros, apresentados a seguir como um centro em torno do qual circundaram outros projetos com o objetivo de criar um público e preparar um caminho para a recepção da literatura latino-americana.

AS ESTRATÉGIAS PARA A DIVULGAÇÃO DA CULTURA E DA FICÇÃO LATINO-AMERICANA: PROJETOS SATÉLITES

Na década de 1940, não se encontravam livros técnicos, científicos ou acadêmicos das Américas do Sul e Central no mercado dos Estados Unidos, mas um cenário diferente se configurava para os livros de ficção. No caso da literatura brasileira, especificamente, alguns títulos traduzidos para o inglês podem até mesmo ter circulado modestamente por lá, apesar de publicadas por editoras britânicas. Alguns poemas e contos que apareceram em antologias ou periódicos sobre a América Latina engrossaram um pouco o corpo da literatura brasileira conhecida nos círculos estritamente acadêmicos.¹⁰¹ Como, então, fazer com que cidadãos estadunidenses se interessassem por livros das novas nações amigas com quem uniam forças para a solidariedade hemisférica? Como preencher a lacuna do desconhecimento da língua, da cultura, da geografia e da história sobre esses países em um curto espaço de tempo? E talvez, o mais desafiador de todos, como criar um hábito de consumo para esses produtos das novas culturas?

Os caminhos que atingiram rapidamente uma grande quantidade de pessoas foram, sem dúvida, as ondas de rádio, por meio da seleção musical e entrevistas com personalidades da América Latina e as imagens do cinema, com a produção de documentários sobre os costu-

101 Alguns exemplos são: Goldberg (1922), Leavitt (1932), James e Aguilera (1941) e Wilgus (1941), Reid (1941), e os periódicos *Books Abroad* da *University of Oklahoma*, *Panorama* da *Division of Intellectual Cooperation* da *Pan American Union* e *The Inter-American Monthly*. (GRANIER, 1942)

mes, as pessoas, a fauna e a flora, até então desconhecidos da população estadunidense. No âmbito das publicações, a Divisão de Imprensa empregou um grande número de pessoas na fábrica de notícias sobre a América Latina. Um esquema bem estruturado e eficiente facilitou a rede de troca de *clippings* [recortes] entre o Office em Washington e as regionais para abastecer os jornais com as notícias.¹⁰² E os livros? Quais seriam os caminhos possíveis?

O Professor Huber Herring solicitou apoio financeiro para o ano de 1945 para que continuasse a publicar artigos sobre escritores latino-americanos. Herring ressaltou a redução nos custos do projeto em relação a 1944, pois poderia aproveitar a mão de obra da secretaria da Claremont College, onde ele estava trabalhando naquele momento, totalizando o valor do auxílio em U\$11.500,00. De acordo com as correspondências trocadas entre Francis Jamieson, David Loth, Harry Frantz e Nelson Rockefeller para discutirem a continuidade do apoio financeiro do OCIAA, a comissão estava satisfeita com o trabalho de Herring, pois ele escrevera duzentos e trinta e seis artigos sobre autores latino-americanos em um período de nove meses, apesar da “baixa qualidade das revistas nas quais os artigos foram publicados”.¹⁰³ Infelizmente, com o final da guerra se aproximando e a drástica diminuição nos programas culturais para a América Latina, o projeto não foi renovado diretamente pelo OCIAA, mas recomendou-se que se fizesse um memorando redirecionando-o para os vários órgãos governamentais e privados, visando

102 O pessoal de Washington e das regionais coletavam diariamente as reportagens sobre: as atividades da OCIAA, a situação dos países em relação à guerra e as relações com os países do Eixo (noticiados nos vários jornais circulando nas Américas). No caso do Brasil, os representantes regionais se encarregavam de enviar um relatório diário para a central no Rio de Janeiro, a qual, por sua vez, fazia um resumo e o enviava diariamente a Washington. Um memorando descrevendo toda a metodologia salienta a seriedade da atividade, a seleção do material de interesse ou não, a transmissão do relatório diário, e o detalhamento de como tudo deveria ser encaminhado via malote para Washington. Para evitar o desperdício de trabalho e de tempo, várias correspondências trocadas entre Washington e as regionais no início das atividades tratavam de reportagens irrelevantes para o Office, detalhando pedagogicamente, caso por caso as razões da não importância de determinados clippings. NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1296.

103 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Department of Press and Publications: General records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1462. Memorando de David Loth a Francis A. Jamieson. 22 de abril de 1944. Original: “His records of placements shows some increase over last year although not much improvement in the quality of the magazines where the material is placed”.

um futuro financiamento.¹⁰⁴ Esse projeto indica o pagamento de profissionais para a produção de resenhas sobre os escritores latino-americanos.

Rodolfo O. Rivera, assistente executivo da American Library Association (ALA), proponente do projeto *Exhibit of Latin American books in the US* [Exposição de livros latino-americanos nos Estados Unidos], sugeriu fazer circular os livros latino-americanos entre as universidades e as bibliotecas públicas.¹⁰⁵ A exposição consistiria de aproximadamente cem livros selecionados entre obras contemporâneas de ficção e não-ficção. A ALA já organizara

[...] essas exposições anteriormente, mas como os livros foram enviados pelos ministros da educação dos países da América Latina, não eram representativos da boa literatura e dos produtos lá feitos. Como não estava ao alcance da associação fazer a seleção dos livros, foram obrigados a aceitar os que lhes foram enviados.¹⁰⁶

O projeto mereceu aprovação da Comissão de Relações Culturais com a América Latina e a Association of American Colleges [Associação das Universidades Americanas] em uma conferência organizada pelo Departamento de Estado, em novembro de 1940. Cada exposição custaria US\$411,40, e um total de cinco delas somaria o montante de US\$2.057,00.

Visando atingir a faixa central do país, um programa voltado para os estados do interior intitulado *Experiment in stimulation of interest in books on other American countries and inter-american affairs* [Experimento para estimular o interesse pelos livros sobre os outros países americanos e as relações interamericanas] foi proposto pela Division of Inter-American Activities in the US [Divisão de Atividades Inter-americanas nos Estados Unidos], a ser realizado pela Library of International Relations [Biblioteca

104 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Department of Press and Publications: General records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1462. Memorando de David Loth a Francis A. Jamieson. 22 de abril de 1944.

105 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 519.

106 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 519. Original: "The exhibit which the American Library Association had been able to make in the past was made up of books obtained from the ministers of education of the Latin American countries. The books were, therefore, not the most representative of good literature and good book-making. Since the Association did not have the power of selection, it was obliged to take what was sent them".

de Relações Internacionais]. O programa visava aumentar o interesse das trezentas e vinte e oito comunidades do meio-oeste pela leitura de livros sobre tópicos interamericanos apoiados por uma série de doze artigos semanais publicada nos jornais de Illinois, Indiana, Michigan e Winsconsin ao longo de três meses.¹⁰⁷

O livro de Manuel Espinosa, *Inter-American Beginnings of US Cultural Diplomacy* [O Início da Diplomacia Cultural Interamericana dos Estados Unidos], publicado em 1976 pelo Departamento de Estado, constitui-se em outra fonte de informações sobre os vários projetos culturais financiados pelo (ou por meio do) OCIAA.¹⁰⁸ Espinosa foi diretor da Bureau of Educational and Cultural Affairs [Secretaria de Assuntos Educacionais e Culturais] e contou com três colaboradores para a preparação do livro: Ben M. Cherrington, primeiro chefe do Programa de Relação Cultural do Departamento de Estado e diretor por muitos anos do Social Science Foundation da University of Denver; John Hope Franklin, professor de história americana da University of Chicago; e Frank Freidel, professor de história americana do Centro Charles Warren da Harvard University.

De acordo com seu relato, Archibald MacLeish,¹⁰⁹ bibliotecário da Library of Congress, e Harry M. Lydenbert, diretor da biblioteca pública de Nova York, lideraram um grupo para prestar assessoria ao intercâmbio de livros.¹¹⁰ A tarefa compreendeu selecionar livros estadunidenses para serem traduzidos para o espanhol e o português e alguns títulos para serem enviados para os países latino-americanos. Fizeram a mesma seleção de livros latino-americanos para serem traduzidos para

107 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 519.

108 Em uma nota, o autor atesta que, apesar do financiamento do Departamento de Estado, o livro não incorporava a visão do governo estadunidense sobre as relações interamericanas.

109 Ele era também poeta, dramaturgo, jornalista, professor e advogado. Sua vida pública se iniciou em junho de 1939 com a nomeação para Bibliotecário do Congresso. Após a indicação de Edward R. Stettinius, Jr para suceder Cordell Hull como Secretário do Estado, MacLeish foi designado o assistente do Secretário de Estado para Relações Públicas e Culturais. Terminada a Segunda Guerra, foi nomeado o presidente da delegação estadunidense no congresso da UNESCO em Londres, encerrando assim sua carreira pública para retomar sua carreira literária, interrompida por quase dez anos no serviço público. (WINNICK, 1983)

110 Em 14 de novembro de 1940 eles foram nomeados para a Comissão de Literatura por Nelson Rockefeller. Fonte: NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Department of Press and Publications: Press releases, 1940-1943. Legal Archives, Box 1471.

o inglês. E, tendo em vista a divulgação da cultura estadunidense, priorizaram a tradução da história dos EUA para o espanhol e o português e um programa que atraísse historiadores do Brasil e da América espanhola para escreverem a história dos Estados Unidos em suas línguas de origem. A Library of Congress recebeu US\$ 18.500,00 em 1941 e quase o dobro em 1942, US\$ 35.000,00. O repasse desses fundos teria sido intermediado pela Fundação Hispânica.¹¹¹ Em conjunto, começaram a produzir guias de literatura latino-americana,¹¹² enquanto as subcomissões trabalhavam para estabelecer contato com editores comerciais para a publicação das traduções. (ESPINOSA, 1976, p. 172) Um exemplo dessa atividade é a lista de publicações relacionadas à América Latina editadas pela Biblioteca do Congresso que seriam distribuídas no Brasil para as pessoas diretamente envolvidas com os assuntos tratados em cada livro (Figura 4).¹¹³

O intercâmbio de livros e periódicos entre as bibliotecas seguiu as diretrizes estabelecidas pelo OCIAA. Nota-se o envolvimento direto do pessoal do Office com essas atividades a partir das providências tomadas com relação às solicitações que chegavam a Washington. Um exemplo é a correspondência de Joseph Thoman, conhecido como Bill, da Divisão Regional – Seção Brasil, que encaminhou a Frank Nattier um pedido de um velho amigo, Dr. Coutinho da Georgetown University, em Washington DC. Ele pedia a indicação de jornais e revistas brasileiras que divulgassem uma exposição que ficaria aos cuidados do Portuguese Club da Georgetown a ser realizada em 3 de maio de 1942, em comemoração ao aniversário do descobrimento do Brasil. Dr. Coutinho sugerira um ou dois jornais de cada estado e fotos das suas dependências, incluindo uma foto da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e de seu presidente, Dr. Moses.

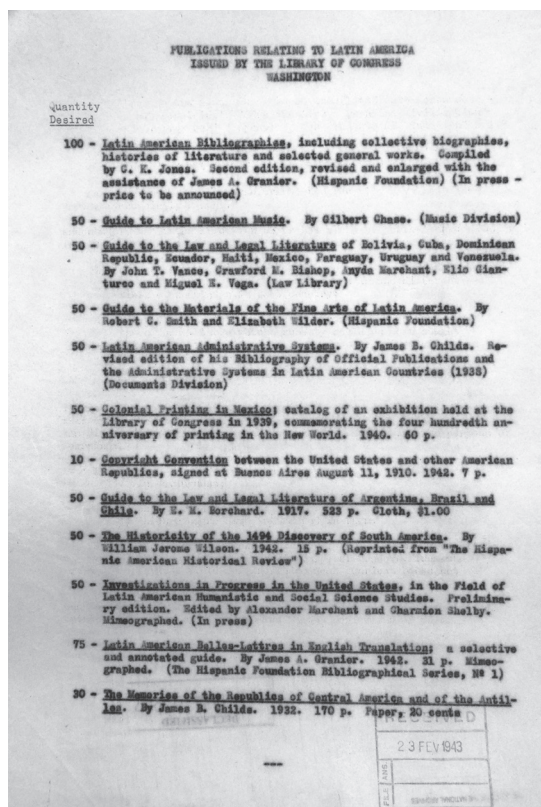
111 A Hispanic Foundation, sediada na Library of Congress, recebeu de Archer M. Huntington, presidente da Hispanic Society of America [Sociedade Hispânica da América], em 1927, uma quantia considerável para começar uma coleção de livros recentemente publicados sobre arte, artesanato, história e literatura nos países latino-americanos. Quando uma das divisões no prédio central, Jefferson Building, se transferiu para um dos prédios anexos, Huntington financiou a reforma da sala que hoje é a Hispanic Room. (UNITED STATES, 1939)

112 Do investimento de 1941 resultou o guia de James Granier (1942).

113 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1330. Correspondência de Cecil M. P. Cross para o Secretário de Estado. São Paulo, 15 de fevereiro de 1944.

Thoman (Bill) enfatizou que esse material poderia dar publicidade para o Brasil. Membros da embaixada e alguns jornalistas brasileiros que lá estariam na ocasião poderiam ser convidados.¹¹⁴ E se conseguissem atrair a atenção para a exposição, poderiam até utilizar o *inner Sanctum*, o famoso Gaston Hall para as ocasiões especiais. Bill ainda indicou o local onde esse material poderia ser obtido pela Interamericana: a ABI ou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).¹¹⁵

Figura 4 – Publicações relacionadas à América Latina



Fonte: NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs.

114 Uma anotação a lápis ao lado desse parágrafo indica o adiamento da visita dos jornalistas a Washington DC.

115 NARA II, RG229. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives, Box 1296. Carta de Joseph W. Thoman (Bill) da Divisão Regional – Seção Brasil para Frank Nattier, 26 de fevereiro de 1943.

Outro exemplo é a intermediação direta de Nelson Rockefeller, que solicitou uma lista de títulos que Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores do governo brasileiro, gostaria de ver traduzidos para o inglês. O cuidado a ser tomado naquele momento era verificar que títulos já estavam sendo traduzidos por editoras estadunidenses para não haver duplicações.¹¹⁶ Enquanto as atividades culturais interamericanas aconteciam intensamente por todo o hemisfério, um grupo de executivos representando as editoras estadunidenses viajou pelas Américas do Sul e Central com o intuito de investigar principalmente o mercado existente para a exportação de livros publicados nos Estados Unidos.

O PAPEL DO LIVRO NAS RELAÇÕES INTERAMERICANAS

O papel do livro nas relações Interamericanas¹¹⁷ é o título do relatório de 108 páginas elaborado por George P. Brett, Jr., presidente da Macmillan Company, Burr L. Chase, presidente da Silver, Burdett & Co., Robert F. de Graff, presidente da Pocket BOOKS, Inc., Malcolm Johnson, vice-presidente executivo da Doubleday, Doran and Co. e James S. Thompson, vice-presidente executivo da McGraw-Hill Book Co. O manuscrito foi mimeografado pela Book Publishers Bureau, Inc, The American Textbook Publishers Institute, Nova York, em 1943, de caráter confidencial.

O relatório apresentava o resultado de um estudo de seis meses sobre publicação, comércio e impressão de livros no México, Panamá, Colômbia, Peru, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil. Apesar de tratar, primariamente, das perspectivas de comércio para os livros estadunidenses, há no documento muitos rastros que indicam o *status* da tradução, seu comércio e a concepção de tradução nesse contexto de política cultural (alguns pontos serão retomados no capítulo seguinte). Apesar das limitações de tempo para realizar a tarefa, a comissão conseguiu grande quantidade de informações para avaliar os negócios, não somente para aquela situação especial de guerra, mas também para o pós-guerra. O

116 NARA II, RG229. Regional division, Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Letter Archives, Box 1261. Carta de George Biddle para Nelson Rockefeller, 17 de agosto de 1942.

117 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1264.

sucesso do trabalho se deveu, em alguma medida, às conexões locais do pessoal das divisões regionais do OCIAA.

A distribuição de livros dos Estados Unidos, na América Latina encontrava dificuldades, sem grandes perspectivas de melhoras. Os problemas estavam relacionados ao envio, ao crédito, aos preços altos do local de origem e aos preços não controlados nos destinos, às taxas cambiais flutuantes, às equipes de venda inadequadas, à confusão de impostos e regulamentações de importação, e em geral, ao desinteresse das editoras estadunidenses em atuar na exportação de seus produtos. Por outro lado, havia uma grande circulação de livros da França, Espanha, Alemanha, Itália e Inglaterra, apesar do fechamento comercial temporário. A equipe constatou a grande influência francesa na medicina e na cultura e a influência alemã na ciência pura e aplicada. Isso tudo era o resultado de um esquema bem organizado com o comércio europeu que facilitava a venda por consignação, um prazo de pagamento estendido, a devolução de mercadoria via consulado e os valores baixos praticados para a venda, a “preços coloniais”, principalmente os livros da Inglaterra. Os livros franceses traduzidos e publicados no Brasil, Canadá e Nova York custavam a metade do preço ou menos da metade, comparando-se aos valores das obras oriundas dos EUA. Os livros traduzidos ou escritos em português e espanhol eram vendidos a oito ou dez centavos de dólar americano, dessa forma, “nós temos poucas chances de aumentar a disseminação das ideias dos Estados Unidos via livros”,¹¹⁸ descreve o relator.

Acima de tudo, continua, “os leitores latino-americanos sempre consideraram a cultura americana inferior à da Europa e estão convencidos que a deficiência está presente na literatura, humanidades e ciências sociais, e geralmente suspeitam também dos livros técnicos”.¹¹⁹ Para sanar essa deficiência, as editoras deveriam disponibilizar a literatura e

118 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1264. p. 10. Original: “[...] we have little chance of increasing the dissemination of United States ideas via books”.

119 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1264. p. 18-19. Original: “Latin-American reader has long considered American culture inferior to that of Europe, that the reader is convinced that this deficiency exists in the fields of literature, the humanities and social sciences, and often suspects that it is so even of technical books”.

a cultura estadunidense para os países latino-americanos assim como os europeus o faziam. Deveriam apenas “evitar a impressão de que estamos forçando a nossa cultura para a América do Sul, mas temos que disponibilizá-la mesmo que não seja rentável por um longo período”.¹²⁰

Enquanto isso, os livros estadunidenses traduzidos para o espanhol ou o português eram comercializados sem nenhuma regulamentação. O editor da América Latina entrava em contato com a editora dos Estados Unidos e tentava conseguir os melhores valores de *royalty* antecipadamente, ao passo que o trabalho dos tradutores era remunerado a duzentos ou trezentos dólares. Muitas vezes, os editores dividiam o texto original em três partes e os distribuíam para três tradutores diferentes. Depois de os trabalhos finalizados, tornavam a juntar as partes sem nenhuma editoração e disponibilizavam os produtos no mercado. Após a venda dos direitos para a tradução, aparentemente, as editoras dos Estados Unidos não acompanhavam o processo e não avaliavam o produto final. Nessa operação, “muitos livros de autores norte-americanos foram tão mal traduzidos que acabaram gerando preconceito contra a literatura daquele país. Além disso, o fracasso editorial retroalimentava a rejeição de novos títulos para tradução e publicação”.¹²¹ Em tom de inconformismo com a situação, o relatório informava que até aquele momento não havia aparecido nenhuma iniciativa em apresentar a vida e a cultura dos Estados Unidos positivamente, pelo contrário, alguns livros até o faziam negativamente, e fecha-se a seção com a seguinte frase: “Não sugerimos nenhuma forma de censura, mas sentimos que precisamos urgentemente de um melhor mostruário para os nossos produtos”.¹²²

120 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1264. p. 22. Original: “We must at all costs avoid giving the impression of trying to foist our culture on South America. But we should make it available even though it shows little financial return for a long time to come”.

121 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1264. p. 27. Original: “Many American books have been so badly translated that they have prejudiced the reader against American literature, and because they have not sold have discouraged the publisher from considering further titles”.

122 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1264. p. 28. Original: “We do not suggest any form of censorship, but we do feel that some better showcase for our goods is immediately necessary”.

Quanto à distribuição de livros latino-americanos nos Estados Unidos, as vendas se concentravam na Livraria La Prensa, em Nova York, que fazia seus pedidos pela Henry M. Snyder & Company, atuante no ramo da exportação. Apesar de existirem projetos de ensino da língua espanhola e portuguesa em execução nos Estados Unidos, não se poderia exigir, naquele momento, um mercado para a literatura da América Latina no original. “Isso quer dizer que, naturalmente, o intercâmbio cultural ou qualquer coisa de grande escala ainda deve depender da tradução por algum tempo”.¹²³ No entanto, a trajetória da tradução de livros latino-americanos para o inglês tampouco foi apresentada como uma das mais animadoras. Não existiam catálogos sobre as publicações nos países vizinhos, e os que chegavam, eram ininteligíveis para os editores ou distribuidores estadunidenses, pois não eram traduzidos. A declaração mais reveladora acerca da tradução, que será retomada à frente, foi a preocupação com o entendimento dos textos latino-americanos devido à falta de conhecimento prévio das diferentes culturas, o que demandaria um trabalho mais refinado do tradutor:

Os leitores dos Estados Unidos trazem um conhecimento prévio considerável, consciente ou inconscientemente, para compreender os romances ingleses ou europeus, pois a maioria deles tem suas raízes em algum lugar da Europa. Porém, pouco sabem sobre a América do Sul; as pessoas, os costumes e a geografia são elementos estranhos, e o *tradutor tem a tarefa de deixar o texto razoavelmente compreensível para seu leitor; traduzir termos exóticos de linguagens que têm seus próprios modos de expressão e polir o texto em inglês ao estilo que se aproxima do original*. Tradutores como esses são raros em qualquer língua, particularmente para o espanhol e o português. Até eles serem encontrados, ou treinados, teremos dificuldades com as traduções.¹²⁴

123 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1264. p. 40. Original: “This means, naturally, that for some time to come cultural interchange on anything like a wide scale must depend upon translation”.

124 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1264. p. 41-42. Original: “To the background of an English or a continental European novel the US reader brings a considerable

Corroborando as opiniões de Harry Frantz e Archibald MacLeish expressas no início do capítulo, o relatório também menciona a reação negativa do público com relação às traduções subvencionadas pelo governo. Dessa maneira, recomendou-se que o “programa de tradução oficial na América Latina” fosse revisto, e que não se autorizassem mais as traduções subsidiadas, com exceção das acadêmicas por serem de necessidade imediata. Sugeriu-se ainda que as traduções não fossem supervisionadas pelo Departamento de Estado, mas por acadêmicos competentes ou uma comissão mista composta por associações acadêmicas e editoras. Obviamente, a posição dos editores não poderia estar muito aquém disso, pois ninguém mais do que as firmas do setor de publicações desejava desfrutar da liberdade de expressão para ter seus lucros de acordo com a economia liberal.

A maior preocupação concentrou-se na tradução de livros técnicos, para a qual o grupo composto por editoras, escritores, agentes literários e educadores levantou seis problemas a serem avaliados: a obrigatoriedade ou não de tradução juramentada para todos os gêneros, o alto custo da tradução técnica em comparação com a tradução de assuntos gerais, métodos para controle de qualidade, igualdade de lucro para todos, inclusive o autor, traduções para o inglês e o contrato ideal para os direitos de tradução. Apesar de não se referirem explicitamente à tradução de ficção, as discussões refletem a concepção de tradução, competência tradutória, processo tradutório e comercialização da tradução. Um anexo intitulado “Pontos a serem considerados para a contratação de tradução” elenca os seguintes itens:¹²⁵

1. O tradutor deve mostrar-se competente e produzir um texto dentro de um padrão satisfatório, e, se necessário, fazer as adaptações locais, como por exemplo, termos da agricultura;

knowledge, conscious or unconscious, of the background because the roots of most of our citizens lie originally somewhere in Europe. But of South America he knows little; the people, the manners, and the geography alike are alien, and to the translator falls the task of making the text reasonably understandable to his reader; of rendering exotic terms in language that conveys the proper ideas, and of giving to his English text a style and polish approximating the original. Such translators are rare for any language, and for Spanish and Portuguese particularly so. Until they are found, or developed, there will continue to be difficulty with translations”.

125 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1264. p. 65.

2. Deve-se garantir uma editora com boa reputação para que se tenha a máxima circulação;
3. A tradução, principalmente de livro científico ou didático, deve ser aprovada por uma comissão de educadores do país do tradutor antes da publicação;
4. A edição deve ser publicada a um preço razoável e no prazo de um ano após o contrato;
5. A editora estadunidense deve garantir a venda do direito à tradução para uma dada língua para somente uma editora;
6. Os *royalties* ou direitos de tradução podem ser negociados de acordo com o tamanho, o mercado e o interesse do autor;
7. As placas de eletrótipos para as ilustrações podem ser cedidas pela editora dos Estados Unidos por um custo;
8. A editora dos Estados Unidos pode optar sobre os direitos de tradução por meio de uma cotação prévia, que teria a validade de três meses a partir da data da cotação.

Investigando o mercado editorial do ponto de vista comercial, os executivos observaram a aspiração do público latino-americano por livros mais sérios – os clássicos, biografias, livros de história, romances históricos etc.¹²⁶ Os leitores conheciam os *best-sellers* estadunidenses, apesar de um atraso de vários meses para as traduções estarem disponíveis no mercado. E, ao contrário do público dos EUA, que apreciava a ficção de mistério e o romance policial, a preferência latino-americana voltava-se para os romances e histórias de faroeste (o que havia sido a preferência nos Estados Unidos nas décadas anteriores). A edição chamada *Overseas Editions* barateava os livros de ficção em inglês, vendidos por US\$ 1,50, enquanto nos Estados Unidos cada livro custava US\$ 2,50. As traduções desses títulos em português ou espanhol eram vendidas por oitenta centavos de dólar ou um dólar. A tendência era escolher a tradução por sua inteligibilidade e preço, optando-se pela versão mais barata.

126 O público consumidor dos livros mais sérios refere-se basicamente às elites locais, pois o índice de analfabetismo era alto, pelo menos no Brasil. Apesar do Plano Nacional de Educação implantado pela Constituição de 1934, o índice geral de analfabetismo era de aproximadamente 56%. Os índices regionais indicavam os maiores números no norte e nordeste do país.

Para a melhoria desse tipo de comércio, recomendou-se a implantação de uma indústria do tipo Foreign Trade Act Corporation [Empresa de Comércio Externo Legal], visando as negociações com a América Latina nos períodos de guerra, e com vistas a futuras expansões. Acreditava-se que

[...] devemos possuir a ferramenta para as necessidades da situação atual se concordamos com a tese de aumentar a porcentagem de exportação para a estabilidade da indústria no futuro, e se os livros dos Estados Unidos devem ser gradualmente usados para transmitir nossos ideais, nossa maneira de ser e a nossa tecnologia.¹²⁷

O dilema a ser resolvido nesse caso seria o dos representantes de livros já atuantes nos Estados Unidos e na América Latina, pois qualquer empresa regulamentada como essa os tiraria do mercado, derrubando seus negócios já estabelecidos. De qualquer maneira, um empreendimento cooperativo dessa natureza necessitaria de mais estudos.

Um plano de curto prazo poderia se concretizar via institutos culturais, enviando-lhes listas disponíveis de títulos e autores, de agências exportadoras e suplementos literários de jornais. A mesma tática valeria para os títulos latino-americanos, a produção de catálogos e o envio para as universidades ou outros interessados. Quanto à representação local, a solução seria uma central que elaborasse catálogos de livros publicados nos Estados Unidos, supervisionada por um adido cultural com conhecimento dos livros publicados na América Latina.¹²⁸ Recomendou-se a melhoria dos acordos internacionais como planos a serem executados em longo prazo. Como exemplo, o relatório mencionou o caso do Canadá, que exportava livros para o Chile e a Argentina isentos de impostos. O tratado Brasil-Portugal também seguia esse procedimento.

127 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1264. p. 95. Original: "If the thesis is accepted that a higher percentage of export business is advisable for the stability of the industry in the future, and that books of US origin must increasingly be used as conveyers of our ideals, our manner of life, and our technology, we must eventually possess a tool to meet the needs of this situation".

128 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1264. p. 103.

E pelo menos durante o período de guerra, a crise da falta de papel disponível para publicações para exportação exigia um planejamento imediato. A comissão de produção para tempos de guerra (War Production Board) já havia anunciado que a partir de 1 de janeiro de 1944 haveria um corte, não especificado, mas provavelmente de 15%, adicionando-se à redução de 10% em 1942. Sugeriu-se alocar o excedente de 1943 para as publicações a serem exportadas para a América Latina, distribuindo-se cotas iguais entre as editoras, independentemente dos títulos a serem publicados, “pois é perigoso cogitar uma censura, mesmo que remotamente”.¹²⁹ E para concluir, as propostas sugeridas pelo grupo receberiam somente um financiamento inicial, pois a tendência era a independência gradativa, com exceção dos programas de tradução subsidiada, que poderiam sofrer alterações de acordo com a situação política.

Um misto da diplomacia pessoas com pessoas e governos com as pessoas (COHN, 2012) parecia entrar em ação. Todo o aparato para a comercialização do conhecimento e da literatura foi muito bem elaborado a partir do diagnóstico executado por especialistas, homens de negócio das grandes editoras dos Estados Unidos, meticulosamente organizadas, articulando os objetivos governamentais em disseminar o modo de vida e a produção de conhecimento daquele país com seus próprios interesses comerciais. Dessa maneira, erigiu-se outra ponte para a disseminação dos ideais de Tio Sam além da pulverização feita pelas ondas do rádio e do cinema. Ao fim e ao cabo, o interesse em conhecer a literatura dos vizinhos sul-americanos acabou sendo somente uma mercadoria de troca para a grande invasão que viria pela frente.

Em 1943, a Divisão de Educação intermediou a tramitação do projeto *Assistance to the proposed United States International Book Association, Inc.* [Auxílio para a proposta de uma Associação Internacional de Livros dos Estados Unidos],¹³⁰ a ser realizada pela Inter-American Educational Foundation Inc. A Comissão de Comércio Externo, composta por membros atuantes das editoras, a saber, James S. E. P. Hamilton, presidente da John Wiley

129 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Regional Division: Coordination committee for Brazil: general records, 1941-1945. Legal Archives. Box 1264. p. 106. Original: “[...] since we conceive it to be dangerous to allow any element of censorship to enter, however remote”.

130 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 515.

and Sons, Burr L. Chase, presidente da Silver Burdett Company, Robert deGraff, presidente da Pocket Books, Inc., H. A. Simons, presidente da Year Book Publishers, Inc., Leroy J. Weed, presidente da Ginn & Co., George P. Brett, presidente da Macmillan Company, Charles Duell, presidente da Duel, Sloane and Pearce, Inc., Malcolm Johnson, da Doubleday Doran Company, Edward M. Crane, presidente da D. Van Nostrand Company, e Cass Canfield, presidente da Harpers representaram suas próprias firmas e outras, tencionando estimular a exportação de livros publicados nos Estados Unidos. Apresentaram como justificativa o fato de que a maioria dos livros em circulação na América Latina era de procedência dos países europeus, não dos Estados Unidos. Em decorrência, seus vizinhos concebiam como modelos de liderança e treinamento educacional e cultural as ideias vindas do Velho Mundo.

[...] esse projeto possibilitará divulgar a cultura e a ideologia deste país que estão incorporados na sua literatura às pessoas de outras Américas, que por sua vez influenciará naturalmente uma tendência às fontes e métodos educacionais e intelectuais dos Estados Unidos.¹³¹

O relatório comercial sobre o papel do livro serviu como um parâmetro de regulação e sustentação de toda a infraestrutura que começou a ser construída para combater a propaganda vinda principalmente da Alemanha e da Itália via livros. Apesar de o orçamento para o intercâmbio intelectual ter sido o menor dentre todas as atividades culturais, o OCIAA conseguiu mobilizar grande parte das elites latino-americanas. Jornalistas, escritores, editores, críticos, professores e artistas reuniram-se nas galerias, universidades, museus, bibliotecas e associações em torno da causa pan-americana.

131 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 515. Original: "This project will make it possible to bring to the peoples of the other Americas the culture and ideology of this country as embodied in its literature, which will thus naturally influence a trend in those countries toward the intellectual and educational sources and methods of the US".

AS ATIVIDADES NOS INSTITUTOS CULTURAIS E NAS UNIVERSIDADES NOS ESTADOS UNIDOS

Conforme indicado por Cohn (2012), houve um aumento no número de institutos e centros culturais latino-americanos nos Estados Unidos, durante o período da Política da Boa Vizinhança. Espinosa (1976) reconstituiu a memória relacionada ao interesse daquele país pela América Latina em um desencadeamento melodioso de eventos. No primeiro capítulo,¹³² dedicou-se a remontar o interesse surgido a partir do movimento Pan Americano e no capítulo três expôs a gênese do programa da Boa Vizinhança, citando um relatório submetido por Stephen Duggan¹³³ à Carnegie Corporation. O que desperta a atenção nos relatórios são as propostas listadas visando a amizade interamericana (que corroboram a tese de Cohn (2012) sobre a diplomacia estadunidense no período da Guerra Fria):

- i. enviar professores visitantes para os países da América Latina, para, no retorno, recomendarem planos de ação;
- ii. convidar acadêmicos para as universidades norte-americanas para discutirem planos de desenvolvimento para a América Latina;
- iii. enviar educadores americanos para as universidades como consultores sobre assuntos de interesse mútuo;
- iv. oferecer bolsas de estudo a alunos latino-americanos nas áreas mais desenvolvidas nos Estados Unidos;
- v. oferecer algumas bolsas de estudo a alunos norte-americanos para estudos na América Latina;
- vi. apresentar livros sobre a vida e o pensamento dos Estados Unidos para as universidades e as bibliotecas da América Latina;

132 Espinosa traçou uma genealogia da amizade da América Latina com os Estados Unidos desde o século XVIII ao XX, listando todos os departamentos, institutos e professores responsáveis pelo centro de línguas espanhola ou portuguesa e os intercâmbios já realizados.

133 Professor de Ciências Políticas da College of the City of New York e primeiro presidente do Institute of International Education [Instituto de Educação Internacional] em 1919.

- vii. traduzir para o inglês os melhores livros latino-americanos para maior compreensão de sua vida e sua cultura e distribuí-los para os departamentos engajados em seu estudo; e
- viii.o intercâmbio de pequenas coleções de arte. (ESPINOSA, 1976, p. 75)

A proposição de Duggan foi apresentada pela Carnegie em uma reunião da Inter-American Cultural Cooperation [Cooperação Cultural Interamericana], agendada para 23 de maio de 1938, contando com a participação das seguintes fundações: Carnegie Endowment, Carnegie Corporation, Carnegie Institution of Washington, Rockefeller Foundation e o Guggenheim Foundation. (ESPINOSA, 1976, p. 96) No ano seguinte, o Departamento de Estado começou a posicionar as peças no tabuleiro, para colocar algumas das táticas em prática, e em dezembro de 1940, os primeiros embaixadores da Boa Vizinhaça desembarcaram nos Estados Unidos, Dr. Aurelio Espinosa Polit, S.J., reitor da Universidade Católica de Quito e um líder intelectual em seu país, e o Comandante Fernando Romero, instrutor da Universidade Naval Peruana, romancista e líder educacional nos círculos literários no Peru. Após alguns meses, foi a vez de trinta líderes educacionais, profissionais e artísticos. Entre eles, Maurice Dartigue, coordenador da Educação Rural do Haiti, Luis Valcárcel, diretor do Museu de Arqueologia do Peru e Erico Verissimo, o bem conhecido romancista brasileiro. Segundo Espinosa, a seleção desses profissionais representou uma demonstração clara dos objetivos do programa que foram direcionados aos formadores de opinião dentre as elites educadas dos países latino-americanos, os 10% que moldaram os destinos dos outros 90%. (ESPINOSA, 1976, p. 167)

Em 19 de fevereiro de 1941, Dr. Henry Allen Moe, da Guggenheim Foundation, Dr. Frederick P. Keppel, da Carnegie Corporation, e Dr. David H. Stevens, da Rockefeller Foundation, se uniram voluntariamente em torno da Comissão de Relações Artísticas e Intelectuais Interamericanas. Sob um contrato no valor de cem mil dólares com o Office, concordaram em conduzir um programa de intercâmbio entre professores universitários, acadêmicos e trabalhadores criativos. As seguintes pessoas já haviam sido convidadas para os Estados Unidos: professor Luis Heitor Correa de Azevedo, da Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro, para

trabalhar como conselheiro do Inter-American Music Center [Centro de Música Interamericano] da União Pan-Americana e Candido Portinari, pintor brasileiro, para executar um mural na Biblioteca do Congresso. Em 1942, solicitaram a renovação do contrato no valor de cento e cinquenta mil dólares sob o título *Renewal of contract with the Committee for Inter-American Artistic and Intellectual Relations* [Renovação do contrato com a Comissão de relações artísticas e intelectuais interamericanas].¹³⁴

Vários outros centros e universidades angariaram auxílio financeiro do OCIAA para fortalecer ou expandir os programas de estudos latino-americanos, mas somente três deles serão citados como exemplos do seu alcance territorial. O programa Pan American Centers in the US [Centros Pan Americanos nos Estados Unidos] recebeu uma verba para as atividades sociais e educacionais nos Centros Pan-americanos, os quais seriam conduzidos pelo OCIAA, espalhados por todo o país: The Office of the Coordinator (Inter-American House, Nova York), Pacific House (San Francisco, CA), Pan American League (Miami, FL), Pan American Council (Chicago, IL), Rocky Mountain Regional Cooperative League (Denver, CO), Pan American Council of Massachusetts (Boston, MA) e Louisiana State University (Baton Rouge, LA).¹³⁵

A University of Texas, em Austin, angariou US\$ 37.500,00, em 1941, e solicitou mais US\$ 38.862,00 para o período de junho de 1942 a junho de 1943 por meio do projeto *Assistance to the Institute of Latin American Studies of the University of Texas* [Auxílio para o Instituto de Estudos Latino-americanos da Universidade do Texas], proposto pela Joint Committee on Latin American Studies [Comissão Mista de Estudos Latino-americanos].¹³⁶ O projeto número 6, *Special US University Centers for improving understanding of the other Americas and Americans* [Centros Universitários Especiais dos Estados Unidos para melhorar o entendimento das outras Américas e americanos], sob a tutela da US Office of Education [Secretaria da Educação dos Estados Unidos] e da Federal Security Agency [Agência

134 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 533.

135 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 528.

136 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 515.

de Segurança Federal], destinaria a transferência de US\$ 8.420,00 para não menos que cinco centros universitários, em 1942, com o objetivo de fortalecer os programas mantidos por centros latino-americanos e desenvolver outros da mesma natureza em outras universidades.¹³⁷

Fizeram jus ao financiamento as universidades que mantinham os programas de ensino de língua portuguesa e espanhola.¹³⁸ É necessário destacar que em tempos de guerra, a língua estrangeira é transformada em uma das prioridades entre as habilidades necessárias para o treinamento do pessoal envolvido nas operações.¹³⁹ Não somente as línguas portuguesa e espanhola foram os alvos durante a Segunda Guerra, mas também a chinesa, a japonesa e a russa. Uma das primeiras iniciativas

137 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 536.

138 Nichols (1945, p. 99-118) remontou o interesse acadêmico pelas línguas espanhola e portuguesa a Pietro Bachi, um italiano do Departamento de Línguas Modernas da Harvard University, que publicou *Comparative View of the Spanish and Portuguese Languages and an Easy Method of Learning the Portuguese Tongue for Those Who Are Already Acquainted with the Spanish [Um Estudo Comparativo entre as Línguas Espanhola e Portuguesa e um Método Fácil para Aprender o Português para Quem já é Falante de Espanhol]*, em 1831. Mas antes do estabelecimento das universidades, Nichols chamou a atenção para os primeiros colonizadores espanhóis que ensinaram espanhol aos indígenas. Formalmente, foi somente em 1780 que se têm alguns vestígios, mas nada comprovado, do ensino de espanhol na Dickinson College. O real início, segundo os registros, foi em 1816, na Harvard University, quando Abiel Smith doou vinte mil dólares para estabelecer a Smith Professorship of the French and Spanish Languages and Literatures [Cátedra Smith de Línguas Francesa e Espanhola e suas literaturas]. Em 1826, o espanhol foi introduzido na Yale University e na College of Louisiana. No ano seguinte, na Miami University e em 1830, na Columbia University. Em relação ao português, especificamente, Nichols resgatou as palavras de Thomas Jefferson, em 1808, que se mostrou esperançoso de os Estados Unidos e o Brasil encontrarem “na troca de suprimentos e produtos, o verdadeiro alimento de uma amizade constante” (Carta de 5 de maio de 1808 para o Príncipe Regente de Portugal) e lastimou que foi somente com a Segunda Guerra Mundial que os Estados Unidos vieram a se interessar novamente pelo português. De acordo com um relatório do OCIAA, trinta e seis escolas e universidades ofereciam dezoito cursos em português em 1940-1941, número que cresceu para cinquenta e um cursos entre 1941-1942.

139 Segundo Hutton (1945, p. 8), o Departamento de Guerra encorajou o estudo de muitas línguas nos campos de treinamento, e a Divisão de Serviço Especial do Departamento de Guerra produziu e distribuiu material instrucional que consistia de fotografias e textos para ajudar o soldado a falar e a ler na língua falada no país onde estava locado. Em um artigo, o Major Francis Millet Rogers, U.S.M.C.R., dissera que “um oficial inteligente deve, de fato, conhecer a língua que fala. Um conhecimento superficial não é o suficiente. Ele deve saber a língua moderna como ela é falada. Devemos alcançar mais americanos para o aprendizado das línguas estrangeiras, mas realisticamente”. (HUTTON, 1945, p. 9) O Washington Inter-American Training Center [Centro de treinamento interamericano de Washington] iniciou as operações do ensino de português e espanhol entre junho de 1942 a junho de 1944, com um total de 10,330 matriculados. (HUTTON, 1945, p. 10)

do ensino de português foi o projeto intitulado *Assistance to Portuguese instruction in NYC public schools* [Auxílio para o ensino de português nas escolas públicas de Nova York], proposto pela Divisão de Educação e Auxílio a Professores do Department of Inter-American Activities [Departamento de Atividades Interamericanas], conduzido na Lincoln School of Teachers College da Columbia University. Maria Lourdes de Sá Pereira, professora de línguas do Rio de Janeiro, já vinha ensinando português na Columbia University e na Lincoln School por dois anos. O projeto previa a sua continuidade no mesmo posto, ministrando aulas de português, recebendo o salário de US\$ 3.500,00 a US\$ 4.000,00, durante o período das aulas.¹⁴⁰

A qualificação de professores capazes de ensinar a língua garantiria a formação de futuros falantes ou leitores do português que poderiam atuar em várias áreas. Hutton (1945, p. 24-28) elencou uma lista de empregos ou atividades propícias para falantes bilíngues, não somente no período da guerra, mas posteriormente a ele. Para finalizar seu argumento, Hutton (1945, p. 29-30, tradução nossa) lembrou-se das palavras do professor William Lyon Phelps, da Yale University: “é uma pena que o espanhol seja estudado somente para fins comerciais e para a praticidade do seu uso. Deveria também ser estudado simplesmente por causa da sua literatura” – referindo-se à literatura espanhola.

Os relatórios anuais da Rockefeller Foundation¹⁴¹ da década de 1940 fornecem as pistas para o entendimento da inserção da tradução acadêmica, técnica e literária e o seu prestígio no contexto do ensino de línguas estrangeiras logo no início da década e a gradual contração de profissionais, a partir de 1945. Percebe-se que, em 1940, a fundação priorizou as atividades relacionadas ao estreitamento das relações pan-americanas, alocando verbas para Duke University, University of North Carolina, Tulane University, University of Michigan, University of Texas e University of Chicago.¹⁴² Em 1941 e 1942, respondendo a uma demanda e aos interesses do Departamento de Estado, o foco voltou-se

140 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 515.

141 Disponível em: <https://www.rockefellerfoundation.org/about-us/governance-reports/annual-reports/>.

142 O detalhamento dos valores alocados a cada instituição está disponível nas páginas 300 a 312.

para o fortalecimento do ensino das línguas portuguesa e espanhola e o investimento em bibliotecas.¹⁴³ Em 1943 e 1944, houve um repasse maior de fundos para (i) a recuperação de documentos destruídos por ataques inimigos, principalmente na Inglaterra; (ii) a continuidade dos programas de línguas estrangeiras; e (iii) o fortalecimento dos Estudos norte-americanos.¹⁴⁴ Nota-se, a partir de então, maior alocação de fundos para os programas com ênfase nos países europeus e asiáticos. E em 1945, com a vitória dos Aliados contra o Eixo, escasseia-se o investimento na cultura latino-americana e grande parte dos subsídios foi direcionada aos estudos europeus e asiáticos. A partir de 1947, reconfigurou-se a verba da fundação, adequando-a à nova geopolítica mundial após a Segunda Guerra. Não por coincidência, as atividades do OCIAA encerraram-se em 1946.

O PAPEL DO INTELLECTUAL NA SOLIDARIEDADE HEMISFÉRICA

A pesquisa de Inderjeet Parmar (2012) localizou as elites intelectuais dos países-alvos como objetos da filantropia de fundações como a Ford Foundation, Carnegie Endowment e Rockefeller Foundation, desde a Guerra Fria até 11 de setembro de 2001. Apesar de se autodenominarem apolíticas e apartidárias, são elas que vêm tecendo redes globais de intelectuais para consolidarem a hegemonia estadunidense por meio da concessão de bolsas de estudos, financiamento para pesquisas e formação de líderes locais. Parmar reconstituiu todo o entrecruzamento entre as famílias pertencentes às elites da costa leste dos Estados Unidos, seus locais de estudo e trabalho, suas posições de liderança nas fundações que pavimentaram os caminhos para a grande política do país, e o funcionamento de toda a máquina de retroalimentação para a manutenção do *status quo*.

Tal prática já vinha sendo incorporada havia algum tempo pelas relações diplomáticas dos Estados Unidos investigada por Darlene Sadlier, no livro *Americans All* (2012). A Política da Boa Vizinhança, uma das mais desenvolvidas e intensas da diplomacia cultural, tinha o ambi-

143 As atividades de 1941 estão detalhadas nas páginas 277 a 282 e as de 1942, nas páginas 219 a 216.

144 As atividades de 1943 encontram-se nas páginas 202 a 233, e as de 1944, nas páginas 218 a 248.

cioso plano de persuadir todas as Américas para a causa da guerra, acionando muitos intelectuais e artistas simpáticos à aliança. (SADLIER, 2012a, p. 2) A partir das correspondências e relatórios dos membros das comissões, a pesquisadora recompôs a cadeia de ideias que influenciaram Nelson Rockefeller no início de suas atividades no OCIAA. Entre os envolvidos estavam Robert G. Caldwell, Robert M. Hutchins, Quincy Wright, J. Fred Rippy, Harold Lassell, Leonard W. Doob,¹⁴⁵ cada qual sugerindo planos de ações para atingir o maior número de pessoas possível, além das elites intelectuais, uma vez que elas detinham o poder de convencimento e influência das massas.

Na reunião do Departamento de Estado de setembro de 1941,¹⁴⁶ MacLeish apresentou a proposta para a preparação de uma revista, a *Literary Review*, destinada não somente aos intelectuais, mas à “classe média alta”, sem, contudo, rebaixar o padrão literário. O objetivo da revista deveria apresentar:

[...] uma resenha de excelência das artes e das letras, além de refletir a fé dos Estados Unidos na expressão democrática dos homens livres. A revista seria a expressão da natureza do acordo do Novo Mundo, e seus problemas em comum, o que definiria uma área de operação. Ela deveria revelar as Américas reciprocamente e criar uma expressão dinâmica dos espíritos e das vidas dos homens do Novo Mundo.¹⁴⁷

145 Robert G. Caldwell, fora pastor em Portugal e na Bolívia e à época trabalhava como professor da Massachusetts Institute of Technology. Robert M. Hutchins era o presidente da University of Chicago. Quincy Wright, professor de sociologia e direito internacional. J. Fred Rippy, historiador latino-americano, colega de Wright, o mais enfático para as ações voltadas para as elites culturais e as classes dominantes. Harold Lasswell, cientista político e expert em comunicação da University of Chicago. Leonard W. Doob, PhD em psicologia pela Harvard University, trabalhava na Yale University. (SADLIER, 2012a)

146 NARA II. RG353, Records of Interdepartmental and Intradepartmental Committees (State Department). The Interdepartmental Committee on Cooperation with American Republics. Minutes of meetings, Box 29. Ata da reunião de 17 e 18 de setembro de 1941.

147 NARA II. RG353, Records of Interdepartmental and Intradepartmental Committees (State Department). The Interdepartmental Committee on Cooperation with American Republics. Minutes of meetings, Box 29. Ata da reunião de 17 e 18 de setembro de 1941. Original: “[...] truly excellent review of arts and letters which should also reflect the United States faith in the democratic expression of free men. It would express an agreement as to the nature of the New World, its common problems – and would define the area of common operation. It would discover the Americas to each other and create a dynamic expression of the spirit and lives of the men of the New World”.

O relatório de Espinosa (1976) já apontara o envolvimento dos acadêmicos e escritores na política de estado, “dos dez por cento que moldaram o destino de outros noventa por cento”. O movimento de professores entre as Américas foi intenso entre 1940 e 1948. Trinta e dois professores visitantes latino-americanos receberam fundos para ensinar nas universidades dos EUA e fortalecer os programas de estudos sobre esta parte do mundo, dentre eles, Erico Verissimo, Mário de Souza Lima e Emilio Willems. (ESPINOSA, 1976, p. 295) Em 1943, Vargas assinou uma lei estabelecendo uma cadeira de Literatura norte-americana na Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ) e em outras universidades brasileiras. O professor Morton D. Zabel, da University of Chicago, recebeu uma bolsa para ocupar a primeira cátedra, onde ficou por dois anos. Foi sucedido por W. J. Griffin, da St Cloud State University of Minnesota. (ESPINOSA, 1976, p. 303) Além dos professores, uma lista dos alunos de pós-graduação que receberam prêmios e tornaram-se reitores, diretores ou tiveram carreiras destacadas depois dos intercâmbios é detalhadamente apresentada em três páginas.

Quando esses líderes retornavam aos seus respectivos países, continua Espinosa (1976), mostravam um melhor entendimento cultural e uma reação amistosa diante da perspectiva de cooperação hemisférica, apesar das diferentes heranças culturais. Os escritores, historiadores e jornalistas tiveram papel mais prolífico, como era de se esperar. (ESPINOSA, 1976, p. 284) O primeiro foi Erico Verissimo, romancista e crítico literário, um dos líderes entre os jovens escritores brasileiros. Na filial do Rio de Janeiro, exercia o cargo de diretor literário da Livraria do Globo, uma das maiores editoras do sul do Brasil, e em Porto Alegre, desempenhava a função de vice-presidente do Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos. No seu retorno, Verissimo registrou suas experiências em *Gato Preto em Campo de Neve*, dedicado a Thornton Wilder, publicado ainda em 1941, na sua décima edição em 1976.

Entre os jornalistas e publicitários estavam Assis Chateaubriand, megaempresário dos Diários Associados, poderosa rede de jornais no Brasil; Caio Julio César Vieira, de *O Jornal e Diário da Noite*, órgão dos Diários Associados; Sergio Milliet, escritor de *A Manhã*, do Rio de Janeiro, e chefe da seção editorial de *O Estado de São Paulo*; além dos

vários jornalistas e empregados do *Diário de São Paulo*, *O Globo* e *Diário de Notícias*. (ESPINOSA, 1976, p. 288) Os historiadores que receberam o convite foram Pedro Calmon, Sérgio Buarque de Hollanda e Dante de Laytano. Das Ciências Sociais, Artes e Humanidades, o compositor e maestro Francisco Mignone, o sociólogo A. Carneiro Leão, e o geógrafo Christovam Leite de Castro, diretor do Conselho Nacional de Geografia. (ESPINOSA, 1976, p. 289)

Já sob o patrocínio do OCIAA, o projeto *Visit of Brazilian publishers to the US* [*Visita de editores brasileiros aos Estados Unidos*], contrato número OEMcr-148, sugerido por Dr. Lewis Hanke, propunha-se a convidar Freitas Bastos, do Rio de Janeiro, “um proeminente editor” com interesse na área técnica; José Olympio, também do Rio de Janeiro, presidente da firma que tem o seu nome; o Senhor Martins, de São Paulo, diretor da Livraria Martins, “uma vigorosa casa organizada recentemente”; Geraldo de Ulhoa Cintra, presidente da Editora Anchieta, também de São Paulo, uma nova livraria e “notável” editora por seus livros infantis; Orlando F. Rocha, presidente da Editora Universitária de São Paulo; e Erico Verissimo, da Livraria do Globo no Rio Grande do Sul, que já estivera nos Estados Unidos. Por razões que não ficaram claras, O. Marcondes Ferreira, da Companhia Editora Nacional, fundada por Monteiro Lobato, não aceitara o convite.¹⁴⁸

Após a visita aos Estados Unidos, os bolsistas proferiram palestras, concederam entrevistas em rádios e escreveram livros e artigos de alto nível sobre a experiência pessoal e profissional. Os textos foram publicados não somente em jornais e revistas de grande circulação no Brasil, mas também em revistas do meio acadêmico, atingindo tanto as massas quanto as elites intelectuais. Após esse primeiro contato, vários convites foram feitos pelas universidades estadunidenses. Entre 1940 e 1949, mais de quinhentos líderes latino-americanos visitaram os Estados Unidos por um período de três meses como convidados do Departamento de Estado. (ESPINOSA, 1976, p. 294)

Enquanto isso, a colaboração dos intelectuais estadunidenses para a causa pan-americana pode ser constatada nos títulos publicados com o

148 NARA II. RG299, Office of Inter-American Affairs. Education division: project files, 1941-1950. Letter Archives, Box 1174.

financiamento do Departamento de Estado, a partir de 1939. Organizado pelo OCIAA, a Public Affairs Press publicou folhetos sobre os países latino-americanos, entre eles, o *Brazil: Introduction to a Neighbor* (1943) [Brasil: *Apresentando um Vizinho*], os quais foram depois reunidos em um livro, *Our American Neighbors* [Nossos Vizinhos Americanos], em 1945. A United States Government Printing Office [Editora Oficial do Governo dos Estados Unidos] imprimiu *The Hispanic Foundation in the Library of Congress* [A Fundação Hispânica na Biblioteca do Congresso] (1939); *Our Neighbour Republics: a Selected List of Readable Books for Young People* [As Repúblicas Vizinhas: uma Lista Seleccionada para Jovens Leitores] (1942), editado por Nora E. Beust; *A Biblioteca do Congresso de Washington e suas Relações Culturais com São Paulo* (1944), preparado por Lewis Hanke; *Cultural Relations Among the Democracies* [Relações Culturais entre as Democracias] (1942), coletânea de discursos proferidos por representantes das relações culturais; e, após o fechamento do OCIAA, a *History of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs: Historical Reports on War Administration* [História do Escritório do Coordenador dos Assuntos Inter-americanos] (1947). De interesse para o ensino das línguas, Eddie Ruth Hutton trabalhou como editora de *A Handbook on the Teaching of Spanish and Portuguese* [Manual para o Ensino de Espanhol e Português] (1945); e Margarida Madrigal e Henriqueta Chamberlain produziram um manual intitulado *An Invitation to Portuguese* [Um Convite ao Português] (1944). Em termos de literatura, James Granier compilou o guia *Latin American Belles-lettres in English Translation* [As Belas Letras Latino-americanas Traduzidas para o Inglês] (1942), Dudley Poore e Angel Flores editaram a antologia *Fiesta in November* [Festa em Novembro] (1942), e Dudley Fitts editou a antologia de poesia *Anthology of Latin-American Contemporary Poetry* [Antologia de Poesia Contemporânea Latino-americana] (1942). William Lytle Schurz,¹⁴⁹ chefe interino de relações culturais do Departamento de Estado, publicou *Latin America: a Descriptive Survey* [América Latina: um Estudo Descritivo] (1941).

Em consonância com o conteúdo veiculado pela televisão e pelo rádio, a seleção dos livros para tradução visava rerepresentar uma América Latina, até então preterida, já que vista como atrasada, bárbara e

149 Schurz foi professor de história econômica e trabalhou para o governo de Roosevelt no Conselho de Segurança Social e o governo de Hoover como adido comercial no Brasil. Disponível em: <http://oasis.lib.harvard.edu/oasis/deliver/~hou02218>.

hostil. Se por um lado, surgiu o interesse de um vizinho querer nos conhecer, por outro, a pacífica reciprocidade fortaleceu e expandiu o ideal de uma construção da identidade brasileira, gestada durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945). O trabalho de Daryle Williams, *Culture Wars in Brazil [Guerras Culturais no Brasil]* (2001), explica a política cultural de Vargas, reunindo elementos do modernismo do século XX e da estética tradicionalista e acadêmica, localizando a cultura brasileira no passado colonial do século XIX, e sua influência na construção de uma brasilidade nos imaginários nacional e internacional, mesmo após o término da ditadura do Estado Novo, em 1945. (WILLIAMS, 2001, p. xvii)

Os órgãos com maior influência para a nova organização da cultura brasileira foram o Ministério da Educação e Saúde (MES), coordenado por Gustavo Capanema (1934-1945) e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), conduzido por Lourival Fontes (1939-1942), Antônio José Coelho dos Reis (1942-1943) e Amílcar Dutra de Menezes (1943-1945). Enquanto o MES administrava os museus, bibliotecas, escolas de arte e música, o DIP ocupava-se da comunicação de massa, rádio e televisão. A história política da cultura proposta por Williams examina as “complexidades da política dentro da produção cultural” (WILLIAMS, 2001, p. 16), uma vez que o governo de Vargas atuou como o patrono das artes, centralizando e financiando a sua produção. A máquina empregou e subsidiou artistas, escritores, jornalistas e editores que mudaram os rumos da construção de um sentido para a cultura nacional, entre eles Lúcio Costa (arquiteto), Edgar Roquette-Pinto (antropólogo), Oswald Teixeira (pintor), Carlos Drummond de Andrade (poeta), Mário de Andrade (escritor), Augusto Meyer (poeta), Cândido Portinari (pintor) e outros. (WILLIAMS, 2001, p. 52-89)¹⁵⁰ Nesses termos, há uma proximidade muito grande com o funcionamento do OCIAA, que também empregou cidadãos dos EUA ligados à produção cultural daquele país.

Como o objetivo do livro, evidentemente, não é secundarizar o trabalho dos tradutores ou o seu compromisso com a atividade tradutória, não se pode excluir a agência humana, sem a qual não existiria o produto final, a tradução. Por outro lado, não podemos perder de vista que

150 Williams disponibiliza um apêndice biográfico dos personagens de sua pesquisa (p. 263-273).

houve um projeto tradutório, elaborado por agentes governamentais dos Estados Unidos que regularam e controlaram a sua produção e circulação na década de 1940, conforme apresentado nas seções anteriores. Era igualmente de interesse do governo brasileiro idealizar uma cultura brasileira como um projeto para o progresso de uma nação homogênea.¹⁵¹ Para o entendimento da função da tradução de textos brasileiros inseridos no sistema literário receptor, não se pode negligenciar essa esfera constituída por instituições e personagens com o poder econômico e o poder de decisão. É necessário, portanto, ultrapassar a barreira da pura especulação e pensar outros caminhos possíveis para o estudo descritivo da tradução. Da mesma forma que este projeto sobre a tradução brasileira da década de 1940, outros podem ter feito parte de projetos culturais de diplomacias entre governos ou instituições, merecendo ser investigadas.

Não se pretende localizar o projeto tradutório dentro de uma teoria da conspiração na qual se constituem dicotomias como vilão/herói ou hegemônico/marginal, tal como fez Lawrence Venuti (2002) em *Escândalos da Tradução*. No capítulo “A formação de identidades culturais”, o autor citou alguns exemplos de projetos tradutórios, entre os quais a tradução da *Poética* de Aristóteles e a tradução bíblica, mas o interesse aqui é o estudo de Venuti sobre literatura japonesa moderna traduzida para os Estados Unidos, que segundo Edward Fowler, funcionou como manipulação dos grandes editores estadunidenses para a construção de uma representação de um Japão nostálgico, obscuro e lânguido, no período entre guerras, por meio de escolhas de textos, tais como a de Junichiro Tanizaki, Yasunari Kawabata e Yukio Mishima, que corroboraram essa representação. A visão estereotipada acabou ultrapassando as barreiras continentais, uma vez que as traduções para as línguas europeias basearam-se naquela feita nos Estados Unidos durante esse período. Apesar de o estudo de Venuti representar uma guinada ao denunciar a posição etnocêntrica das editoras estadunidenses ao traduzir textos oriundos de literaturas menores, uma consulta nos arquivos da American Council of Learned Societies, por exemplo, poderia

151 Cf. Oliveira (1980); Oliveira, Velloso e Gomes (1982); Velloso (1987); Pécaut (1989) e Miceli (1979, 1984, 2001).

trazer à tona novos elementos, tais como as políticas diplomáticas, as instituições, as fundações e, principalmente, as pessoas envolvidas que impediram ou promoveram essas traduções. A política cultural dos EUA não se restringiu somente aos países latino-americanos nesse período. Há várias caixas contendo projetos de tradução do russo (1944-1961), do espanhol (1947-1949), dos clássicos da literatura (1932-1939), da literatura japonesa (1939-1945), da história chinesa (1932-1938), entre outros.

As décadas de 1950 e 1960, nos Estados Unidos (Guerra Fria), e as décadas de 1960 e 1970, no Brasil (Regime Militar), representaram os retrocessos na produção acadêmica, não somente por falta de acesso a documentos oficiais, mas também pela falta de perspectiva para a publicação de trabalhos sobre políticas públicas no contexto de impedimentos impostos pela censura dos regimes nos quais os dois países se encontraram. A variedade de pesquisa utilizando fontes de informações oficiais, publicada nos Estados Unidos, a partir de 1970, e no Brasil, a partir de 1980, examina as políticas públicas para a produção cultural, incluindo a dimensão literária. A abertura pública de documentos governamentais dos EUA e do Brasil a partir da década de 1980 inspirou muitos pesquisadores a trilharem caminhos que antes lhes foram negados. Obviamente, os trabalhos foram criticados por acadêmicos mais conservadores, principalmente por críticos literários, mas não há como negar que eles se constituíram em instrumentos para a compreensão dos deslocamentos dentro do sistema literário de acordo com as conjunturas políticas e econômicas, da forma como diferentes personagens se organizaram para mover o maquinário para o desenvolvimento do campo, ou como mantiveram uma coesão para a imanência da situação, tangenciando a produção literária e a sua tradução.

Os quadros de 6 a 10, do capítulo inicial, mostram novos movimentos na narrativa de ficção brasileira traduzida. A política cultural estadunidense da década de 1940 funcionou como um portal por onde passaram novos textos para o sistema literário daquele país. Registrou-se um aumento gradativo nos períodos seguintes, totalizando duzentos e dez títulos traduzidos no século XX. Na década de 1950, a continuidade das relações culturais externas pós-guerra provocou um aperfeiçoamento da logística, e os programas atraíram mais tradutores, editoras e um público consumidor para os livros brasileiros. A

MacMillan continuou a publicar as traduções de Erico Verissimo, trabalhando na linha editorial de literatura mais contemporânea, enquanto *Rebellion in the Backlands*, traduzido por Samuel Putnam, já estava na sua 5ª reimpressão, em 1957. Com o aumento dos programas de português e o intercâmbio de professores nas universidades, surgiu o interesse em resgatar a literatura canônica, e pela primeira vez, temos a tradução dos romances de Machado de Assis para o inglês. No rastro do século XIX, temos a tradução de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. A vinda da poetisa Elizabeth Bishop para o Brasil rendeu a tradução do romance de Helena Morley, *Minha Vida de Menina*, e, subsequentemente, a tradução de vários outros poetas.

A década de 1960 acompanhou a reimpressão dos livros de Verissimo e Machado de Assis, porém, a grande sensação foi Jorge Amado com o romance *Gabriela, Cravo e Canela*, que ocupou a primeira posição na lista dos mais vendidos por várias semanas. *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, causou grande sensação no Brasil e repercussão internacional, e logo ganhou a tradução para o inglês, alcançando notoriedade também. Esse é o período conhecido como o *boom* da literatura latino-americana em que o componente de apelo mercadológico por busca de *best-sellers* parece ter sido incorporado pelas editoras em busca de novos produtos e experiências de leitura para o consumidor. Na transição da década de 1950 para 1960, a geração Beat dos EUA também produzia freneticamente as narrativas de suas aventuras de viagem mescladas e regadas com as experiências psicotrópicas e sexuais.

Impulsionados pelas vendas dos romances de Jorge Amado, as décadas de 1970 e 1980 testemunharam a chegada de mais traduções de seus livros no mercado. Nesse mesmo período, continuou-se buscando textos de autores canônicos do século XIX como Machado de Assis, José de Alencar, Aluísio Azevedo e Pereira da Silva. Prestigiado no Brasil, mas com pouco apelo de mercado na primeira tradução para o inglês, *Anguish*, em 1946, Graciliano Ramos teve somente um título traduzido em 1965 e o restante na década de 1970. O mesmo período presenciou a chegada de autores como José Américo de Almeida, Oswald de Andrade, Lima Barreto e Cornélio Penna, que haviam publicado na primeira metade do século.

Em 1982, o público de língua inglesa teve acesso a um texto do século XIX, de Adolfo Caminha, o *Bom Crioulo* (1895), talvez um dos primeiros romances brasileiros abordando a homossexualidade, publicado pela Gay Sunshine Press, da Califórnia. Autores contemporâneos como Autran Dourado, Clarice Lispector, Moacyr Scliar e Márcio Souza estão entre os que tiveram mais títulos traduzidos na década de 1980. As informações dos quadros 8 e 9 evidenciam um maior número de tradutores e variedade de editoras comerciais publicando traduções de títulos brasileiros. A década de 1990 assiste ao declínio das publicações daqueles que eram as preferências do público falante de língua inglesa, coincidindo com a chegada da autoajuda de Paulo Coelho nas prateleiras das livrarias, até hoje o único autor brasileiro exposto nas estantes de *best-sellers* em livrarias como a Barnes & Nobles, nos Estados Unidos.

A cada década que se passa, percebe-se uma movimentação sistêmica e um novo perfil dos livros brasileiros traduzidos para o sistema literário estadunidense. As transformações são em grande parte impulsionadas pelo fator mercadológico, pois editora nenhuma quer ter prejuízo nas vendas, mas políticas culturais e agentes culturais não deixaram de cumprir seus papéis para promover ou impedir a leitura de textos, tanto nacionais como estrangeiros.¹⁵²

152 Um resumo desse capítulo foi publicado em um artigo. Cf. Morinaka (2017).



RASTROS DOS ROMANCES SOCIAIS

*Traduzir é inseparável de uma solidão povoada de encontros:
implica muita coisa, além de visões, audições e escritas de muita gente.*
(Luiz B. L. Orlandi)¹⁵³

Até este momento, o foco do livro voltou-se para a descrição do funcionamento da estrutura que possibilitou a circulação do conjunto de textos brasileiros nos Estados Unidos, listando os atores que movimentaram toda a engrenagem para a concretização dos objetivos do sistema. Utilizou-se, para tanto, o conceito estendido de “normas preliminares” de Gideon Toury (2000, 2012), para mostrar os esforços políticos empreendidos pelos Estados Unidos para conhecer a cultura dos países latino-americanos por meio dos projetos culturais que incluíram a tradução literária. Esse capítulo será dedicado à descrição das normas operatórias e análise da singularidade de cada tradução neste universo do projeto. O cotejo entre *Caminhos Cruzados* (1935), de Erico Verissimo, e *Crossroads* (1944), de Louis C. Kaplan; *Angústia* (1941), de Graciliano Ramos, e *Anguish* (1946), traduzido também por Louis C. Kaplan; *Terras do Sem Fim* (1943), de Jorge Amado, e *The Violent Land* (1945), de Samuel Putnam, visa apresentar as diferenças entre os textos de partida e os textos traduzidos. Este procedimento configura o início da busca por padrões linguístico-textuais que informarão as normas adotadas e privilegiadas pelos tradutores ou editores, a fim de modelar esses textos para o sistema literário receptor.

O estudo comparativo das oito traduções publicadas durante o período da política cultural do OCIAA compreenderia, idealmente, a

153 Prefácio do tradutor, Luiz B. L. Orlandi, em Deleuze e Gattari (2014).

totalidade das obras dadas ao público falante de língua inglesa nesta quadra histórica das relações Brasil-Estados Unidos. Porém, em face da abrangência do problema e das limitações de tempo de um trabalho desta natureza, fez-se necessário estabelecer alguns parâmetros para a escolha de um *corpus* representativo. Decidiu-se, então, pelas três traduções citadas, observando a pluralidade de escritores, de editoras e a estética literária. Não há dúvida de que *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, poderia ter composto o *corpora* de análise por ser um clássico brasileiro. No entanto, sua complexidade e extensão se constituiriam em um estudo individual da obra, o que demandaria um período maior de estudo. Levando-se em consideração o modelo de narração tripartite de *Os Sertões* (a terra, o homem e a luta), a preferência por *Terras do Sem Fim* justifica-se pelo fato de Amado também ter utilizado essa mesma estrutura para representar as lutas que se travaram na região baiana do cacau. Outro motivo que motivou a escolha de *Terras do Sem Fim* foi que *Os Sertões* e *Terras do Sem Fim* foram traduzidos para o inglês pelo mesmo profissional, Samuel Putnam, ainda que se possa reconhecer diferenças espaço-temporais, temáticas e estilísticas entre as duas obras. Entre os três romances de Erico Verissimo traduzidos na década de 1940, *Crossroads* foi o escolhido, pois está nominalmente presente nos documentos do OCIAA, além de ser a primeira tradução publicada pelo projeto. Definidos os dois títulos “regionalistas”, *Terras do Sem Fim* e *Caminhos Cruzados*, o romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, foi selecionado para ser um contraponto para fornecer pistas da manipulação de um texto mais experimental.

Apesar de a pesquisa seguir a orientação metodológica dos Estudos Descritivos da Tradução, o cotejo entre os textos de partida e os textos traduzidos não se detém nas unidades linguísticas menores, como fizeram Even-Zohar e Toury. Esses pesquisadores detalharam, inclusive, o ritmo e a entonação do hebraico, descrevendo os pontos de contato com a língua russa, não somente a partir da influência da tradução de textos escritos, mas também dos contatos orais, imprimindo um forte traço linguístico em seus trabalhos. Já os documentos oficiais do projeto tradutório, pesquisados nos arquivos mencionados ao longo deste livro, determinaram a reflexão sobre o caráter da patronagem da tradução, da grande política nas quais escritores, tradutores, editores e governos

estavam envolvidos e os jogos de poder presentes no processo. Esses assuntos foram tratados por André Lefevere em estudo sobre outro contexto, baseado na orientação metodológica de Even-Zohar, estabelecendo os paradigmas de análise contextual das traduções, centrados na patronagem, na poética e na ideologia.¹⁵⁴ Outro autor que se debruçou sobre temática próxima ao deste livro foi Lawrence Venutti, que se deteve no papel do Estado, da Igreja e da Escola no processo de manipulação de textos traduzidos com fins ideológicos; e, mais recentemente, John Milton e Paul Bandia em sua coletânea *Agents of Translation*, examinaram “o conceito de agenciamento nos Estudos da Tradução, incluindo alguns casos em que os agenciadores são responsáveis pelas grandes transições / mudanças / inovações históricas, literárias e culturais por meio da tradução”.¹⁵⁵ (MILTON; BANDIA, 2009, p. 1, tradução nossa)

Gideon Toury (1995, 2012), em *Descriptive Translation Studies – and beyond*, um substituto para *In Search of a Theory of Translation* (1980), propôs o conceito de norma para diferenciar duas dimensões no processo da tradução – a política tradutória e a composição linguística do texto traduzido – denominadas de normas preliminares e normas operatórias respectivamente.

Obviamente, as normas preliminares têm prioridade lógica e temporal sobre as normas operatórias [matriciais e linguístico textuais]. Isto não significa que não exista nenhuma relação entre as duas, incluindo uma influência mútua ou até mesmo um condicionamento de mão dupla. Porém, essas relações

154 Um de seus estudos refere-se às antologias de poesia africana que são produzidas por editoras europeias ou estadunidenses. A interferência da patronagem vai desde o número de páginas que os editores dispõem para tal tarefa, até a seleção ideológica de quais países e quais textos são selecionados para comporem a antologia. As poesias escritas em francês, por exemplo, eram facilmente disponibilizadas e incorporadas às antologias de poesia de língua inglesa, enquanto que os textos em português eram mais raros, até o momento em que as lutas anticoloniais de Moçambique e Angola viraram notícias nos jornais liberais e esses países ganharam mais destaque no cenário mundial, e, por extensão, um espaço para seus textos. A poética é outro fator modelador das antologias publicadas desde 1960 até os dias atuais. Houve uma preferência temática por experiências, observações e poesias orais em detrimento a considerações filosóficas e políticas dos anos 1960. (LEFEVERE, 2007)

155 “This book will examine the concept of agency in translation studies, considering certain cases in which agents are responsible for major historical, literary and cultural transitions/changes/innovations through translation”.

não são explícitas, cabendo aos estudos da tradução estabelecê-las.¹⁵⁶ (TOURY, 2012, p. 83-84, tradução nossa)

As políticas tradutórias são determinadas pelos editores, revisores, editoras ou censores e regulam a escolha de textos a serem importados para uma língua / cultura em um determinado momento ou período. (TOURY, 1980, 2012) Vale observar que o governo não foi incluído no rol de agenciadores, uma vez que integra outro sistema, o político. O sistema literário, apesar de suas estruturas dinâmicas com funções cambiantes que ocupam posições ora mais privilegiadas e outras menos, a depender da sua interação com outros elementos em determinados períodos, é regulado pelos sistemas econômico e político, que exercem uma influência direta sobre o sistema cultural. A tradução é, portanto, um produto derivado para atender a demanda por novos textos.¹⁵⁷

A pesquisa que resultou neste livro explora a intervenção governamental que regulou a escolha de um corpo de textos a ser importado, e, portanto, amplia o rol de agentes do projeto tradutório. A simples interseção entre o sistema político e o sistema literário não são suficientes para explicar a função da tradução, pois houve incorporação de textos brasileiros no sistema literário estadunidense via interferência direta do sistema político. É importante ressaltar que tal arquitetura não foi conjecturada por Toury. O fato constitui-se numa nova construção que demanda novas reflexões, não somente sobre as normas, mas também sobre o controle da tradução literária, a desconfiança de manipulação textual de acordo com o interesse político e a sua acomodação no novo sistema literário, partindo-se da premissa de que resultou, inicialmente, de um projeto incentivado pelo sistema político envolvendo jogos de poder.

156 "Obviously, preliminary norms enjoy both logical and temporal priority over the operational ones. This is not to say that between the two groups there are no relations whatsoever, including mutual influence, or even two-way conditioning. However, these relations are not given in any way, so that their establishment forms an integral part of the very study of translation".

157 Destarte, há que se reconhecer a contribuição dos estudos descritivos que rompeu a linha-gem prescritiva das teorias clássicas. Diferentemente delas, que estabeleciam a hierarquia do original, o ponto de partida dos descritivistas é a tradução. Ainda que bem distante das teorias interpretativas pós-estruturalistas, a reversão causada pelos descritivistas foi localizar a tradução dentro da cultura receptora, e, a partir dela, de seus limites e suas possibilidades, transformam-se muitas vezes em outros textos, tão originais quanto os próprios originais.

Projetos tradutórios dessa natureza, examinados e interpretados a partir da documentação oficial, pressupõem a patronagem governamental na tradução das literaturas. Qualquer agente envolvido nesse processo pode ter interferido para mudar ou conservar o curso das normas vigentes de acordo com as suas preferências ou seus interesses, configurando-se, assim, num evento singular. Nesse caso, pode-se conjecturar a influência ou o condicionamento das normas preliminares sobre as operatórias ou vice-versa de um modo particular, não universal.

O comportamento antinormativo é sempre uma possibilidade de inovação, mas essa autonomia nem sempre é concedida ao tradutor, pois ele corre o risco de não ser reconhecido pela comunidade se usá-la indiscriminadamente (TOURY, 2012), principalmente quando o projeto tradutório faz parte de políticas diplomáticas. No entanto, da mesma maneira que alguns aspectos do conteúdo linguístico-textual são alterados para se adequarem à cultura receptora, outros escapam ao controle normativo e o texto continua a transbordar representações e reflexões sobre a cultura estrangeira, trazendo para a cena outras demandas de hipóteses interpretativas que se comprometam com o componente político e ideológico da literatura.

Isso posto, a metodologia comparativa foi usada para salientar as diferenças e examinar as modificações feitas nos textos traduzidos para que eles se adequassem às normas da cultura receptora. Além da identificação desses padrões, a hipótese interpretativa é a de que eles excederam os limites diplomáticos e instrutivos impostos para o qual foram inicialmente pensados no projeto. A interpretação de cada texto traduzido será proposta a partir das perspectivas de alguns teóricos que veem a literatura como atos socialmente simbólicos. Críticos como Fredric Jameson ajudaram a pensar a sobreposição de camadas das interpretações dos críticos estadunidenses, que ressaltaram o aspecto psicológico individual sobre o “conteúdo político da vida cotidiana”, amalgamado pelas condições favoráveis do ambiente e do tempo. Jameson (1992, p. 15-18) advoga pela “prioridade da interpretação política dos textos literários. [...] Horizonte absoluto de toda leitura e de toda interpretação”, percorrendo os “múltiplos caminhos que conduzem à revelação de artefatos culturais como atos socialmente simbólicos”. Entre os numerosos intelectuais citados em seu trabalho, estão Deleuze e Gattari.

A força do argumento de *O Anti-Édipo*, com certeza, faz-se muito presente no espírito deste trabalho, pois a preocupação de seus autores é reafirmar a especificidade do conteúdo político da vida cotidiana e da fantasia-experiência individual, bem como resgatá-la a partir dessa redução ao meramente subjetivo e ao status de projeção psicológica, o que é mais característico da vida cultural e ideológica dos Estados Unidos de hoje que da francesa, ainda politizada. (JAMESON, 1992, p. 19)

A recepção favorável dos críticos literários estadunidenses foi determinante para o fluxo de obras com características mais existencialistas nos Estados Unidos na primeira metade da década de 1940, seguindo o movimento das literaturas europeias. O conteúdo político e social da literatura proletária que figurava como uma das preocupações expressas nos romances das gerações de 1920 e 1930 transformou-se gradativamente em um pano de fundo sobre o qual se abrigava “a fantasia-experiência individual”. (JAMESON, 1992, p. 19)

Nesse ambiente literário mais psicológico ou existencialista, os romances latino-americanos foram customizados como um veículo para se conhecer o Outro. No entanto, os critérios para a escolha dos livros a serem traduzidos pouco se assemelham a esse cenário moderno. A preferência era pela narrativa de ficção que apresentasse: “i) a psicologia do caráter nacional; ii) seu condicionamento determinado pela geografia humana e pelas tradições de vida; iii) sua mais expressiva característica atual, seja na arquitetura, na ficção regional ou na análise social; e iv) o caráter emergente e suas transformações desde 1920: os problemas constantes, os efeitos predominantes e os esforços aparentes”,¹⁵⁸ características que se aproximavam muito mais dos romances naturalistas amplamente difundidos na virada do século.

Entre esse conjunto de normas para as publicações, as traduções foram selecionadas, aprovadas e circularam não somente nos espaços acadêmicos ou intelectuais, mas também entre frequentadores das

158 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 536. Original: “i) The psychology of the national character; ii) Its conditioning by human geography and by the living tradition; iii) Its most characteristic expression today – whether in architecture, regional fiction, social analysis; iv) The emerging character, content and rate of changes since 1920: persistent problems, prevailing purposes and conspicuous efforts”.

bibliotecas públicas e outros espaços de leitura, até mesmo nas regiões mais recônditas dos Estados Unidos. A tradução de Samuel Putnam de *Os Sertões*, *Rebellion in the Backlands*, obteve muitas republicações ao longo do tempo, enquanto *Crossroads*, *The Violent Land* e *Anguish* foram republicados somente uma vez. Muitos romances, que ganharam a sobrevida por meio das traduções, continuam a circular até hoje.

CAMINHOS CRUZADOS E CROSSROADS: UMA CRÍTICA SOCIAL COMO 'SÓLIDA CONTRIBUIÇÃO PARA A POLÍTICA DA BOA VIZINHANÇA'

As negociações para o fechamento do contrato da tradução e publicação de *Caminhos Cruzados* entre a Editora Macmillan e o OCIAA iniciaram-se em meados de janeiro de 1942. As várias correspondências trocadas entre Lawrence H. Levy, da Divisão Jurídica do OCIAA, e Theodore M. Purdy Jr., editor da Macmillan, ou George P. Brett Jr, presidente da editora, demonstram dois aspectos fundamentais do processo para a publicação das traduções.¹⁵⁹ Primeiro, o procedimento para a liberação dos recursos destinados à tradução dos romances latino-americanos constituiu-se num caminho muito mais burocrático do que se pensava (com base nos projetos descritos no capítulo anterior). Além da aprovação inicial do título a ser traduzido pela Comissão Mista, o manuscrito teria que ser apreciado a cada etapa do processo, até finalmente estar pronto para a impressão. Segundo, a preocupação financeira da editora com o projeto. Um item do contrato proibia a Macmillan de seguir adiante com a publicação e a distribuição das traduções, caso o OCIAA cancelasse o contrato por motivos associados à guerra, posição à qual a Macmillan mostrou-se veementemente contrária, alegando que, se o governo extinguisse o contrato em um estágio mais avançado, a editora já teria antecipado grande parte dos custos para o autor, o tradutor, e quem sabe até para a impressão. Neste caso, eles não viam nenhum impedimento para que a Macmillan pudesse continuar com a distribuição dos livros, já que o governo não arcaria com todas as despesas já gastas.

159 NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Education division: project files, 1941-1950. Letter Archives, Box 1174.

Após várias correspondências da MacMillan argumentando sobre os possíveis prejuízos que esse item poderia causar à empresa, as partes finalmente chegaram a um acordo e a casa editorial garantiu pelo menos o reembolso da tradução, mas não dos direitos autorais. As cartas irreverentes de Brett para Levy expõem argumentos como: “a única razão pela qual a MacMillan publicará esses livros, em primeiro lugar, é ajudar o governo, pois é ele quem os quer distribuídos nos Estados Unidos”¹⁶⁰ e “admito que toda essa confusão começou, porque confiei em conversas, ao invés de ler os documentos referentes à questão”.¹⁶¹ E, quando da assinatura do contrato com Magdalena Petit, segundo as palavras de Brett: “estamos assinando o contrato com a Sra. Petit sem termos em mãos o contrato modificado pelo OCIAA. [...] Se o OCIAA cancelar o contrato daremos adeus aos U\$400,00 pagos a ela”.¹⁶² Em 1944, finalmente foi publicado *Crossroads*.

O COTEJO ENTRE CAMINHOS CRUZADOS E CROSSROADS: DIFERENÇAS

A história narrada em *Caminhos Cruzados* se passa na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, num espaço de cinco dias. Cada dia, a começar pelo sábado, representa a divisão da diegese onde vários personagens, desenhados individualmente em pequenos esquetes, são justapostos, se cruzam e se tocam em diversos momentos. Os primeiros personagens que surgem na madrugada nebulosa da cidade são os moradores da Travessa das Acácias, trabalhadores que se levantam cedo para pegar o bonde e engrenar a máquina do cotidiano e da diegese. Entre eles, está o professor Clarimundo, que, ao despertar do “pequeno mundo tridimensional”, ainda desorientado sobre sua agenda

160 “[...] the only reason why The Macmillan Company said they would publish these books in the first place was to help the Government out because the Government said they wanted these books distributed in the United States [...]”.

161 “I regret to confess that all of this misunderstanding came about through my relying on conversations rather than on reading the documentary evidence in connection with the matter in hand”.

162 “Because of the urgency in the matter I am today signing a contract with Miss Petit, notwithstanding the fact that we have not yet signed our contract with the Coordinator. We are putting our war clause into the contract so that if we never do get together with the Coordinator we will never have to publish her book, but of course have kissed the \$400 goodbye!”.

de aulas, reflete sobre o tempo e os efeitos por ele produzidos no condicionamento da vida dos seres humanos, um dos motes explorados e desdobrados ao longo da narrativa. Clarimundo, “o homem do relógio, o escravo fiel das horas”, vislumbra deixar seu legado à civilização por meio de uma obra, um “trabalho grande e sólido em que há de pôr todo o seu talento, toda a sua cultura”. Entre uma aula e outra, um pensamento e outro, ele começa a escrever o romance no último dia da diegese, na quarta-feira à noite. O narrador escolhido por Clarimundo para sua obra, intitulado *O Observador de Sírio*, guarda analogia com seu próprio nome, junção dos sintagmas claro e mundo: ele será um morador do planeta Sírio, “um observador colocado num ângulo especial” que “poderá ter uma visão diferente e nova do Mundo”, autorreferência à sua condição de observador dos moradores da Travessa, que serão os modelos para sua composição. O processo de escrita nem sempre é tão simples quanto parece, e, após algumas hesitações, o professor decide ir direto ao assunto. No antelóquio, o narrador de *O Observador de Sírio* anuncia:

A vida, prezado leitor, é uma sucessão de acontecimentos monótonos, repetidos e sem imprevisto. Por isso alguns homens de imaginação foram obrigados a inventar o romance. O Homem, na Terra, nasce, vive e morre sem que lhe aconteça nenhuma dessas aventuras pitorescas de que os livros estão cheios. (VERISSIMO, 1939, p. 333)

A frase de abertura do romance de Clarimundo funciona também como um antelóquio da diegese que acaba de se encerrar: o relato do cotidiano de um grupo de pessoas de diferentes classes, em “uma sucessão de acontecimentos monótonos, repetidos e sem imprevisto”. Uma narrativa “sem heróis e sem enredo”, segundo a análise de Bueno (2006, p. 381). Ainda na opinião do crítico: “A opção consciente pela superfície faz com que o romance se espraie de fato, estendendo sua narrativa em muitas direções sem que, em um único momento, se possa entrever uma historia central mal disfarçada entre outras [...]”. (BUENO, 2006, p. 385) A narrativa não dispõe de uma espinha dorsal a partir da qual outras estruturas menores vão sendo ordenadas. Não há um esquete que se sobressaia sobre os outros e não há protagonismo.

Os personagens se destacam uniformemente, e seus perfis são traçados a partir de caricaturas, o projeto literário de Verissimo para o romance.

No prefácio para a segunda edição, em 1964, o escritor gaúcho atesta que “faz-se visível desde a primeira página do romance pronunciada tendência de seu autor para a caricatura”. (VERISSIMO, 1964, p. viii) A caricatura não só linear, mas também deformada. “Não haverá muito de deformação na obra de grandes pintores como Portinari, Di Cavalcanti e Segall – todos eles inconformados com a sociedade em que vivem?”. (VERISSIMO, 1964, p. ix) Verissimo utiliza, assim, a técnica do excesso na composição dos personagens estratificados socialmente.

No prefácio da edição publicada pela Companhia das Letras, de 2005, por ocasião do centenário de nascimento de Erico Verissimo, Antonio Candido comentou:

De fato, os personagens se encaixam na burguesia abastada, que ocupa o espaço social como coisa sua, e na pequena burguesia sem recursos, confinada às áreas pobres, sempre à beira da miséria. Ora, o autor trata os primeiros com acidez sarcástica e desmistificadora, enquanto os segundos são vistos com um tom de solidariedade compreensiva que pressupõe certa revolta ante a injustiça da sua condição. (VERISSIMO, 2005, p. 10)

A característica marcante é a fragilidade diluída nas ações cotidianas que atinge as diferentes classes sociais. Os personagens desse universo também se encaixam em dois grupos distintos, as mulheres, construídas como infelizes, entediadas ou insatisfeitas, e os homens, cujas ações e o modo de vida na trama convidam o leitor com valores religiosos ou morais a julgá-los como mundanos, vagabundos, interesseiros ou fracassados. “Resumindo: *Caminhos Cruzados* nos mostrava uma parte pouco familiar do país, segundo uma visão que nos parecia radical e inconformada”. (VERISSIMO, 2005, p. 9)

William Du Bois (1943), em sua crítica ao romance traduzido, referiu-se também ao fato de se tratar de uma parte desconhecida do Brasil, principalmente para os estadunidenses, mas que, ao final da leitura percebia-se que Porto Alegre não era tão diferente de Jacksonville, o que comprovava a importância de *Crossroads* como uma “sólida con-

tribuição para a política da Boa Vizinhança”. Du Bois teceu elogios à técnica objetiva escolhida por Verissimo para narrar a vida das pessoas nas mansões e nas favelas e como essa “brilhante técnica” conseguia conquistar a empatia do leitor pelas pessoas menos favorecidas socialmente que ele descreveu com “profunda compaixão”.

Caminhos Cruzados abriu, assim, várias rotas para a tradução em língua inglesa, foco do estudo em tela. Após minucioso cotejo, as ocorrências das diferenças entre o texto de partida e o texto traduzido foram anotadas e depois classificadas em:

- i. acréscimos ao texto traduzido;
- ii. omissão de trechos do texto original no texto traduzido;
- iii. simplificação do texto traduzido;
- iv. diferenças estilísticas;
- v. adaptação cultural; e
- vi. problemas na tradução.

Essas categorias obviamente não são fixas e há várias sobreposições nos exemplos, mas foram as formas encontradas para dimensionar a extensão das modificações no texto traduzido. No início do processo analítico, tinha-se em mãos a reimpressão da terceira edição de *Caminhos Cruzados*, de 2005, publicada pela Companhia das Letras. Várias omissões e acréscimos foram anotados ao longo do trabalho de comparação, o que causou certo estranhamento, pois o tradutor geralmente não goza de tanta autonomia para suprimir ou adicionar parágrafos, alguns até longos. Contudo, a questão foi esclarecida no prefácio da segunda edição de *Caminhos Cruzados* (1964), quando Verissimo declarou que a primeira edição estava:

[...] cheia de cincadas que não foram corrigidas nas suas muitas edições sucessivas, mas que tive o cuidado de eliminar (assim o creio) ao preparar os originais para esta edição especial.

Havia, por exemplo, no quarto de Salu, uma mancha retangular de sol que, à medida que a manhã envelhecia, se ia tornando mais longa, até cobrir o rosto da personagem adormecida. Ora, tal coisa era impossível a não ser que o autor tivesse subvertido

o sistema solar. Para que a língua de sol se espichasse em vez de diminuir, era preciso que o sol estivesse descendo e não subindo! (VERISSIMO, 1964, p. ix)

A mancha de sol, apesar de ter sido revisada e eliminada por Verissimo nas edições posteriores, está impressa na tradução, e lá continua. Há grandes diferenças entre o texto traduzido e o texto de partida, quando comparados à segunda edição. Dessa forma, adotou-se a primeira edição, 3ª reimpressão, de 1939, para a precisão do trabalho comparativo. Apresenta-se, a seguir, o trecho da edição de 2005 (revisada pelo autor), de 1939 (não revisada pelo autor) e a tradução, baseada nesta última.

FRAGMENTO I

Texto de Partida (TP): Os minutos passam. Os ruídos aumentam. O sol bate em cheio no rosto de Salustiano Rosa, uma máscara morena de traços nítidos: pálpebras lustrosas caídas, sobrelhas grossas e eriçadas, nariz reto a destacar-se decisivo, do rosto onde a barba começa a aparecer em pontinhos azulados. A boca entreaberta mostra dentes claros e regulares, que faíscam. (VERISSIMO, 2005, p. 36)

TP: **A coluna de sol prossegue na marcha lenta, lambendo a sombra.** Os minutos passam. Os ruídos crescem. **O sol avança, chega aos pés da cama e vai subindo** até que bate em cheio no rosto de Salustiano Rosa. A máscara morena se ilumina: pálpebras lustrosas caídas, sobrelhas grossas e eriçadas, nariz reto destacando-se decisivo no rosto onde a barba começa a aparecer em pontinhos azulados. A boca está aberta: aparecem os dentes claros e regulares, que faíscam. (VERISSIMO, 1939, p. 20)

Texto Traduzido (TT): **The sunbeam continues its slow march, licking the shadow.** With each passing moment the din increases. The sun advances, **it reaches the foot of the bed and climbs up until it strikes** full on the face of Salustiano Rosa. The dark mask is illuminated; shiny, fallen eyelids, thick bristling brows, a straight nose boldly standing out against a face on which the tiny blue roots of a beard are beginning to appear. In the open mouth, bright, regular teeth sparkle. (VERISSIMO, 1943, p. 18)

O primeiro aspecto a ser examinado será a adequação do texto traduzido à conduta moral da cultura de chegada. A tradução preocupou-se em modificar ou omitir qualquer comportamento considerado inadequado para as normas de conduta estadunidense, caso contrário, poderia correr o risco de ter o livro censurado. Grande parte das omissões refere-se ao ato sexual, como nos fragmentos a seguir:

FRAGMENTOS 2

TP: Nunca tinha estado com mulher nenhuma. **Todas as suas tentativas para acalmar os primeiros pruridos sexuais tinham sido solitárias.** Mas era preciso conhecer o amor de verdade. (VERISSIMO, 1939, p. 119)

TT: He had never gone to a woman before. He had realized that sooner or later he would have to experience real love for himself. (VERISSIMO, 1943, p. 162)

TP: Nada de palavras: ação. **E como o rosto dela se contorceu em surpresa da dor aguda, como o seu corpo moreno se dobrou num movimento de onda, e com que prazer violento e ao mesmo tempo terno e comovido ele a penetrou!** (VERISSIMO, 1939, p. 234)

TT: No words at all – just action. He recalls the violent pleasure, the tenderness and agitation of their union. At that instant ... (VERISSIMO, 1943, p. 257-258)

Nesses segmentos, a masturbação de Noel e o ato sexual entre Chinita e Salustiano ficaram de fora. Evitar a textualização relativa a qualquer questão sexual era imperativo para garantir o sucesso comercial do empreendimento tradutório, e, para tanto, executou-se uma espécie de autocensura. Do mesmo modo, a tradução removeu o comentário pejorativo e mórbido sobre o corpo de D. Dodó, uma senhora casta e dedicada à caridade:

FRAGMENTO 3

TP: Mas a imagem de Dodó vai se definindo sobre a tela como um espectro, ficando mais forte, mais nítida, e lá está ela agora tirando o vestido, mostrando as coxas gordas e flácidas, **as coxas enormes que tremem como gelatina, levemente cinzentas... um cinzento de decomposição e velhice.** (VERISSIMO, 1939, p. 81)

TT: But Dodo's image forces its way onto the screen like a specter. It grows stronger, sharper, and now she is pulling off her dress, she is displaying her fat flabby thighs. (VERISSIMO, 1943, p. 83)

Algumas páginas adiante, as *fat flabby thighs* [coxas enormes e flácidas] de Dodó, contrastam-se com a *smooth firm thighs* [coxas macias e firmes] de Cacilda, a prostituta com quem seu marido mantinha relações:

FRAGMENTO 4

TP: Mas a palavra "prostituírem" invoca magicamente a imagem da menina de olhos verdes. Outra vez as coxas macias. Um gozo raro, morno e proibido. **Apertar um corpo moço, penetrar um corpo moço.** Cheiros diferentes, voz diferente, cara diferente, tudo diferente... (VERISSIMO, 1939, p. 82)

TT: But the word "prostitution" acts as a magical signal. It conjures up a picture of the girl with the green eyes. Again, the smooth, **firm** thighs. What a rare, burning, forbidden pleasure – other perfumes, another voice, different face, everything altered... (VERISSIMO, 1943, p. 85)

O adjetivo *firm* foi adicionado para o efeito contrastante. Porém, o prazer de Leitão Leiria em “apertar um corpo moço, penetrar um corpo moço” foi omitido, novamente em respeito à sua mulher Dodó, que, ao contrário do seu comportamento lascivo, dedica-se à espiritualidade, ajuda os pobres e renuncia aos prazeres materiais. A atitude repressiva da tradução em não associar o corpo envelhecido de uma mulher à putrefação – afinal de contas ela não é qualquer pessoa – reforça a castidade esperada de uma mulher de sua classe em uma sociedade preocupada em preservar os valores cristãos. Ao mesmo tempo, o texto de partida e a tradução associam a generosidade de Dodó a um pecado capital, a vaidade. O desejo de ser vista como santa, caridosa e benevolente era algo almejado por essa alma espiritualizada, a caricatura distorcida referenciada por Verissimo.

Outro exemplo de omissão, para preservação dos membros da alta classe, é a cena em que Armênio encontra-se com Vera e Chinita. A figura de um advogado, conceituado cidadão, não poderia ser escancaradamente ridicularizada em comunidades falantes de língua inglesa, já não bastasse o relato de seu comportamento e hábitos excêntricos.

TP: Mas todo o jardineiro tem uma flor predileta, uma flor que ele rega com mais carinho. Para Armênio a flor eleita é Vera. **E agora, um pouco perturbado, ele está como um regador solícito, com o bico voltado para sua fleur exquise, despejando sobre ela um chuveiro de palavras amáveis:**

- Tenho a impressão de estar na Grécia... A sua companhia amável... Mlle Vera...

Mas Vera e Chinita estão discutindo a água. Estará fria? Estará morna? Vera não pode esconder sua contrariedade. Pensava poder ficar a sós com Chinita. Têm tanto que conversar. E Chinita anda precisando de conselhos. Telefonou-lhe de manhã, marcando o encontro aqui no América, na esperança de que não seriam perturbadas... Como teria este idiota do Armênio descoberto que ela vinha? Aqui está ele com o seu corpo de bebê, os seus óculos enormes, o seu francês coxo e aborrecível, a sua voz endefluxada. E insistindo sempre nos galanteios, apesar de tudo. (Vera olha-o da cabeça aos pés.) Que homem ridículo! Tem uns braços de matrona romana, gordos e fofos. E ainda por cima depila as coxas e pernas, como uma corista. Horrroso!

Os olhos de Chinita estão voltados para a pelouse de tênis. Aquele vulto que corre como um demônio, aquele vulto... Não há dúvida, é Salu...

O alto-falante silencia. O vento traz do alpendre o rumor das conversas.

Vera bate com o cotovelo em Chinita.

- Que é isso? Viste algum fantasma?

- Vera - pergunta Chinita, apontando com um dedo na direção do jogador - aquele não é o Salu?

Vera entrecerra os olhos. Armênio assesta os óculos na direção apontada.

- Parece... - faz ela com indiferença.

Il me semble... - pensa Armênio. E depois, em voz alta:

- Juste! C'est Salu. - Mas corrige-se, rápido. - Desculpem! Escapou-me o francês sem querer... Parece que é Salu mesmo. (VERISSIMO, 1939, p. 164-165)

TT: But every gardener has a favorite flower, a blossom which he tends and waters with greater affection than the rest.

"Il me semble..." Armenio says mentally, and then repeats aloud.

"Correct! C'est Salu!" But immediately he corrects himself. "Forgive me. My French escaped me unwittingly... Yes, it does look like Salu."
(VERISSIMO, 1943, p. 179)

Tendo a fidelidade textual entre o texto de partida e a tradução como pressuposto, o acréscimo de informações, ou explicitação, feito no corpo do texto traduzido é uma estratégia comumente utilizada com três finalidades: esclarecer aspectos culturais, especificar a topografia ou algum vocábulo; preencher com lembretes as longas lacunas temporais nas narrativas; e frisar algumas ideias ou expressões de linguagem. A princípio, esse tipo de acréscimo não altera a estrutura textual. As ocorrências de acréscimos mais simples em *Crossroads* servem como reforço de algumas expressões, como o atraso do marido de D. Veva, caso ele não pegasse o primeiro bonde:

FRAGMENTO 6

TP: D. Veva acendeu o lampião e vai acordar o marido que tem de tomar o primeiro bonde. (VERISSIMO, 1939, p. 5)

TT: Lighting a lamp, Dona Veva hurries to awaken her husband. **He'll be late to work if he misses the first train out.**¹⁶³ (VERISSIMO, 1943, p. 2)

Esse tipo de acréscimo modifica a superfície textual, mas não compromete diretamente o plano subjetivo. Os segmentos que serão apresentados a partir deste ponto em diante são as adições que deixaram os rastros de um narrador onisciente e aumentaram a carga moral, com o objetivo de adequá-la às normas da cultura de chegada. Nos fragmentos a seguir, há um acréscimo de julgamento sobre o comportamento dos personagens femininos do romance:

163 "Ele se atrasará para o trabalho se perder o primeiro bonde".

FRAGMENTOS 7

TP: A água quase lhe desceu garganta abaixo.

Não se pode ficar distraída... (VERISSIMO, 1939, p. 28)

TT: The water almost went down her throat that time.

Serves her right for becoming absent-minded. (VERISSIMO, 1943, p. 27)

TP: Mesmo que aqui junto dela estivessem o marido e filho, ela continuaria só, irremediavelmente só. A água e o azeite não se misturam. (VERISSIMO, 1939, p. 67)

TT: Even if her husband and son were here beside her at this very moment, it would still be the same. **That is her destiny:** to be forever and irremediably lonely. Water and oil do not mix. (VERISSIMO, 1943, p. 68-69)

No primeiro segmento do texto traduzido, Chinita quase se afoga durante o banho. Logo que entra na banheira, associa o contato da água quente com o corpo de Salustiano, seu namorado. Deixa-se assim relaxar e logo seu passado pobre em Jacarecanga lhe vem à mente. “Bem-feito” por andar com a cabeça nas nuvens, acrescenta a tradução. Moça direita e de família não deveria pensar no corpo do namorado. A segunda sequência é o comentário do narrador sobre o destino de Virginia, mulher casada que deveria se preocupar somente com seu marido, “sempre fiel e que não tinha olhos para outra mulher senão ela”. Virginia, entediada e infeliz com a sua vida, está sempre às voltas com outros homens que a cortejam. Porém, “seu destino é ser irremediavelmente solitária”, pois uma mulher imoral como ela não deveria estar cercada de homens bons e fieis como o filho e o marido.

Quanto ao próximo fragmento, não foi por falta de equivalentes na língua inglesa que a tradução se refere aos casais que “rodopiam e giram ao som do dançante e irritante ritmo do samba”:

FRAGMENTO 8

TP: Os pares rodopiam à música reboleante, **desinquieta** do samba.
(VERISSIMO, 1939, p. 106)

TT: The couples whirl and wheel to the rolling, tumbling, **disturbing**
music of the samba. **Their buttocks shake.** (VERISSIMO, 1943, p. 112)

Além da desqualificação do samba como “incomodativo ou inquietante”, o acréscimo da frase “suas nádegas se mexem” é o recurso utilizado na tradução para associar o ritmo à dança, e conseqüentemente, aproximá-lo do leitor estadunidense a partir da sua própria referência cultural:

O público do *swing* era um público dançante, porém com uma diferença, pois os movimentos atléticos e acrobáticos que a música suscitava (*jiving, jitterbugging*) eram mera liberação de energia sexual por meio do ritmo, em lugar de buscar desculpas para antegozar carícias sexuais. (HOBBSAWM, 1990, p. 77)

Associa-se, dessa maneira, o samba ao *swing*, ritmo popular desde a década de 1930, quando os jovens mexiam-se ao som do ritmo frenético das bandas. Hobsbawm capturou o pensamento conservador sobre a dança ao ritmo do *swing*, para logo em seguida ironizá-lo: “fica extremamente difícil um comportamento sexual quando se está jogando os braços e pernas de um lado para o outro ou rodopiando a parceira com o braço estendido, principalmente em corredores de salões de concerto e teatros”. (HOBBSAWM, 1990, p. 77) Não bastassem esses acréscimos, um pouco mais à frente temos outro exemplo:

FRAGMENTO 9

TP: O samba é repinicado, molengo, sinuoso, sensual, **gaiato**.
(VERISSIMO, 1939, p. 106)

TT: The samba is swaggering, it is lazy and sensual, **Negroid** and
wanton. (VERISSIMO, 1943, p. 112)

O termo *negroid* fez parte do vocabulário das teorias antropológicas do século XIX e foi comumente usado na primeira metade do século XX para referir-se aos afrodescendentes. A partir dos movimentos por direitos civis em 1960, a palavra *negro* caiu em desuso por estar associada às teorias de superioridade e inferioridade racial e aos tempos da discriminação legalizada, sendo substituída por *black* nas décadas seguintes. A referência à cultura afrodescendente, na expressão *Negroid and wanton* reforça o elo entre o samba e o jazz. Observa-se que o acréscimo do adjetivo *wanton*, que significa libidinoso em português, difere de gaiato no texto de partida.

Para compensar tantos ajustes aqui e acolá para adequar o texto de partida às regras do jogo, a tradução manteve uma onomatopeia que parece ter sido criada como recurso de adequação à língua inglesa. O efeito no próximo exemplo ecoa um significado que reforça a tristeza:

FRAGMENTO 10

TP: Outras goteiras menores, caindo regularmente contra o fundo das painéis, produzem um som cavo de acompanhamento. **Pein-pan-pan. Pein-pein-pan-pan.** (VERISSIMO, 1939, p. 230)

TT: The lesser drops fall steadily against the bottom of the pans like a hollow accompaniment. **Pein-pan-pan. Pein-pein-pan-pan.** (VERISSIMO, 1943, p. 253)

O sintagma *pein* tem a sonoridade da palavra inglesa *pain*, dor em português. A onomatopeia traduz o sentimento de Laurentina, que está com os nervos à flor da pele devido à situação de miséria. João Benévolo, seu marido, fora demitido, e as economias já haviam se acabado. Sem dinheiro, nem mesmo para tratar do filho doente, o barulho da chuva entrando pelo telhado da casa, em compasso com o tique-taque do relógio, marca o limite de sua tolerância. Ela teria que tomar uma decisão naquele momento, continuar na mesma situação com João Benévolo, ou render-se à proposta de ir morar com Ponciano, um antigo pretendente.

A preocupação inicial do tradutor frente a um texto a ser traduzido é deixá-lo compreensível para o público de chegada, em busca da decan-

tada fidelidade textual. Os elementos que inscrevem o texto em determinadas culturas são cuidadosamente verificados e explicados, sendo muito comum a inserção de um glossário composto do vocabulário específico, quando não se encontra correspondente “direto” na língua de chegada. Embora *Caminhos Cruzados* seja marcadamente circunscrito à região gaúcha, não inclui um glossário. Alguns termos são explicados em notas de rodapé, mas os problemas na tradução foram comuns no caso de termos culturais específicos.

FRAGMENTOS I I

<p>TP: A vitrina da Confeitaria Alemã, com doces coloridos, cucas e potes de geléia. (VERISSIMO, 1939, p. 46)</p>
<p>TT: There is the German candy store, its window cluttered up with colored sweets, cuckoos, and jelly pots. (VERISSIMO, 1943, p. 46)</p>
<p>TP: Só francesa e china de soldado é que convidam. Ela não. (VERISSIMO, 1939, p. 119)</p>
<p>TT: It's only Frenchwomen and Chinks who go around soliciting men. No calling for her. No, sir. Whoever wants to... (VERISSIMO, 1943, p. 126)</p>

Os dois segmentos apresentam problemas na tradução por se tratar de uma linguagem marcadamente regionalista. Pode-se até mesmo afirmar que são desconhecidos pelos próprios brasileiros de outras regiões. *Cuca* é um bolo de origem alemã (*kuchen* em alemão) e não um passariño, *cuckoo*. A escolha deve ter causado estranhamento ao leitor de língua inglesa ao constatá-lo exposto na vitrine de uma confeitaria. *China de soldado* significa mulher de soldado, não prostitutas chinesas, como está na tradução “só as francesas e as chinesas se oferecem aos homens”.¹⁶⁴

164 O termo *china* vem da época da Guerra dos Farrapos (1835-1845) e refere-se às mulheres que acompanharam os soldados durante a revolução. Muitas eram as próprias esposas dos soldados enquanto outras eram mulheres solteiras, daí a conotação pejorativa de prostituta. Por muitas serem de ascendência indígena, e, portanto, terem características étnicas asiáticas,

O sintagma *chinks* utilizado para se referir às chinesas é altamente pejorativo, não só atualmente, mas também na década de 1940.

Como eram raros os tradutores de língua portuguesa para o inglês, é muito provável que Louis C. Kaplan conhecesse o espanhol, mas não tivesse familiaridade com o português na variante brasileira. Vários problemas também foram encontrados na sua tradução de *Angústia*, *Anguish*, examinado na seção seguinte. No caso de *Crossroads*, nem Herschell Brickell, o revisor da tradução, identificou os problemas.

A sinopse sobre *Crossroads* publicada na revista *The English Journal*, do *National Council of Teachers of English* [Conselho Nacional de Professores de Inglês], em 1943, com circulação nos Estados Unidos, traz o seguinte enunciado:

O autor [tradutor] nos conduz às casas e ao que acontece além das paredes; à medida que as pessoas se tornam indivíduos com problemas, fomes e aspirações, podemos ter a certeza de que a vida ou nenhum ser humano é entediante.¹⁶⁵

Acrescentou-se a palavra tradutor entre colchetes na citação acima, pois deve-se a ele o agenciamento da ação de conduzir o leitor em língua inglesa para este novo universo. Afinal de contas, a leitura para os não falantes de português não seria possível sem o trabalho do tradutor. Essa sinopse marca o aspecto individual, ignorando o espírito de protesto que imprime um caráter ideológico à obra. O próprio Verissimo afirmara no prefácio para a segunda edição que *Caminhos Cruzados* era um livro de protesto que frisava “a inconformidade do romancista ante as desigualdades, injustiça e absurdos da sociedade burguesa”. (VERISSIMO, 1964, p. viii)

Percebe-se que a crítica de Du Bois (1943), citada anteriormente, também destacou a psicologia dos sujeitos, sem referências textuais explícitas ao caráter ideológico do romance. No entanto, uma leitura mais cuidadosa mostra que, apesar de não fazer uma referência direta ao aspecto de crítica social ou ao conteúdo político de *Crossroads*, Du

ficaram conhecidas como chinas. (Em comunicação com os professores gaúchos Dra. Isabel Aparecida Bilhão – UNISINOS e Dr. Benito Bisso Schmidt – UFRGS)

165 “The author takes us into the homes, behind the scenes; and as the people become individuals to us, with problems and hungers and aspirations, we find the life of no human being monotonous or dull”.

Bois mencionou Theodor Dreiser,¹⁶⁶ que desencadearia, para o leitor conhecedor, uma conexão com o teor crítico de suas obras e sua militância nas causas para a reforma social. O método comparativo, a aproximação entre a cidade de Porto Alegre e Jacksonville e o escritor Erico Verissimo e Theodore Dreiser, tomou o elemento doméstico conhecido do leitor estadunidense como um ponto de referência para a avaliação do produto estrangeiro. Estrategicamente, Du Bois contornou o risco de ter o artigo censurado por destacar a crítica social em uma resenha que provavelmente estava sendo financiada pelo OCIAA.

Como a literatura latino-americana era praticamente desconhecida do público, a comparação com elementos ou personalidades cognoscíveis da população estadunidense foi largamente adotada nas resenhas e nas propagandas dos livros. Outra estratégia empregada com frequência foi convocar escritores ou críticos de renome nos Estados Unidos para prefaciarem ou apresentarem as traduções brasileiras. Afinal de contas, conforme atestado no texto na orelha de *Crossroads*, o Brasil até aquele momento era “sinônimo de exuberantes paisagens tropicais para a maioria dos americanos”. O *best seller* que o leitor tinha em mãos revelava, no entanto, “o outro lado da vida brasileira – mais realista, sem deixar de ser singular e envolvente.” Porto Alegre, uma “crescente cidade moderna”, era o palco por onde circulavam os personagens “em meio a problemas não muito diferentes [dos cidadãos estadunidenses]”.¹⁶⁷ (VERISSIMO, 1943, tradução nossa)

Ainda nesse texto, menciona-se que Verissimo tinha “orgulho de parte de sua ascendência ser indígena”, provavelmente o *status* que lhe vestiu com o manto da autoridade para representar sua pátria por meio do *best seller*. Este mesmo nativo “traduzira grandes nomes da literatura inglesa, Somerset Maugham e Aldous Huxley para o português” (VERISSIMO, 1943), mas não se registra a tradução de *Of Mice and Men*, de John Steinbeck,

166 Após a visita à União Soviética, em 1927, Theodor Dreiser foi uma das vozes favoráveis à reforma social, e na década de 1930, retirou-se da cena literária para dedicar-se como ativista em várias causas políticas nos Estados Unidos. Disponível em: <http://www.library.upenn.edu/collections/rbm/dreiser/tdbio.html>.

167 “Brazil, to most Americans, means lush tropical landscapes. But this best seller by South America’s most popular novelist reveals another side of Brazilian life – however more realistic, none the less characteristic and engrossing. In a teeming modern city a group of varied characters work out their crossed destinies amid problems not unlike our own”.

publicado em 1940 pela Editora Globo sob o título *Sobre Ratos e Homens*. Outra evidência de manipulação textual para controlar o fluxo de informações a que o público pode ou não ter acesso.

CAMINHOS CRUZADOS E CROSSWORDS: SEMELHANÇAS

Caminhos Cruzados fez parte do que Antonio Candido chamou de “boom da ficção brasileira nos anos 1930”. Segundo ele, “um decênio de opções ideológicas, marcado pela polarização fascismo-comunismo e pela convicção, nova no Brasil, de que o intelectual deveria definir-se politicamente.” Esses escritores convidavam “o leitor a assumir atitudes de crítica social”, fenômeno que também ocorrera na cena literária dos Estados Unidos nesses mesmos anos. (VERISSIMO, 2005) O universo ficcional de *Crossroads* aproxima-se do engajamento literário impresso em Steinbeck, Wright e Hemingway, por exemplo, que ajuda a entender os problemas também enfrentados nos Estados Unidos.

Um desses problemas é a força feminina, que eclode como potência de luta, paixão, amor, desejo, poder e independência em um tempo de cerceamento dos direitos civis das mulheres. As personagens ainda incorporavam papéis sociais tradicionais e machistas ao mesmo tempo em que as contornavam, como puro devir. Vera, atraída por Chinita, projetava-se conscientemente como ser superior, merecedora de reverência, para depois sucumbir ao desejo que a consumia:

Vera turns her eyes gently toward the speaker. As a matter of fact, she neither sees nor hears him. Her mind is too busy with Chinita. If only Chinita had better sense... *If she could only realize that in offering her friendship Vera was conferring a royal gift upon her... after all, she is a creature with brains, whereas Chinita...* (VERISSIMO, 1943, p. 119-120, grifo nosso)

But Vera is not listening. She is looking at the other, her eyes clinging to Chinita's lips. At the same time she is trying to expel, to put to flight an absurd desire. *But the desire persists; it surges up in her breast like a mounting wave, with inexplicable force.* Suddenly Vera seizes Chinita's head with both her hands and begins kissing her mouth. The girls lose their balance and fall back on the bed. Chinita is surprised and at the same time

not displeased. At first she laughs, attempts to speak, but Vera cuts short her words with kisses. (VERISSIMO, 1943, p. 222, grifo nosso)

Chinita, por sua vez, apaixonava-se cada vez mais por Salustiano. Após a festa em que se entregou a ele no jardim de sua casa, não houve qualquer indício de arrependimento, vergonha ou exigência de amor eterno. O dia seguinte transcorreu normalmente, como se nada tivesse acontecido, voltando a encontrar-se novamente com Salustiano, dessa vez em seu apartamento. Diferente da primeira vez que foi “painful and tasteless” [doloroso e sem gosto], Chinita acreditava que “a mysterious pleasure exists nonetheless” [existia um prazer misterioso, apesar de tudo]. (VERISSIMO, 1943, p. 295) Então, entregou-se novamente a esse desejo, sem culpa, medo ou impedimentos:

Salu is amazed to discover a new Chinita, a Chinita he has never glimpsed until now. A *Chinita without solecisms, stupidity, or idiotic poses. A helpless girl who tosses like a wave, who stammers words she does not understand herself, who lies in utter abandonment.* Mingled with his desire to possession he is beginning to feel for her a soft, gentle tenderness, a feeling akin to pity – something deeper and more serious than he himself had counted upon or would have desired. (VERISSIMO, 1943, p. 297-298, grifo nosso)

Duas adolescentes encenam a liberdade do corpo e experimentam suas escolhas intensamente, enquanto Virginia simboliza a repressão ao corpo feminino. Quando se casou com Honorato, ainda jovem e inexperiente, Virginia canalizou o exercício da liberdade para as festas que frequentava e organizava, deixando a administração da casa nas mãos de Angélica. Reconhecia que não tinha a menor vocação para as responsabilidades domésticas, incluindo a maternidade e o cuidado com seu filho Noel. Passada a euforia das glamorosas festas, quis exercer o papel tradicional de dona de casa. Porém, Angélica já assumira essa função na sua ausência, até mesmo a de mãe, conquistando o amor e o respeito de Noel. Com o tempo, anulou-se como mãe e dona de casa por completo, fato que se transforma no ponto nevrálgico que deu asas ao seu desejo de ser visibilizada como mulher, ser cortejada e admirada pelos homens.

The despotic reign of the Negress Angelica endured throughout their stay in two houses. *Virginia had a horror of housekeeping and its responsibilities. That was the reason why she offered no opposition when the old woman assumed charge of everything.* She was an energetic and authoritative Negress. Her grandfather had been a slave of Honorato's grandfather. (VERISSIMO, 1943, p. 149, grifo nosso)

Esse fragmento enceta o poder e a submissão de Angélica. Socialmente e racialmente tolhida da mesma pretensão de visibilidade, resitou-lhe dedicar-se à casa de seus patrões e da sua família como se fosse a sua. Conquistou, dessa maneira, um filho, uma casa e o papel tradicional do ser feminino, num arremedo de poder usurpado também aos seus antepassados escravizados e trazidos para as Américas.

Apesar de *Crossroads* ter sido amarrado em uma camisa de forças por meio da qual o governo, a comissão e os editores manipularam o projeto tradutório, o produto final ressurgue como uma narrativa de protesto social, dessa vez nos Estados Unidos. As páginas iniciais de *Crossroads* contornam a linguagem objetiva de *Caminhos Cruzados*, fruto da decisão tradutória de adicionar uma linearidade contínua na narrativa, em que a linguagem flui em sentenças mais longas. A narração onisciente e sob o controle de um narrador que se coloca no texto adiciona comentários e trava diálogos com os leitores ao longo do texto, como nos segmentos seguintes:

FRAGMENTOS 1 2

TP: Que monstro estranho é aquele que lá vem, brotando da escuridão cinzenta do fundo da rua? (VERISSIMO, 1939, p. 5)

TT: **But wait!** What is this strange monster, which comes leaping up from the depths of the street and smashes through the misty darkness? **Why does it come hither?** (VERISSIMO, 1943, p. 2)

Retro-Tradução (RT): **Mas espere aí!** Que monstro estranho é aquele que vem brotando da escuridão nebulosa do fundo da rua? **Porque ele vem para cá?**

TP: Mas enfim o relógio caminha, os minutos escorrem e a gente não pode ficar uma hora inteira assim a revirar entre os dedos a folhinha e a pensar na vida... (VERISSIMO, 1939, p. 9)

TT: **But enough of this.** The clock continues its march, the minutes slip by. One cannot afford to waste an entire hour thus, turning calendars between one's fingers and philosophizing about life... (VERISSIMO, 1943, p. 7)

RT: **Mas chega disto.** O relógio continua a sua marcha, os minutos se vão. A gente não pode ficar uma hora inteira assim, a revirar entre os dedos o calendário e filosofar sobre a vida...

A narrativa objetiva de *Caminhos Cruzados*, semelhante à narrativa científica ou jornalística, imprime-lhe um tom de fato, de acontecimento e, portanto, de realidade. Apesar dessa perspectiva aparentemente neutra, o narrador direciona o foco para dois espaços diferentes – os pobres sofrendores e a burguesia abastada – os entrecruza por meio de curtos capítulos, mostrando-nos, em contraponto, as reflexões de Clarimundo com a infelicidade de Virgínia, a vida simples dos Pedrosa em Jacarecanga com a suntuosidade de sua mansão em Porto Alegre, o jantar na casa de João Benévolo e Fernanda com a iluminada *living room* dos Leiria. É isto que parece imprimir-lhe uma visão mais “radical e inconformada”, usando as palavras de Antonio Candido.

A particularidade de *Crossroads* é definitivamente o emprego de períodos mais longos, diferente de *Caminhos Cruzados*. Os parágrafos curtos de uma linha são muitas vezes complementados com verbos materiais ou mentais, realocados para outros parágrafos, inseridos no meio de outros parágrafos, ou aglutinados por meio de conectores e vírgulas. As frases curtas transformam-se muitas vezes em longos períodos com o uso das conjunções aditivas, adversativas, causais, entre outras. Essa presença mais pronunciada do narrador sinaliza a verossimilhança, não do igual, mas do Outro, o estrangeiro. Portanto, por refração, *Crossroads*

ajuda a entender os “destinos cruzados em meio a problemas não muito diferentes dos nossos [Estados Unidos]”.¹⁶⁸

ANGÚSTIA E ANGUISH: A DESINTEGRAÇÃO MORAL,
MENTAL E SOCIAL

Em uma correspondência assinada por Blanche Knopf, datada de 17 de outubro de 1944, a Editora Knopf expressou o seu interesse em traduzir e publicar *Angústia* em inglês.¹⁶⁹ A carta abordava a negociação para um futuro contrato de tradução com Graciliano Ramos, trazendo uma oferta de duzentos e cinquenta dólares, a serem pagos antecipadamente, quando da assinatura do contrato, mais duzentos e cinquenta dólares no dia da publicação, totalizando, assim, quinhentos dólares. Segundo a signatária, os *royalties* para o escritor brasileiro seriam calculados de acordo com a tiragem do exemplar, conforme o procedimento adotado para os demais contratos com os autores latino-americanos. Encerrando-se o assunto das cifras, Blanche Knopf solicitou esclarecimento a respeito do tradutor, pois havia sido comunicada que Louis C. Kaplan obtivera os direitos individuais para a tradução de *Angústia*, procedimento que fugia à política da editora Alfred Knopf. A casa tinha a prerrogativa de selecionar seus próprios tradutores, e caso esse arranjo prévio fosse confirmado, a notificação serviria para um próximo romance seu que a casa viesse a publicar. Se Louis C. Kaplan não tivesse obtido a autorização de Graciliano Ramos, provavelmente, Samuel Putnam teria sido escolhido para traduzir *Angústia*, uma vez que exercia a função de consultor e tradutor de língua espanhola e portuguesa da casa Knopf.

O contrato de cinco longas páginas foi assinado por Graciliano Ramos em 16 de novembro de 1944. Uma das cláusulas previa os direitos para a publicação de dois outros romances, contanto que os manuscritos fossem aceitos pela Alfred Knopf.¹⁷⁰ Porém, a editora Knopf não se interessou mais pelos romances do escritor. *Vidas Secas* (1938) foi

168 Um resumo dessa seção foi publicado em um artigo. Cf. Morinaka (2018c).

169 Arquivo da família de Graciliano Ramos. Correspondência de Blanche Knopf a Graciliano Ramos. Nova York, 17 de outubro de 1944.

170 Arquivo da família de Graciliano Ramos. Contrato da tradução de *Angústia* pela editora Alfred Knopf.

traduzido por Ralph Edward Dimmick como *Barren Lives* e publicado pela Universidade do Texas em 1965; na década de 1970, *São Bernardo* (1934), com o título homônimo em inglês, foi traduzido por Robert Scott Buccleuch e publicado pela Taplinger Publishing Company; e *Infância* (1945), traduzido por Celso de Oliveira, lançado pela Peter Owen de Londres, ambos em 1979. E os direitos de *Anguish* foram vendidos ou repassados à Greenwood Press Publishers, casa editorial que lançou a segunda reimpressão do romance, em 1972.

Não há dados exatos sobre a vendagem de *Anguish*, mas em 28 de junho de 1948, dois anos após a sua publicação nos Estados Unidos, Graciliano Ramos recebeu um relatório semestral dos royalties, contabilizando a venda de vinte e duas cópias.¹⁷¹ Uma correspondência da Alfred Knopf demonstrava decepção da editora com as vendas de livros brasileiros, fato que os levou a recusar a proposta de publicação de outra antologia de literatura do nosso país, alegando o prejuízo das vendas dos livros até então publicados: *The Marvelous Journey*, a coletânea reunida por Putnam e publicada em 1948 não ultrapassou a venda de 1500 cópias e a editora tampouco parecia ter suficiente capacidade para interessar o seu público em Jorge Amado e Graciliano Ramos.¹⁷² Por outro lado, no Brasil, *Angústia* recebera mais de uma dúzia de críticas elogiosas só no ano de sua publicação (1936) e várias outras de similar conteúdo nos anos que se seguiram.

Em 1945, Antonio Candido publicou cinco artigos sobre os livros de Graciliano Ramos (*Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia*, *Vidas Secas* e *Infância*). *Angústia*, na opinião do crítico,

[...] é provavelmente o mais lido e citado, pois a maioria da crítica e dos leitores o considera a sua obra-prima. Obra-prima não será, mas é sem dúvida o mais ambicioso e espetacular de quantos escreveu. Romance excessivo, contrasta com a discrição, o despojamento dos outros, e talvez por isso mesmo seja mais apreciado, apesar das partes gordurosas e corruptí-

171 Arquivo da família de Graciliano Ramos. Correspondência de Joseph C. Lesser, tesoureiro da Alfred A. Knopf Inc., a Graciliano Ramos. Nova York, 28 de junho de 1948.

172 Harry Ransom Center (HRC). Alfred A. Knopf, Inc., Records-Seires I. Box 55, Folder 13. Correspondência de Herbert Weinstock, editor da Alfred A. Knopf Inc., a Samuel Putnam. Nova York, 21 de julho de 1949.

veis (ausentes de São Bernardo ou Vidas Secas), que o tornam mais facilmente transitórios. Não sendo o melhor, engastam-se todavia em seu tecido nem sempre firme, entre defeitos de conjunto, as páginas e trechos mais fortes do autor. (CANDIDO, 2006, p. 47)

A crítica de Antonio Candido mereceu uma carta de agradecimento e uma confissão do escritor alagoano. Datada de 12 de novembro de 1945, a correspondência de Graciliano explica porque “Angústia saiu ruim”:

Forjei o livro em tempo de perturbações, mudanças, encrencas de todo o gênero, abandonando-o com ódio, retomando-o sem entusiasmo. Matei Julião Tavares em vinte e sete dias; o último capítulo, um delírio enorme, foi arranjado numa noite. Naturalmente seria indispensável recompor tudo, suprimir excrescências, cortar pelo menos a quarta parte da narrativa. A cadeia impediu-me essa operação. A 3 de março de 1936 dei o manuscrito à datilógrafa e no mesmo dia fui preso. [...] o romance foi publicado em agosto. [...] Não se conferiu a cópia com o original. Imagine. E a revisão preencheu as lacunas metendo horrores na história. Só muito mais tarde os vi. Um assunto bom sacrificado, foi o que me pareceu. (CANDIDO, 2006, p. 11)

Ao comentar os ‘excessos’ ou as ‘partes gordurosas e corruptíveis’ que Candido identificou no romance, Graciliano Ramos mostrou-se descontente por não ter tido tempo para editar seu livro. O aprisionamento que o impediu de revisar o texto parece ter deixado marcas no romance, que se transformaram nos ‘excessos’ que tanto o incomodaram. Porém, anos mais tarde, esses mesmos ‘excessos’ foram reexaminados pelo próprio Antonio Candido em um ensaio intitulado ‘Os bichos do subterrâneo’, escrito para o volume *Graciliano Ramos* da Coleção Nossos Clássicos da Editora Agir (1961). O crítico avaliou-o, dessa vez, como “o livro mais complexo de Graciliano Ramos”, destacando dois aspectos. Primeiro, a riqueza tríplice do tempo novelístico, ou seja, cada fato é tecido considerando-se “a realidade objetiva, a sua referência à experiência passada e a sua deformação por uma crispada visão subjetiva”; e segundo, a caracterização psicológica de Luís da Silva, que se desdobrou entre “a necessidade de ajustar-se a certas normas convencionais para sobreviver, e um ser profundo, revoltado com elas, inadaptado, vendo

a marca da contingência e da fragilidade em tudo e em si mesmo”. (CANDIDO, 2006, p. 113-114)

Os fragmentos memoriais de *Graciliano*: retrato fragmentado, escrito por Ricardo Ramos (2011), indicam que *Angústia* era o livro favorito de Graciliano Ramos, apesar de negar publicamente que não tinha preferência por nenhum de seus livros. Graciliano “[f]alava nele de maneira diferente, o tom mudava e as palavras também, a gente notava. Um envolvimento maior, talvez uma ligação mais pessoal”. (RAMOS, 2011, p. 136)

O COTEJO ENTRE *ANGÚSTIA* E *ANGUISH*: DIFERENÇAS

O título *Angústia* traduz o ritmo de leitura intimamente vinculado ao estado em que Luís da Silva se encontrava no período em que cometeu o crime contra Julião Tavares. A trama, narrada após o surto psicótico que sucedeu o assassinato, é pensada, ruminada e tecida minuciosamente em detalhes. Fatos são mesclados às memórias e aos delírios, imprimindo-se muitas vezes um tom onírico à narrativa, duvidando-se até mesmo se a história que lemos não passa de um longo pesadelo. Porém, a engenhosa narração em primeira pessoa coloca Luís no comando de todos os elementos, até mesmo em pensar retrospectivamente como se sentira quando criança “Tenho-me esforçado por tornar-me criança – e em consequência misturo coisas atuais a coisas antigas”. (RAMOS, 1941, p. 18-19)

Seu envolvimento com a vizinha Marina, filha de seu Ramalho e Dona Adélia, leva-o a pedi-la em casamento e gastar todas as suas economias para o enxoval. Quando Luís começa a se endividar, Marina perde o interesse por ele e começa um relacionamento com Julião Tavares, herdeiro de prósperos comerciantes locais, que se aproveitava de sua posição para flertar e enganar moças pobres. Enquanto isso, Luís remoía-se de ciúmes em seu mundo introspectivo, sem saber exatamente o que fazer, endividado e sozinho, uma vez que projetara uma mudança de vida após a união com Marina. Até que Julião não é mais visto frequentando a casa vizinha e Luís descobre a gravidez de Marina. Abandonada, Marina opta pelo aborto, circunstância que aguça a vingança de Luís. Protegido pela madrugada e a névoa, Luís segue Julião Tavares, ataca-o e estrangula-o

com uma corda apresentada por Seu Ivo, o mendigo que frequenta a sua casa. Acometido por uma crise nervosa, Luís permanece adoentado por um mês, quando decide relatar a sua história.¹⁷³

Para o cotejo entre o texto de partida e o traduzido, seguiu-se o mesmo procedimento adotado com *Caminhos Cruzados* e *Crossroads*, anotando-se as ocorrências das diferenças encontradas entre *Angústia* e *Anguish* e classificando-as em:

- i. acréscimos ao texto traduzido;
- ii. omissão de trechos do texto original no texto traduzido;
- iii. diferenças estilísticas;
- iv. tempo verbal, agência e perspectiva;
- v. adaptações culturais; e
- vi. problemas na tradução.

Diferentemente dos pares de textos anteriores, não se encontrou nenhum tipo de simplificação em *Anguish*. Destaque-se novamente que essas categorias não são fixas e há várias sobreposições entre elas.

A exposição inicia-se com os acréscimos feitos à tradução, que, se comparados a *Crossroads*, foram substancialmente menores em *Anguish*. O efeito da adaptação moral para o público receptor é quase nulo. Cenas de sexo ou tidas como obscenas foram traduzidas integralmente para o inglês.¹⁷⁴ As poucas adições que amplificam o comportamento lascivo de dois personagens, indicando o moralismo do narrador estão nos fragmentos, a seguir. O primeiro de Marina e o outro, de Julião Tavares, indício que não houve autocensura no ato da tradução:

173 Para uma análise mais detalhada da narrativa cf. Bueno (2006).

174 Interessante notar que as críticas à *Angústia*, quando negativas, referem-se justamente às “descrições ignóbeis, de coisas repugnantes” (RAMOS, 2011, p. 239), e ao “uso e abuso do palavrão, ou do termo escatológico”. (MENDES, 1936)

FRAGMENTOS I

Texto de Partida (TP): - Safadinha, enxerida, insistia Vitoria quando me via as costas. (RAMOS, 1941, p. 54)

Texto Traduzido (TT): **“Shameless hussy! Frisking around like a goat in heat!”** insisted Victoria, spying my shoulder. (RAMOS, 1946, p. 40)

Retro-Tradução (RT): - Safadinha, enxerida! **Saracoteando como uma cabra no cio**, insistia Vitoria quando me via as costas.

TP: [...] a mão que não sei por onde andou, a mão que meteu os dedos no nariz ou mexeu nas coxas de qualquer Marina. (RAMOS, 1941, p. 220)

TT: [...] have a horror of introductions, greetings where it is necessary to shake hands with fingers that have been picking a nose or crawling among the **things** of some Marina, **the devil knows where**. (RAMOS, 1946, p. 173)

RT: [...] a mão que não sei por onde andou, a mão que meteu os dedos no nariz ou mexeu nas **coisas** de qualquer Marina, **Deus sabe onde**.

As omissões de frases ou parágrafos no texto traduzido também foram quantitativamente bem menores em *Anguish*. No exemplo a seguir, houve uma atitude de consideração à Dona Rosália, vizinha de Luís da Silva, pois o amarelo de sua pele, presente no texto original, foi apagado na tradução:

FRAGMENTO 2

TP: Àquela hora o marido de d. Rosália resfolegava, arranhava com a barba o **couro amarelo** de d. Rosália. (RAMOS, 1941, p. 274)

TT: At that hour Dona Rosalia's husband was panting, scratching Dona Rosalia's **skin** with his beard. (RAMOS, 1946, p. 216)

Por outro lado, um número maior de ocorrências das diferenças estilísticas marca o texto traduzido, algumas delas causando um desequilíbrio na coesão textual, como nos trechos a seguir:

FRAGMENTOS 3

TP: Das **visões** que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios. (RAMOS, 1941, p. 5)

TT: Of the **nightmares** that pursued me during those long nights a few shadows still remain, shadows that blend into reality and give me chills. (RAMOS, 1946, p. 1)

TP: A minha **pátria** era a vila perdida no alto da serra, onde a chuva caía numa neblina que escondia tudo. (RAMOS, 1941, p. 240)

TT: My **region** was the lost village on top of the mountain, where the rain dripped down in a mist that concealed everything. (RAMOS, 1946, p. 189)

No primeiro segmento, o sintagma visões é vertido como pesadelos, o que causa certa incoerência à narrativa de Luís que se inicia. Durante a crise nervosa, ele não distingue o que é pesadelo de alucinação. No segundo segmento, Luís tenta ancorar-se aos lugares onde nasceu e se criou usando a palavra pátria, em uma tentativa desesperada de fixar suas memórias como vítima do declínio de sua família, pois a condição atual parece explicar-se a partir do isolamento em que foi mantido quando criança.

Os próximos fragmentos de diferenças estilísticas desequilibram a coesão textual do texto traduzido:

FRAGMENTOS 4

TP: Moravam ali três mulheres velhas que pareciam formigas . (RAMOS, 1941, p. 18)
TT: Three old women who looked like bees lived inside. (RAMOS, 1946, p. 12)
TP: Porque me achava àquela hora da noite em Bebedouro, andando à toa como uma barata , parando, correndo? (RAMOS, 1941, p. 263)
TT: What was I doing here in Bebedouro at this hour of the night, flitting aimlessly like a moth , pausing and running? (RAMOS, 1946, p. 207)

Todos os animais escolhidos pelo narrador no texto original são os rastejantes, os insetos ou os que vivem nos subterrâneos; a cobra, que se enrolou no pescoço de seu avô Trajano, as cobras que cercavam a casa no meio do mato do curandeiro Chico Cobra, os ratos que não paravam de roer sua casa e seus livros, as três vizinhas que trabalhavam no jardim como formigas, “[a] parte inferior [de Marina que] mexia-se como um rato de lagartixa cortado” (RAMOS, 1941, p. 82), as formigas que formavam o corpo de Marina em um de seus rompantes intuitivos, os sapos que cantavam na lagoa, e, finalmente, o seu andar comparado ao de uma barata. No texto traduzido, a opção foi por dois insetos voadores, as abelhas e a mariposa, causando uma dissonância nas imagens do subterrâneo.

Graciliano Ramos fez amplo uso do vocabulário vernáculo com harmoniosa maestria e Kaplan, com muita sensibilidade, percebeu a pluralidade em *Angústia*, um estilo diferente de *Caminhos cruzados*, e empreendeu seus esforços para reproduzi-lo em inglês, sendo bem sucedido na qualidade final do texto traduzido. Porém, diversificar as comparações para adaptá-las à cultura de chegada alterou o conjunto das figuras de linguagem e a tessitura do texto.

Os cuidados empreendidos por Kaplan para o sortimento de expressões na língua inglesa, muitas vezes o levaram a inserir palavras que não estão no texto de partida, geralmente colando aos termos como moleque, maloqueiro e cabra, a adjetivação negros, o que leva ao entendimento que só os afrodescendentes eram os moleques, maloqueiros ou cabras, produzindo sintagmas pejorativos. Vejamos os exemplos abaixo:

FRAGMENTOS 5

TP: Um **moleque** de tabuleiro deu um grito estridente que me assustou. (RAMOS, 1941, p. 301)

TT: A **Negro lad** in the garden uttered a strident shriek that frightened me. (RAMOS, 1946, p. 288)

TP: Muitos anos antes os **cabras de Cabo Preto** haviam-se Escondido na capoeira para não assustar Sinha Germana. Sinha Germana passara escanchada na sela de campo, e os **cabras** se amoitavam por detrás dos mandacarus e dos alastrados que vestiam mal a campina. (RAMOS, 1941, p. 267)

TT: Many years before, the **slaves of Cabo Preto** had hidden themselves in the brush so as not to frighten Sinha Germana. Sinha Germana sat straddling the saddlebow, and the **black men** hid behind the cactuses and fig trees that sparsely adorned the field. (RAMOS, 1946, p. 210)

TP: O bairro era uma desgraça: mato nas calçadas, lixo, cães soltos, um ou outro **maloqueiro** vadiando à porta de quitandas miseráveis. (RAMOS, 1941, p. 232)

TT: The quarter was a disgrace: weeds on the sidewalks, garbage, stray dogs, **black boys** loitering at the door of miserable shops. (RAMOS, 1946, p. 182)

A primeira acepção do vocábulo moleque no dicionário é menino de rua. Em se tratando de um estado da região nordeste do Brasil, historicamente, os moradores de rua era composto, em grande parte, por afrodescendentes, mas palavras como *urchin* ou *brat* seriam também soluções possíveis. Por outro lado, as adições podem funcionar como denúncia da condição social imputada aos afrodescendentes quase cinquenta anos após a abolição da escravidão: um menino negro que vendia mercadorias em seu tabuleiro, os cabras negros que protegiam a propriedade dos brancos e os negros que erravam pelas ruas sem uma ocupação. E eles continuam a denunciar, pois não houve uma nova tradução de *Angústia* até o momento. Os exemplares que ainda circulam em inglês são esta, a de 1946, e a reedição de 1972, da Greenwood Press, dos Estados Unidos.

Vejamos o que aconteceu com a palavra cachaça nos seguintes fragmentos:

FRAGMENTOS 6

TP: Sentavam-se como eu, em caixões de querosene, encostavam-se ao balcão úmido e sujo, bebiam cachaça . (RAMOS, 1941, p. 159)
TT: They sat like myself on querosene-cases, resting against the damp dirty counter, drinking rum . (RAMOS, 1946, p. 124)
TP: Beberia um copo de cachaça , os dentes se calariam. (RAMOS, 1941, p. 275)
TT: I would drink a glass of whisky and my teeth would become quiet. (RAMOS, 1946, p. 217)
TP: Lembrei-me da garrafa de aguardente , mas quando ia pegá-la, senti a necessidade de lavar as mãos. (RAMOS, 1941, p. 290)
TT: I remembered the bottle of brandy and was going to pick it up, but I felt a compulsion to wash my hands. (RAMOS, 1946, p. 229)

Da mesma maneira que algumas palavras ‘intraduzíveis’ para o inglês foram mantidas em português e acrescentadas ao glossário de termos brasileiros (ex: conto, catíngua, ganzá, tostões, batuque, caboclo), cachaça também poderia ter permanecido em língua portuguesa. Porém, devido à proximidade com elementos similares na cultura receptora, priorizou-se a domesticação.

A última categoria a ser tratada será a dos problemas na tradução. Ao contrário de *Crossroads*, essa tradução provavelmente não foi revisada por nenhum especialista, pois há problemas simples como falsos cognatos (Fragmentos 7) até diferenças em interpretação de frases (Fragmentos 8):

FRAGMENTOS 7

TP: Penso em indivíduos e em objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, **políticos**, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre diabo. (RAMOS, 1941, p. 6)

TT: I think of people and objects that have no connection with the drawings: law courts, taxes, editor, secretary, **police**, comfortable people who despise me because I am a poor devil. (RAMOS, 1946, p. 2)

TP: Há também **o homem da luz**, o Moisés das prestações, uma promissória de quinhentos mil reis, já reformada. (RAMOS, 1941, p. 7)

TT: There is also the **wise man**, Moisés, the pawnbroker, a promissory note for five hundred milreis long since discharged. (RAMOS, 1946, p. 2)

FRAGMENTOS 8

TP: **Dão-me um escritório, um relatório, para datilografar, na repartição.** (RAMOS, 1941, p. 5)

TT: **I have an office, a desk, and a typewriter in the department.**
(RAMOS, 1946, p. 1-2)

TP: **O artigo que me pediram afasta-se do papel.** (RAMOS, 1941, p. 7)

TT: **I remove the article from the typewriter.** (RAMOS, 1946, p. 2)

Police é polícia, não políticos. *Wise man* significa homem sábio, não o homem que faz a cobrança da luz. A retrotradução dos fragmentos 8 são respectivamente: “Tenho um gabinete, uma escrivaninha e uma máquina de escrever na repartição” e “Retiro o artigo da máquina de escrever”.

No início do cotejo entre o texto de partida e o texto traduzido, surgiram problemas padrões na tradução, isto é, havia um grande número de ocorrências entre as páginas 1 e 26, o que dificultou o avanço do trabalho comparativo. Esses problemas escasseiam-se entre as páginas 27 e 105, tornando-se inexistentes até a página 120, e alguns casos voltam a aparecer até o final do romance. Essa tradução pode ter sido feita a quatro mãos ou mais, prática muito comum devido ao prazo curto para a finalização do trabalho. Pode ser também que o romance tenha sido revisado somente entre as páginas 105 a 120 por alguém com amplo conhecimento da língua portuguesa. Para fundamentar essas hipóteses vejamos os exemplos a seguir:

FRAGMENTOS 9

TP: Estirava-me na **espreguiçadeira**, abria o livro, carrancudo. A leitura não me atraía, mas atirava-me a ela. (RAMOS, 1941, p. 53)

TT: I roused myself from my **indolence** and opened the book, frowning. The reading did not captivate me, at least it drew me away from her. (RAMOS, 1946, p. 40)

TP: Deitei-me na **espreguiçadeira**, acendi um cigarro, abri o livro e comecei a ler maquinalmente. (RAMOS, 1941, p. 75)

TT: I lay down on the **settee**, lit a cigarette, opened the book, and began to read mechanically. (RAMOS, 1946, p. 57)

TP: Quando a **rede** apontava na extremidade da rua, os punhos amarrados [...] As **redes** que transportavam indivíduos mortos em desgraça eram cobertas de vermelho [...]. (RAMOS, 1941, p. 207)

TT: When the **net**, tied to a pole that two caboclos supported on their shoulders, turned in at the end of the street [...] The **nets** that carried individuals killed in disgrace were covered with red shrouds [...]. (RAMOS, 1946, p. 163)

TP: Desejaria calçar alpercatas, descansar numa **rede** armada no copiar, não ler nada ou ler inocentemente a história dos doze pares de França. (RAMOS, 1941, p. 223)

TT: I should have worn sandals, resting on a **netted hammock**, reading nothing or innocently reading the story of the Twelve Peers of France. (RAMOS, 1946, p. 176)

A palavra espreguiçadeira é traduzida de maneira diferente no primeiro segmento da página 40, e como *settee* na página 57. Redes de dormir foram transformadas em redes de pesca ou caça na página 163 e redes de dormir na página 176. Autonomamente, esses problemas não causam desconformidade na tessitura da tradução, e, de acordo com a avaliação de Edwin Berry Burgum (1946), Louis Kaplan traduziu brilhantemente o texto de Graciliano Ramos, um dos mais famosos romancistas brasileiros. Burgum destacou o trabalho do autor e do tradutor, enquanto que a propaganda de *Anguish* invisibilizou a figura do tradutor. A posição de Graciliano Ramos no cânone brasileiro rendeu-lhe o anúncio dentre os lançamentos da editora Alfred Knopf em um dos jornais de maior circulação nos Estados Unidos à época, o *New York Times* (1946), que o qualificou como um excelente escritor.

ANGÚSTIA E ANGUISH: SEMELHANÇAS

“A desintegração moral e mental” é a mola propulsora da análise de Burgum (1946), ao redor da qual circundam sintagmas como corrupção social, depravação, crime, perversão, objetividade patológica, emoções distorcidas e misantropia venenosa, desencadeando tensões que crescem até o momento do assassinato. A partir daí, tudo isso começa a se dissolver no incoerente fluxo de consciência. As camadas que compõem os mundos interno e externo de Luís se plasmam e projetam o espaço interno, alimentando, conseqüentemente, as críticas e resenhas como as de Burgum e as de outros brasileiros.¹⁷⁵ Para Octavio Tarquínio de Sousa (1936), em *Angústia*, “a paisagem propriamente dita não conta e a própria paisagem social só figura no romance em função das reações que produzem nas personagens do livro [...]”. (RAMOS, 2011) O escritor e crítico Adonias Filho (1936) explica a introspecção em *Angústia* como próprias dos romances modernos que se concentra no interior do ser humano. “Fugindo ao destino que lhe traçaram, por imperativos de ordem social, de agir numa esfera de defesa política – inclina-se para dentro do homem buscando desvendar-lhe os mistérios”. (RAMOS, 2011)

175 Arquivo da família. Cf. Sousa (1936), Adonias Filho (1936), Sodré (1936), Leite (1936), Montezuma (1936), Moura (1936), Jurandir (1936), Peregrino Junior (1937), Napoleão (1937) e Carneiro (1937).

E para João da Silva Mello (1937), a psicologia de *Angústia*, que é aparentemente individual, reflete o ambiente social. “Não existe antagonismo entre “social” e “humano” ou psicológico, porque ambos vivem entrelaçados nos menores detalhes”.

As resenhas e as críticas debruçaram-se e pontuaram o fluxo de consciência, que é realmente a característica marcante da obra. Porém, simultaneamente, as memórias confundem-se com fatos passados e modelam uma dimensão social, que pulsam também das páginas, para os quais essa análise se desloca a partir desse momento¹⁷⁶. Luís da Silva desabafa: “These dead who died long ago keep vexing me”. (RAMOS, 1946, p. 9) Os fantasmas que o incomodavam vinham da fazenda e da cidade onde morou na infância. De maneira fragmentada, Luís justapõe a reconstituição da saga da decadência dos fazendeiros escravistas e a população que ora habitou os sertões do estado de Alagoas. A narrativa problematiza a tese convencionalmente chamada de “democracia racial”, expondo o fenômeno a partir da observação das relações pessoais na fazenda de Trajano. Do casamento de seu avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva com Sinhá Germana, somente um filho, Camilo Pereira da Silva, sobreviveu, pois os outros morreram no parto. Sem nenhuma inclinação para o trabalho no campo ou a administração da fazenda, Camilo passava os dias lendo na rede. Essa paixão pelos livros foi herdada por Luís, que aos nove anos aprendeu as letras na escola de Seu Antonio Justino. Após a morte de Trajano, pai e filho foram morar na cidade, e após a morte de seu pai, Luís seguiu sozinho, abrigoando-se de fazenda em fazenda, trabalhando como alfabetizador. Eventualmente chegou à capital, Maceió, onde se empregou como funcionário público, posição alcançada graças à educação que lhe foi garantida pelo status de neto “legítimo” do dono da fazenda. Já os descendentes de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva com Quiteria e outras mulheres negras não tiveram o mesmo destino. Na opinião de Luís, eles eram homens fortes que povoaram os sertões.

176 “Mas em Graciliano Ramos a psicologia não se separa da vida social, e em *Angústia* fica muito claro o quanto há de recalque social na crise psicológica que leva Luís da Silva a matar Julião Tavares”. (BUENO, 2006, p. 621-622)

Quiteria begot sons on the ground, under the caatingas, behind stables, expelling them on a mat of twigs in difficult labour pains. *Little black boys of various colours and ages, several of them Trajano's, were scattered along the creek, brass-belted cabras who secretly appeared from time to time and begged the old man for his blessing. [...] Quiteria and others like her peopled the caatinga with strong courageous mulattoes who belonged to Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva. [...] I never saw him impregnating the Negress with children, but I watched the cabras muttering, begging him for his blessing, and I saw him hovering about Quiteria's room on tiptoe, interesting himself in the black boys as if they were his own. [...] The other Negresses of the plantation had left the kitchen after '88, and Trajano was master of one slave only, one who lay with him under the caatingas and did not wish to be free.* (RAMOS, 1946, p. 156-157, grifo nosso)

Uniões nem sempre consensuais das mulheres escravizadas que trabalhavam nas fazendas com seus patrões brancos geraram homens deixados à sorte, que, ao se tornarem adultos percorriam a caatinga e nada temiam. Homens bravos que se juntavam aos grupos de cangaceiros revoltados. “Homens sujos” que saíam matando, roubando e estuprando “como selvagens”, sem respeito nenhum pelas autoridades. Se um policial cruzasse o seu caminho era tortura e morte na certa. Temendo os cangaceiros no sertão, os policiais fugiram para a cidade e lá arrumaram empregos públicos, ou como Luís, franzino, com a coluna inclinada para frente, passava os dias na repartição empoeirada e escura, obedecendo às ordens dos superiores, vendendo a sua capacidade intelectual para escrever artigos elogiosos ao governo. Nesse sentido, faltava-lhe a coragem e a determinação dos homens fortes do sertão, muitos deles descendentes de Trajano.

Luís, no presente diegético, admite que a leitura sobre o sofrimento alheio lhe permitiu entender sua própria trajetória, porém relata sua história nas condições de pobreza do passado sem fazer reelaborações anacrônicas, idealizadas ou romantizadas. Diz que seu pessoal sofria pouco: Trajano caducava, seu pai só se preocupava com as leituras, Sinhá Germana estava morta, Quitéria era bruta demais e insensível e

outros moradores da fazenda não se queixavam. “Only I felt the pangs, but these came later”. (RAMOS, 1946, p. 26) Na sua condição atual de intelectual, ao mesmo tempo, sentia-se afastado dos trabalhadores frequentadores do armazém com os quais queria interagir:

I rose, climbed the Ladeira Santa Cruz, hurried down the muddy streets, entered a saloon, and attempted to strike up a conversation with the bums while I drank some brandy. The tramps had no confidence in me. They sat like myself on kerosene-cases, resting against the damp dirty counter, drinking rum. *But they were far away. My words had no meaning for them. I wanted to say something, to make them understand that I too was a hobo, that I had wandered without rest, sleeping on park benches, exhausted from hunger. They refused to take me seriously. They saw a pale fellow decently dressed, coughing because the rain had wet his clothes. The light of the kerosene lamp flickered on the greasy counter. Men in shirt sleeves exhibited enormous muscles that shamed me.*

I shrank back timidly. They did no sympathise with me. I stood there like a reporter collecting impressions. No sympathy whatsoever.

Literature had estranged us: *what I know about them I learned in books. Reading about the sufferings of strangers, I become moved, think of my own past misery, my wanderings through the plantations, my brief naps on the street curbs or the benches in the garden.* (RAMOS, 1946, p. 124-25, grifo nosso)

O conteúdo engajado de representação do povo e de falar em seu nome marcaram a literatura proletária da década de 1930, uma posição abertamente assumida por escritores como Jorge Amado, por exemplo, mas que se configurou de maneira diferente na ficção de Graciliano Ramos. Em *Vidas Secas*, “narrador e criaturas se tocam, mas não se identificam”, enquanto que o narrador de *Angústia* percebeu a distância entre o intelectual e o “pobre [que] é um outro, enigmático, impermeável”. (BUENO, 2006, p. 24) A posição de Graciliano Ramos era “a de não negar a incompatibilidade entre o intelectual e o proletário, mas trabalhar com ela e distanciar-se ao máximo para poder se aproximar. Assu-

mir o outro como outro para entendê-lo” (BUENO, 2006, p. 24); O que não significa repetir o clichê de que Graciliano Ramos foi um homem à frente de seu tempo, mas localizá-lo em uma conjuntura sócio-política que o levou, assim como um grupo de intelectuais brasileiros, a pensar sobre si mesmo como uma refração da heterogeneidade que formou a nação brasileira e os impactos sociais desencadeados a partir de então.

De circulação majoritariamente acadêmica, o artigo de Samuel Putnam intitulado “The Brazilian social novel” (1935-1940), publicado pela *The Inter-American Quarterly*, destacou o cunho social da obra de Graciliano Ramos. “*Angústia* é notável pelo uso que faz do monólogo interior, à la Joyce, aplicado a um tema social”. Em outro artigo publicado dessa vez pela revista de esquerda *Science and Society*, Putnam declarou a sua admiração por Graciliano Ramos pela “agudeza literária” com que utilizava o fluxo de consciência e o dialeto regional em *Angústia* para driblar o DIP e “mascarar uma implícita crítica social”. (SADLIER, 2012b, p. 35)

E parece ter driblado igualmente a autocensura do tradutor ou do editor nos Estados Unidos, pois recepcionado primariamente como um monólogo interior, não se deu muita importância aos elementos sexuais ou à obscenidade de algumas cenas, distinguindo-se das normas utilizadas nos outros dois romances. O comportamento antinormativo pode significar o início do desvio de um padrão que provoca mudanças no conjunto total nas normas comumente utilizadas para a tradução. Estas refletem o conjunto das normas domésticas vigentes para a seleção de seus próprios textos para publicação. É interessante observar que no período seguinte ao da Política da Boa Vizinhaça, o da Guerra Fria, parece ter havido um afrouxamento da vigilância sobre a moralidade nos textos literários e maior concentração em se assegurar a rigidez contra o conteúdo político.¹⁷⁷

TERRAS DO SEM FIM E THE VIOLENT LAND: UMA HISTÓRIA DE AVENTURA E CRÍTICA SOCIAL

Jorge Amado publicou *Terras do Sem Fim* em 1943 e sua tradução para o inglês, *The Violent Land*, de Samuel Putnam, começou a circular nos Esta-

177 Um resumo dessa seção foi publicado em um artigo. Cf. Morinaka (2018b).

dos Unidos dois anos depois. Ao contrário de Louis C. Kaplan, o tradutor Samuel Putnam já gozava de certa notoriedade nos círculos acadêmicos, tendo sido responsável pela tradução de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, para o inglês, lançado em 1944, e em 1946, viria a publicar a tradução de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre. Em 1947, ganhou o prêmio literário Pandiá Calógeras, no valor de mil dólares, idealizado pelo economista brasileiro Valentim Bouças,¹⁷⁸ por divulgar a cultura brasileira nos Estados Unidos, principalmente dos clássicos brasileiros. (BRAZIL'S, 1947)

Samuel Putnam¹⁷⁹ começou a carreira como jornalista e após a mudança para a França iniciou seu trabalho como tradutor. Ainda na Europa, Putnam encontrou-se com o escritor e crítico literário português Fidelino de Figueiredo, que o aconselhou a familiarizar-se com a literatura brasileira. De volta aos Estados Unidos, Putnam assim o fez e começou a contribuir esporadicamente com resenhas sobre livros brasileiros de variados gêneros, o que lhe assegurou mais trabalho a partir da segunda metade da década de 1930, já que a atenção dos Estados Unidos voltava-se para a América Latina. Desencantado com o capitalismo e identificando-se com as publicações de esquerda, Putnam escreveu artigos para o *Partisan Review* e o *New Masses*. Para as publicações latino-americanas, entre seus assuntos de interesse, incluíam-se o negro brasileiro, os romances sociais e a língua portuguesa do Brasil. “O olhar intelectual de Putnam voltou-se para a sociedade e a política, para os indivíduos e os grupos, para a literatura e a vida, para a cena contemporânea e o passado”.¹⁸⁰ (GARDINER, 1971, p. 107, tradução nossa) Com o desenvolvimento da Política da Boa Vizinhança do OCIAA, seus trabalhos ganharam mais visibilidade, rendendo-lhe o convite da Universidade de Chicago para a tradução de *Os Sertões*. Após as resenhas elogiosas ao seu trabalho, Putnam foi incumbido pela editora Alfred Knopf para avaliar três títulos brasileiros para publicação nos Estados

178 Informações adicionais disponível no verbete biográfico do CPDOC da FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/valentim-fernandes-boucas>.

179 A biografia e a bibliografia completa de Samuel Putnam está em uma publicação anterior do próprio Harvey Gardiner, de 1970.

180 “Putnam's intellectual gaze fell on society and politics, on individuals and groups, on literature and life, on the contemporary scene and the day before yesterday”.

Unidos. Aprovou dois livros: um sobre o Brasil colonial, e o outro, o romance de Jorge Amado, *Terras do Sem Fim*, que traduziu a convite de Blanche Knopf. (GARDINER, 1971)

Na orelha da primeira edição de *Terras do Sem Fim* publicada pela Livraria Martins Editora, consta a informação que o romance fora escolhido por uma:

[...] comissão composta pelos srs. Manuel Bandeira, Álvaro Lins e Prudente de Moraes Neto para representar a ficção brasileira no concurso de romances inter-americanos, realizado nos Estados-Unidos e que, simultaneamente com este, sai numa edição norte-americana do editor Knopf, de Nova Iorque. (AMADO, 1943)

Apesar das resenhas e críticas elogiosas ao romance, a casa Knopf se recusou a publicar a segunda edição das traduções de *Terras do Sem Fim* e *Angústia*. Em 1950, Jorge Amado solicitou dez cópias de *The Violent Land* à editora Knopf, para o qual obteve a seguinte resposta do editor Herbert Weinstock: “Não temos mais cópias do livro em estoque, e, devido à sua baixa vendagem, a possibilidade para uma segunda edição é pequena”.¹⁸¹

Somente após o sucesso da tradução de *Gabriela, Cravo e Canela*, intitulada *Gabriela, Clove and Cinamon* (1962), e de o romance permanecer por algumas semanas na lista dos mais vendidos nos Estados Unidos, a editora aproveitou a oportunidade para lançar uma segunda edição de *The Violent Land*, em 1965, vinte anos após a sua primeira publicação. Em maio de 1965, o jornal soteropolitano *Diário de Notícias* registrou o sucesso de Jorge Amado nos Estados Unidos. A reportagem relatava que o *New York Times* havia dedicado uma página inteira ao escritor baiano, ressaltando a importância da Editora Alfred Knopf, uma das maiores dos Estados Unidos, “grande amiga dos escritores brasileiros”. A prova de sua importância traduzia-se na propaganda de *The Violent Land* que tomava uma página inteira do suplemento literário do “jornal mais importante dos Estados Unidos, o *The New York Times*”. A propaganda, por sua

181 HRC. Alfred A. Knopf, Inc., Records-Series I. General / Historical Correspondence, 1922-1971, bulk 1946-1966. Box 60, Folder 10. Correspondência de Herbert Weinstock a Jorge Amado. Nova York, 31 out. 1950.

vez, evidenciava a “extraordinária aceitação das obras do romancista baiano junto ao público leitor dos Estados Unidos”.¹⁸²

Em 24 de setembro de 1965, o jornal publicou a resenha de Jane Margold, na seção Latin-American Times. Numa abordagem totalmente diferente da primeira resenha de Nancy Flagg publicada no lançamento da tradução, em 1945 (detalhes mais à frente), a crítica considerou *The Violent Land* um grande romance, salientando que Amado empenhara-se em tecer as percepções humanas e sociais juntamente com a história de luta pelo cacau.¹⁸³

O COTEJO ENTRE TERRAS DO SEM FIM E THE VIOLENT LAND: DIFERENÇAS

Terras do Sem Fim é dividido em seis partes intituladas: O navio, A mata, Gestação de cidades, O mar, A luta e O progresso. As três primeiras compõem a narrativa da disputa pelas matas do Sequeiro Grande. De um lado, a família dos Badarós, tradicionalmente no comando da região, dispunha do apoio do governo local, estadual e federal, além do judiciário. De outro, Horácio, um tropeiro que se tornou dono de vastas extensões de terras, contava com a sua coragem e determinação, e um pacto com o diabo, segundo os boatos que corriam na cidade. Ambos haviam expandido seus territórios por meios ilegais de caxixes, pilhagem e assassinato de famílias inteiras, para integrarem as fazendas menores aos seus domínios. A quarta e a quinta partes traduzem a escalada da tensão, o início dos barulhos entre os dois rivais que só terminaram com a tomada da casa-grande dos Badarós, conferindo a Horácio a vitória na batalha. Com a mudança de sua mulher Ester para a casa em Ilhéus, para garantir a sua segurança durante as lutas, deu-se o início do romance entre ela e seu advogado Virgílio. Prenunciado pela violência dos acontecimentos, a história de amor se finda logo em seguida, pois Ester é acometida pela febre e morre. A sexta parte traz a resolução da história, confirmando a estrutura das narrativas tradicionais. A vitória de Horácio, pertencente à oposição política dos Badarós,

182 *Diário de Notícias*, Salvador, 15 e 17 maio 1965. Segundo Caderno, p. 7.

183 *Diário de Notícias*, Salvador, 15 e 17 maio 1965. Segundo Caderno, p. 7.

coincidiu com a tomada da presidência do país e com a mudança de todos os quadros de governadores, prefeitos e da engrenagem judicial, que serviu para absolvê-lo de uma acusação que rolava desde antes do início das brigas. Anos mais tarde, o povoado de Tabocas emancipou-se de Ilhéus, nascendo assim a cidade de Itabuna.

The Violent Land obedeceu à mesma ordem do texto de partida: *The boat*, *The forest*, *The birth of cities*, *Beside the sea*, *The struggle* e *Progress*. Ao final, há um glossário de termos culturais específicos do português brasileiro, o que demarca a sua distância espacial e cultural do público falante de língua inglesa. Nessa compilação, encontramos vocábulos do sistema monetário, figuras míticas indígenas e termos de expressão da língua brasileira, tais como jagunço, cabra ou grapiúna. As palavras do campo semântico da religião de matriz africana não aparecem no glossário, apesar de terem sido usadas no capítulo *A mata / The forest*:

FRAGMENTO I

Texto de Partida (TP): Só não havia perdido a lembrança dos deuses negros que seus antepassados haviam trazido da África e que ele não quisera substituir pelos deuses católicos dos senhores de engenho. Dentro da mata vivia em companhia de **Ogum**, de **Omolu**, de **Oxóssi** e de **Oxolufã**, com os índios havia aprendido o segredo das ervas medicinais. (AMADO, 1943, p. 133)

Texto Traduzido (TT): The only memory he had not lost was that of his Negro gods, whom his ancestors had brought with them from Africa and for whom he had been unwilling to substitute the Catholic divinities of his plantation masters. Here within the forest he lived in the company of **Ogún**, of **Omulú**, of **Oxossi**, and of **Oxolufã**, while from the Indians he had learned the secret of medicinal herbs. (AMADO, 1979, p. 102-103)

As duas estratégias que a tradução pode lançar mão são a domesticação ou a estrangeirização, exploradas por Lawrence Venuti (1995). A primeira consiste em aproximar ao máximo a cultura do texto de

partida daquela do público da cultura receptora; a segunda tenta manter as marcas linguísticas da cultura de partida. As estratégias empregadas na tradução de *Terras do Sem Fim* formam um composto de domesticação e estrangeirização. O romance mantém contiguidade espacial com Salvador, Ilhéus e Itabuna, as duas últimas cidades localizadas ao sul da Bahia, integrando a região do cacau. As localidades ou os nomes geográficos em torno dessas cidades não são domesticadas para o inglês. Uma possível tradução para Rio do Braço, Água-Branca e Água-Preta seria *Arm River*, *White Water* ou *Black Water*, respectivamente, seus correspondentes diretos, mas a tradução optou por ancorá-las à circunscrição da nomenclatura brasileira. Numa prática peculiar e inovadora para este período, os nomes dos personagens também foram conservados como no texto de partida, até mesmo os acentos e as cedilhas, sinais diacríticos inexistente no inglês.

No livro *The Translator's Invisibility*, Venuti critica o efeito fluente ilusório da domesticação de um texto exigida pelo mercado das traduções nos Estados Unidos. O teórico mantém um posicionamento político de combate ao tratamento de transparência e inteligibilidade que se quer impor às línguas estrangeiras e à utilização instrumental, visando mera transmissão de fatos, primando pela objetividade e eliminação das idiossincrasias e diferenças. Em sentido lato, a sintaxe da língua de partida é inevitavelmente acomodada à da língua para a qual se traduz, gerando uma domesticação inicial, que podemos pensar como domesticação em primeiro nível. Quando as referências locais ou culturais são domesticadas à língua receptora, temos uma dupla prática de domesticação e o apagamento da diferença.

Assim como nas comparações dos romances anteriores, o mesmo caminho metodológico foi percorrido, anotando-se as ocorrências das diferenças encontradas entre *Terras do Sem Fim* e *The Violent Land*, classificadas da seguinte maneira:

- i. acréscimos ao texto traduzido;
- ii. omissão de trechos do texto original no texto traduzido;
- iii. diferenças estilísticas;
- iv. tempo verbal, agência e perspectiva;

- v. adaptações culturais; e
- vi. problemas na tradução.

Quantitativamente, esse é o texto em que mais se observam acréscimos e omissões à tradução, como veremos nos fragmentos a seguir. A leitura e a compreensão dos espaços onde há a predominância da pobreza por um tradutor estrangeiro pode produzir narrativas domesticadoras e imprimir um julgamento de valores, como nos trechos:

FRAGMENTOS 2

TP: Na frente de uma casa triste de barro, dois **garotos nus**, de enormes barrigas, gritavam para o navio que passava. (AMADO, 1943, p. 21)

TT: From in front of a mournful-looking mud hut a couple of **naked urchins** with enormous bellies shouted at the passing ship. (AMADO, 1979, p. 6)

TP: Na cidade de Antônio Vitor a vida era pobre **e sem possibilidades**. Os homens viajavam todos, raros voltavam. [...] Porque vinham ricos, de anêles nos dedos, relógios de ouro, pérola nas gravatas. E jogavam o dinheiro fora, em presentes caros para os parentes... (AMADO, 1943, p. 25)

TT: In Antonio Victor's home town, life had been poverty-stricken **and had held no hope for the future**. The men, almost all of them, would leave, few to return. [...] For they came back rich, with rings on their fingers, gold watches, pearls in their neckties. **They spent money right and left**, threw it away on presents for their relatives... (AMADO, 1979, p. 11)

No primeiro trecho, o vocábulo garotos foi traduzido por *urchins*, termo de conotação pejorativa que significa meninos pobres e sujos vivendo nas ruas, que é coisa bem diversa de garotos. Estar próximo a uma casa triste

de barro e ter barrigas enormes não é condição *sine qua non* para que os garotos sejam moradores das ruas. No segundo segmento, à vida pobre e sem possibilidades na cidade de Antonio Victor, a tradução acrescentou a “sua falta de expectativa e esperança para o futuro”. Mais adiante, o acréscimo do dito popular “gastar dinheiro a torto e a direito” na versão em inglês mostra o desperdício que esses homens faziam com o dinheiro ganho a muito custo, imprimindo-se um tom moralista.

O narrador heterodiegético ou onisciente de *Terras do Sem Fim* e *The Violent Land* optou por nos mostrar um quadro de personagens que tomariam parte da narrativa no primeiro capítulo O navio / The boat, tendo em vista o tempo cronológico acomodado ao tempo da narrativa. Dentre esses personagens, João Magalhães e Antônio Vítor ganharam destaque, pois têm uma função importante na narrativa que se desenrola. O primeiro, o capitão João Magalhães, é um jogador inveterado, que fugia de Salvador, pois estava sendo perseguido pela polícia por um golpe que aplicara nas mesas de pôquer. Passageiro da primeira classe, ele se apresentava como “Capitão Dr. João Magalhães – Engenheiro militar”. Antônio Vítor é um trabalhador braçal que deixou a namorada Ivone na cidade do interior, para a qual jurou voltar após enriquecer nas fazendas de cacau.

Após a apresentação da história de vida desses dois personagens, o narrador descreve o ambiente, no segundo capítulo A mata / The forest, como um lugar inacessível e inóspito. Os próximos capítulos descrevem as ações e os homens que circulam por esse ambiente, domado e conquistado com muita luta, sangue, suor e trabalho. À medida que a narrativa avança, percebe-se a transformação das histórias de vida do capitão João Magalhães e de Antônio Vítor. Capitão João Magalhães, com a boa lábria aperfeiçoada pelos anos de experiência como falastrão, se meteu entre os fazendeiros da região e conheceu Don’Ana, filha de Juca Badaró, e pareceu disposto a deixar sua carreira de estelionatário para se casar com a virgem. Quanto a Antônio Vítor, o compromisso com a namorada Ivone aparece logo no início da história, porém, absorvido pela mata inóspita e o visgo do cacau resulta numa transformação da sua trajetória e do seu compromisso. Depois de muitos anos, Antônio Vítor nem se lembrava da namorada que deixara para trás, pois

se encantou pela empregada da fazenda dos Badarós, Raimunda, com quem se casa no final da história.

Certa manipulação determinística parece compor o quadro geral dessa narração: o ambiente, o homem e a luta, bem à maneira tripartite euclidiana de *Os Sertões*. Para a arquitetura desse determinismo, o narrador traz à superfície textual o passado desses dois homens, cujos destinos são mais tarde influenciados pelos ambientes sociais a que foram expostos, cada qual em sua especificidade. O Capitão João Magalhães, inserido em um ambiente familiar dos abastados Badarós, delineado como pilantra no início, queria se transformar em um homem sério e de família após conhecer Don'Ana. Já Antônio Vítor foi plantado em um ambiente hostil das matas, apresentado como um homem de família que só tinha o objetivo de voltar para casa depois de enriquecer, mas se tornou matador profissional e abandonou a namorada, provavelmente grávida de um filho seu. Assim, dois quadros são apresentados pelo narrador: a influência positiva da família no destino de João Magalhães e a influência negativa da violência e da rispidez da mata, na vida de Antônio Vítor. Essa chave interpretativa considerada como naturalista seria o suficiente, não fosse o projeto do romance uma crítica social. Sob a égide naturalista constroem-se as condições sociais em que esses dois personagens circularam. Ambos acometidos pela pobreza, às margens da pirâmide social, lutam, cada qual à sua maneira, para a sobrevivência, tendo em comum a promessa de dinheiro na zona do cacau.

Outros exemplos de adições ao texto traduzido referem-se às expressões da língua portuguesa que não ficariam claras para o público de língua inglesa, como nos segmentos:

FRAGMENTOS 3

TP: O dr. Virgilio tomou da taça onde as gotas do vinho português manchavam de sangue a transparência do cristal. (AMADO, 1943, p. 91)

TT: **Lawyer Virgilio** – “Dr. Virgilio” – raised his glass, where the drops of Portuguese wine had stained the transparent crystal a blood-red. (AMADO, 1979, p. 67)

TP: Os demais ficavam pelas casas de barro batido, jogados nos leitos de tábuas, dormindo quebrados de cansaço, outros cantavam saudosas tiranas. (AMADO, 1943, p. 99)

TT: The others would remain in the mud huts, having flung themselves down on the wooden bunks to sleep the sleep of utter exhaustion. Others would sing *tiranas*, **love-songs filled with longing** [...]. (AMADO, 1979, p. 74)

TP: Juca o tirara do trabalho nas roças para o trabalho muito mais suave de "capanga". (AMADO, 1943, p. 100)

TT: [...] and Juca had taken him out of the groves for the much pleasanter job of "capanga" – **bodyguard and killer**. (AMADO, 1979, p. 74)

O personagem Virgílio é sempre tratado por dr. Virgílio no texto de partida, o que causaria um estranhamento se fosse traduzido literalmente para a língua inglesa sem qualquer explicação, pois *Doctor* é o tratamento dado aos médicos e às pessoas que fazem o doutorado, mas não a advogados. A solução para essa diferença cultural de Putnam foi a demarcação do ramo de sua atividade como advogado Virgílio, e, logo em seguida, entre aspas, a denominação que lhe seria conferida a partir daquele momento na narrativa, Dr. Virgilio. Já os sintagmas estrangeirizados *tirana* e *capanga* além de serem incluídos no glossário de itens culturais específicos brasileiros, mereceram uma nota explicativa no próprio corpo do texto.

A presença do narrador se torna mais marcada em *The Violent Land* nas omissões ao texto traduzido. Executando a autocensura para viabilizar a publicação da obra, há omissões do desejo feminino. Apaga-se totalmente uma cena, conferindo o papel de moralista ao narrador:

TP: Estremece ao imaginá-lo. **Mas não de horror, é um estremecimento doce que desce pelas suas costas, sobe pelas coxas, morre no sexo numa morte de delícia. Nunca sentira o que sente hoje. Seu corpo magoado das passadas brutalidades de Horácio, seu corpo possuído sempre com a mesma violência, se negando sempre com a mesma repulsa, seu corpo que se havia trancado para o desejo, acostumado a receber o adjetivo – fria – cuspidor por Horácio após a luta de instantes, seu corpo se abriu hoje como hoje se abriu seu coração. Não sente no sexo aquela sensação de coisa que se aperta, que se esconde na casca como um caramujo. A só presença de Virgílio no outro quarto a abre toda, como o só pensar nele, no seu bigode largo e bem cortado, nos seus olhos tão compreensivos, no seu cabelo loiro, sente um frio no sexo que se banha de morna sensação. Quando ele lhe dissera aquela comparação do passarinho e da cobra, a sua boca estivera perto do ouvido de Ester mas foi no coração e no sexo que ela ouviu. Cerra os olhos para não ver Horácio que se aproxima. Vê é Virgílio, ouve suas palavras boas... e ela que pensara que ele fosse bêbedo como o dr. Rui... Sorri, Horácio pensa que o sorriso é para ele. Também ele está feliz nessa noite. Ester vê Virgílio, suas mãos cuidadas, seus lábios carnudos, e sente no sexo, coisa que ela nunca sentiu, um desejo doido. Uma vontade de tê-lo, de apertá-lo, de se entregar, de morrer nos braços dele. Na garganta um estrangulamento como se fosse soluçar. Horácio estende as mãos sobre Ester. Delicadas e doces mãos de Virgílio, carícias que ele saberá, ele vai desmaiar, Horácio está em cima dela, Virgílio é aquele por quem ela esperou desde os dias longínquos de colégio... Estende as mãos procurando os seus cabelos para acariciá-los, esmaga nos lábios de Horácio os lábios desejados de Virgílio... E vai morrer, sua vida escoar pelo sexo em chamas. Horácio nunca a encontrara assim. Hoje é outra mulher a sua mulher. Tocara música para ele, se entrega com paixão. Parece morta nos seus braços... Aperta-a mais, prepara-se para tê-la novamente. Para Horácio é como uma madrugada, uma inesperada primavera, é a felicidade que ele já não esperava. (AMADO, 1943, p. 97 e 98)**

TT: She shuddered at the thought of it. The very presence of Virgílio in the other room gave her an expansive feeling. She smiled, and Horacio thought that her smile was for him. He too was happy tonight. For him it was a new dawn, an unhoped-for spring, a happiness to which he had never dared look forward. (AMADO, 1979, p. 87)

O desejo de uma mulher casada por outro homem que não fosse seu marido transforma-se no curto sintagma *expansive feeling* na tradução. Toda a brutalidade com a qual Ester era tratada por Horácio e sua repulsa a ter que se entregar a esse homem é totalmente eliminada, juntamente com seu desejo de sexo com outro homem. Na cama, no momento em que Horácio a toma, Ester vislumbra a figura de Virgílio e sente sua forte presença, como se fosse ele em lugar do marido, e, pela primeira vez, sente prazer no sexo. As respostas do corpo feminino e as sensações que invadem o seu corpo, quando estimulado pelo ato sexual, são detalhadamente descritos pelo narrador em *Terras do Sem Fim*, mas apagados completamente em *The Violent Land*. Não se trata aqui de uma paráfrase ou de substituição de algumas palavras motivadas pelo pudor, mas de eliminação de 365 palavras. Além dessa supressão, o narrador de *The Violent Land* também acrescentou frases ou expressões que não estão no texto de partida. No exemplo a seguir, ele registrou o comportamento egoísta de Ester por não satisfazer a vontade do marido que queria uma grande festa para seu casamento:

FRAGMENTO 5

TP: Quisera um casamento simples, se bem Horácio tentasse fazer as coisas a grande: banquete e baile, foguetes e missa cantada. Mas fora tudo muito íntimo... (AMADO, 1943, p. 60)

TT: She had wanted a simple wedding, though Horacio had at first insisted on doing things in grand style: a banquet and a ball, Roman candles and a High mass. **She had had her way**; it had been an intimate affair... (AMADO, 1979, p. 40)

Em outros trechos, o narrador continua ativando a sua tesoura. Outra figura feminina que teve seu desejo apagado do texto traduzido foi Ivone, a namorada de Antônio Vítor, que ficara em Estância, descrita como mulher correta, a provedora da família, que o pai abandonara:

FRAGMENTOS 6

TP: **Abriu o corpo para ele como uma flor se abre para o sol.** E deixou que ele a possuísse, sem dizer uma palavra, sem soltar um lamento. Quando ele terminou, **os olhos ainda esbugalhados pelo imprevisto da oferta**, ela baixou o vestido de chita onde agora o sangue coloria novamente as flores já desbotadas, cobriu o rosto com a mão e disse... (AMADO, 1943, p. 26)

TT: She had let her possess her without saying a word, without so much as a moan. When it was over, she had lowered her calico dress, its faded flowers stained now with blood, had covered her face with her hand, and had said to him... (AMADO, 1979, p. 10-11)

TP: Novamente, pela centésima vez, possuía Ivone na ponte de Estância. **E era sempre pela primeira vez. Novamente a tinha nos braços e novamente manchava de sangue seu desbotado vestido de flores vermelhas. Sua mão calosa do trabalho nas roças era mulher de suave pele, era Ivone se entregando. Sua mão tinha a quentura, a maciez, o requebro e o dengue de corpo de mulher. Crescia junto da mata, virava, no sexo de Antônio Vítor a virgem se entregando. Ali, na beira do rio, nos primeiros tempos. Depois o rio lavava tudo, corpo e coração, no banho noturno.** Só restava mesmo o visgo de cacau mole preso na sola dos pés, cada vez mais grosso, igual a um estranho sapato. (AMADO, 1943, p. 99)

TT: Once again, for the hundredth time, he would possess Ivone on the Estancia bridge. Ø Yet when it was over, there would remain the same soft and viscous cacao caught on the soles of his feet and growing greater in bulk all the time, like some weird kind of shoe. (AMADO, 1979, p. 74)

TP: Ele se ativara n'água. **Se estava distante o dia em que dormira com mulher num povoado, possuía antes Raimunda que aparecia nua na sua mão transformada em sexo.** Voltava pela roça de cacau, ia receber as ordens de Juca Badaró para o dia seguinte. (AMADO, 1943, p. 100)

TT: He would thereupon leap into the water, and then finally he would go back through the cacao grove to receive Juca Badaró's orders for the following day. (AMADO, 1979, p. 75)

Ester e Ivone foram delineadas pelo narrador de *Terras do Sem Fim* como mulheres de respeito, que possuíam vontades e desejos, enquanto em *The Violent Land*, o apagamento dos desejos se constrói como tentativa de acomodar essas mulheres de respeito aos moldes tradicionais de dedicação e submissão. Nos segundo e terceiro segmentos, a metáfora para a masturbação de Antônio Vítor também foi eliminada, enquanto que em outros trechos o narrador demarca bem a masculinidade de alguns atos ou personagens:

FRAGMENTOS 7

TP: **Se possuíram** em meio à agonia daquela noite que pensavam ser a última que passavam juntos. (AMADO, 1943, p. 162)

TT: **He had possessed her** amid all the anguished quarrelling of that night, which they had thought would be their last together. (AMADO, 1979, p. 129)

TP: Toda gente já sabia que **Juca Badaró estava com ela.** (AMADO, 1943, p. 236)

TT: Everybody knew by this time that **she was Juca Badaró's woman.** (AMADO, 1979, p. 191)

No primeiro segmento, a entrega de Virgílio e Margot, no momento de amor, foi marcada para a primazia masculina de posse do corpo feminino. O segundo trecho transforma o ato de estar junto para o uso da apóstrofe “s”, indicando a posse do corpo feminino por Juca Badaró. A preservação da imagem da mulher casta parece ter sido uma via de mão-dupla como indicam Irene Hirsch (2006) em sua pesquisa sobre a literatura estadunidense do século XIX traduzida para o Brasil, e John Milton (2002) em seu estudo sobre os livros do Clube do Livro traduzidos no nosso país, em meados do século XX. Hirsch (2006, p. 113), chama de “literatura cor-de-rosa em tradução” os textos estadunidenses pois exibem um caráter conservador de manutenção de mitos paternalistas. Milton atenta para o fato de as traduções brasileiras do Clube do Livro evitarem “elementos sexuais e escatológicos”. (MILTON, 2002, p. 15)

Putnam conseguiu contornar as dificuldades para traduzir expressões marcadamente brasileiras por meio da estrangeirização dos termos, adições de explicações no próprio corpo do texto e da inclusão de um glossário de termos brasileiros ao final do livro. Alguns exemplos são:

FRAGMENTOS 8

TP: - Era tropeiro ? (AMADO, 1943, p. 33)
TT: "What were you, a mule-driver ?" (AMADO, 1979, p. 17)
TP: " Quousque tandem, Tropeirus, abutere patientia nostra? " (AMADO, 1943, p. 227)
TT: " Quousque tandem abutere, Mule-driverus, patientia nostra? " (AMADO, 1979, p. 184)
Retro-Tradução (RT): "Até quando, tropeiro, abusarás da nossa paciência?"

No romance, o editorial do jornal O Comércio, pró-governo, fez uso de uma citação de Cícero para acusar Horácio, que, ao utilizar o voca-

tivo *Tropeirus*, faz alusão à sua origem de tropeiro como uma forma de provocação. Putnam manteve a citação em latim e adaptou o *tropeirus* ao *mule-driverus*, que já havia sido usado e explicado anteriormente. Porém, apesar da experiência acumulada na tradução de *Os Sertões* e de sua grande habilidade para traduzir a língua portuguesa do Brasil para o inglês, Putnam não deixou de ter problemas de interpretação do texto, como nos trechos que se referem à flora brasileira:

FRAGMENTOS 9

TP: Ele plantava uma roça de milho com mais dois irmãos, nas imediações da cidade. (AMADO, 1943, p. 23)
TT: As for himself, he with his two brothers cultivated a millet plot on the outskirts of the city; (AMADO, 1979, p. 8)
RT: Ele plantava uma roça de painço com mais dois irmãos, nas imediações da cidade.

TP: Depois eram os suspiros de Violeta, no quarto da rapariga, a lua entrando pela janela aberta, o vento balançando os dois coqueiros no quintal. (AMADO, 1943, p. 16)
TT: Afterwards there would be Violeta's sighs as the light streamed in through the window of her room, with the wind swaying the branches of the two cocoa trees in the garden outside. (AMADO, 1979, p. 2)
RT: Depois eram os suspiros de Violeta, no quarto da rapariga, a lua entrando pela janela aberta, o vento balançando os dois cacaeiros no quintal.

The Violent Land foi traduzido na década de 1940, quando discussões sobre práticas tradutórias mais críticas e engajadas estavam distantes dos círculos acadêmicos. Pode-se destacar, assim, o caráter inovador dessa tradução, no que diz respeito à sua circunscrição a um país

estrangeiro. Porém, não se descarta a hipótese de o romance ter sido moldado para se adequar ao gênero aventura, que circulou vastamente na década de 1930 nos Estados Unidos.

A estrangeirização do espaço, dos personagens e da cultura garantiu realismo maior a *The Violent Land*, tornando-o distante da cultura estadunidense ou da inglesa e localizando-o em um país remoto ainda selvagem, virgem e por ser conquistado. Ao contrário dos argumentos de Venuti, que reivindica a estrangeirização como a estratégia adequada para a visibilidade do tradutor, a polarização entre domesticação e estrangeirização pode nos impor armadilhas nem sempre fáceis de serem contornadas ou evitadas. É de fundamental importância, portanto, localizar o texto dentro do sistema literário receptor e investigar a função a que foi destinado, para então verificar os efeitos de domesticação ou estrangeirização do objeto em questão. Um livro pode gozar de certo valor no seu sistema literário, mas quando traduzido para outro sistema, pode ter seu status modificado, pois os parâmetros de classificação e apreciação são variáveis entre os diferentes sistemas literários.

The Violent Land, segundo a crítica literária Nancy Flagg (1945) do *The New York Times*, poderia ter sucesso entre os leitores estadunidenses que gostavam de aventura, romance, crime, sedução e injustiça social, nesta ordem. Se por um lado Flagg (1945) classificou o romance como uma aventura, e, depois, como injustiça social, críticos brasileiros o distinguiram primeiramente como denúncia social. Caso o livro tenha sido lido como literatura de aventura no sistema estadunidense, a estrangeirização aponta dois caminhos: uma técnica inovadora e a garantia do distanciamento de atos bárbaros em terras longínquas e exóticas.

O narrador de *Terras do Sem Fim* é atropelado pelo narrador moralista de *The Violent Land* que não só elimina os desejos sexuais de Ester e Ivone, mas também imprime seu olhar estrangeiro a certos aspectos da cultura brasileira que, de certa maneira, reforçam estereótipos. As marcas gráficas deixadas na composição da estrutura do texto deixam rastros ou pegadas que excedem os limites do papel e da representação e pululam para infinitos espaços, criando novos rastros, representações e fantasias a cada lugar ou momento em que são lidos, reproduzidos ou traduzidos.

O mesmo acontece com os diferentes tempos verbais usados no texto de partida e na tradução. A arquitetura do navio, que demarca

a separação social dos passageiros em primeira e terceira classes, é o índice espacial que terá uma influência direta sobre o tempo da narrativa. Esse índice pode ser tomado como um antecipador do tipo de relações pessoais e de trabalho que se dará quando esses viajantes chegarem a Ilhéus, ou seja, uma pré-organização do espaço de circulação dos personagens. O narrador de *Terras do Sem Fim* dá início à sua atividade no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo e passa em seguida para o presente do indicativo. Depois, intercala trechos ora no pretérito, ora no presente, tentando orquestrar esse balanço temporal ao do navio, como se acalentando pessoas com sonhos tão diversos. As lembranças de Antônio Vítor, despertadas pela música que ele ouviu no convés, são trazidas pelo narrador para um tempo presente como uma espécie de conforto para a tristeza do personagem. A imagem da namorada Ivone, que ficou em Estância e que não lhe sai da cabeça, quando é descrita no tempo presente, aproxima-a de Antônio Vítor, diminuindo um pouco a sua angústia e a saudade. A tradução, até certo ponto, segue o mesmo ritmo, mas, aos poucos nivela a narrativa para o *Past simple* [pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo]:

FRAGMENTOS 10

TP: Antônio Vítor **encolheu** mais as pernas compridas, **descansou** o queixo sobre os joelhos. [...] **Recordava** as noites de lua de sua cidadezinha [...] **Eram** noites de histórias e risadas, a pescaria era apenas pretexto para aquelas conversas, aqueles apertos de mão quando a lua se escondia sob uma nuvem. (AMADO, 1943, p. 22)

TT: Antonio Victor **drew up** his long legs and **rested** his chin on his knees. [...] It **brought back** to memory those moonlit nights in the little town where he had lived [...] Those **were** nights of story-telling and of laughter, the fishing being little more than a pretext, with a clasp of hands as the moon hid itself behind a cloud. (AMADO, 1979, p. 8)

TP: Antônio Vítor **ouve** as conversas mas a música que **vem** de outro grupo, harmônica e violão, o **arrasta** novamente para a ponte de Estância onde o belo luar e a vida é tranquila. [...] **Agora** a lua de Estância **está** sobre o navio mas não tem aquela cor amarela com a qual cobria os namorados na ponte. [...] Antônio Vítor **sente** uma sensação desconhecida. (AMADO, 1943, p. 24-25)

TT: Antonio Victor **heard** this conversation, but the music that **came from** the other group, the lilt of harmonica and guitar, **carried** him back once more to the Estancia bridge, where the moon **is** lovely and life is at peace. [...] The moon of Estancia **was** over the ship **now**, but it **was** no longer the golden moon that had bathed the lovers on the bridge. [...] Antonio Victor **had** a feeling he had never experienced before. (AMADO, 1979, p. 9-10)

A cena em que Damião foi esperar Firmo para matá-lo também é orquestrada com trechos no presente, no pretérito e no gerúndio, no texto de partida. Esse movimento reforça as dúvidas e a crise de consciência que acometiam o personagem, naquele momento. Após ouvir a pergunta de Sinhô Badaró ao seu irmão, Juca Badaró, se o incomodava assassinar as pessoas que ousavam cruzar seus caminhos, Damião se pôs a pensar sobre o seu papel de matador da família dos Badarós. Em uma espécie de delírio, teve visões do rosto de Dona Tereza, mulher de Firmo, distinta e boa, enquanto aguardava a passagem de Firmo. O texto traduzido compactou esses dois movimentos em um mesmo platô, nivelando-os para o *Past simple*, diminuindo a dramaticidade de uma das poucas cenas de ação no romance todo.

Essas diferenças no texto traduzido só são identificáveis quando cotejadas com o texto de partida, sendo o objetivo deste livro tão somente identificar as normas adotadas para transformar o texto traduzido num produto cultural estrangeiro palatável para o contexto doméstico. Independentemente dos acréscimos, omissões ou adaptações, o leitor que não conhece o português terá acesso a este mundo tão distante e, ao mesmo tempo, tão próximo.

As lutas pelo Sequeiro Grande deslocam os simulacros do Brasil oitocentista e as profundas marcas de distinções sociais deixadas pela economia escravagista naquele momento, fenômeno observável também nos Estados Unidos. Teoricamente, o regime escravista passou a ser remunerado após a abolição, porém algumas cenas do romance capturam os momentos da prática não muito diferentes dos velhos tempos:

‘You know,’ he said, ‘there are times when I feel like the captain of one of those *slavers* in the old days.’ As the mate did not reply, he went on to explain. ‘*One of those ships that brought blacks over to sell them as slaves*’. (AMADO, 1979, p. 26, grifo nosso)

No espaço do navio que levava os passageiros de Salvador a Ilhéus se davam as negociações de conluio entre os grandes proprietários e a contratação de mão de obra dos homens que viajavam na segunda classe. Como a maioria era composta por homens negros, o capitão não pôde deixar de associá-lo aos navios negreiros. Observação que será desenvolvida um pouco mais à frente na narrativa:

People talked about the money to be made in the South. Heaps upon heaps of money. But here all that they got for all this work was two and a half milreis a day, to be wholly spent at the plantation store, a miserable wage at the end of the month when accounts were settled. (AMADO, 1979, p. 74)

Em um diálogo travado entre um dos trabalhadores da fazenda e um homem que acabara de ser recrutado no navio, o primeiro lhe explicou que precisaria de ferramentas e roupas para o trabalho, que seriam compradas no armazém da fazenda pelo dobro do preço das lojas de ferragens ou roupas. Os alimentos para a semana seriam vendidos no mesmo armazém também pelo dobro do preço. Tudo isso anotado e descontado do salário do final do mês, resultando um crédito de poucos mil réis, que se transformariam em dívidas à medida que o sujeito necessitasse de remédios, novas roupas para o trabalho e um revólver. (AMADO, 1945, p. 84) Para concluir, o velho diz: “I was a lad in the days of slavery,” [...] “My father was a slave, my mother also. But it wasn’t any worse then than it is today. Things don’t change; it’s all talk”. (AMADO,

1979, p. 85) Mudaram-se as palavras, porém a prática mostrava a imutabilidade das relações de trabalho.¹⁸⁴

Os rastros do passado escravista não se apresentam somente no plano econômico, mas também nas relações afetivas. Don'Ana, neta dos Badarós, e Raimunda, filha de Risoleta, nasceram no mesmo dia e foram alimentadas pela mesma mulher, Risoleta, a cozinheira da casa-grande. Ninguém sabia quem era o pai de Raimunda, mas como era uma mulata de cabelo quase liso, corria um boato que era a filha do velho Marcelino Badaró, então senhor da fazenda. Apesar do falatório, Dona Filomena, mulher de Marcelino, ficara em dívida com Risoleta, por ela ter sido a mãe de leite de Don'Ana. Assim, as duas meninas cresceram juntas e foram batizadas no mesmo dia. Don'Ana, por ser a única neta, foi cercada de carinho e atenção, e Raimunda “got what was left over of this affection”. (AMADO, 1979, p. 76) Até sua própria mãe “had eyes for only one thing in the world, and that was her white daughter, her little darling, her own Don'Ana” (AMADO, 1979, p. 76), a quem protegia com unhas e dentes, principalmente de seu tio Juca Badaró, que então era um menino e tinha como diversão fazê-la chorar. Em rompantes de fúria Risoleta “called him the demon, and even went so far as to tell him that he was worse than a Negro”. (AMADO, 1979, p. 76) Enquanto isso, Raimunda aprendia a fazer os serviços domésticos de casa, a bordar e a costurar, e também aprendeu a assinar o nome e fazer pequenas contas, para após a morte de sua mãe Risoleta assumir as funções da cozinha. A sua infância havia sido cheia de desejos insatisfeitos: os brinquedos e as bonecas de Don'Ana, galopar nos campos como Don'Ana e ter um colar, brincos ou o pente de Don'Ana. Este último achado no lixo por Raimunda quase que inutilizado. “In her little room at night, by the light of a lamp, she would stick the comb in her hair and smile at herself”. (AMADO, 1979, p. 76)

184 As relações de superexploração dos trabalhadores por meio do fornecimento de habitações em vilas operárias e do fornecimento de alimentos em armazéns de propriedade do empregador foram estudadas por vários autores para diversos contextos históricos. Sobre o assunto, cf. Lopes (1979, 1988). Na literatura de língua inglesa, cf. *Grapes of wrath [Vinhas da Ira]* (1939), de John Steinbeck, e *How green was my valley [Como era verde o meu vale]* (1939), de Richard Llewellyn, por exemplo.

As brigas que ocorreram na região são construídas discursivamente por meio dos artigos da imprensa local, controlada pelos partidos políticos, registrando o tom documental visando à verossimilhança. Mais contundente ainda é a voz do narrador referindo-se aos cantadores cegos que informavam as histórias da região em forma de canções nas feiras:

Many who took part in the clashes of Sequeiro Grande are living still, and some of them figure in the verses that the blind men sing; but the hearers never think of associating the planters of today with the conquistadores of yesterday. It is as if the latter were beings of another world, so greatly have times changed. (AMADO, 1979, p. 206)

Como se fosse uma última tentativa para mobilizar seus leitores a assumirem um posicionamento mais crítico aos acontecimentos contemporâneos das nossas vidas cotidianas, o narrador recorre à estratégia da sensibilização dos leitores pela comparação em um tom de lamento “mas os ouvintes nunca associam as histórias à realidade”. Certamente, o que levou Samuel Putnam a recomendar este livro para a tradução não foi somente o senso de aventura, mas como simpatizante do movimento de esquerda, deixou-se impregnar pelo visgo do cacau deixado nas páginas e sensibilizou-se com o quadro maior de denúncia social impressa em cada cena.¹⁸⁵

NORMATIZAÇÃO, SINGULARIZAÇÃO E A EMERGÊNCIA DO MITO DA ‘DEMOCRACIA RACIAL’ NO BRASIL

Quantificando-se as diferenças observadas no texto traduzido, temos o seguinte resultado convertido na Tabela 2.

185 Um resumo dessa seção foi publicado em um artigo. Cf. Morinaka (2018d).

Tabela 2 – Diferenças entre as traduções

Diferenças	<i>Crossroads</i>	<i>Anguish</i>	<i>The Violent Land</i>
Acréscimos ao texto traduzido	25	16	38
Omissões no texto traduzido	13	6	33
Diferenças estilísticas	18	50	39
Simplificação	4	0	0
Adaptação de elementos culturais	9	20	46
Tempo verbal, agência e perspectiva	0	12	10
Problemas na tradução	13	95	20

Fonte: elaborada pela autora.

Observando-se os números da Tabela 2, a tradução de *Terras do Sem Fim* apresenta mais acréscimos, omissões e adaptações dos elementos culturais, o que pode ter sido motivado por três fatores: a experiência prévia de Samuel Putnam propiciou-lhe a segurança necessária para a execução da tarefa; ou, o editor deu-lhe mais liberdade de ação; ou a tradução foi editada/revisada para adequar-se à sintaxe da língua inglesa, buscando obter um produto final com maior fluência. Já as traduções de *Caminhos Cruzados* e *Angústia* foram manipuladas parcimoniosamente, sendo que *Anguish*, por ter sido publicado pela mesma editora que *The Violent Land* (Alfred Knopf), poderia também ter sido adequada à fluência da língua inglesa. Não se pode tampouco descartar o fato de que *The Violent Land*, linguisticamente, é um pouco mais circunscrito regionalmente que *Anguish*. De qualquer forma, têm-se tratamentos distintos para duas obras traduzidas pela mesma editora, mas por diferentes tradutores. *Crossroads* distingue-se das outras duas, pois foi publicada pela MacMillan.

Ao se investigar qualitativamente o que foi acrescido, omitido ou adaptado, há novamente uma falta de padronização. Os três romances contêm cenas de sexo, que seriam consideradas de cenas obscenas pela censura, mas somente *Anguish* não sofreu autocensura. As cenas de intimidade de Luiz com Marina e as cenas de sexo entre Rosália e seu marido permaneceram no texto traduzido, ao passo que, em *Cros-*

sroads e *The Violent Land*, várias cenas ficaram de fora da composição. Dois romances diferentes traduzidos por Louis C. Kaplan para o mesmo público resultaram novamente em dois conjuntos de normas desconformes no que se refere à moralidade. Pode-se até aventar a hipótese que a Alfred Knopf, conhecida por publicar textos de vanguarda, arriscou-se mais que a MacMillan, pois impôs menos autocensura ao tradutor de *Anguish*. Por outro lado, a mesma casa editorial realizou os cortes em *The Violent Land*, fato este que não permite afirmações categóricas sobre o projeto editorial das traduções.

Conforme mencionado no segundo capítulo, os romances disponíveis nas livrarias poderiam ser facilmente acusados de imorais ou obscenos por qualquer cidadão que se sentisse ofendido com o seu conteúdo. Uma vez denunciados e julgados impróprios, as consequências para as editoras ou as livrarias representariam prejuízos enormes, visto que as casas já haviam investido a escassa cota de papel para a sua publicação e a distribuição. Os vigilantes estavam a postos, observando todas as publicações, fato comprovado pelos arquivos de livros censurados durante a Segunda Guerra Mundial, que segundo Tebbel foi maior que em qualquer outra guerra ou era. Ainda de acordo com Tebbel (2003, p. 93, v. 4), a censura moral conseguiu ser mais intolerante que a censura política, apesar dos grandes embates ideológicos nos Estados Unidos. O número de cidadãos que lutavam e defendiam a ideia de um consenso sobre a moralidade ultrapassava qualquer outro assunto. Inconformado com essa postura, Tebbel desabafa:

Porém, mesmo levando-se em consideração os tempos, é difícil entender como uma nação que se revoltou contra a queima de livros pelos Nazistas, e o que este ato representou, pôde ainda queimar seus próprios livros, fisicamente e simbolicamente.¹⁸⁶ (TEBBEL, 2003b, v. 4, p. 96, tradução nossa)

Apesar de a censura moral não ter sido acionada em *Anguish*, pode-se afirmar que os editores preocuparam-se com a questão, do contrário não teriam controlado a tradução de *The Violent Land*. Pode ser que o fato

186 "But even in the perspective of times, it is still difficult to understand how a nation roused against book burning by the Nazis, and everything that act represented, could still burn its own books, both physically and symbolically".

de as traduções pertencerem a uma literatura com menos inserção nos Estados Unidos e serem destinadas para um público menor, as tenha tornado menos expostas aos olhos alertas dos vigilantes. Mesmo assim, as casas editoriais seguiram o protocolo para adequá-las às normas morais domésticas para não sofrerem as consequências por violá-las.

A quantidade de mudanças estilísticas e as adaptações dos elementos culturais nas três traduções apontam para a acomodação do conteúdo da língua de partida na organização sintática e semântica da língua de chegada. Em termos venutianos, ocorreu a domesticação dos textos de partida na cultura de chegada, com exceção de algumas palavras que foram mantidas na língua portuguesa do Brasil e explicadas nos glossários em *Anguish* e *The Violent Land*, para ajudar o leitor de língua inglesa a compreender com mais detalhes o texto estrangeiro. Concomitantemente, a matização local dos textos contribuiu para localizá-los em terras distantes do ambiente estadunidense.

As normas preliminares arquitetadas pelos órgãos governamentais influenciaram diretamente e conscientemente a escolha dos livros para a tradução, mas não chegaram a interferir nas normas operatórias nas três traduções cotejadas. Os romances foram traduzidos em sua íntegra, buscando adequarem-se aos textos de partida, exceto na eliminação de algumas cenas de sexo mencionadas anteriormente. Não obstante o sistema político vigente nos Estados Unidos, o caráter de crítica social dos três romances, que indiscutivelmente carrega fragmentos e pensamentos do marxismo, não apresentou impedimento para que esses textos fossem traduzidos com o máximo de “fidelidade” possível. O fato corrobora o argumento de Tebbel de que, até aquele momento, a preocupação primordial dos vigilantes nacionalistas girava em torno da moralidade, não de questões políticas. Estas poderiam ser resolvidas internamente após o término da guerra.

E foi o que aconteceu. Durante o período da Guerra Fria não só se lutou internamente contra os comunistas, como também se exportou esse combate às políticas editoriais. Com a abertura pública dos documentos do Departamento de Estado dos Estados Unidos, várias pesquisas sobre a manipulação ideológica via literatura estão emergindo. Um desses estudos é o de Oliveira (2015), que explora as publicações sobre ciência política e ficção científica estadunidense traduzidas pela

editora de Gumerindo Rocha Dorea, que vinculada ao IPÊS (Instituto de Estudos e Pesquisas Sociais) e aos programas estadunidenses Franklin Book Programs e a United States Information Agency (USIA), foram os aríetes da propaganda anticomunista no Brasil. Além de urdir a trajetória editorial e política de Gumerindo Dorea e as políticas culturais do IPÊS, que culminaram no golpe civil militar de 1964, a pesquisadora faz a análise interpretativa do conteúdo e dos paratextos editoriais dessas obras. Muito além da experiência estética, o objetivo das publicações, aí incluídos os textos e paratextos, era “permitir que a leitura fomentasse uma subjetividade disposta à luta política contra a ameaça vermelha”. (OLIVEIRA, 2015, p. 21)

Paradoxalmente, o *boom* da literatura latino-americana nos Estados Unidos e na Europa também se deu nesse período. O estudo de Cohn (2012) rastreia os autores do *boom*, que sob a grande influência da estética modernista de apelo mais universal, tornaram-se mais atraentes para o público estadunidense que seus predecessores realistas. A autora não afirma que os textos latino-americanos representassem a antítese ao marxismo, pois vários escritores estavam engajados com a política revolucionária que atravessava o continente. Porém, a circulação dessas ideias nos Estados Unidos simbolizaria a defesa da liberdade artística em prol de uma sociedade democrática que sabia lidar com as diferenças, ao contrário do controle ilimitado de governos totalitários que engessavam até mesmo a estética das artes. Longe de querer tecer uma teoria da conspiração para explicar o *boom* da literatura latino-americana, Cohn declara que apesar dos motivos e dos personagens nos bastidores dos projetos, seu interesse também incide sobre os escritores participantes dos programas das políticas culturais durante a Guerra Fria que executaram suas próprias agendas políticas e artísticas, não servindo somente como agentes passivos para as políticas estadunidenses.

Esses dois estudos são representativos das estratégias de contenção do comunismo que supostamente ameaçava o liberalismo ocidental no contexto da Guerra Fria. As produções culturais estadunidenses feitas para exportação, tanto para as massas quanto para a elite intelectual, guardavam no seu bojo o combate à iminente ameaça vermelha, enquanto que as produções culturais latino-americanas importadas pelos Estados Unidos primavam pela diversidade e a liberdade de

expressão que reforçavam o nacionalismo e a valorização dos ideais de liberdade, independentemente da filiação política. Nesse sentido, esse movimento termina se mostrando similar ao universo dos projetos para a tradução das narrativas de ficção brasileira para os Estados Unidos, no período anterior à Guerra Fria.

Ressalvadas as diferenças disciplinares entre as pesquisas de Oliveira (2015) e Cohn (2012) e o presente estudo, este livro procurou apresentar os personagens que arquitetaram as políticas culturais, valendo-se da documentação encontrada no Departamento de Estado, bem como as políticas dos tradutores e escritores que escaparam do controle governamental a partir da leitura interpretativa de cada texto, lembrando que ideais marxistas nem sempre foram rigorosamente controlados pelos Estados Unidos sob o manto do princípio da liberdade de expressão.

Com exceção de *Rebellion in the Backlands* e *Inocência*, os títulos traduzidos mostram a preferência pela literatura contemporânea, configurando uma das estratégias editoriais para responder às demandas do público leitor da época, ao mesmo tempo em que cumpria os objetivos didáticos encetados pelo OCIAA. Esses romances brasileiros continham muitos vestígios de temática social e, de certa maneira, assemelhavam-se ao regionalismo que alcançou uma boa vendagem entre o público estadunidense. Além do mais, por não estarem muito distante do cenário literário dos Estados Unidos nas décadas de 1920 e 1930, não causariam muito estranhamento entre os leitores. Nessa perspectiva, o cânone importado serviu para reforçar o doméstico e não para inová-lo.

Após o estudo das narrativas, nota-se que o conjunto dos textos traduzidos pouco se assemelha ao gênero de aventura das publicações que usaram o Brasil como locus para as histórias que circularam nos países de língua inglesa. No entanto, aproxima-se ideologicamente de *Red Macaw*, de Phoebe Haggard, e *A Rebel for a Horse*, de Thurlow Craig, descritos no segundo capítulo, livros que não receberam nenhuma atenção dos jornais estadunidenses. O fato de o projeto ter sido idealizado e conduzido pela elite cultural dos dois países em questão pode ter acalentado a expectativa de que os livros do sistema literário brasileiro mantivessem a mesma posição de “literatura de qualidade” nos Estados Unidos quando traduzidos, apesar de pertencerem a um sistema literário de menor prestígio internacional.

Erico Verissimo, participante ativo dos programas do OCIAA, atuou como professor visitante na Universidade da Califórnia, em Berkeley, entre 1943 e 1945. *Brazilian Literature* é o resultado de várias de suas palestras proferidas sobre a literatura brasileira nas universidades e nos institutos de cultura latino-americana.¹⁸⁷ A resenha escrita por Chamberlain (1945) destacou a humildade de Verissimo ao apresentar a literatura brasileira, não porque a considerasse um “assunto crucial”, ou porque os escritores e pensadores brasileiros fossem “particularmente importantes”, mas porque acreditava que “a melhor chave para a alma de um país” estava “nos livros de seus escritores” e tinha plena consciência da importância de se fazerem conhecer reciprocamente naquele momento. Após breve histórico das origens da literatura brasileira abordada por Verissimo, a resenhista frisou as palavras do autor sobre o século XX como o período de verdadeiro amadurecimento da produção literária brasileira “que passou a adotar importância social” e abordava aspectos sociológicos e psicológicos nos textos dos vários grupos regionais que surgiram na época. Infelizmente, segundo Chamberlain (1945), o aspecto deixado de lado nesse panorama foi “a sagacidade e a espontaneidade” nos versos dos repentes nordestinos e o “folclore dos negros”. Essa reivindicação é legítima se recuperarmos as próprias palavras do autor que se propôs a mostrar a “alma de um país através dos livros e de seus escritores”, mas ignorou o fato de que o Brasil não é um bloco monolítico, mas é múltiplo, constituído de diferentes grupos étnicos e nacionais em suas várias expressões culturais, não contempladas na história literária do escritor gaúcho.

Como se sabe, a investigação de textos e autores que são incluídos ou não em uma antologia ou uma história da literatura é reveladora de questões como “o poder, a ideologia, a instituição e a manipulação”. (LEFEVERE, 2007, p. 14) A não inclusão dos repentes e do folclore popular no livro de Verissimo evidenciam os valores canônicos da época, que faziam a distinção entre alta literatura e baixa literatura, esta última depositária das formas populares de cultura. Como o público de Verissimo pertencia a um contexto acadêmico especializado, ou à

187 Para maiores detalhes sobre o papel de Erico Verissimo na política interamericana cf. Minchillo (2015).

elite intelectual, o corpo de textos e autores selecionados funcionou como espelho do cânone brasileiro, refletindo a distinção mencionada.

Dorothy Porter, a resenhista de *Brazilian Literature* para o *The Journal of Negro Education*, reportou-se também à frase “a melhor chave para a alma de um país está nos livros de seus escritores”, objetivo alcançado por Verissimo pelas centenas de personagens literárias abordadas no livro, aprimorando o conhecimento do estadunidense sobre o povo brasileiro. Afunilando para o seu escopo de interesse, isto é, a presença dos negros na literatura brasileira, Porter destacou o trecho em que Verissimo refere-se à formação racial do país: enquanto se escreviam as narrativas de conquistas e as biografias dos nobres, “o sangue das três raças fundia-se em uma, cada qual vindo a influenciar a literatura brasileira”. A tristeza dos portugueses encontrava-se na poesia, e os índios “sensuais e preguiçosos” contribuíram para a “imaginação e a malícia” e os negros trouxeram “a música lamentosa, o sentido rítmico de suas almas sofredoras, seu temor cósmico e todos os fantasmas da selva”. Chamou a atenção de Porter o caso do Brasil colonial, quando “o negro impôs ao homem branco e aos mestiços suas canções, músicas, danças, comidas e até suas superstições”. E a partir do século XVII, a influência dos autores negros fez-se presente nas letras brasileiras, contribuindo com suas poesias, romances e ensaios. Mereceram destaque nomes como Tobias Barreto, Machado de Assis, Cruz e Souza e Castro Alves. Elencadas as qualidades do volume, Porter conclui que o valor de *Brazilian Literature* seria mais apreciado se Verissimo tivesse se debruçado sobre os aspectos históricos e críticos da literatura brasileira. A crítica de Porter dirige-se à narrativa de uma história literária de acontecimentos, sem a problematização ou o aprofundamento de alguns aspectos levantados pelo autor, mas como o próprio título enunciava, o objetivo era apresentar um panorama da literatura brasileira.

De acordo com Minchillo:

Os cursos que ministrou nos Estados Unidos e o *Brazilian Literature* representavam uma grande oportunidade para Erico Verissimo desconstruir o “Brasil falsificado, feito em Hollywood” e mostrar que, ao lado de Carmem Miranda e Zé Carioca, havia, sim, literatura, arte e cultura brasileiras, tanto erudita como genuinamente popular, isto é, não massificada. [...] As constantes

comparações entre escritores brasileiros e norte-americanos, paralelamente à função retórica de favorecer a empatia e o entendimento do público, resultam num certo nivelamento entre as duas literaturas. Assim, a despeito de todas as diferenças, o Brasil tinha também as credenciais para contribuir no esforço internacional da boa vontade e existia, limpados os exotismos e os estereótipos mais agudos, uma base comum de cultura que permitiria o entendimento entre brasileiros e norte-americanos: “na minha terra, como aqui, há de tudo”, teria dito Erico em sua primeira aula em Berkeley, de acordo com o narrador de *A Volta do Gato Preto*. (MINCHILLO, 2015, p. 186-187, grifo nosso)

Segundo as citações de Verissimo evocadas por Minchillo, o escritor gaúcho empenhou-se em usar as palavras e a literatura contra a indústria do cinema feito em Hollywood, para desconstruir mitos sobre o exotismo brasileiro, constantemente reiterado pelos veículos de massa que atuavam no imaginário estadunidense. Tratava-se de uma tarefa hercúlea, se pensarmos na desproporcionalidade de pessoas atingidas pela escrita e a mídia filmica. Apesar do nível de escolarização que estimulou a venda de livros nos Estados Unidos, “hábitos de leitura não são modificados por decreto”. (MINCHILLO, 2015, p. 181) A tradução de livros brasileiros, por resultar de um programa gerido pela elite intelectual, tinha como público alvo, definitivamente, essa mesma pequena elite que consumiria os produtos, diferentemente das grandes massas que continuariam a assistir as produções carnavalescas de Hollywood.

Se por um lado Verissimo se esforçava para desmistificar o Brasil, por outro, ele fabricava, a seu modo, a importância da fusão racial da cultura brasileira que influenciou a literatura brasileira. Nesse mesmo período chegou aos Estados Unidos o ensaio de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala* (1933), traduzido como *The Masters and the Slaves: a Study in the Development of Brazilian Civilization*, em 1946. Em 1945, publicou-se o famoso estudo do estadunidense Donald Pierson, *Branços e Pretos na Bahia*: estudo de contato racial, ao que se seguiu o projeto UNESCO em parceria com universidades da Bahia, Pernambuco, Rio de

Janeiro e São Paulo.¹⁸⁸ Esses estudos desconstruíam a imagem exótica e banalizada para instaurar outro mito em seu lugar: o da democracia racial que salientava a brandura das relações raciais no Brasil, em contraposição à discriminatória Lei *Jim Crow* nos Estados Unidos. Nos anos 1970, a terminologia democracia racial foi apropriada pelas elites como um dos motivos de orgulho do brasileiro, ao mesmo tempo em que o brasilianista Thomas Skidmore publicava a análise revisionista dos estudos raciais brasileiros, intitulada *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro (1870-1930)*, pela Editora Paz e Terra, sediada no Rio de Janeiro.

O relato de Espinosa (1976), financiado e publicado pelo próprio Departamento de Estado, respaldando-se no discurso da liberdade de expressão, esmerou-se em elencar não somente os benefícios positivos do programa do OCIAA, mas também os aspectos que poderiam ser aperfeiçoados nos Estados Unidos a exemplo das práticas dos vizinhos sul-americanos. Um dos pontos que incomodaram os embaixadores da boa vizinhança foi o racismo nos Estados Unidos. Hernane Tavares de Sá, acadêmico brasileiro, referiu-se ao racismo como o problema mais acentuado e delicado. Verissimo surpreendeu-se com as condições de vida dos negros e dos brancos na capital e a *color line* nas cidades sulistas. A interpretação de Minchillo (2015, p. 169-170) sobre a leitura da questão racial nos Estados Unidos de Verissimo é a de que, após a exposição das condições sociais em que viviam os negros na capital, a situação é relativizada com a apresentação da Howard University, instituição onde professores e alunos eram negros em sua maioria. Além do mais, segundo o relato de Verissimo, havia negros de classe média, e estes moravam em casas boas e seus filhos “mulatinhos limpos, bem vestidos e de cabelos lustrosos” passeavam pelos parques, alguns acompanhados de suas babás.

Estilhões da democracia racial brasileira foram exportados também via literatura como, por exemplo, a pacífica convivência entre brancos e negros em uma sociedade sem discriminação nem preconceito racial.

188 Para maiores informações sobre o projeto UNESCO, cf. Pereira e Sansone (2007). “Este livro é o resultado do Colóquio Internacional Projeto Unesco no Brasil 50 anos depois, realizado de 12 a 14 de janeiro de 2004, em Salvador-BA”.

Em *Crossroads*, por exemplo, a personagem ausente Angélica, na falta do interesse de Virgínia pelos afazeres domésticos e as obrigações da maternidade, tornou-se a dona da casa e a mãe de Noel. O avô de Angélica fora escravo da fazenda do avô de Honorato Madeira e assim, sua família já vinha servindo os Madeiras há duas gerações. O narrador descreve as cenas do “reinado despótico” de Angélica com muita naturalidade. Com o seu jeito autoritário e energético, ela passava os dias dando ordem aos empregados e controlava tudo, desde as contas da casa até os cuidados de Noel. Ninguém fazia nada sem consultar a “rainha negra” antes, até em assuntos financeiros mais delicados como a compra não efetivada de uma casa de campo em Tristeza, uma vez que ia contra a sua vontade, fazendo prevalecer o seu conselho. Também fora contra a ida de Noel para um internato. Quando Virgínia tentou assumir o seu papel doméstico já era tarde, pois Angélica se mostrara inflexível e Honorato acuava frente ao poder da mulher negra sem dizer uma palavra. Com o passar do tempo, Virginia, por conveniência, acostumou-se a Angélica e se submeteu ao seu poder. A relação racial e de trabalho é horizontalizada nessa cena como algo corriqueiro na sociedade brasileira. A verossimilhança apaga todo e qualquer rastro de relação conflituosa e verticalizada entre o poder do patrão aristocrático e a obediência do empregado negro.

Já em *Anguish*, Luís relata que o velho Trajano mantinha relações com Quitéria, a cozinheira, e as outras mulheres escravizadas da fazenda. Após a abolição, em 1888, as mulheres negras foram embora, exceto Quitéria, que ficou por livre e espontânea vontade. Trajano continuou a se deitar com ela nas caatingas e cada vez que Quitéria paria um filho mulato, ele ficava à volta de seu quarto.¹⁸⁹ De tempos em tempos, apareciam cabras na fazenda para pedirem a bênção do velho, que não os

189 As palavras iniciais de Charles Wagley em *Race and Class in Rural Brazil* (1963) são: “O Brasil é conhecido mundialmente pela democracia racial”. Wagley (1963, p. 7) afirmou ainda que o colonizador português, ao contrário de outros europeus, não tinha preconceito racial e os homens se interessaram pela mulher negra e indígena, dando início assim à miscigenação que se reflete na formação da população brasileira moderna. *Race and Class in Rural Brazil* é o resultado de uma série de estudos sobre relações raciais no Brasil como parte de um programa da UNESCO, com apoio da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia e o Departamento de Antropologia da Columbia University. A primeira edição desse estudo foi publicada em 1952 e a segunda em 1963.

reconhecia como filhos legítimos. Camilo, seu único filho com Sinhá Germana, a mulher com quem contraiu matrimônio de acordo com as leis, vivia com ele na fazenda, enquanto esses mulatos, filhos com Quitéria, vagavam pelas caatingas, alguns deles chegando a juntar-se aos grupos de cangaceiros. Ao contrário da equalização racial da cena de *Crossroads*, esse fenômeno é problematizado quando Luís relata, de maneira fragmentada, as memórias dessas cenas recuperadas da sua infância na fazenda. Nota-se o resultado de uma união não legitimada socialmente gerando desigualdade nos laços familiares. Os filhos ilegítimos eram acolhidos pelos grupos de cangaço que se alastravam pelo sertão brasileiro e cobravam dos fazendeiros o que lhes era devido.

Em *The Violent Land* tem-se um caso semelhante. Raimunda, filha da negra Risoleta com Marcelino, patriarca da família dos Badarós, não é reconhecida como filha legítima, mas é aceita e criada junto com a neta dos Badarós, Don'Ana, como um favor a Risoleta que a amamentou quando criança. As tarefas e as prendas domésticas que Raimunda teve que aprender desde pequena definiriam o seu *status* na família dos Badarós, apesar de ter crescido juntamente com Don'Ana. Observam-se, pois, os indícios de uma desigualdade que emergiria assim que Raimunda tivesse idade suficiente para executar as tarefas de casa, até assumir a mesma posição de Risoleta quando esta morresse, sem nenhum tipo de pagamento pelo serviço. O narrador ainda se empenhou em justificar o seu jeito calado e sisudo, relatando as experiências da época em que as duas meninas eram pequenas. Enquanto Don'Ana recebia toda a atenção de seus avós, inclusive de sua própria mãe Risoleta, Raimunda ficava com os brinquedos e vestidos usados por Don'Ana.

Inconsciente ou conscientemente, os romances reforçavam a ideia da democracia racial em algumas cenas. Algumas idealizadas como em *Crossroads*, outras problematizadas como em *Anguish* e *The Violent Land*. Para o leitor estadunidense isso causaria um estranhamento, pois nos Estados Unidos os afrodescendentes eram explicitamente mantidos separados da comunidade branca pela lei de segregação racial *Jim Crow*, que vigorou entre 1877 a meados da década de 1960, principalmente nos estados do sul.¹⁹⁰ Segregação problematizada em romances como *Strange*

190 Mais informações estão disponíveis em: <http://www.ferris.edu/jimcrow/what.htm>.

Fruit, *Native Son*, *Black Boy* e outros. A imagem exportada em parte pela literatura brasileira teve traços de um país urbano e em modernização onde questões raciais já estavam muito próximas de serem superadas. Não haveria mais o perigo da exotização do selvagem, mas emergiria, em seu lugar, um outro sujeito do modelo brasileiro de democracia racial.

Se a política da Boa Vizinhança abriu um mercado editorial para textos brasileiros, ela também conseguiu se apropriar da demanda pedagógica do OCIAA e selecionar os livros que se enquadrassem também como representantes da cultura brasileira, que mais tarde se juntariam a outros e formariam um corpo maior de textos representativos do Brasil. Revisitando o problema exposto na introdução, este estudo se dedicou a verificar como as narrativas foram construídas nas traduções para adequá-las ao público receptor de língua inglesa e como a manutenção e a modificação de seus elementos deslocaram e criaram novas representações. Apesar do pequeno volume de livros traduzidos até a década de 1940, esse projeto certamente contribuiu para estabelecer conexões entre intelectuais, escritores e agentes de divulgação cultural brasileiros com o novo Império que viria a surgir após a Segunda Guerra, além disso, essas traduções contribuíram para influenciar a formação de um imaginário sobre o Brasil. De acordo com o estudo de Venuti em *Escândalos da Tradução* (2002) as traduções podem até mesmo formar identidades.



PALAVRAS FINAIS

A narrativa da rede de funcionamento do projeto tradutório, apresentada com ineditismo na área de Estudos da Tradução, demandou outras reflexões e abordagens metodológicas que ultrapassaram o campo dos Estudos Descritivos da Tradução, pois o contato entre as literaturas dos dois países não ocorreu naturalmente somente para preencher ou completar a demanda estética do sistema receptor. Jogos de poder movimentaram os personagens da política cultural estadunidense, que não estavam interessados somente na função estética da arte literária, mas também no caráter pedagógico (entendido em sentido amplo) que a narrativa de ficção poderia cumprir. Afinal de contas, o objetivo declarado da Política da Boa Vizinhança era conhecer melhor os vizinhos latino-americanos, visando a solidariedade hemisférica.

Essa intensa empreitada de sedução da América Latina, juntamente com a vitória dos Aliados contra o Eixo na Segunda Guerra Mundial, atingiu objetivos ainda maiores e longevos, pois confluuiu para a mudança de comportamento da elite latino-americana, que, a cada momento, distanciava-se da Europa e aproximava-se mais dos Estados Unidos, visto como modelo de supremacia econômica a ser copiado. A política cultural de guerra, apropriada como capital simbólico, também projetou os Estados Unidos à frente das expressões estéticas de massa, moldando e influenciando ideologicamente o comportamento de consumo cultural latino-americano.

Agregou-se o princípio da liberdade de expressão à produção cultural estadunidense, tornando-a um produto de exportação e sedução. A aceitação de material brasileiro para publicação também foi incorporada no âmbito da mesma premissa, e até os escritores simpatizantes das ideias comunistas tiveram suas vozes traduzidas para o inglês. O fato desdobra o cenário propagandístico da superioridade de um país, onde a

democracia estava acima de tudo, mostrando-se aberto a quaisquer opiniões vindas de segmentos ideológicos diversos, mas que, na realidade, dissimulava outra prática: o impedimento da tradução de escritores de opiniões favoráveis aos regimes fascista e nazista na Europa, e, no caso brasileiro, vetava os grupos ligados aos integralistas.

Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Cândido Mota Filho, atuantes do movimento verde-amarelo do Modernismo brasileiro na década de 1920, estavam à frente do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) ao lado de Lourival Fontes (VELLOSO, 1987), órgão onde o OCIAA foi abrigado no país. Porém, nenhum de seus romances, ensaios ou poesias foram traduzidos nesse projeto. Apesar de, na década de 1930, já terem tomado rumos diferentes aos do integralista Plínio Salgado, fortemente influenciado pelo fascismo, seus nomes estariam para sempre marcados e associados a esse tronco ideológico e político, por meio das publicações que haviam feito em conjunto no passado. Isso fortalece a hipótese de as escolhas e decisões sobre os textos para tradução terem sido fortemente vinculadas ao nome do escritor e suas posições políticas, não somente à importância ou à qualidade estética dos textos propriamente ditos. Além disso, o caráter consultivo às instâncias ou figuras literárias brasileiras dissimulava a unilateralidade do veredito final para a publicação, emitido pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos. Se houve um afrouxamento no controle da circulação de escritores com ideias comunistas nos Estados Unidos, o mesmo não aconteceu com escritores simpatizantes dos regimes totalitários, pois a luta contra o avanço nazifascista na Europa era uma das bandeiras levantadas pelos Aliados e deveria ser encampada com maior urgência.

O controle ideológico do OCIAA moldou e definiu o padrão estético do cânone brasileiro para a tradução levando-se em conta muito mais a posição política de seus escritores que a qualidade estética de seus trabalhos. O crescente envolvimento de escritores brasileiros, como representantes da voz popular durante o Estado Novo, facilitou a escolha desses textos atendendo aos fins didáticos do OCIAA, pois o projeto literário de vários romances brasileiros conciliava a função estética com o político-pedagógico, ou seja, mostrar o Brasil para os brasileiros. Vislumbrou-se a tradução em inglês como ferramenta para inflamar o interesse coletivo em construir a brasilidade. Porém, essa ambição

não foi forte o suficiente para enfrentar a poderosa máquina de guerra estadunidense, que já conseguira se apropriar dos traquejos para o trânsito na burocracia do DIP e despejava toneladas de material para a disseminação dos princípios do *American dream*. Gradualmente, os brasileiros rendiam-se aos produtos e à cultura estadunidense, com suas máquinas, indústrias e filmes, muito mais sedutoras que a brasilidade que vinha sendo construída pelos intelectuais. Resumindo, exportou-se a imagem de um Brasil em vias de modernização e importaram-se valores do modo de vida estadunidense, minando e expondo as contradições do próprio conceito de brasilidade que se pretendia construir.

A Política da Boa Vizinhança alcançou muito mais que a união hemisférica, pois posicionou os Estados Unidos num patamar de superioridade econômica e cultural entre as nações das Américas. Apesar da desconfiança e das críticas negativas dos brasileiros ao conhecimento intelectual e acadêmico produzido nos Estados Unidos, o OCIAA conseguiu agregar e criar pontes entre institutos, universidades e intelectuais no Brasil, que cresceram à medida que injeções de capital estrangeiro continuavam a interessar os burocratas, mesmo após a Segunda Guerra. A expansão garantiu o mercado latino-americano para os livros estadunidenses, que conquistaram um espaço colossal se comparados à época anterior à Guerra, mas o mesmo não aconteceu com os livros latino-americanos. O resultado concreto foi que os intercâmbios acadêmicos foram de suma importância na difusão das ideias e na tradução de livros técnicos, acadêmicos e literários estadunidenses para o português e o espanhol.

À medida que os veículos de comunicação se modernizavam, mais *best-sellers* estadunidenses eram adaptados para o cinema e traduzidos para o português e espanhol, aumentando a velocidade com que esses produtos eram disponibilizados no mercado e chegavam ao cotidiano do brasileiro médio, estimulando uma imersão mimética no universo dos valores ideológicos dos Estados Unidos. Com o passar dos anos, enquanto o homem comum se distraía com o *glamour* de Hollywood, falcatruas eram confabuladas nos bastidores sombrios da diplomacia dos Estados Unidos, em conluio com a elite brasileira, desembocando na destituição do presidente João Goulart em 1964. No ano seguinte, assinava-se o Acordo MEC-USAID para a reforma do ensino superior nos

moldes das universidades estadunidenses. A diplomacia internacional da Boa Vizinhaça, dando seus primeiros passos no DIP na década de 1940, galgou seu caminho, portanto, até o Ministério da Educação e Cultura na década de 1960, quando sua influência ideológica, obviamente capitaneada pela econômica, conferiu aos Estados Unidos o status de parceiro apto a propor reformas educacionais no país, que já cumpria seu papel de peão no tabuleiro da Guerra Fria.

Dessa forma, a segunda parte do livro concentrou-se no cânone literário receptor estadunidense para entender como ele absorveria as traduções latino-americanas em geral, e especificamente, a brasileira, ainda considerada menor no diagrama das literaturas mundiais. Ao contrário das traduções das décadas anteriores, que foram levadas a cabo por interesses pessoais ou estéticos, a tradução na década de 1940 foi motivada por um projeto cultural visando a reforçar a influência ideológica dos Estados Unidos. Atuando nos bastidores culturais estadunidenses, havia todo um esforço bélico que buscava forjar um corpo de textos instrutivos sobre os vizinhos desconhecidos. Enquanto a literatura estadunidense se aprofundava na psicologia do sujeito e no existencialismo, a seleção dos textos brasileiros, em sua maioria, trazia os resquícios de uma função positivista da literatura.

Deixando a tendência estética em segundo plano e priorizando o projeto político-pedagógico do Departamento de Estado, o OCIAA elegeu textos que mostrassem o modo de vida brasileiro e a diversidade regional. Além da escolha de obras com características regionalistas produzidas por escritores mais contemporâneos, os holofotes voltaram-se também para uma obra do início do século XX, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, resgatada pelos intelectuais do Estado Novo como o clássico que incorporava o espírito de brasilidade e os destinos da nacionalidade, expressos por meio de uma linguagem brasileira que traduzia a força da terra.

O engajamento para a construção da brasilidade, função atribuída à literatura pelos intelectuais do Estado Novo, trouxe à cena a cisão entre o litoral e o sertão. De acordo com a avaliação de Cassiano Ricardo, um dos pioneiros do movimento verde-amarelo, os representantes dessa dicotomia foram Machado de Assis e Euclides da Cunha. O primeiro, ao expressar o cosmopolitismo litorâneo em seus trabalhos, incorporava

a influência estrangeira nas letras, enquanto Euclides da Cunha, ao revelar o sertão profundo, mostrava o verdadeiro Brasil, a crua realidade do mundo rural, sem pinceladas estrangeiras que escondessem o real espírito da brasilidade. (VELLOSO, 1987, 1988) A designação enfática de *Os Sertões* como a representação de brasilidade, nas décadas de 1930 e 1940, em contraposição ao cosmopolitismo de Machado de Assis, explica, em parte, o fato de a obra machadiana só ter sido traduzida nos Estados Unidos, a partir da década de 1950. Vários dos seus romances já haviam sido traduzidos para o francês, o espanhol e o italiano nas décadas que precederam a Guerra, mas se tornaram conhecidos para o público falante de língua inglesa, a partir do marco da Boa Vizinhaça.

Depois da construção das pontes acadêmicas e culturais, a continuação dos subsídios era ainda de interesse do governo estadunidense, para manter as boas relações com o Brasil. Extinto o OCIAA em 1946, o Departamento de Estado retomou a responsabilidade pelo intercâmbio, por meio da sua embaixada no Brasil. Apesar da drástica redução do orçamento para esse tipo de projeto, não seria vantajoso para os Estados Unidos bloquearem completamente os canais de controle ideológico. Para tanto, contaram também com as conexões entre as partes interessadas para criar uma espécie de multiplicadores da cultura. Com o estreitamento das relações e o conseqüente conhecimento e aumento de interesse pela literatura latino-americana, após a Segunda Guerra, acadêmicos e editoras estabeleceram contratos e abriram outros canais de intercâmbio, sem a intervenção direta de uma política cultural do Estado. Após incentivar o *boom* da literatura latino-americana no cenário mundial durante o período da Guerra Fria, o governo estadunidense gradativamente começou a se retirar das negociações, enquanto algumas editoras já haviam conquistado um pouco mais de liberdade para decidirem que autores ou romances traduziriam de acordo com seus interesses estéticos e comerciais.

No período subsequente à Segunda Guerra, o rompimento dos Estados Unidos com a União Soviética causou grande comoção entre os artistas, deflagrando o início da política de ataque contra o perigo vermelho, que se agravou nos anos em que o macarthismo (1950-1957) apertou o cerco contra os membros do partido comunista, estabelecendo uma censura governamental contra bens culturais que fizessem

alguma referência ao comunismo. Tanto no Brasil como nos Estados Unidos, combateu-se a ideologia de esquerda, também via literatura. A pesquisa de Laura de Oliveira mostra as editoras brasileiras que receberam financiamento do Departamento de Estado para a tradução de livros de sociologia e ficção científica que abertamente traziam mensagens de combate à ameaça vermelha.

Não é possível compor uma história maniqueísta da política cultural dos Estados Unidos em relação ao Brasil. Longe de serem meras vítimas manipuladas pelo Império estadunidense, intelectuais brasileiros tiveram participação ativa e crucial no sentido de possibilitar o movimento pan-americano e a americanização do brasileiro médio. Se houve uma intenção do governo estadunidense, esta convergiu com os interesses do governo brasileiro de então, apoiado por intelectuais de vários segmentos. A partir daí, as posições políticas individuais, as decisões tomadas no calor do momento (o contexto da Segunda Guerra Mundial), aliadas ao fator de sobrevivência do artista foram os fatores que atravessaram, circundaram e deixaram múltiplas marcas nos acontecimentos da cena literária brasileira.

A última parte do livro debruçou-se sobre um *corpus* representativo, a fim de verificar o comportamento das normas linguístico-textuais das traduções para a sua aceitabilidade na cultura receptora. A tradução integral dos textos, sem simplificações ou supressões de capítulos, informa a norma operatória ativada em *Crossroads*, *Anguish* e *The violent land*, enquanto idiosincrasias linguísticas nos três romances analisados não possibilitaram estabelecer conclusões sobre as normas linguístico-textuais, exceto a preferência pela domesticação. Mereceu destaque a estratégia da autocensura moralista usada na tradução de *Crossroads* e *The violent land*. Apesar de os textos pertencerem a uma literatura de menor prestígio, a conformidade com as normas estadunidenses garantiria a livre circulação dessas traduções, sem a preocupação de serem denunciadas por conteúdo imoral.

E, finalmente, constatou-se que as normas preliminares, isto é, a estrutura de controle e manipulação dos textos, engendrada pela política cultural estadunidense, não interferiu diretamente nas normas operatórias. Dessa forma, pode-se afirmar que o controle da literatura brasileira para a tradução deu-se em dois níveis: primeiro, a escolha

dos textos comandada pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, de acordo com a sua agenda política e ideológica; e, segundo, a composição da tradução pelo tradutor ou editor. Nesse segundo nível, os romances brasileiros de crítica social reemergem nas traduções nos Estados Unidos: o questionamento de brasilidade e a determinação feminina em *Crossroads*; os contornos e os limites de insatisfação individual e social na trama em *Anguish*; e o drama das lutas políticas na conquista por novas terras em *The violent land*. No entanto, o exame das resenhas publicadas sobre as traduções mostra que os romances não foram qualificados como obras de cunho político ou crítico, fato que desdobra as seguintes conotações: primeiro, uma estratégia para contornar os vigilantes políticos, que apesar do cerco maior incidir sobre a moralidade, mantinha sempre um par de olhos atentos a tudo que era publicado e dito. Além do mais, o Departamento de Estado já monitorava os indivíduos ligados ao partido comunista e aqueles que mantinham algum tipo de relação comercial com a Itália e a Alemanha; segundo, uma estratégia comercial para aproximar os romances brasileiros às narrativas sobre aventuras em países estrangeiros, que já se constituíam como um gênero apreciado pelos estadunidenses; e, terceiro, uma tendência avaliativa tendo como norte os princípios da Nova Crítica, que privilegiava a análise da narrativa em si, ao invés das críticas biográficas ou contextuais.

Observando o campo acadêmico por onde circularam os personagens envolvidos nas trocas culturais, destaca-se o papel de Erico Verissimo. Atuando como “embaixador da boa vizinhança”, na linguagem do OCIAA, isto é, como representante da cultura brasileira, um de seus objetivos era desmistificar a imagem do exotismo selvagem brasileiro e apresentar tanto um país moderno quanto representantes literários. Nas palestras proferidas em Berkley, na história literária *Brazilian Literature* e no romance *Crossroads*, um dos temas abordados pelo escritor gaúcho foi a formação racial do país, enfatizando a pacífica convivência entre as diferentes etnias, característica de civilidade que colocava o Brasil um passo à frente dos Estados Unidos, onde ainda imperavam leis de segregação racial. O pacote completo da “situação racial” no Brasil chegou juntamente com o estudo antropológico de Donald Pierson e a tradução de *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, este último o produto

nacional mais caro aos acadêmicos estadunidenses, rendendo futuros intercâmbios e campos de investigação, além de motivo de orgulho da elite brasileira.

Cada etapa dessa pesquisa desvelou personagens, discursos, projetos e histórias entrecruzadas por tensões, paradoxos e idiosincrasias. Elevados recursos financeiros e trabalho foram investidos para montar uma estrutura com discursos afinados e ações sistematizadas para um esforço bélico. Nos anos 1940, a tradução da literatura brasileira foi apropriada por um projeto cultural do Departamento de Estado dos Estados Unidos com objetivo instrutivo, mas a partir das conexões estabelecidas entre escritores e editores, a tradução parece ter-se desenvolvido de acordo com os interesses dos institutos ou departamento de estudos latino-americanos. Futuras pesquisas dessa mesma natureza serão capazes de esclarecer se houve outros projetos tradutórios no plano governamental, e se os produtos finais, as traduções, foram moldados de acordo com a agenda ideológica estadunidense, na condição de polo receptor.

Neste livro, o cotejo entre os textos de partida e os textos traduzidos não indica o controle governamental na constituição linguístico-textual de *Crossroads*, *Anguish* e *The violent land*. As traduções não se resumiram à mera busca por equivalentes entre as línguas, mas à busca por sinônimos ou homônimos para comentar, explicar, parafrasear. Nesse sentido, a tradução é uma resposta que quer construir a mesma originalidade, com o simultâneo desejo de romper o conceito de fidelidade e assumir a responsabilidade com a forma do novo texto sem qualquer limite hierarquizante. A tradução “toca o original de forma fugitiva”, conforme nos lembra Walter Benjamin, e traça seu próprio caminho no contínuo movimento da linguagem. Sua função não é restituir, representar nem devolver o sentido do original, mas colocar a língua em “expansão simbólica” (DERRIDA, 2006, p. 49), visando o acoplamento, a junção, a reconciliação, para que assim ocorra o crescimento, a maturação.

A autonomia do tradutor para elaborar o texto traduzido não desonera toda a carga ideológica do projeto tradutório do Departamento de Estado, desde a sua concepção até a sua distribuição, conforme foi descrito até aqui. Portanto, entende-se que uma das tarefas de pesquisadores que cotejam textos de partida e textos traduzidos é buscar informações que ultrapassem o postulado da espontaneidade das trocas

culturais ou a necessidade natural de uma literatura preencher alguns espaços com textos estrangeiros. Essas necessidades, como mostram os resultados desta pesquisa, podem ser criadas de acordo com os desejos dos sujeitos, que agem sempre de acordo com suas políticas.

REFERÊNCIAS

- ADONIAS FILHO. Angústia. *O Imparcial*, Salvador, 24 set. 1936. Arquivo da família de Graciliano Ramos.
- AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.
- AMADO, Jorge. *The violent land*. Tradução Samuel Putnam. New York: Avon Books, 1979.
- BADEN, Nancy T. Crônicas de vida operária. *Modern Language Journal*, Madison, v. 64, n. 2, p. 264-265, 1980. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/325333?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 4 maio 2015.
- BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: (dois séculos de história)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *The virtual image: Brazilian literature in translation*. 1994. Tese (Doutorado em *Translation Studies*) – University of Warwick, Inglaterra, 1994. v. 1. Disponível em: <http://wrap.warwick.ac.uk/56829/>. Acesso em: 20 ago. 2014.
- BARBOSA, Heloisa Gonçalves; WYLER, Lia. Translation in Brazil. In: BAKER, Mona (ed.). *Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1997. v. 1, p. 326-332.
- BARON, Walter. *Devil-brother*. New York: Minton, Balch & Company, 1934.
- BAYM, Nina et al. (ed.). *The Norton Anthology of American Literature*. 3rd. ed. New York: W.W. Norton & Company, 1994.
- BETHELL, Leslie. Brazil and 'Latin America'. *Journal of Latin American Studies*, Cambridge, v. 42, n. 3, p. 457-485, Aug. 2010. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/Bethell_Article.pdf. Acesso em: 15 abr. 2015.
- BEUST, Nora E. *Our neighbour republics: a selected list of readable books for young people*. Washington DC: US Government Printing Office, 1942.
- BORK, Albert; NIEBUHR, Ralph. Sentimental memoirs of John Seaborne. *Texas Quarterly*, Austin, v. 15, n. 4, p. 112-160, 1972.
- BORK, Albert. On becoming a court interpreter. *Translation Journal*, [s. l.], v. 11, n. 1, 2007. Disponível em: <http://translationjournal.net/journal/39prof.htm>. Acesso em: 5 maio 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução Sergio Miceli et al. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRADEN, Gordon; CUMMINGS, Robert; GILLESPIE, Stuart (ed.). *The Oxford history of literary translation in English: volume 2, 1550 to 1660*. New York: Oxford University Press, 2010.
- BRAZIL'S \$1,000 prize goes to U.S. Writer. *The New York Times*, New York, 28 fev. 1947.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EdUSP, 2006.
- BURGUM, Edwin Berry. Luís da Silva of Brazil. *New York Times*, New York, 31 Mar. 1946.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARNEIRO, Edison. Angústia, o mais humano dos romances nacionais. *Estado da Bahia*, Salvador, dez. 1937. Arquivo da família de Graciliano Ramos.
- CASTRO, Fernando Luiz Vale. O Pan-americanismo nas páginas da "Revista Americana". *Cadernos do CHDD*, Brasília, DF, ano 7, n. 12, p. 261-313, 2008. Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/473-Cadernos_do_CHDD_N_12.pdf. Acesso em: 15 ago. 2014.
- CHAMBERLAIN, Henriqueta. Brasileiros: Brazilian literary history. *The New York Times*, Nova York, 4 fev. 1945, p. 102.
- COHN, Deborah. *The Latin American literary boom and U.S. nationalism during the Cold War*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2012.
- DARNTON, Robert. *Censors at work: how states shaped literature*. New York: W. W. Norton & Company, 2014.
- DAVIS, Joe Lee; FREDERICK, John T.; MOTT, Frank Luther. *American literature: an anthology and critical survey*. Chicago: Charles Scribner's Sons, 1949. v. 2.
- DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 4.
- DELEUZE, Gilles. Platão e o simulacro. In: DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva: EdUSP, 1974. p. 259-27. (Estudos).
- DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução Maria Beatriz Nizza da Silva. 3. ed. São Paulo: Perspectiva: EdUSP, 2002. p. 229-252.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Tradução Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- DOYLE, Henry Grattan (ed.). *A handbook on the teaching of Spanish and Portuguese*. Boston: D. C. Heath and Company, 1945.

- DU BOIS, William. *Drama of a city: Crossroads*. By Erico Verissimo. Translated by Louis C. Kaplan. *The New York Times*, New York, 24 Jan. 1943.
- EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Tradução Matheus Corrêa. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- ELLIS, Roger (ed.). *The Oxford history of literary translation in English: volume 1: to 1550*. New York: Oxford University Press, 2008.
- ESPINOSA, J. Manuel. *Inter-American beginnings of U.S. cultural diplomacy (1936-1948)*. Washington, D.C.: Department of State Publications, 1976.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polysystems studies*. Durham, USA: Duke University Press, 1990.
- FITTS, Dudley (ed.). *Anthology of Latin-American contemporary poetry*. Norfolk, CT: New Directions, 1942.
- FLAGG, Nancy. Summer fiction list. *The New York Times*, New York, 24 June 1945.
- FLEMING, Peter. *Brazilian adventure*. London: J. Cape, 1933.
- FLORES, Angel; POORE, Dudley (ed.). *Fiesta in November*. Boston, MS: Houghton Mifflin Company, 1942.
- FOERTSCH, Jacqueline. *American Culture in the 1940s*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.
- FOOTNER, Hulbert. *Scared jungle*. New York: Harper & Brothers, 1935.
- FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx*. Tradução Jorge Lima Barreto. São Paulo: Princípio, 1997.
- FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. In: MACHADO, Roberto. *Microfísica do poder*. 12. ed. São Paulo: Princípio, 1997. p. 13-27.
- FRANCE, Peter; HAYNES, Kenneth (ed.). *The Oxford history of literary translation in English: volume 4: 1790 to 1900*. New York: Oxford University Press, 2006.
- FREUDENTHAL, Juan R.; FREUDENTHAL, Patricia M. (ed.). *Index to anthologies of Latin American literature in English translation*. Boston, MS: G. K. Hall & Co, 1977.
- FRISCHAUER, Paul. *Garibaldi: the man and the nation*. London: I. Nicholson and Watson, Limited, 1936.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Departamento Nacional do Livro. *Brazilian authors translated abroad*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1994.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Departamento Nacional do Livro. *Brazilian novel catalog*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1994.
- GARCIA, Tânia da Costa. Carmen Miranda e os good neighbours. *Diálogos*, Maringá. v. 7, p. 37-46, 2001.
- GARCIA, Tânia da Costa. *O "it verde e amarelo" de Carmen Miranda (1930-1946)*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2004.

- GARDINER, C. Harvey. Samuel Putnam, Brazilianist. *Luso-Brazilian Review*, Madison, v. 8, n. 1, p. 103-114, Summer 1971.
- GARDINER, C. Harvey. *Samuel Putnam, Latin Americanist*. Carbondale, IL: Southern Illinois University, 1970.
- G. I. C. Books of the day: new novels Brazilian setting. *The Manchester Guardian*, Manchester, 9 mar. 1934.
- GILLESPIE, Stuart; HOPKINS, David (ed.). *The Oxford history of literary translation in English: volume 3: 1660 to 1790*. New York: Oxford University Press, 2005.
- GOLDBERG, Isaac. *Brazilian literature*. New York: Alfred A. Knopf, 1922.
- GOTTESMAN, Ronald et al. *The Norton Anthology of American Literature*. New York: W.W. Norton & Company, 1979. v. 2.
- GRAEBNER, William. *The age of doubt*. Boston: Twayne Publishers, 1990.
- GRANIER, James A. *Latin American belles-lettres in English translation: a selective and annotated guide*. Washington DC: Library of Congress, 1942.
- GUERRANT, Edward O. *Roosevelt's Good Neighbor Policy*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1950.
- GUIMARÃES, Antonio S. A. O projeto UNESCO na Bahia. In: PEREIRA, Cláudio; SANSONE, Livio (org.). *Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos*. Salvador: Edufba, 2007. p. 25-37.
- HAGGARD, Phoebe. *Red Macaw*. New York: C. Scribner's Sons, 1934.
- HANKE, Lewis. A Biblioteca do Congresso de Washington e suas relações culturais com São Paulo. União Cultural Brasil-Estados Unidos. Separata de: SILVA, Antônio Carlos Pacheco (ed.). *Vida intelectual nos Estados Unidos*. São Paulo: Editora Universitária, 1944, v. 1. p. 1-7.
- HERMANS, Theo (ed.). *The manipulation of literature*. New York: St. Martin's Press, 1984.
- HIRSCH, Irene. *Versão brasileira: traduções de autores de ficção em prosa norte-americanos do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006.
- HOBBSBAM, Eric J. *História social do jazz*. Tradução Angela Noronha. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOLMES, James S. The name and nature of Translation Studies. In: VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies reader*. London: Routledge, 2000. p. 172-185.
- HUTTON, Eddie Ruth. The value of the study of Spanish and Portuguese. In: DOYLE, Henry Grattan (ed.). *A handbook on the teaching of Spanish and Portuguese*. Boston: D. C. Heath and Company, 1945. p. 21-43.
- IN BRIEF Review. *The English Journal*, Urbana, IL, v. 32, n. 4, p. 231-233, Apr. 1943. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/806017>. Acesso em: 19 out. 2015.
- JAMES, Concha Romero; AGUILERA, Francisco. *Latin American literature, references to materials in English*. Washington, D.C.: Division of Intellectual Cooperation, Pan American Union, 1941.

- JAMESON, Fredric. *O inconsciente político*. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.
- JURANDIR, Dalcídio. Graciliano Ramos e uma velha impressão de Anatole. *Estado do Pará*, Belém, 23 dez. 1936. Arquivo da família de Graciliano Ramos.
- KARL, Frederick R. *American fictions 1940-1980*. New York: Harper & Row Publishers, 1983.
- KEENOY, Ray; TREECE, David; HYLAND, Paul. *The Babel guide to the fiction of Portugal, Brazil & Africa in English translation*. London: Boulevard, 1995.
- KIRK, Laurence. *The farm at Paranao*. Garden City, NY: The Sun Dial press, 1936.
- KLÖCKNER, Luciano. *O repórter esso: a síntese radiofônica mundial que fez história*. Porto Alegre: AGE Ed.: EdiPUCRS, 2008.
- LEAVITT, Sturgis E. *Hispano-American literature in the United States, a bibliography of translations and criticism*. Cambridge: Harvard University Press, 1932.
- LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução Claudia Matos Seligman. Bauru, SP: EdUSC, 2007.
- LEFEVERE, André (ed.). *Translation/history/culture: a sourcebook*. London: Routledge, 1992a.
- LEFEVERE, André. *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*. London: Routledge, 1992b.
- LEITE, Otávio Dias. *Um romance do subconsciente*. Veículo de imprensa não identificado. out. d1936. seção Síntese. Arquivo da família de Graciliano Ramos.
- LIMA, Heitor Ferreira. A chaga de uma civilização. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11 nov. 1944.
- LOPES, José Sérgio Leite. *Mudança social no Nordeste: a reprodução da subordinação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LOPES, José Sergio Leite. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. São Paulo: Marco Zero; Brasília, DF: Ed. UnB, 1988.
- MADRIGAL, Margarida; CHAMBERLAIN, Henriqueta. *An invitation to Portuguese*. New York: Simon and Schuster, 1944.
- MELLO, João da Silva. Homenagem. *Revista Acadêmica*, [s. l.], maio 1937. Arquivo da família de Graciliano Ramos.
- MELLO, João da Silva. Homenagem. *Revista Acadêmica*, [s. l.], maio 1937. Arquivo da família.
- MENDES, Oscar. A alma dos livros. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 2-3 nov. 1936. Texto incompleto. Arquivo da família de Graciliano Ramos.
- MICELI, Sérgio (org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.
- MILTON, John; BANDIA, Paul (ed.). *Agents of translation*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

- MILTON, John. *O clube do livro e a tradução*. Bauru: EdUSC, 2002.
- MINCHILLO, Carlos Cortez. *Erico Verissimo, escritor do mundo*. São Paulo: EDUSP, 2015.
- MONTEZUMA, Nicolao. Angústia. *Revista Acadêmica*, [s. l.], nov. 1936. Data anotada por Graciliano Ramos. Arquivo da família de Graciliano Ramos.
- MORINAKA, Eliza Mitiyo. A ficção brasileira traduzida para os Estados Unidos na década de 1940. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 38, n. 2, p. 202-218, 2018a. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n2p202>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n2p202>. Acesso em: 2 abr. 2019.
- MORINAKA, Eliza Mitiyo. Agnes Blake Poor e os *Pan-American Poems*. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 72, n. 2, p. 127-152, 2019a. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2019v72n2p127>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2019v72n2p127/40175>. Acesso em: 25 set. 2019.
- MORINAKA, Eliza Mitiyo. *Angústia e Anguish*: a fragmentação moral, mental e social. *Acta Scientiarum, Language and Culture*, Maringá, v. 40, n. 2, p. 1-12, 2018b. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/actascilangcult.v40i2.41289>. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/41289/pdf>. Acesso em: 2 abr. 2019.
- MORINAKA, Eliza Mitiyo. Books, cultural exchange and international relations between Brazil and the United States in a context of war (1941-1946). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 35, n. 69, p. 691-722, 2019b. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752019000300002>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-877520190003000691&tlng=pt. Acesso em: 25 set. 2019.
- MORINAKA, Eliza Mitiyo. *Caminhos cruzados e Crossroads*: uma contribuição para a Política da Boa Vizinhança. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 190-207, 2018c. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6914/letras.v20n2p190-207>. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/10638/7295>. Acesso em: 25 set. 2019.
- MORINAKA, Eliza Mitiyo. Ficção e política em tempo de guerra: o projeto tradutório estadunidense para a literatura brasileira (1943-1947). *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 661-680, set./dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S2178-14942017000300008>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-218620170003000661&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 25 set. 2019.
- MORINAKA, Eliza Mitiyo. Livros, trocas culturais e relações internacionais Brasil-Estados Unidos em um contexto de guerra (1941-1946). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 35, n. 69, p. 691-722, 2019c. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752019000300002>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-877520190003000691&tlng=pt. Acesso em: 25 set. 2019.
- MORINAKA, Eliza Mitiyo. (Re)leituras de Brasil nos relatos de viagem e nas narrativas de ficção em inglês nos anos 1930. In: FÉLIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina (org.). *Desleituras*: o autor e o leitor no jogo do texto. Curitiba: Appris, 2020. p. 95-106.

- MORINAKA, Eliza Mitiyo. *Terras do sem fim e The violent land: uma história de aventura e crítica social. Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 28, n. 57, p. 415-435, 2018d. DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/cadlettrasuff.2018n57a582>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43896/25090>. Acesso em: 2 abr. 2019.
- MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MOURA, Reinaldo. Angústia. *A Federação*, Porto Alegre, 14 dez. 1936. Arquivo da família de Graciliano Ramos.
- NAPOLÉÃO, Aluizio. Graciliano Ramos e Angústia. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 6 jun. 1937. Data anotada por Graciliano Ramos. Arquivo da família de Graciliano Ramos.
- NICHOLS, Madaline Wallis. The history of Spanish and Portuguese teaching in the US. In: DOYLE, Henry Grattan (ed.). *A handbook on the teaching of Spanish and Portuguese*. Boston: D. C. Heath and Company, 1945. p. 99-146.
- NOBREGA, Thelma Medici; MILTON, John. The role of Haroldo and Augusto de Campos in bringing translation to the fore of literary activity in Brazil. In: MILTON, John; BANDIA, Paul. *Agents of translation*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009. p. 257-278.
- OLIVEIRA, Laura de. *Guerra Fria e política editorial: a trajetória das Edições GRD e a campanha anticomunista dos Estados Unidos no Brasil (1956-1968)*. Maringá, PR: EdUEM, 2015.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi (ed.). *Elite intelectual e debate político nos anos 30: uma biografia comentada da Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1980.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- P. H. A wild, fantastic, yarn of the Brazilian jungle: *Devil-brother*. *The New York Times*, New York, 10 jun. 1934.
- PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo: Ática, 1990.
- PARMAR, Inderjeet. *Foundations of the American century*. Nova York: Columbia University Press, 2012.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Tradução Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1989.
- PEREGRINO JUNIOR. O romance introspectivo de Graciliano Ramos. *Revista Acadêmica*, [s. l.], maio 1937. Arquivo da família de Graciliano Ramos.
- PEREIRA, Cláudio; SANSONE, Livio (org.). *Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos*. Salvador: Edufba, 2007.
- POOR, Agnes Blake (ed.). *Pan American poems: an anthology*. Boston: Gorham Press, 1918.
- POORE, C. G. A rich and rare saga against sagas of exploration: the incurably flippant Mr. Fleming's adventures. *The New York Times*, New York, 14 Jan. 1934.

PORTER, Dorothy B. Brazilian literature (review). *The Journal of Negro Education*, [s. l.], v. 14, n. 4, p. 602-604, Autumn 1945.

[PROPAGANDA]. *The New York Times*, New York, 31 mar. 1946. Display Ad 416.

RAMICELLI, Maria Eulalia. Translating cultural paradigms: the role of the *Revue Britannique* for the first Brazilian fiction writers. In: MILTON, John; BANDIA, Paul. *Agents of translation*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009. p. 43-62.

RAMOS, Elizabeth (org.). *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 2011. Edição comemorativa de 75 anos.

RAMOS, Graciliano. *Anguish*. Tradução Louis C. Kaplan. New York: Alfred Knopf, 1946.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1941.

RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2011.

REID, Dorcas Worsley. Latin American novels in English translation. *The Inter-American Quarterly*, Urbana, IL, v. 3, n. 3, p. 55-71, July 1941.

ROOSEVELT, Franklin D. *Annual Message to Congress on the State of the Union*. 6 Jan. 1937. Disponível em: <https://www.presidency.ucsb.edu/node/209043>. Acesso em: 20 abr. 2015.

ROSTAGNO, Irene. *Searching for recognition: the promotion of Latin American literature in the United States*. Westport, CT: Greenwood Press, 1997.

SADLIER, Darlene Joy. *Americans all*. Texas: University of Texas Press, 2012a.

SADLIER, Darlene. Lendo Graciliano Ramos nos Estados Unidos. *Revista IEB*, São Paulo, n. 54, p. 31-52, set./mar. 2012b.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução Denise Bottman. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHURZ, William Lytle. *Latin America*. New York: E. P. Dutton & Co., Inc., 1941.

SODRÉ, Nelson Werneck. Livros novos. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 out. 1936. Arquivo da família de Graciliano Ramos.

SOUSA, Marquilandés Borges de. *Rádio e propaganda política: Brasil e México sob a mira norte-americana durante a Segunda Guerra*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2004.

SOUSA, Octavio Tarquínio de. Resenha. *Diário de Pernambuco*, Recife, 6 set. 1936. Seção Vida literária. Arquivo da família de Graciliano Ramos.

SOUTHTRON, Jane Spence. Horror in Brazil: the farm at Paranao. *The New York Times*, New York, 7 July 1935.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra R. G. Almeida, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

TEBBEL, John. *A history of book publishing in the United States*. 2nd. ed. Harwich Port, MA: Clock & Rose Press, 2003a. v. 3.

TEBBEL, John. *A history of book publishing in the United States*. 2nd. ed. Harwich Port, MA: Clock & Rose Press, 2003b. v. 4.

- THOMAS, Moul. Salute to an adventurer. *The observer*, Londres, 8 July 1934.
- THURLOW CRAIG, C. W. *A rebel for a horse*. London: A. Barker, Ltd, 1934.
- TOOGE, Marly D'Amaro Blasques. *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado*. São Paulo: Humanitas, 2012.
- TORRES, Waldemar. *Erico Verissimo editor e tradutor: viagem através da literatura*. Porto Alegre: Age, 2012.
- TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies: and beyond*. Philadelphia, PA: John Benjamins, 1995.
- TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies – and beyond*. 2nd. ed. Philadelphia, PA: John Benjamins, 2012.
- TOURY, Gideon. The nature and role of norms in translation. In: VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies reader*. London: Routledge, 2000. p. 198-211.
- TREECE, David; KEENOY, Ray. *The Babel guide to Brazilian fiction in English translation*. London: Boulevard Books, 2001.
- UNITED STATES. Office of Inter-American Affairs. *History of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*. Washington: U.S. Government Printing Office, 1947.
- UNITED STATES. Office of the Coordinator of Inter-American Affairs. *Activities of the OCIAA in Brazil*. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1943.
- UNITED STATES. US Government Printing Office. *Cultural relations among the democracies*. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1942.
- UNITED STATES. US Government Printing Office. *The Hispanic Foundation in the Library of Congress*. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1939.
- VELOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 239-263, 1988. Disponível em: http://www.casaruiarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_MonicaVeloso_Literatura_espelho_nacao.pdf. Acesso em: 15 dez. 2015.
- VELOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1987. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6604/803.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 dez. 2014.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Tradução Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: EdUSC, 2002.
- VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. New York: Routledge, 1995.
- VERISSIMO, Erico. *Caminhos cruzados*. 3. reimp. Porto Alegre: Globo, 1939.
- VERISSIMO, Erico. *Caminhos cruzados*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1964.
- VERISSIMO, Erico. *Caminhos cruzados*. 3. ed. 4 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- VERISSIMO, Erico. *Crossroads*. Tradução Louis C. Kaplan. New York: The Macmillan Company, 1943.

WAGLEY, Charles. *Race and class in rural Brazil*. 2nd ed. Holland: UNESCO, 1963. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0005/000545/054502eb.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2015.

WILGUS, Alva. Curtis. *Latin America in fiction: a bibliography of books in English for adults*. Washington, DC: Columbus Memorial Library, Pan American Union, 1941.

WILLIAMS, Daryle. *Culture wars in Brazil*. Durham: Duke University Press, 2001.

WINNICK, Roy H. (ed.). *Letters of Archibald MacLeish: 1907 to 1982*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1983.

WOLF, Howard and WOLF, Ralph. *Rubber: a story of glory and greed*. New York: Covici, Friede, 1936.

PÁGINAS DE INTERNET

British Library. Disponível em: <http://www.bl.uk/>. Acesso em: 5 maio 2015.

Dicionário histórico-biográfico brasileiro. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/valentim-fernandes-boucas>. Acesso em: 10 jan. 2016.

Enciclopédia Itaú Cultural de Arte Brasileira. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>. Acesso em: 15 jan. 2014.

Encyclopédie Universalis. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/pierre-alexis-ponson-du-terrail/>. Acesso em: 18 jun. 2016.

Estante virtual. Disponível em: <http://www.estantevirtual.com.br/>. Acesso em: 10 jan. 2016.

La web de las biografías. Disponível em: <http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=perez-escrich-enrique>. Acesso em: 18 jun. 2016.

Library of Congress. Disponível em: <http://catalog.loc.gov/>. Acesso em: 15 jan. 2014.

Sotheby's: fine art auctions. Disponível em: <http://www.sothebys.com/en/auctions/ecatalogue/2015/fine-books-and-manuscripts-n09516/lot.212.html>. Acesso em: 15 jan. 2014.

The literature network. Disponível em: <http://www.online-literature.com/gaboriau/>. Acesso em: 18 jun. 2016.

Used books. Disponível em: <http://www.usedbooksearch.co.uk/used-books-uk/>. Acesso em: 10 jan. 2016.

WorldCat. Disponível em: <https://www.worldcat.org/>. Acesso em: 20 fev 2015.



ÍNDICE REMISSIVO DE AUTORES, TRADUTORES E OBRAS

A

A Amazonia misteriosa....22, 59, 85

A bagaceira....51, 94

A bag of stories....79, 118

A balada do falso messias....77, 106

A Brazilian tenement....56, 83, 95

ABREU, Caio Fernando....51, 109

A casa da água....72, 96, 104, 105

A condolência....78, 118

A descoberta do mundo....66, 113, 114

A descoberta do outro....59, 87

A doce canção de Caetana....73, 117

ADONIAS Filho....51, 90, 109, 255

*A estranha nação de Rafael
Mendes*....77, 107

A festa....55, 101

A Fogueira....22, 28, 57, 85, 95, 134,
136, 137, 138, 147, 169, 179

African animal tales....56, 110

A grande arte....60, 61, 102

Água viva....65, 103

A Guerra Conjugal....79, 97

A guerra no Bom Fim....77, 106

A hidden life....60, 91

A hora da estrela....65, 66, 104, 113

A hora dos ruminantes....80, 98

A legião estrangeira....65, 103, 113

ALENCAR, José de....51, 83, 94, 109

ALMEIDA, Candida L. Alves
de....39, 76, 118

ALMEIDA, Manuel Antônio
de....51, 87, 109

A maçã no escuro....64, 65, 92, 103

AMADO, Jorge....52, 53, 54, 55, 85,
90, 94, 99, 100, 101, 109

A mão e a luva....67, 96

A máquina extraviada....80, 98

A marquesa de Santos....19, 78, 84

Amar, verbo intransitivo....19, 55, 84

*A Morte e a Morte de Quincas Berro
D'água*....46, 52, 90

A muralha....74, 105

*An apprenticeship, or the book of
delights*....65, 103

ANDRADE, Mário de....55, 84, 101

ANDRADE, Oswald de....55, 95

And still the Earth....43, 56, 101
 ÂNGELO, Ivan....55, 101
Anguish....14, 16, 23, 29, 30, 74, 85, 97,
 134, 140, 213, 215, 221, 236, 242, 243,
 245, 246, 247, 255, 281, 282, 283, 290,
 291, 298, 299, 300
Angústia....14, 16, 23, 30, 74, 85, 97,
 134, 141, 148, 215, 216, 236, 242, 243,
 244, 245, 246, 249, 251, 255, 256, 258,
 259, 261, 281
An invincible memory....47, 75, 105, 117
 ANJOS, Cyro dos....55, 101
A ordem do dia....78, 107
A paixão segundo G. H.....65, 103
A quinta montanha....58, 111
A rainha dos carcereiros da
Grécia....64, 113
A república dos sonhos....73, 105, 117
 ARRINGTON JR. Melvin S.....39,
 63, 112
A samba for Sherlock....78, 118
As meninas....79, 107
As mulheres de Tijucoapapo....60, 112
As três Marias....74, 93, 105
As Valkírias....58, 111
A time to meet....76, 93
Avalovara....64, 103, 113
A via crucis do corpo....65, 103
 AZEVEDO, Aluísio....55, 56, 83, 95, 109
Azul e lindo: planeta Terra, nossa
casa....76, 118

B

BAGBY JR, Albert I.....39, 67, 96
Balada da infância perdida....79, 108
 BARBOSA, Rogério Andrade....56, 110
Bar Don Juan....57, 95
Barren lives....74, 93, 243
 BARRETT, Linton Lomas....39, 51,
 81, 87, 88, 89, 93
 BARRETT, Marie McDavid....39,
 81, 93
 BARROS, Ladyce Pompeo de....40,
 66, 114
 BARROSO, Gustavo....56, 83
 BAUM, Emmi....40, 64, 91
Bay of all saints & every
conceivable sin....71, 116
Beneath the waters....61, 112
Benjamim....57, 110
Benjamin....57, 110
 BENNETT, Constance....40, 72, 116
Beyond all pity....63, 91
Bichos da África....56, 110
 BIDDELL, Norman....40, 51, 83
 BIRD, Pamela G.....40, 80, 98
 BISHOP, Elizabeth....40, 71, 72, 88,
 96, 104, 116
Bitita's diary: the childhood
memoirs of Carolina Maria de
Jesus....63, 113
Bits and pieces....82, 98
Blue and beautiful: planet Earth,
our home....76, 118

Blues for a lost childhood....79, 108
 Boca do inferno....71, 116
 BOJUNGA-NUNES, Lygia....56,
 101, 110
 Bom crioulo....57, 101, 213
 Bom crioulo: the black man and
 the cabin boy....57, 101
 BONNICI, Thomas....40, 61, 112
 BORK, Albert....40, 55, 95
 BOZZO, Frank....80, 97, 98
 BRAKEL, Arthur....40, 55, 101
 BRANDÃO, Ignácio de
 Loyola....56, 101
 Brazilian short stories....19, 66, 83
 Brazilian tales....19, 70, 83, 92
 BROWN, Harry W....40, 56, 83, 95
 BUARQUE, Chico....56, 57, 110
 Bufo & Spallanzani....61, 112
 BURTON, Isabel....40, 51, 73, 94, 96
 BURTON, Richard F....40, 73, 96
 BUSH, Peter....40, 56, 110
 Bye, bye soccer....59, 111
 By the River Piedra I sat down and
 wept....58, 111
 By the rivers of Babylon....78, 107

C

Caetana's sweet song....73, 117
 Cais da sagração....71, 96
 CALDWELL, Helen....40, 67, 68, 69,
 70, 88, 92, 96, 104, 115

CALLADO, Antonio....57, 95
 CAMINHA, Adolfo....57, 101
 Caminhos Cruzados....14, 16, 22, 30,
 80, 85, 93, 134, 135, 136, 147, 175, 176,
 177, 215, 216, 221, 222, 224, 225, 249,
 235, 236, 238, 240, 241, 246, 281
 Canaã....19, 62, 83, 169
 Canaan....19, 62, 83
 Capitães da areia....52, 99
 Captains of the sands....52, 99
 Carmem Dolores....19
 CARNEIRO, Cecilio....57, 85, 95
 Casa de alvenaria: diário de uma
 ex-favelada....63, 112
 CASTRO, Josué de....57, 95
 Cemitério de Elefantes....79, 97
 CHAMBERLAIN, Henriqueta....40,
 79, 85
 CHAPPELL, Richard....40, 72, 105, 116
 Childhood....74, 97
 Childhood of the dead....66, 114
 Child of the dark....62, 63, 91
 Christ's memorial....74, 97
 Ciganos....73
 Ciranda de pedra....79, 107
 CLAIR, David St....40, 62, 63, 91
 Clara dos Anjos....63, 95
 CLARKE, Alan R....40, 57, 58, 110, 111
 Coelho Neto....19
 COELHO, Paulo....57, 58, 110, 111
 COLCHIE, Thomas....40, 55, 61, 75,
 76, 78, 97, 101, 102, 105, 107

Consider the Lilies of the Field....23,
80, 93, 136, 169
Corações mordidos....79, 118
CORÇÃO, Gustavo....59, 87, 90
Coronation quay....71, 96
Correspondence....73, 261
Correspondência....10, 28, 73, 153,
154, 155, 157, 159, 160, 168, 170, 174,
176, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 185,
188, 205, 221, 222, 242, 243, 244, 261
COSTA, Margaret Jull....40, 58, 111
COUGHLIN, Edward V.....40, 78, 107
Counselor Ayres' memorial....70, 96
COUTINHO, Edilberto....59, 111
CRAIGE, Betty Jean....40, 66, 104
CRAVINHO, Anne....40, 75, 93
Criado mudo....75, 117
Crossroads....14, 16, 22, 30, 80, 85, 88,
93, 134, 135, 136, 169, 175, 177, 178, 215,
216, 221, 222, 224, 231, 236, 237, 238,
240, 241, 242, 246, 252, 281, 290, 291,
298, 299, 300
CRULS, Gastão....59, 85
CUNHA, Euclides....59, 85, 87, 91, 111
CUNHA, Helena Parente....59, 60, 101

D

Death squeeze....78, 118
Diamonds are forgiving....76, 118
Diário de Bitita....63, 113
Diary of a civil servant....55, 101
DIMMICK, Ralph Edward....40, 74, 93

Discovering the world....66, 113, 114
DOLORES, Carmem....19
Dom Casmurro....69, 88, 92, 115
Domitila....78, 84
Dona Flor and her two
husbands....53, 90, 94, 99
Dona Flor e seus dois maridos....53,
90, 94, 99
Dona Sinhá e o filho padre....61, 91
Don Juan's Bar....57, 95
Dora, Doralina....74, 105
Do recente milagre dos
pássaros....54, 100
DOURADO, Autran....60, 91, 102
Dragons.....51, 109
DUARTE, Ana Beatriz Davi
Borges....40, 82, 98
DWYER, John P.....40, 63, 95
DWYER, Rosa Veloso....40, 63, 95

E

Early mourning....79, 118
EDINGER, Catarina
Feldmann....40, 51, 109
EDMUNDO, Luiz....60, 84
ELLIS, E. Percy....40, 67, 87
ELLISON, Fred P.....40, 51, 59, 60, 74,
90, 93, 101, 105
Elogio da mentira....71, 115
Encontro marcado....76, 93
Epitaph of a small winner....67, 68,
87, 92, 104, 114

Esau and Jacob....69, 92
Esau e Jacó....69, 70, 92
Essa terra....79, 108
Estorvo....56, 110
Eu venho Memorial do Cristo....74, 97
Evil in the night....81, 89
Exílio....66, 114, 167

F

Family ties....64, 95, 103, 113
Farda, fardão, camisola de dormir....54, 100
FELINTO, Marilene....60, 112
Feliz ano velho....72, 116
FITZ, Earl....40, 63, 65, 95, 103
FODY, III, Michael....41, 76, 106
FONSECA, Rubem....60, 61, 102, 112
FRANÇA JR., Oswaldo....61, 102, 112
Fräulein....55, 84
FREYRE, Gilberto....61, 91
FRISCH, Shari....67, 68, 87, 104, 114
FRIZZI, Adria....41, 64, 113
Fronteira....72, 96

G

Gabriela, Clove and Cinamon....46, 52, 90, 94, 99, 261
Gabriela, Cravo e Canela....46, 52, 90, 94, 99, 141, 212, 261
GALDINO, Dirceu....61, 112
GALVÃO, Patrícia....61, 112

Galvez, imperador do Acre....47, 78, 107
GEORGE, David....41, 72, 79, 116, 118
GIACOMELLI, Eloah F.....41, 77, 78, 106, 107, 118
GLEDSON, John....41, 69, 115
GODDARD, Richard....41, 76, 97
GOLDBERG, Isaac....41, 66, 70, 83, 92
Golden Lambari....61, 112
GOMES, Paulo Emilio....62, 102
GOODLAND, E.A.....41, 55, 101
GOODLAND, E. H.....41, 75, 105
GRAÇA ARANHA, José Pereira da....62, 83
GRAHAM, R. B.
Cunninghame....41, 56, 83
Grande sertão: veredas....62, 91
GROSSMAN, William L.....41, 52, 67, 68, 87, 90, 92, 94, 99, 104, 114
GUIMARÃES ROSA, João....62, 91
GUTHRIE, Feliz....41, 56, 110
Gypsies....73

H

HALLAM, Vera....41, 51, 77, 106, 109
Happy old year....72, 116
HATOUM, Milton....62, 112
HEAPY, Dorothy....41, 72, 96, 104, 105
Helena....67, 104
HENDERSON, Myriam....41, 71, 96
HERTELENDY, Susan....41, 57, 95

HEUVEL, Claudia Van der....41,
76, 106
High art....60, 61, 102
His excellency, the ambassador....81, 93
HOLLINGSWORTH, Margaret
Richardson....41, 55, 84
Home is the sailor....52, 53, 90, 94, 109
Homens e caranguejos....57, 95
Hotel Atlantico....72, 116
Hotel Atlântico....72, 116
HOWER, Alfred....41, 73, 96
How the leopard got his spots....66, 104

I

Iaiá Garcia....67, 96
I'm going to have a little house: the
second diary of Carolina Maria
de Jesus....63, 112
Indez....73, 117
Industrial park....61, 112
Infância....74, 97, 243
Inocência....23, 79, 85, 134, 139, 147,
148, 165, 285
In praise of lies....71, 115
Iracema....19, 50, 51, 83, 94, 165
Iraçéma: the Honey-lips....19, 51, 94, 165
ISHIMATSU, Lorie....41, 70, 96, 104
IVO, Ledo....62, 103
I would have loved him if I had not
killed him....75, 117

J

JACKSON, Elizabeth....41, 61, 112
JACKSON, K. David....61, 112
JACKSON, Kenneth D....41, 55, 78,
95, 107
Jean Neel Karnoff....23, 136, 169
JESUS, Carolina Maria de....62, 63,
91, 112, 113
Jorge Amado....7, 16, 23, 28, 44, 46,
49, 141, 148, 179, 212, 215, 243, 258,
259, 261
Jorge, um brasileiro....61, 102
José Medeiros e
Albuquerque....19
Journey to Israel....64, 87
Jubiabá....52, 99

K

KAPLAN, Louis C.....41, 74, 80, 81,
85, 86, 88, 93, 97
KARNOFF, Jean Neel....41, 80, 86,
93, 134
KING, Roberta....41, 74, 105
KRAPOHL, Kern....41, 62, 103

L

LACEY, E.A....41, 57, 101
Laços de família....64, 95, 103, 113
Lambari dourado....61, 112

LANDERS, Clifford E.....41, 52, 57,
58, 61, 70, 71, 75, 76, 78, 105, 109, 110,
111, 112, 115, 117, 118

LANE, Helen R.....41, 54, 73, 100,
105, 117

*Ler, escrever e fazer conta de
cabeça*....74

LEVINE, Robert M.....41, 63, 112

LEVITIN, Alexis....41, 65, 103

Lições de abismo....59, 90

LIMA BARRETO....63, 95, 213

LINDSTROM, Naomi....42, 59, 60, 101

LINS DO REGO, José....64, 85, 87, 91

LINS, Osman....64, 103, 113

LISPECTOR, Clarice....64, 65, 66, 92,
95, 103, 104, 113, 114

LOBATO, Monteiro....66, 83

LOOS, Dorothy Scott....42, 74, 105

LORENTE, Mariano Joaquín....42,
62, 83

LORIA, Wilson....42, 59, 111

*Lost world II: the end of the Third
World*....79, 118

LOUZEIRO, José....66, 114

LOWE, Elizabeth....42, 65, 103

LUFT, Lya....66, 104, 114

M

MAC ADAM, Alfred....42, 68, 114

MACHADO, Ana Maria....66, 67,
104, 114

MACHADO DE ASSIS, Joaquim
Maria....67, 68, 69, 70, 87, 88, 92, 96,
104, 114, 115

MACNICOLL, Murray
Graeme....42, 55, 109

Macunaíma....55, 101

Mad Maria....78, 107

Madrugada....79, 118

Máira....47, 75, 105

Manuel de Moraes....19, 50, 73, 96, 165

Mapirunga....19, 56, 83

Maracanã, adeus....59, 111

Marcoré....73, 96

MARION, Lucie....42, 64, 85

Mar morto....52, 99, 179

MATTHEWS, Irene....42, 60, 112

Max and the cats....77, 118

Max e os felinos....77, 118

MAZZARA, Richard A.....42, 65, 103

MCCLENDON, Carmen

Chaves....42, 66, 104

MEHRTENS, Cristina....42, 63, 113

MELO, Patrícia....70, 115

Memoirs of a gigolo....75, 105

Memoirs of a militia sergeant....87, 109

Memorial de Aires....70, 96, 115

Memórias de Lázaro....51, 90

Memórias de um gigolô....75, 105

*Memórias de um sargento de
milícias*....51, 87, 109, 212

*Memórias póstumas de Brás
Cubas*....67, 68, 87, 92, 104, 114

Memories of Lazarus....51, 90
Menina bonita do laço de fita....50,
67, 114
Menino de engenho....64, 91
Meu estranho diário....63, 113
Meu Pé de Laranja Lima....47, 80, 97,
98, 108
Mexico....81, 93
México....81, 93, 137, 166, 179, 180, 190
MILLEN, JR, Edgar H....60, 91
MILLER, JR, Edgar H....42, 80, 97,
98, 108
Minerações....73
Minerations....73
Minha vida de menina....71, 72, 88,
96, 104, 116, 212
MIRANDA, Ana Maria....71, 116
MOMSEN, Dorothea H....42, 60, 84
Monteiro Lobato....19, 156, 207
MONTELLO, Josué....71, 96
MORAIS, Fernando....71, 116
MORLEY, Helena....71, 72, 88, 96,
104, 116
Mother and son....61, 91
Mulatto....55, 109
Mulher no espelho....59, 60, 101
My friend the painter....56, 110
My neighbour as myself....59, 87
My sweet-orange tree....47, 80, 97,
98, 108

N

*Na margem do rio Piedra eu sentei
e chorei*....58, 111
Não verás país nenhum....43, 56, 101
NARO, Nancy P.S....42, 63, 113
NARO, Nancy P.S....63
Near to the wild heart....64, 113
Nest egg....73, 117
NEVES, Margaret A....52, 61, 75, 77,
79, 99, 106, 107, 108, 112, 117
NEVES, Margaret Abigail....42,
62, 102
Night....81, 89
Nina Bonita....67, 114
Nine, novena....64, 113
Ninho de cobras....62, 103
No fundo das águas....61, 112
Noite....81, 89
NOLL, João Gilberto....72, 116
Norte das águas....77, 106
Novelas nada exemplares....79, 97
Nove, novena....64, 113

O

O alienista....68, 114
O alquimista....58, 110, 111
O amanuense Belmiro....55, 101
O braço direito....75, 93
O carnaval dos animais....77, 106
O centauro no jardim....77, 106
O cortiço....19, 56, 83, 95, 169

O diário de um mago....57, 110
O fim do terceiro mundo....79, 118
Of men and crabs....57, 95
O fruto do vosso ventre....76, 106
O gato malhado e a andorinha
Sinhá....54, 100
O homem de branco....51, 109
O homem de macacão....61, 102
O homem do Sambaqui....76, 106
Olga....43, 71, 116
Olhai os lírios do campo....23, 80, 86,
93, 134, 136, 147
OLINTO, Antônio....72, 96, 104, 105, 116
OLIVEIRA, Celso de....42, 74, 97
OLIVEIRA, Emanuelle....42, 63, 113
O lobisomem....76, 97
O matador....70, 115
O menino maluquinho....82
O meu amigo pintor....56, 110
O mulato....55, 109
Onde estivesse de noite....65, 103
ONÍS, Harriet de....42, 52, 53, 62, 90,
91, 94, 99, 109
O olho enigmático....77, 107
Ópera dos mortos....60, 102
O quarto fechado....66, 104
O rei de Keto....72, 105
O resto é silêncio....23, 80, 81, 86, 88,
93, 134, 136, 147
O Rio de Janeiro no tempo dos
vice-reis....19, 60, 84
O risco do bordado....60, 102

Os colegas....56, 101, 110
Os deuses de Raquel....77, 106
Os diamantes não são eternos....76, 118
Os dragões....76, 97
Os dragões não conhecem o
paraíso....51, 109
O senhor embaixador....81, 93
Os móveis da bailarina....72, 116
O sorriso do lagarto....76, 117
Os pastores da noite....53, 90, 94, 99
Os Sertões....22, 46, 59, 85, 87, 91, 111,
134, 138, 147, 148, 216, 221, 260, 267,
274, 296, 297
Os sinos da agonia....60, 102
O sumiço da santa....55, 109
Os velhos marinheiros....52, 53, 90,
94, 109
Os voluntários....77, 106
O tempo e o vento....81, 88
O trono de vidro....72, 116
O vampiro de Curitiba....79, 97

P

PAIVA, Marcelo Rubens....72, 116
PARKER, John M....42, 60, 79, 102, 108
Parque industrial....61, 112
PARRIS, Lorri A....42, 65, 103
PATAI, Daphne....42, 78, 107
Patience street....73
Pattern for a tapestry....60, 102
PENNA, Cornélio....72, 96

Pen, sword, camisole: a fable to kindle a hope....100
PEREIRA, Antônio Olavo....73, 96
PEREIRA DA SILVA, Antônio Joaquim....73, 96
Perto do coração selvagem....64, 113
Philosopher or dog?....68, 69, 87, 115
PIÑON, Néida....73, 105, 117
Pixote: infância dos mortos....66, 114
Plantation boy....64, 91
PONTIERO, Giovanni....42, 56, 64, 65, 66, 71, 95, 103, 104, 110, 113, 114, 116
POORE, Dudley....42, 57, 85, 95
Por parte de pai....73
Posthumous reminiscences of Braz Cubas....67, 87
PRADO, Isabel do....42, 74, 97
Primeiras histórias....62, 91
PROCTER, John....42, 76, 93
P's three women....62, 102
Pureza....64, 85
PUTNAM, Samuel....42, 52, 59, 85, 87, 90, 91, 99, 111

Q

Quarto de despejo....62, 63, 91, 212
Quarup....57, 95
QUEIRÓS, Bartolomeu Campos....73, 74, 117
QUEIROZ, Dinah Silveira de....74
QUEIROZ, Dinah Silveira de....97, 105

QUEIROZ, Rachel de....74, 93, 105
Quincas Borba....68, 69, 87, 88, 115

R

RABASSA, Gregory....42, 52, 54, 55, 61, 64, 65, 68, 69, 79, 92, 97, 99, 101, 102, 103, 109, 113, 114, 115
RAMOS, Graciliano....74, 85, 93, 97
RAWET, Samuel....75, 117
Rebellion in the Backlands....22, 29, 46, 59, 85, 87, 91, 111, 134, 138, 139, 212, 221, 285
Relato de um certo oriente....43, 62, 112
RESENDE, Otto Lara....75, 93
REY, Marcos....75, 105
RIBEIRO, Darcy....75, 105
RIBEIRO, Edgard Telles....75, 117
RIBEIRO, João Ubaldo....42, 75, 76, 97, 105, 117
RIBEIRO, Stella Carr....76, 106
RICHARDSON, Margaret....42, 78, 84
RICHMOND, Carolyn....42, 78, 107
RIGGIO, Edward A....43, 72, 96
RIGGIO, Tona....43, 72, 96
Rio in the time of the Viceroy....60, 84
ROCHA, Ruth....43, 76, 118
RORIZ, Aydano....76, 118
Roteiro de Israel....64, 87
ROTH, Otavio....43, 76, 118
RUBIÃO, Murilo....76, 97

S

SABINO, Fernando....76, 93
SADLER, Joseph Thomas
Wilson....43, 59, 85
Sagarana....46, 47, 62, 91
SALES, Herberto....76, 97, 106
*Sambaqui: a novel of pre-
history*....76, 106
SANTAMARIA, Lana....43, 79, 118
SANTIAGO, Silviano....76, 118
São Bernardo....74, 97, 243, 244
São Jorge dos Ilhéus....52, 109
Sargento Getúlio....75, 97, 105, 117
SARNEY, José....77, 106
SCHMITT, Jack....43, 70, 96, 104
SCLIAR, Moacyr....77, 78, 106, 107, 118
SCOTT-BUGGLEUCH, Robert....43,
51, 63, 67, 69, 70, 74, 94, 95, 96, 97, 115
Sea of death....52, 99
Seminário dos ratos....79, 108
SENA, Jorge de....78, 107
Senhora....51, 109
Senhora: profile of a woman....51, 109
Serafim Ponte Grande....55, 95
Seraphim Grosse Pointe....55, 95
Sergeant Getúlio....75, 97, 105, 117
SETÚBAL, Paulo....78, 84
SHELBY, Barbara....43, 52, 53, 54,
57, 61, 62, 90, 91, 94, 95, 99, 100
Showdown....54, 101
Snake's nest....62, 103

SOARES, Jô....78, 118

*Soulstorm: Stories by Clarice
Lispector*....65, 103

SOUSA, Ronald W....43, 51, 65, 103, 109

SOUZA, Márcio....78, 79, 107, 118

SPRINGER, Jane....43, 73, 117

STEEN, Edla van....79, 118

Stella Manhattan....76, 118

T

Tales of rain and sunlight....106

TAUNAY, Visconde de....79, 85

TAYLOR, James L....43, 52, 62, 90,
91, 94, 99

TELLES, Lygia Fagundes....79, 107, 108

Tenda dos milagres....53, 94, 99

Tent of miracles....53, 94, 99

Tereza Batista....53, 54, 94, 99, 100

*Tereza Batista cansada de
guerra*....53, 54, 94, 99, 100

Terras do Sem Fim....14, 16, 23, 28,
30, 52, 85, 90, 99, 134, 141, 147, 215, 216,
259, 261, 262, 264, 266, 270, 272, 275,
276, 278, 281

The alchemist....58, 110

The alienist....68, 114

The apple in the dark....64, 65, 92, 103

The ballad of the false Messiah....77, 106

The bells of agony....60, 102

The Bonfire....23, 29, 57, 85, 95, 134,
180, 181

The carnival of the animals....77, 106

The celebration....55, 101
 The centaur in the garden....77, 106
 The collected stories of Moacyr Scliar....78, 118
 The companions....56, 101, 110
 The dancer's furniture....72, 116
 The devil's church and other stories....70, 96, 104
 The devil to pay in the Backlands....62, 91
 The diary of a magus....57, 110
 The diary of "Helena Morley"....71, 72, 88, 96, 104, 116
 The emperor of the Amazon....47, 78, 107
 The enigmatic eye....77, 107
 The ex-magician and other stories....76, 97
 The fifth mountain....58, 111
 The foreign legion....65, 103, 113
 The fruit of thy womb....76, 106
 The girl in the photograph....79, 107
 The glass throne....72, 116
 The gods of Raquel....47, 77, 106
 The golden harvest....52, 109
 The hand and the glove....67, 96
 The heritage of Quincas Borba....69, 88
 The hour of the star....65, 66, 104, 113
 The illustrated alchemist....58, 111
 The inspector of orphans....75, 93
 The island of the dead....66, 104
 The killer....70, 115
 The king of Ketu....72, 105
 The land....79, 108
 The life and death of M. J. Gonzaga de Sa....63, 95
 The lizard's smile....76, 117
 The long haul....61, 102
 The lost manuscript....61, 112
 The man in the monkey suit....61, 102
 The man in white....51, 109
 The marble dance....79, 107
 The miracle of the birds....54, 100
 The misplaced machine and other stories....80, 98
 The Mysterious Amazonia....22, 29, 59, 85
 The nutty nutty boy....82
 The one-man army....77, 106
 The order of the day: an unidentified flying opus....78, 107
 The passion according to G.H....65, 103
 The patriot....63, 95
 The pilgrimage: a contemporary quest for ancient wisdom....57, 110
 The posthumous memoirs of Brás Cubas....68, 114
 The prophet & other stories....75, 117
 The psychiatrist and other stories....68, 92
 The queen of the prisons of Greece....64, 113
 The red house....66, 114
 The republic of dreams....73, 105, 117

The rest is silence....23, 80, 81, 86, 88, 93, 134, 136

The shepherds of the night....53, 90, 94, 99

The strange nation of Rafael Mendes....77, 107

The stream of life....65, 103

The swallow and the tom cat: a love story....54, 100

The third bank of the river and other stories....62, 91

The three Marias....74, 93, 105

The three trials of Manirema....80, 98

The tree of the seventh heaven....43, 62, 112

The two deaths of Quincas Wateryell....46, 52, 90

The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus....63, 113

The Valkyries....58, 111

The vampire of Curitiba and other stories....79, 97

The Violent Land....14, 16, 23, 29, 30, 52, 85, 90, 99, 134, 139, 215, 221, 259, 261, 262, 263, 264, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 278, 281, 282, 283, 291, 298, 299, 300

The voices of the dead....60, 102

The volunteers....77, 106

The wager: Aires' journal....70, 115

The war of the saints....55, 109

The water house....72, 96, 104, 105

The werewolf....76, 97

The women of Brazil....74, 105

The women of Tijucopapo....60, 112

Threshold....72, 96

Tieta....54, 94, 100

Tieta do agreste, pastora de cabras....54, 94, 100

Tigrela and other stories....79, 108

Time and the wind....81, 88

Tocaia grande....54, 101

To read, to write, to do mental calculations....74

TORRES, Antonio....79, 108

Trash....51, 94

TREECE, David....43, 51, 72, 109, 116

Três mulheres de três pês....62, 102

TREVISAN, Dalton....79, 97

Triste fim de Policarpo Quaresma....63, 95

Turbulence....56, 110

U

Ubirajara....51

Ubirajara: a legend of the Tupy Indians....51

Um apólogo....70, 92

Um aprendizado ou o livro dos prazeres....65, 103

Uma vida em segredo....60, 91

Urupês....19, 66, 83

V

VASCONCELOS, José Mauro
de....80, 97, 98, 108

*Vastas emoções e pensamentos
imperfeitos*....61, 112

*Vast emotions and imperfect
thoughts*....61, 112

VEIGA, José J.....80, 98

VERISSIMO, Erico....80, 81, 85, 86,
88, 89, 93

Veronika decide morrer....58, 111

Veronika decides to die....58, 111

*Vida e morte de M. J. Gonzaga de
Sá*....63, 95

Vidas Secas....74, 93, 243, 244, 258

VIEIRA, Nelson H....43, 75, 117

Village of the ghost bells....79, 118

VINKLER, Beth Joan....43, 63, 113

Viva o povo brasileiro....47, 75, 105, 117

W

WATSON, Ellen....43, 56, 60, 61, 62,
71, 78, 101, 102, 110, 112, 116, 118

What went on at the baroness....70, 92

Who if I cry out....59, 90

WILLIAMS, Frederick G....43, 78, 107

WILSON, Clotilde....43, 59, 68, 69,
87, 88, 90, 115

Woman between mirrors....59, 60, 101

X

Xangô de Baker Street....78, 118

Y

Yayá Garcia....67, 96

YÚDICE, George....43, 76, 118

Z

Zero....56, 101

ZIRALDO....82

Colofão

Formato	155 x 225 mm
Tipografia	Caecilia Pro e Roboto
Papel	Alcalino 75g/m ² (miolo) Cartão Supremo 300g/m ² (capa)
Impressão	Edufba
Acabamento	Gráfica 3
Tiragem	300 exemplares

Este livro destina-se a leitores que têm interesse em assuntos relacionados à política cultural, literatura brasileira e relações internacionais, principalmente entre o Brasil e os Estados Unidos. Diferencia-se de outras obras da área de história, literatura e relações internacionais por explorar, com ineditismo, a rede intelectual composta por instituições, escritores e tradutores envolvidos na tradução da literatura brasileira para os Estados Unidos durante o período histórico conhecido como “Política da Boa Vizinhança”.

ISBN 978-65-5630-091-7



9 786556 300917